

DOUTORAMENTO

Estudos literários, culturais e interartísticos

**Literatura de espiritualidade em contexto feminino.  
A livraria do convento das carmelitas descalças de  
S.to Alberto (Séculos XVII – XVIII)**

Rosa María Sánchez Sánchez

**D**

2021





Rosa María Sánchez Sánchez

# **Literatura de espiritualidade em contexto feminino. A livraria do convento das carmelitas descalças de S.to Alberto (Séculos XVII – XVIII)**

Tese realizada no âmbito do Doutoramento em Estudos Literários, Culturais e Interartísticos (DELCI)  
orientada pelo Professor Doutor Luís Fernando de Sá Fardilha

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

2021



Rosa María Sánchez Sánchez

## **Literatura de espiritualidade em contexto feminino. A livraria do convento das carmelitas descalças de S.to Alberto (Séculos XVII – XVIII)**

Tese realizada no âmbito do Doutoramento em Estudos Literários, Culturais e Interartísticos, orientada pelo Professor Doutor Luís Fernando de Sá Fardilha

### **Membros do Júri**

Presidente:

Doutora Maria de Lurdes Correia Fernandes, Professora Catedrática do Departamento de Estudos Portugueses e Estudos Românicos da Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Vogais:

Doutora Isabel Adelaide Penha de Lima Dinis e Almeida, Professora Associada da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Doutor José Maria da Silva Rosa, Professor Catedrático da Faculdade de Artes e Letras da Universidade da Beira Interior.

Doutora Zulmira da Conceição Trigo Gomes Marques Coelho Santos, Professora Catedrática do Departamento de Estudos Portugueses e Estudos Românicos da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Doutora Isabel Maria Ventura Morujão de Beires, Professora Auxiliar do Departamento de Estudos Portugueses e Estudos Românicos da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Doutor Luís Fernando de Sá Fardilha, Professor Auxiliar do Departamento de Estudos Portugueses e Estudos Românicos da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.



*Ao Pedro*





## SUMÁRIO

Declaração de honra .....	11
Agradecimentos .....	13
Resumo .....	15
Abstract .....	17
Índice de figuras .....	19
Índice de tabelas .....	19
Siglas e acrónimos das instituições religiosas referidas .....	21
Introdução .....	23
I - O Convento das Carmelitas Descalças de S.to Alberto .....	31
II – O Catálogo da livraria conventual .....	43.
1. Circunstâncias de elaboração .....	43
2. Paradigmas de organização .....	51
III – Análise estatística do conteúdo .....	56
1. Critérios de contagem .....	56
2. A dimensão da livraria: títulos e espécies bibliográficas .....	58
3. O formato dos livros .....	62
4. A idade dos livros: a data de impressão .....	67
5. A geografia dos livros: o local de impressão .....	71
6. Uma livraria ibérica? As línguas dos textos .....	73
7. <i>Per Facultates Divisus</i> : as áreas de conhecimento .....	76
7.1.O livro de Jurisprudência .....	77
7.2. Os livros de Belas Letras .....	77
7.3. Os livros de História .....	80
7.4. Os livros de Teologia .....	90
8. Os autores presentes no Catálogo de S.to Alberto .....	100
9. As autoras presentes no Catálogo de S.to Alberto .....	108

IV – Ler com a alma e escrever com o corpo .....	124
1. As escritoras de S.to Alberto .....	129
2. Maria de São José Salazar .....	131
2.1. Perfil biográfico .....	131
2.2. Formação intelectual e vocação religiosa .....	135
2.3. Produção Literária .....	138
2.4. A poesia de Maria Salazar.....	153
3. Maria de São José (Lopes Lobo, “a Loba”) .....	165
3.1. Escritora por obediência .....	170
4. Soror Teresa de Jesus Maria (Maria Pineda Zurita) .....	181
4.1. Obra literária: considerações preliminares .....	184
4.2. Obra literária: caraterísticas e estilo .....	187
4.3. Outros recursos de composição textual .....	193
5. Um elemento masculino: Jerónimo Gracián de la Madre de Dios .....	197
V – Conclusões .....	203
Fontes documentais .....	212
Fontes bibliográficas .....	214
Bibliografia .....	217
Anexos .....	247
1 – Descrição física do documento .....	251
– Critérios de transcrição .....	255
– Catálogo dos livros que há no Convento das Religiosas Carmelitas Descalças de S. Alberto desta cidade de Lisboa .....	257
2 – Índice dos autores representados no Catálogo .....	293
3 – Índice das obras discriminadas no Catálogo .....	299
4 – Alguns livros conservados na Biblioteca Nacional de Portugal que pertenceram ao convento de S.to Alberto .....	313
5 – Relação de algumas religiosas que habitaram em S.to Alberto .....	317
6 – Relação da obra poética de Maria Salazar (cronologia) .....	327
7 - Alguns excertos dos escritos de Maria de São José (“a Loba”) .....	331

## **Declaração de honra**

Declaro que a presente tese de Doutoramento é da minha inteira autoria e não foi utilizada previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição, e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referência. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

Porto, setembro 2021

Rosa María Sánchez Sánchez



## **Agradecimentos**

As primeiras palavras destinam-se a expressar o nosso profundo agradecimento ao Senhor Professor Doutor Luís Fernando de Sá Fardilha por ter acreditado sempre no nosso projeto e por ter aceitado orientar a nossa investigação. Gratidão também pela paciência, pelo incentivo, pelas críticas construtivas, pelas valiosas sugestões e pela confiança que depositou no nosso trabalho.

A nossa gratidão ao Senhor Professor Doutor José Adriano de Freitas Carvalho por ter acompanhado a evolução da nossa investigação e pela generosa partilha de alguns dos seus vastíssimos conhecimentos.

À Senhora Professora Doutora Zulmira Coelho Santos por ter providenciado o nosso ingresso no CITCEM em 2016.

Ao CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória – por ter acolhido o nosso projeto e por ter apoiado sempre as nossas atividades e iniciativas.

Por último, mas não menos importante, à Fundação para a Ciência e Tecnologia por ter providenciado as condições necessárias ao desenvolvimento do nosso projeto de investigação mediante a concessão de uma Bolsa de Doutoramento financiada pelo Programa Portugal 2020 e pelo Fundo Social Europeu.



## Resumo

O trabalho que aqui se apresenta tem como base a transcrição integral do *Catálogo dos livros que há no convento das religiosas carmelitas Descalças de S. Alberto nesta cidade de Lisboa* (BNP: Mm, 2, nº 3), a partir da qual foi possível aplicar diversas análises que incidiram nos aspetos quantitativos deste espólio bibliográfico, assim como nos aspetos qualitativos, estes últimos, diretamente relacionados com a importância que as obras desta livraria conventual tiveram no contexto da literatura de espiritualidade da época e, num plano mais específico, no contexto do Carmelo reformado.

Após uma abordagem global, as nossas atenções concentraram-se, mais especificamente, no carácter feminino e carmelitano deste cenóbio, tendo sempre presente a importância e a magnitude das suas figuras basilares: Santa Teresa e São João da Cruz. Nesse sentido, procedeu-se a uma análise mais apurada do espólio com o intuito de mensurar o peso destes dois Doutores da Igreja nesta livraria conventual, assim como a incidência das possíveis influências que as suas respetivas obras terão disseminado entre as religiosas de S.to Alberto, quer com a produção literária de ambos, propriamente dita, quer com o conjunto de leituras que influenciaram a Fundadora.

Nesse sentido, considerando a enorme importância de Santa Teresa como escritora, dedicamos a última parte do trabalho às escritoras que habitaram em S.to Alberto e às suas obras, de modo a conseguir identificar nos seus escritos possíveis elementos específicos (leituras, obras, autores, estilos, práticas) que apontem para aquilo que poderia ser considerado um estilo especificamente carmelitano. Por último, mais próximos do âmbito da história das mentalidades, foram considerados também aspetos mais subjetivos, nomeadamente, possíveis motivações, objetivos e/ou atitudes de escrita destas mulheres, tentando perceber de que modo o despojamento tão característico no modo de estar carmelitano estará – ou não –, também, presente no estilo de escrita destas religiosas.

**Palavras-chave:** carmelitas, catálogos, livrarias, escrita feminina.





## Abstract

This work is based on the complete transcription of the *Catálogo dos livros que há no convento das religiosas carmelitas Descalças de S. Alberto nesta cidade de Lisboa* (BNP: Mm, 2, nº 3) from which it was possible to apply several analyzes that focused on the quantitative aspects of this bibliographic collection, as well as on the qualitative aspects, the latter directly related to the importance that the works of this convent library had in the context of the spirituality literature of the time and, on a more specific level, in the context of reformed carmel.

After a global approach, our attention was focused, more specifically, on the feminine and Carmelite character of this convent, always bearing in mind the importance and magnitude of its basic figures: Saint Theresa and Saint John of the Cross. In this sense, a more accurate analysis of the estate was carried out in order to measure the weight of these two Doctors of the Church in this convent library, as well as the incidence of possible influences that their respective works have disseminated among the nuns of Saint Albert, either with their literary production itself or with the set of readings that influenced the Founder.

In this sense, considering the enormous importance of Saint Theresa as a writer, we dedicate the last part of this work to the writers who lived in Saint Albert and his works, in order to identify possible specific elements in his writings (readings, works, authors, styles, practices) that point to what could be considered a specifically Carmelite style. Finally, closer to the scope of the history of mentalities, more subjective aspects were also considered, namely, possible motivations, objectives and/or writing attitudes of these women, trying to understand how the detachment so characteristic of the Carmelite way of being will be – or not - present in the writing style of these nuns.

**Key-words:** carmelites,, catalogs, libraries, female writing.



## ÍNDICE DE FIGURAS

1. Desenho de uma vista de Lisboa (pormenor) .....	37
2. Pormenor da marca d'água .....	55
3. <i>Excelencias da Misericórdia e Frutos da Esmola</i> (folha de rosto) .....	61
4. Catálogo de S.to Alberto (primeiro fólio, frente) .....	254

## ÍNDICE DE TABELAS

1. Etapas da história de S.to Alberto .....	41
2. Classificação de Catálogos e Inventários .....	50
3. O formato dos livros .....	62
4. Distribuição por décadas: século XVI .....	69
5. Distribuição por décadas: século XVII .....	69
6. Distribuição por décadas: século XVIII .....	70
7. Geografia: locais de impressão .....	71
8. Distribuição por cidades .....	72
9. <i>Per facultates divisus</i> .....	76
10. Autores rrepresentados no Catálogo, por Ordem religiosa de pertença .....	103



## **SIGLAS E ACRÓNIMOS DAS INSTITUIÇÕES RELIGIOSAS REFERIDAS**

**C.M.** - Congregatio Missionis

**C.O.** - Confoederatio Oratorii Sancti Philippi Nerii

**C.R.** - Ordo Clericorum Regularium, Theatinorum

**C.R.S.A.** - Sacer et Apostolicus Ordo Canonicorum Regularium Sancti Augustini, Canonici Regulares Sancti Augustini

**C.S.J.E.** - Congregação dos Cónegos Regulares de São João Evangelista

**M.I.** - Ordo Clericorum Regularium Ministrantium Infirmis

**O.A.D.** / **O.E.D.S.A.** - Ordo Fratrum Eremitarum Discalceatorum Sancti Augustini, Ordo Augustiniensium Discalceatorum

**O.Carm.** / **O.C.** - Ordo Fratrum Beatissimae Virginis Mariae de Monte Carmelo

**O.C.D.** - Ordo Fratrum Discalceatorum Beatissimae Virginis Mariae de Monte Carmelo, Ordo Fratrum Carmelitarum Discalceatorum

**O. Cart.** - Ordo Cartusienis

**O.Cist.** - Ordo Cisterciensis

**O.F.M.** - Ordo Fratrum Minorum

**O.S.C.** - Ordem de Santa Clara

**O.S.H.** - Ordo Sancti Hieronymi

**O.M.** - Ordo Minimorum

**O.P.** - Ordo Praedicatorum

**O.R.C.** - Ordo Canonicorum Regularium Sanctae Crucis, Ordo Regularium Crucis

**O.S.A.** / **O.E.S.A.** - Ordo Fratrum Sancti Augustini

**O.S.B.** - Ordo Sancti Benedicti

**O.S.P.P.E.** - Ordo Sancti Pauli Primi Eremitae

**O.S.S.S.** - Ordo Sanctissimi Salvatoris

**O.S.S.T.** - Ordo Sanctissimae Trinitatis Redemptionis Captivorum

**O.S.U.** - Ordo Sanctae Ursulae

**S.J.** - Societas Jesu



«Compreender não é clarificar, simplificar, reduzir a um esquema lógico perfeitamente claro...Compreender é complicar. É enriquecer em profundidade. É expandir por todos os lados. É vivificar.»  
Lucien Febvre

## INTRODUÇÃO

Durante as últimas décadas, a História das mentalidades tem vindo a experimentar um desenvolvimento notável, particularmente nos âmbitos relacionados com a história do livro e da leitura, que deu origem a novos e específicos caminhos de investigação, entre eles, o estudo das livrarias conventuais.

Na década de 1970, Maxime Chevalier publicou diversos trabalhos, ainda hoje incontornáveis, centrados especificamente na realidade ibérica (*Lectura y lectores en la España de los siglos XVI y XVII*, 1976, Madrid, Editorial Taurus). Este labor pioneiro teve continuidade com os trabalhos posteriores de Roger Chartier (1994, 1998 e 1999), numa perspetiva mais abrangente que contemplava a história dos livros e da leitura no Mundo Ocidental. Todo este universo bibliográfico e literário manifestou-se de forma particularmente intensa no âmbito conventual, onde a leitura fazia parte integrante da rotina diária dos religiosos e religiosas, sendo os conventos detentores de espólios bibliográficos de considerável importância. A leitura era uma atividade recorrente, quer por imposição das respetivas Regras quer como apoio ao labor pedagógico, como acontece, por exemplo, com a Companhia de Jesus. Assim sendo, um pouco por toda Europa, com maior ou menor incidência, conventos e mosteiros albergavam nas respetivas livrarias espólios bibliográficos mais ou menos diversificados, atendendo às necessidades específicas de cada um. Portugal não foi exceção. Como é sabido, algumas das bibliotecas mais importantes do país, nomeadamente, a Biblioteca Pública Municipal do Porto ou a Biblioteca Nacional de Portugal, para citarmos dois dos exemplos mais notórios, foram constituídas a partir de fundos bibliográficos provenientes dos espólios conventuais, aquando da sua extinção definitiva, na sequência da lei de extinção das Ordens Religiosas em Portugal (1834). Consequentemente, não é difícil perceber a importância que

este património cultural representa, como fonte de informação preciosa para o estudo da história da cultura e da leitura em Portugal, contribuindo para um conhecimento mais nítido das ideias que circulavam em território luso. Ao mesmo tempo poderá contribuir para conhecermos as preferências de leitura de cada uma das Ordens religiosas, o que permitirá detetar, entre outras coisas, possíveis especificidades relacionadas com a idiosincrasia de cada uma delas ou, eventualmente, tomar conhecimento de algum núcleo de leitura comum a todas elas.

No século XVIII, no seguimento da política de controlo imposta pelo governo do Marquês de Pombal, a Real Mesa Censória publicou um edital (1769) solicitando a todos aqueles que estivessem na posse de livros ou manuscritos a elaboração de um catálogo, discriminando cada uma das espécies bibliográficas contidas nos respetivos espólios. Surgiram assim centenas de documentos manuscritos, grande parte dos quais chegou até aos nossos dias, ainda que num processo não isento de atribulações e negligências diversas por parte das instituições responsáveis pela sua conservação. Felizmente, os atuais meios arquivísticos e de conservação, as condições dos espaços de armazenamento e uma melhor qualificação dos recursos humanos permitem hoje aos investigadores ter acesso a estes documentos de forma bastante simplificada, estando muitos deles alocados em diversas plataformas digitais.

Relativamente ao estudo destes catálogos no âmbito mais específico da biblioteconomia, são pioneiros os trabalhos de Fernanda Campos (2015). Para além do seu estudo em torno dos paradigmas classificativos destes documentos, a investigadora tem orientado os seus esforços no estudo das marcas de posse (2013b), a partir das quais empreendeu as primeiras tentativas de reconstituição das livrarias conventuais, partindo dos exemplares existentes no fundo da Biblioteca Nacional de Portugal, trabalho minucioso e moroso que merece uma palavra de louvor. Algum tempo depois, em 2016, surge uma ferramenta de extrema utilidade para todos os investigadores interessados nestas matérias: *Clavis Bibliothecarum. Catálogos e inventários de livrarias e instituições religiosas em Portugal até 1834*, da autoria de Luana Giurgevich e Henrique Leitão, fruto de seis anos de trabalho exaustivo. Esta volumosa obra abrange um período cronológico bastante alargado, compreendido entre os séculos X e XIX, recolhendo e descrevendo genericamente cerca de um milhar de catálogos e inventários, assim como várias centenas de documentos diversos a eles associados, indicando sempre as respetivas referências e/ou cotas dos arquivos onde se encontram. Todos os documentos discriminados nesta obra aparecem agrupados por Ordem religiosa, o que permite ao investigador ter uma perspetiva geral dos documentos relativos a uma determinada Congregação.



O trabalho que aqui se apresenta parte, precisamente, de um desses Catálogos, relativo ao conteúdo da livraria do Convento das Carmelitas Descalças de S.to Alberto, em Lisboa, cuja importância reside em ter sido o primeiro Carmelo feminino reformado a ser fundado em Portugal. Para além do manuscrito propriamente dito, o interesse do nosso trabalho de investigação foi orientado, quase desde o início, pelas especificidades associadas a este convento lisboeta. Em primeiro lugar tivemos em conta o facto de se tratar de uma fundação teresiana póstuma. Em segundo lugar, a importância da sua fundadora e primeira priora, Maria de São José Salazar, discípula dileta e amiga íntima da Santa Teresa de Jesus, assim como autora de um extraordinário conjunto de escritos. E por último, a vocação para a escrita – que sempre distinguiu o Carmelo Descalço, encorajada vivamente, tal como a leitura, pela Madre Fundadora. Assim sendo, o nosso objetivo não poderia centrar-se apenas na mera transcrição do Catálogo e no posterior estudo do seu conteúdo, motivo pelo qual, desde o início, fizemos questão de aproveitar a oportunidade que se nos brindava e conduzir a investigação por caminhos menos trilhados, considerando o manuscrito não apenas como o reflexo de um espólio bibliográfico, mas sim como a expressão viva do universo de leitura das religiosas de S.to Alberto. Obviamente, a transcrição do documento e a sua posterior análise quantitativa e qualitativa foram passos necessários para poder sustentar as fases seguintes da investigação. Pretendeu-se conferir ao projeto um carácter integrador, considerando não só o espólio bibliográfico propriamente dito mas também as circunstâncias históricas circundantes à fundação do convento, a personalidade de algumas das religiosas que nele habitaram, assim como alguma da produção literária que brotou entre os seus claustros, onde a escrita parece ter sido uma atividade com certa importância, praticada com alguma regularidade e, em alguns casos, com uma qualidade notável e surpreendente.

A primeira tarefa após a transcrição do Catálogo foi de carácter estatístico, de modo a podermos determinar a envergadura do espólio, assim como a sua importância no contexto geral das livrarias conventuais e, mais particularmente, das livrarias femininas. Posteriormente, fomos analisar as diversas áreas de conhecimento representadas no Catálogo, apurando a pertinência do conteúdo em cada uma delas, com especial atenção para o volumoso grupo dos livros de Teologia, que ocupam três quartas partes do espólio. Este facto permitiu-nos subagrupar as obras em diversos núcleos específicos, como *Novenas*, *Cartas Pastorais*, *Tratados de Oração*, etc., procedendo à análise individual de cada um destes núcleos, de modo a calibrar a importância que as obras tiveram nas suas respetivas épocas, assim como o seu peso na configuração do perfil da livraria de S.to Alberto. Na sequência da nossa abordagem integradora, conscientes da impossibilidade de ignorar a influência teresiana que impulsionou S.to Alberto desde a sua

fundação, foi aplicada uma análise mais apurada, com o intuito de isolar aquilo que poderia ser considerado como o núcleo das leituras teresianas, na tentativa de determinar se aqueles livros que estiveram na base da formação intelectual e espiritual da Fundadora, assim como aqueles que ela própria recomendava às suas religiosas, faziam parte ou não do espólio bibliográfico de S.to Alberto. Deste modo, e com todos os riscos que tal implica, foi possível inferir alguns dados parcelares que, embora não conclusivos, contribuíram para tentarmos compreender como e em que linhas ideológicas e doutrinárias terá sido transmitida às religiosas de S.to Alberto a influência teresiana através dos livros.

Na aplicação da abordagem quantitativa foram contemplados de forma global todos os autores presentes no Catálogo, de modo a percebermos a importância destes no contexto da espiritualidade nas suas respectivas épocas o que, por sua vez, nos permitiu avaliar o grau de atualização do espólio desta livraria conventual. De forma particular foram examinados aqueles que por diversas razões assumiram papéis relevantes no contexto do Carmelo reformado. O mesmo procedimento foi aplicado às autoras, porém, considerando o caráter feminino do nosso projeto, este grupo foi submetido a uma análise mais atenta, individualizada, para posteriormente tentarmos discernir a relação existente entre elas, quer pela Ordem religiosa de pertença quer pelo caráter das respectivas obras, perfilando um possível fio condutor entre estas mulheres, no encaixe de uma tradição de escrita feminina suscetível de caracterizar um eventual paradigma de gênero. O trabalho realizado até aqui seria, aparentemente, tudo o que se poderia extrair a partir de um Catálogo bibliográfico, no entanto, no intuito de considerarmos o manuscrito como expressão do universo de leitura desta comunidade carmelita, sentimos a necessidade de ir mais longe. Como? Considerando a livraria também numa perspectiva integradora com a qual se relacionam inúmeros aspetos da vida religiosa, cultural, e social.

Uma biblioteca não é um corpo inerte, tem caráter evolutivo e, como tal, reclama certos cuidados de armazenamento, conservação e catalogação das espécies bibliográficas, assim como um espaço próprio, por pequeno que este seja, e minimamente adequado. Na sua última fase, os livros são o resultado do trabalho dos impressores que, em formatos mais ou menos volumosos, dão à luz dos prelos os conteúdos que os respetivos autores e autoras com a sua caligrafia plasmaram nas suas páginas. Por sua vez, em último termo, a livraria tem uma utilidade concreta e prática, o que implica a presença mais ou menos assídua dos usuários. No caso que aqui nos ocupa, embora sem provas concretas que o sustentem, não estaremos certamente longe da verdade se afirmarmos que a leitura foi uma atividade recorrente em S.to Alberto, imposta pela Regra, pelas *Constituciones* que a Madre Fundadora escrevera para as suas descalças, pelos

conselhos e orientações de confesores e diretores espirituais e também, muito provavelmente, pela iniciativa das próprias religiosas, numa tentativa de imitarem a Reformadora. Assim sendo, este grupo de utilizadoras da livraria ter-se-á transformado, também, num grupo de recetoras dos conteúdos lidos o que, por sua vez, implica diversos graus de absorção das influências recebidas por via da leitura. No caso das escritoras, estes graus de absorção traduziram-se também em distintos graus de retransmissão do lido para o escrito. Até que ponto a leitura e o apreendido através dela terá inspirado as religiosas de S.to Alberto, pelo menos algumas delas, a enveredarem também pelos caminhos da escrita?

Sabemos que a escrita feminina em contexto conventual foi, na grande maioria das vezes, fruto da obediência a um superior ou a um confessor, e que o resultado dessa obediência se materializava, também na grande maioria dos casos, em obras de caráter autobiográfico espiritual e, em segundo termo, escritos biográficos dedicados a narrar a vida de companheiras de claustro – por sinal, um género ainda pouco explorado, para além dos casos notáveis em que a religiosa elaborava outro tipo de textos, com caráter doutrinal, pedagógico ou histórico-narrativo.

O recetor de um texto transforma-o, quando fusionado com os seus próprios conhecimentos, com a sua própria mundividência. Consequentemente, quando este leitor-recetor passa a ser também escritor, transfere para a sua própria obra uma espécie de reformulação das influências adquiridas, que serão rececionadas, por sua vez, pelos seus potenciais futuros leitores. Cria-se assim uma espécie de corrente elíptica que, com o passar do tempo, transmite sucessivas reformulações, mais ou menos enriquecidas, atualizadas e/ou recriadas das ideias e dos conceitos previamente em circulação.

Um outro aspeto que tivemos sempre em consideração foi a marcada vocação das carmelitas descalças para a escrita. Vocação essa que era vivamente encorajada pela própria Fundadora e imitada pelas suas filhas de religião, materializada em compilações como o *Libro de Romances y Coplas del Carmelo de Valladolid* (c. 1590 – 1609). Dentro do espectro das obras de maior envergadura, também as carmelitas descalças ocupam um lugar de destaque, como já mostrou há décadas Sonja Herpoel. Por tudo isto, não quisemos limitar o nosso trabalho apenas ao âmbito da livraria conventual. Conscientes dos riscos e limites fizemos questão de passar do mundo das possíveis leituras que esta biblioteca conventual sugere para o mundo da escrita concreta, aprofundando a nossa investigação na tentativa de descobrir se em S.to Alberto foi ou não praticado o gesto da escrita e em que medida. Assim sendo, a última parte do nosso trabalho será dedicada às escritoras deste convento lisboeta e às suas respetivas obras. Uma vez identificadas, procedeu-

se à localização dos textos e ao seu posterior estudo. Inicialmente foram cinco as religiosas confirmadas como autoras de textos diversos, no entanto, apenas foi possível localizar escritos da autoria de três delas, o que nos deixou com um *corpus* de estudo algo reduzido, que julgamos ainda assim suficiente, formado pelas toledanas Maria de São José Salazar (1548 – 1603) e Maria Pineda Zurita (1592 – 1642), com a respetiva obra já publicada em algum momento de forma total ou parcial, e a portuguesa Maria Lopes Lobo (circa 1586 ou 1587 – 1626 ou 1627), cujos escritos foram localizados apenas de forma fragmentária, inseridos nas *Crónicas da Ordem em Portugal*, de Belchior de Santa Ana. Para completar este *corpus* e com o intuito de estabelecer um ponto de comparação externo ao grupo de escritoras selecionado, decidimos considerar um autor masculino, Jerónimo Gracián de la Madre de Dios, que se situa no mesmo plano que Maria Salazar, pela estreita relação que ambos mantiveram entre si, pela sua implicação na Reforma do carmelito mas, sobretudo, pela sua incondicional e inquebrantável fé na causa teresiana, sem esquecer, obviamente, os seus indiscutíveis dotes literários. Tratando-se de um elemento masculino, por um lado, e não querendo exceder os limites impostos para um trabalho como este, optamos por considerar apenas uma das muitas obras do carmelita: *Josephina. Sumario de las Excelencias del glorioso S. Ioseph. Esposo de la Virgen Maria*. A escolha deve-se, em grande parte, ao facto de se tratar de uma obra de leitura bastante acessível, longe dos conteúdos teológicos ou filosóficos desenvolvidos por Gracián em outros escritos. O conteúdo, o estilo e os recursos utilizados pelo carmelita fazem com que esta obra se integre de forma coerente no *corpus* de estudo, permitindo aplicar-lhe uma análise equivalente àquela a que foram submetidos os textos das suas congéneres femininas.

Todos estes elementos foram articulados com o objetivo de dar resposta à nossa questão de pesquisa: existe um estilo literário especificamente carmelitano? O trabalho analítico necessário esteve, quase desde o início, condicionado pelas diferenças culturais e intelectuais das integrantes do *corpus*; diferenças bastante notórias, em alguns casos. À partida, tal já seria de esperar, visto tratar-se de um grupo de mulheres que viveram numa época em que a instrução académica lhes estava praticamente vedada. Consequentemente, aquelas cuja posição social lhes permitiu adquirir um grau de instrução acima da média, evidenciam o resultado dessa formação nos seus respetivos escritos, como acontece nos casos de Maria Salazar e Maria Pineda. Contudo, apesar do elevado grau de erudição que ambas as religiosas revelam, mostram nos seus escritos personalidades bastante antagónicas. O mesmo acontece com as circunstâncias históricas de cada uma delas. Por sua vez, Maria Lopes Lobo (“a Loba”) revela dotes literários muito mais modestos, embora esta

conclusão seja fruto de uma análise parcial dos seus escritos, recebidos apenas de forma fragmentária, como já foi referido.

Assim sendo, a procura de indícios caracterizadores de um possível estilo literário especificamente carmelitano não foi orientada por meios estritamente técnicos, como são os recursos gramaticais ou as figuras de estilo utilizadas, sendo necessário considerar também aspetos de caráter mais subjetivo, relacionados com o modo como cada uma das escritoras utiliza, ou não, as capacidades e os conhecimentos que detém e, mais importante ainda, com que intuito é que o faz. Tratando-se de escritoras carmelitas, não podemos esquecer o caráter integrador – preconizado por Santa Teresa de Jesus e presente em toda a sua obra, através do qual todas as experiências da vida, no seu sentido global, revertem nos textos. Deste modo, a escrita desempenha um papel fundamental, como depositária da experiência global de cada escritora (vida, religião, contexto histórico, circunstâncias pessoais) e como transmissora dos ideais, das reflexões e dos ensinamentos dela derivados, sempre no âmbito do Carmelo descalço e na senda do teresianismo. Neste sentido, foram detetadas algumas sintonias significativas, assim como elementos comuns aos quatro escritores contemplados, relacionados, sobretudo, com a transmissão do estilo de vida teresiano o que, por sua vez, tornou possível emitir algumas conclusões válidas. Para tal, foram aplicados os métodos indutivo-dedutivo e o comparativo na triagem global dos textos em análise para, posteriormente, se aplicar o método da relação por pares, o que nos permitiu, por um lado, detetar sintonias gerais e, por outro, sintonias apenas registadas entre dois dos elementos do *corpus*.

Com este trabalho esperamos ter conseguido dar um passo em frente, cumprindo assim o dever primário de todo o investigador para com a Ciência. Esperamos, também, que venha avivar o interesse por estas matérias para que, num futuro próximo, os catálogos das livrarias conventuais portuguesas sejam objeto do estudo sistemático que reclamam e merecem. Só assim poderemos ter uma ideia mais nítida dos hábitos de leitura que eram praticados e, de forma mais específica, perceber se existiam padrões de leitura comuns a todas as Ordens religiosas ou se, pelo contrário, cada uma delas tinha preferências literárias próprias. São estes apenas alguns exemplos mais imediatos das potencialidades de investigação que estes documentos oferecem, como já foi referido acima. Entre elas, diretamente relacionado com o contexto feminino em que o nosso trabalho se desenvolveu, podemos referir uma linha de investigação que nos parece de grande interesse, dedicada a calibrar a presença das autoras femininas nos espólios bibliográficos conventuais, quer masculinos quer femininos, analisando a relação que mantêm com cada Ordem, assim como os possíveis motivos da sua presença – ou ausência – nesses espólios. Esperamos também ter

contribuído para recuperar a memória do convento de S.to Alberto e de algumas das religiosas notáveis que nele habitaram e aí escreveram, total ou parcialmente, a sua respetiva obra literária. Por último, fazemos questão de aproveitar esta oportunidade para reivindicar o legítimo direito destas mulheres a fazerem parte integrante dos estudos regulares da História da Literatura, porque não são fenómenos isolados nem elementos exóticos apenas referidos, muitas vezes, de forma marginal ou secundária. Fazem parte de uma época particularmente conturbada e com a sua escrita ganharam dignissimamente um lugar de destaque ao lado dos seus congéneres masculinos a quem, em alguns casos, superam admiravelmente. Com a sua escrita, estas religiosas – e outras muitas, ainda desconhecidas – deram origem a novos géneros literários, como a autobiografia espiritual por mandado ou a biografia das companheiras de religião – para citarmos só os exemplos mais significativos, que merecem ser estudados de forma integrada nos programas letivos e nas obras dedicadas à História da Literatura. São vozes do passado clamando por um futuro apenas possível de construir no presente.

## I – O Convento das Carmelitas Descalças de S.to Alberto

A reforma teresiana não deve ser vista apenas como uma reação à penosa situação em que se encontrava o Carmelo feminino na época, embora este facto tenha atuado como catalisador das motivações de Teresa de Ahumada. O objetivo principal da reforma foi a procura de um novo estilo de vida que, exaltando a preeminência da Marta bíblica, desse passo a uma nova atitude, afastada da mera postura contemplativa e mais de acordo com os novos tempos que se viviam. Estudiosos da matéria, como Dámaso Chicharro ou Víctor García de la Concha, situam a reforma teresiana no âmbito do «humanismo cristiano al servicio de una religiosidad interior depurada en el crisol de la más moderna Teología, teniendo en cuenta de manera primordial, y tal vez por primera vez, las características propias de la mujer»<sup>1</sup>. A originalidade do projeto teresiano reside, segundo Joaquim Smet, na forma que a Santa encontrou para transformar o seu conceito de vida em algo coerente e viável para o mundo pós medieval<sup>2</sup>. O olhar de Teresa de Ahumada ultrapassava os horizontes da própria Ordem. A “filha da Igreja” pretendia aplicar no seu projeto de reforma uma dimensão apostólica e ao mesmo tempo eclesial. «Se dió cuenta de que la respuesta al reto del protestantismo, más que en el esfuerzo de los diplomatas o en el recurso a las armas, estaba en una renovación de la vida católica y, en lo que a ella tocaba, en una cohesión constante al ideal de la Orden.»<sup>3</sup>

Todo este projeto fundacional não teria sido possível sem o apoio quase incondicional do General Giovanni Baptista Rossi (Rubeo), que rapidamente intuiu o significado que a reforma poderia ter para a Ordem do Carmo, tomando sob a sua jurisdição e amparo a fundação do convento de São José de Ávila. Rubeo, cativado pela força e convicção de Teresa de Ahumada, fez tudo o que esteve ao seu alcance para facilitar-lhe o caminho, permitindo que a Santa desse início ao seu projeto de reforma; uma empresa que ocupou os seus dias até ao fim da sua vida, com viagens constantes para expandir e consolidar o Carmelo descalço. Com este espírito de fé e convicção, a futura Doutora da Igreja fundou conventos em Ávila (1562), Medina del Campo (1567), Malagón (1568), Toledo e Pastrana<sup>4</sup> (1569), Salamanca (1570), Alba de Tormes (1576), Villa Nueva de la Jara e Palencia (1580), Soria (1581) e Granada e Burgos em 1582, ano em que faleceu no convento de Alba de Tormes. Se a morte não a tivesse levado, muito provavelmente ter-se-ia

---

<sup>1</sup> Dámaso Chicharro partilhando a mesma ideia com García de la Concha in TERESA DE JESUS, 1997: 28.

<sup>2</sup> SMET, 1997: 48 – 49.

<sup>3</sup> Ibidem: 49.

<sup>4</sup> O convento de Pastrana apenas permaneceu ativo durante cinco anos, devido aos fortes desentendimentos surgidos entre a Madre Fundadora e a Princesa de Eboli - benfeitora desta casa -, obrigando a Santa a desfazer a fundação, bem contra a vontade da Princesa.

deslocado até Lisboa para concretizar a primeira fundação feminina em Portugal: o Convento de S.to Alberto (1585)<sup>5</sup>, que pode ser considerado uma concretização póstuma, por ser fruto de um desejo antigo manifestado pela Santa em diversas cartas dirigidas, sobretudo, a Maria de São José Salazar e a D. Teotónio de Bragança. A situação de desamparo e incerteza em que Portugal ficou após o desaparecimento do rei D. Sebastião, na fatídica batalha de Alcácer Quibir (1578), provocou uma profunda comoção na Madre Fundadora, que via na fundação portuguesa um modo de interceder a favor do povo português, tão desprotegido naqueles momentos de futuro incerto. Santa Teresa manifestara repetidamente estes sentimentos à sua amiga íntima e discípula dileta, Maria de São José Salazar – que viria a ser a primeira priora de S.to Alberto –, na frequentíssima correspondência que mantinha com ela<sup>6</sup>: «Mas que sería si se hace lo de Portugal! [...] Por cierto para mi sería harto contento».<sup>7</sup> Por outro lado, no Capítulo Geral celebrado em Madrid em 1581, o então Provincial da Ordem, Jerónimo Gracián de la Madre de Dios, considerou prioritária a expansão do projeto fundacional teresiano em terras lusas, tendo em consideração as novas circunstâncias políticas que se perfilavam no horizonte, com a iminente absorção de Portugal pelo império filipino.

Segundo o primeiro cronista da Ordem do Carmo Descalço em Portugal, Fr. Belchior de Santa Ana, o desejo de fundar casas reformadas no país luso teria surgido em Santa Teresa na sequência de uma revelação recebida no dia da Assunção da Rainha dos Anjos<sup>8</sup>. Porém, segundo a mensagem revelada, não seria ela a concretizar as novas fundações em terras lusas e sim as suas filhas e filhos. «Também será levada a ele [Portugal] tua mão esquerda, que lhe quero dar a mão de hũa tão amada esposa, para o levantar da miséria em que estava cahido [...]»<sup>9</sup>. Estas palavras fazem parte de um texto que, segundo o cronista, Santa Teresa teria escrito «em huma meia folha de papel» a pedido do seu confessor e primeiro Provincial da Ordem reformada, Fr. Jerónimo Gracián de la Madre de Dios (Dantisco)<sup>10</sup>.

Gracián foi eleito no Capítulo Geral celebrado em Alcalá de Henares em 3 de março de 1581 – ainda em vida de Santa Teresa –, ocupando o cargo até 1585, altura em que lhe sucedeu o genovês Nicolau de Jesus Maria (Doria). Na mesma reunião foi unânime a decisão de enviar

---

<sup>5</sup> Entretanto, em 1581, tinha sido fundado o primeiro convento masculino da reforma teresiana, São Filipe (também conhecido como Convento de Nossa Senhora dos Remédios), por intercessão de Fr. Ambrosio Mariano, que foi o seu primeiro prior.

<sup>6</sup> «Hoje se achão mais cartas da Santa para ella só que para todas as mais freiras da Ordem». SANTA ANA, 1657: I, 151, parágrafo 162.

<sup>7</sup> SANTA TERESA DE JESUS, 1986: 1280, carta 333.

<sup>8</sup> SANTA ANA, 1657: tomo II, capítulo 66.

<sup>9</sup> Ibidem.

<sup>10</sup> Ibidem.



religiosos para Portugal, de modo a poder satisfazer o desejo manifestado pela reformadora de fundar casas em terras lusas. O escolhido para tal empresa foi o italiano Fr. Ambrosio Mariano de São Bento (Azaro), conhecido pela sua notável prudência e discrição e por gozar dos favores do Rei Prudente<sup>11</sup>. Fr. Ambrosio escolheu sete religiosos para empreenderem a viagem com ele, entre os quais estavam Fr. João Evangelista e Fr. Gaspar de São Pedro<sup>12</sup>. A comitiva chegou a Lisboa no primeiro dia de outubro de 1581 e após a escolha do lugar mais apropriado para a fundação do convento, Fr. Ambrosio foi recebido pelo monarca, que lhe concedeu uma renda anual de cem mil réis na Casa das Carnes. Os carmelitas contaram desde o início com o amparo e a proteção de algumas das pessoas mais influentes de Lisboa, a começar pelo arcebispo D. Jorge de Almeida, que rapidamente diligenciou as necessárias licenças «porque entendo, que Deus os traz de Castella a este Reyno, para serem de algum modo mesinha dos males que de la nos tem vindo»<sup>13</sup>. Outros benfeitores foram D. Duarte de Castel-Branco, conde de Sabugal, D. Isabel de Castro<sup>14</sup>, os vereadores da Câmara Álvaro de Sousa, Filipe d’Aguilar, Diogo Lameira e o Procurador do Concelho, Sebastião de Lucena.

Os carmelitas reformados contaram também com a ajuda dos Padres de São Domingos e dos religiosos da Companhia de Jesus. Entre os primeiros, cabe destacar o beato Fr. Luís de Beltrão, Fr. Pedro Fernández e Fr. Fernando de Castillo. Todos eles terão contribuído para o cumprimento da promessa feita a Santa Teresa pelo próprio São Domingos, através de uma visão, quando aquela se encontrava no convento de Segóvia, em que o Patriarca lhe estendeu a mão prometendo ajuda no processo de reforma. Entre os jesuítas, o cronista português Belchior de Santa Ana refere o beato Francisco (4º Duque da Gandia, 1510 - 1572), o P. Gaspar de Salazar (contemporâneo de Santa Teresa, com quem se relacionou vários anos; Reitor do Colégio de Ávila), o P. Baltasar Álvarez (foi confessor da Santa durante 6 anos), Ignácio Martins (1531 – 1598), Jorge Serrão (1530 – 1590) e o inquisidor Leão Henriques (1524 – 1589)<sup>15</sup>. Todos estes esforços conjuntos tiveram como resultado a fundação do convento masculino de São Filipe – primeiro carmelito reformado em Portugal – o que aconteceu formalmente em 14 de outubro de 1581, com «Missa cantada com excelente música» e um sermão a cargo do P. Fr. Gaspar de São Pedro<sup>16</sup>.

---

<sup>11</sup> Fr. Belchior de SANTA ANA recolhe a biografia deste carmelita no vol. I, tomo I das suas *Chronicas*, 1657: 69 – 87.

<sup>12</sup> O cronista apenas refere estes dois religiosos por não ter conhecimento exato do nome dos outros eleitos para a viagem. SANTA ANA, 1657: I, 81.

<sup>13</sup> *Ibidem*.

<sup>14</sup> Fr. Ambrosio foi confessor de D. Isabel de Castro até à morte desta.

<sup>15</sup> *Ibidem*.

<sup>16</sup> *Ibidem*. Atualmente, o Convento de São Filipe também é conhecido como Convento de Nossa Senhora dos Remédios, nome de um antigo convento, onde os carmelitas descalços se instalariam definitivamente em 1611. Também está situado na freguesia de Santos-o-Velho, próximo do convento de S.to Alberto.

A fundação do Convento das Carmelitas Descalças de S.to Alberto contou também com o amparo de uma boa parte da nobreza lisboeta. Na linha da frente estava, mais uma vez, o Conde de Sabugal, D. Duarte de Castel-Branco, secundado por Luís de Alencastre, comendador mor de Aviz e D. João Lobo, Barão de Alvito, todos eles benfeitores inquestionáveis da religião. Este grupo, em colaboração com os vereadores da Câmara, fez chegar a Fr. Ambrosio Mariano – já prior de São Filipe - uma petição no sentido de propiciar a vinda de religiosas carmelitas para Lisboa, para fundarem uma casa feminina. Ao mesmo tempo, para agilizar o processo, foi solicitada a intervenção do próprio Cardeal Alberto<sup>17</sup>, que não demorou muito a ordenar a Fr. Ambrosio que «fizesse com toda brevidade o que a Câmara lhe tinha pedido».

Fr. Ambrosio Mariano partiu para Sevilha em 16 de outubro de 1584, onde foi recebido pelo padre Provincial, Fr. Jerónimo Gracián de la Madre de Dios. Após algumas deliberações em relação à cidade onde deveria ser fundado o novo convento feminino – Évora ou Lisboa, foi escolhida esta última, por ser o centro do poder régio. Para consolidar a nova fundação foram escolhidas quatro discípulas diretas de Santa Teresa de Jesus: a portuguesa Branca de Jesus (Freile) e as espanholas Inês de S.to Eliseu (Morales), Maria de los Santos (Venegas) e Maria de São José (Salazar), que naquele momento desempenhava as funções de priora no convento sevilhano<sup>18</sup>. No dia 10 de dezembro de 1584, as religiosas partiram de Sevilha acompanhadas do P. Provincial, do prior do convento de Sevilha, Fr. António de Jesus, do próprio Fr. Ambrosio Mariano e de um grupo de seculares

«que sobião o numero da companhia a mais de vinte, em que era principal Pedro Cerezo Pardo<sup>19</sup> nobre idalgo, & excelente em virtudes, principalmente na maior de todas,

---

<sup>17</sup> O Cardeal Alberto, nascido em Neustadt (Wiener – Neustadt) em 13 de novembro de 1559, era o nono dos quinze filhos de D. Maria e Maximiliano II, bisneto de D. Manuel, “o venturoso” e sobrinho de Filipe II, em cuja corte foi educado. Pelo Breve de 11 de março de 1577, expedido pelo Papa Gregório XIII, Alberto foi nomeado Cardeal. Dois anos antes da fundação de S.to Alberto, em 31 de janeiro de 1583, recebeu de seu tio a posse do governo, contando apenas 17 anos de idade, cargo que manteve até 1593. Em 25 de janeiro de 1586 foi nomeado Inquisidor-Geral, exercendo o cargo durante 10 anos, até 11 de julho de 1596. Durante o seu mandato não editou nenhum catálogo de livros proibidos. Micaela de Áustria, sobrinha do Cardeal, filha do Imperador Mathias (sétimo dos seus irmãos) professou em S.to Alberto em 5 de fevereiro de 1606 com o nome de Micaela Margarida de Santa Ana. Esta religiosa viria a ser fundadora e primeira priora do segundo Carmelo feminino reformado em Portugal, o Convento das Carmelitas Descalças de Sta. Teresa e S. José, em Carnide (Lisboa), fundado em 1642, 57 anos depois de S.to Alberto.

<sup>18</sup> Foi em Sevilha que Maria de São José conheceu Jean de Brétigny, a quem manifestou em diversas cartas o seu desejo de dar continuidade ao projeto fundacional para além das fronteiras castelhanas. Ambos pensaram inicialmente em fundar no Congo, no entanto, dada a dificuldade que isso implicava, França revelou-se um destino mais acessível. Maria de São José chegou inclusive a estudar a língua francesa com a Madre Catarina do Espírito Santo. PASCUAL ELIAS, 2014: 37 – 38; notas 22, 23 e 24.

<sup>19</sup> Pedro Cerezo Pardo esteve diretamente envolvido no processo de resgate do P. Gracián após este ter sido capturado pelos turcos, em 1593, durante uma viagem entre Nápoles e a Sicília nas galeras da Inquisição, segundo se deprende da carta que o carmelita enviou à sua mãe, datada da Tunísia em 10 de setembro de 1594. GRACIÁN DE LA MADRE DE DIOS, 1942: 170.

que he a charidade, o qual por devoção das Religiosas, as quis acompanhar, & fazerlhe todo o gosto, & darlhe para a fundação três mil cruzados»<sup>20</sup>.

A comitiva chegou a Lisboa ao meio-dia da véspera de Natal. Pernoitaram no Convento de São Filipe e no dia seguinte, por mandado do Cardeal Alberto, as religiosas foram transferidas para o Convento da Anunciada, onde permaneceram enquanto Fr. Ambrosio procurava um local adequado e habitável para a fundação da nova casa. O lugar escolhido pelo carmelita situava-se na antiga freguesia de Santos-o-Velho, sobranceiro ao rio Tejo e à zona portuária da capital do reino, implantado junto da chamada Rocha do Conde de Óbidos<sup>21</sup>. «Eram esas casas não mui grandes mas tinham um quintal arrezoadado»<sup>22</sup>. As religiosas fundadoras entraram no novo convento no dia 19 de janeiro de 1585, dia de São Sebastião, altura em que foi colocado o Santíssimo Sacramento e celebrada a primeira missa proferida pelo próprio Jerónimo Gracián de la Madre de Dios. Pouco tempo depois e a pedido do Padre Provincial, chegaram mais quatro religiosas procedentes de Sevilha: Isabel de São Jerónimo (subpriora), Luísa de Jesus, Margarida da Conceição e Arcângela de São Miguel<sup>23</sup>.

A história de Santos-o-Velho remonta ao século IV d. C., altura em que teriam sido sepultadas no morro de Santos três crianças cristãs: Veríssimo, Mariana e Júlia, assassinadas por ordem do Imperador Diocleciano. Em 1147, após a conquista de Lisboa, D. Afonso Henriques fez erguer uma igreja em memória destes três irmãos mártires. Junto a ela, D. Sancho I fundou um convento em 1192, que foi doado posteriormente à Ordem de Santiago. As viúvas e as filhas dos cavaleiros da Ordem passaram a ocupar o edifício no século XIII, passando a ser conhecidas como Comendadeiras de Santiago. Quando estas se trasladaram para o convento situado em Santos-o-Novo, o edifício anterior passou a ser conhecido como Santos-o-Velho. A partir do século XVI diversas Ordens religiosas escolheram esta zona para a fundação dos seus cenóbios. Para além dos primeiros conventos da reforma teresiana em Portugal, foram erigidos neste lugar o Convento da Esperança (O.F.M.), o de S.ta Brígida (O.S.S.) e o de São João de Deus (O.F.M.), para citarmos

---

<sup>20</sup> SANTA ANA, 1675: I, 126, parágrafo 141. No mesmo parágrafo o cronista faz referência ao relógio de areia que as religiosas levavam, com o intuito de controlar o tempo dedicado diariamente à oração.

<sup>21</sup> Atualmente este local pertence à freguesia da Estrela, em resultado da nova divisão administrativa de Lisboa [Lei 56/2012 de 8 de novembro]. Para além de Santos-o-Velho, engloba também as antigas freguesias da Lapa e dos Prazeres. A capela do convento faz parte, junto com o Palácio de Alvor, do edifício do Museu Nacional de Arte Antiga, na Rua das Janelas Verdes. Neste Museu existe um quadro em exposição permanente, de autor anónimo, *Panorama da Cidade de Lisboa no Século XVIII*, que permite apreciar com precisão a localização exata de S.to Alberto na paisagem urbana da época.

<sup>22</sup> SANTA ANA, 1657: I, 132.

<sup>23</sup> A vida desta religiosa foi redigida anos depois por uma religiosa que habitava em S.to Alberto em 1630, cuja identidade se desconhece. Apenas se sabe que era natural de Villacastin. DAVID DO CORAÇÃO DE JESUS, 1962: 202 – 204.

só alguns exemplos<sup>24</sup>. Em 1501, D. Manuel I transformou em Paço Real a casa nobre do feitor da Maia, que fora construída sobre o convento de Santos-o-Velho e posteriormente, já no século XVII, a família Lencastre passaria a ser proprietária do edifício, que desde então é conhecido como Palácio dos Marqueses de Abrantes<sup>25</sup>. Nessa época surgem também na mesma zona o Palácio de Alvor e o Palácio dos Condes de Óbidos, este último, sede da Cruz Vermelha Portuguesa desde 1919. De modo geral, a zona foi pouco afetada pelo sismo que abalou Lisboa em 1755, o que contribuiu para um desenvolvimento significativo desta área nas décadas seguintes, como o certifica o aparecimento de diversos palacetes e casas senhoriais, entre os quais, o Palácio dos Condes de Murça, o Palacete Pombal e o Palácio dos Condes de Machadinho<sup>26</sup>.

Geograficamente, o convento de S.to Alberto ficava delimitado a norte pela Rua das Janelas Verdes; a nascente, pelo Palácio dos Condes de Alvor; a sul, pela Rocha do Conde de Óbidos e a poente pela cerca conventual – atual Jardim 9 de Abril, que corresponde ao «quintal arrezoad» referido por Belchior de Santa Ana (fig. 1).

O Arquivo Nacional da Torre do Tombo conserva um fundo documental, composto por 12 livros e 45 pastas, com informação relativa à vida administrativa do convento<sup>27</sup>. A documentação é escassa se consideramos o facto de ter permanecido em atividade durante três séculos. É escassa e dispersa sobretudo nas primeiras etapas da vida do cenóbio, nomeadamente, nos registos relativos ao século XVI<sup>28</sup>, que se encontram em mau estado, com a tinta esbatida ou parcialmente diluída devido à humidade, o que os torna ilegíveis. Uma apreciação geral e preliminar deste cartório permite identificar, sem grandes esforços, duas constantes que parecem ter marcado a vida deste convento carmelita praticamente desde o início da sua atividade: a exiguidade do espaço e as constantes dificuldades financeiras. A primeira situação é referida inúmeras vezes em documentos diversos descrevendo, por exemplo, o exíguo tamanho das celas, com apenas «largueza bastante para dar lugar a um limitado leito e a uma pequena mesa para escrever [...]»<sup>29</sup>. O convento não é grande mas é o que basta para recolher 33 religiosas»; ou reclamando uma ampliação dos terrenos

---

<sup>24</sup> A professora Maria Luísa Jacquinet, da Universidade de Lisboa, apresenta uma tabela muito ilustrativa dos conventos femininos de clausura em Lisboa, num artigo publicado em coautoria com José Manuel Garcia: “Os Conventos Femininos de Clausura em Lisboa” in *Sigila – Revue transdisciplinaire franco – portugaise*, nº 34, Paris, 2015, pp. 97 – 117.

<sup>25</sup> Este edifício é ocupado pela Embaixada francesa desde 1948.

<sup>26</sup> A este respeito veja-se: ALVES, Maria Paula / INFANTE, Sérgio, 1992. *Lisboa. Freguesia de Santos-o-Velho*, Editado pela Contexto Editora.

<sup>27</sup> Existem neste conjunto alguns documentos subsidiários bastante anteriores à fundação do convento carmelita, datados a partir de 1539, relativos aos terrenos e casas que ali se encontravam nessa altura. Arquivo Nacional da Torre do Tombo: PT/TT/CSALL/MF. Caixa 3. Pasta 35.

<sup>28</sup> Arquivo Nacional da Torre do Tombo: PT/TT/CSALL/MF. Caixa 2. Pasta 24; Caixa 3. Pasta 33.

<sup>29</sup> Note-se esta referência à escrita. Para além das cartas, as religiosas de S.to Alberto escreviam outro tipo de textos?

«por estarem com grande aperto e limitação e falta de oficinas»<sup>30</sup>. Durante o século XVII foram tomadas algumas medidas para melhorar esta situação, nomeadamente, a compra de algumas casas contíguas ao convento, que permitissem às religiosas usufruírem de um espaço maior.

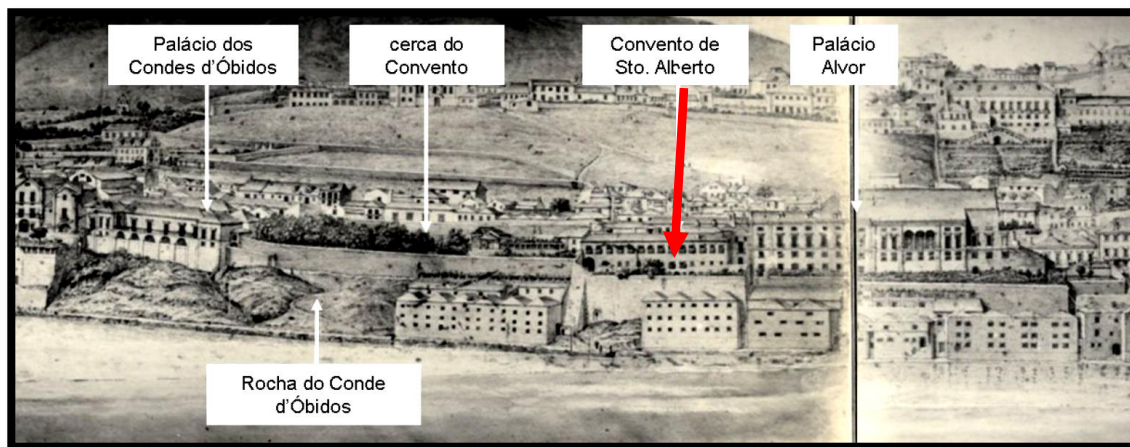


Fig. 1 - Desenho de uma vista de Lisboa (pormenor). Inserido in MARTINS, 2014: 32.

Após o grande terramoto de 1755, as religiosas carmelitas foram forçadas pelas circunstâncias a procurar refúgio fora do convento, na sequência dos consideráveis estragos provocados pelo sismo na estrutura do edifício. A igreja, porém, permaneceu ilesa. Numa primeira instância, encontraram refúgio na Quinta do Provedor dos Armazéns, em São Sebastião da Pedreira<sup>31</sup> e mais tarde no Palácio dos Condes da Ribeira Grande, na Junqueira. Quando regressaram a S.to Alberto, ficaram ainda instaladas durante algum tempo na cerca da zona do quintal, enquanto se procedia à conclusão das obras de reconstrução do edifício principal.

Os primeiros anos de existência do convento de S.to Alberto não foram nada pacíficos, devido, entre outras coisas, às tensões surgidas entre os descalços, motivadas pela mudança de Provinciais, o que por sua vez implicava também uma mudança radical de atitude em relação aos fundamentos da Reforma teresiana. Por um lado, o P. Gracián, antigo confessor, amigo íntimo e confidente de Santa Teresa, cuja ideia de reforma vinha impregnada dos mais puros ideais teresianos, absorvidos direta e pessoalmente da Madre Fundadora, por quem nutria uma profunda admiração. Por outro lado, Nicolau de Jesus Maria Doria, sucessor de Gracián no cargo de Provincial (1585), rigorista e firme opositor do conceito teresiano. Este genovês, antigo homem de

<sup>30</sup> Arquivo Nacional da Torre do Tombo: PT/TT/CSALL/MF. Caixa 1. Pasta 33; Caixa 3. Pasta 32.

<sup>31</sup> Atual Jardim da Fundação Calouste Gulbenkian.

negócios, ingressou na Ordem do Carmo tardiamente, o que não foi impedimento para experimentar uma ascensão invulgarmente rápida. Um dos pontos em que Doria insistia com mais veemência estava relacionado com a liberdade das preladas para escolherem o confessor mais apropriado para cada uma das religiosas, um aspeto muito valorizado por Santa Teresa e que o genovês reprovava ferozmente. A situação complicou-se ainda mais quando Maria de São José assumiu o cargo de priora de S.to Alberto, defendendo incondicionalmente, junto com Gracián, o mais puro estilo de vida teresiano.

Quando chegou a Lisboa, esta notável carmelita já tinha sofrido diversas admoestações e castigos devido à sua conduta no convento de Sevilha, onde também foi priora. Acompanhou Santa Teresa durante a fundação nesta cidade andaluza, onde eram consideradas estrangeiras e nunca foram bem recebidas, acabando por sofrer as consequências das falsas acusações levantadas contra a Madre Fundadora e contra ela própria junto dos inquisidores. Alguns dos depoimentos contra Maria de São José faziam alusão a uma suposta relação sentimental desta com o P. Gracián, fruto da qual teria nascido uma criança (!) que, na realidade, era a irmã mais nova do P. Gracián, também professa no convento de Sevilha. Com o desenrolar dos acontecimentos – que incluíam o afastamento de Gracián e a proibição para manter contato com ele -, a situação foi piorando progressivamente para a priora de Lisboa, até dar lugar ao seu desterro, em 1602, no modesto e isolado convento de Cuerva (Toledo), onde faleceu poucos meses depois em circunstâncias pouco esclarecidas.

Deste modo, a influência teresiana mais autêntica prolongou-se em S.to Alberto durante os primeiros 17 anos do seu funcionamento, graças à presença de Maria de São José. As décadas seguintes parecem ter sido relativamente pacíficas, não sendo esquecida a influência da Santa, o que se torna visível, entre outras coisas, na presença constante das suas obras na livraria conventual.

Durante o século XVIII o convento foi adquirindo uma excelente reputação, especialmente entre a nobreza e a aristocracia lisboeta. Deste modo, a história do cenóbio parece ter refletido também a exuberância e opulência características da centúria de Setecentos, confluindo nela a opulência da Corte – manifestada na condição nobre e aristocrática dos seus benfeitores e de algumas das suas ocupantes – e a exuberância da Arte Sacra, sobejamente representada pela riqueza ornamental da própria capela do convento. Sabemos, por exemplo, que em 17 de outubro de 1745 professaram em S.to Alberto Antónia Teresa de Jesus Maria e Ignácia Teresa de Santa

Ana<sup>32</sup>. Por sua vez, em 1730 tinha professado Maria Gracia do Sacramento, filha dos Viscondes de Asseca, numa cerimónia que contou com a presença da Rainha e da Princesa do Brasil. O sermão, proferido pelo jerónimo Fr. Salvador Correia, foi impresso um ano mais tarde na Oficina de Miguel Rodriguez, em Lisboa<sup>33</sup>.

Como é sabido, a lei de extinção das Ordens religiosas em Portugal caracterizou-se, entre outras particularidades, pela diferença rítmica entre o processo de extinção dos conventos masculinos – cuja dissolução teve carácter imediato –, e a dos conventos femininos, cuja extinção só se concretizava após o falecimento da última religiosa, sendo entre tanto proibida a admissão de novas postulantes. Porém, parece que S.to Alberto continuou a receber jovens que, não podendo professar, faziam vida regular na qualidade de “pupilas”. Segundo as informações apuradas por Martins Pereira, entre 1843 e 1856 moravam no convento nove religiosas postulantes, sete “pupilas” e oito empregados de ambos os sexos, que prestavam diversos serviços dentro e fora do edifício<sup>34</sup>.

Em 1859 foi realizado o primeiro inventário dos bens de S.to Alberto, aquando da tomada de posse do edifício e de todos os seus bens por parte do Ministério da Fazenda. O documento, elaborado pelo P. João dos Santos da Malta – pároco da freguesia de Santos-o-Velho – descreve o cenóbio com grande pormenor, do mesmo modo que a Igreja, as casas anexas e a cerca, no estado em que se encontravam na época<sup>35</sup>. A descrição permite-nos confirmar a existência de uma pequena livraria conventual, situada no Coro Alto<sup>36</sup>. Os livros que existiam em S.to Alberto naquele momento também foram objeto de inventariação e arrecadação, em 17 de maio de 1890. Segundo a relação de livros e manuscritos recolhidos na Inspeção Geral das Bibliotecas e Arquivos Públicos<sup>37</sup>, à data da extinção existia no convento um total de 1199 livros, 40 códices e alguns manuscritos. Este volume bibliográfico representa mais do dobro do espólio discriminado no Catálogo pombalino

---

<sup>32</sup> Segundo obra publicada em 1746, revista pelo Dr. Filipe de Oliveira. Lisboa, Nova Officina Silveriana. Biblioteca da Universidade de Coimbra, Miscelâneas: 176, Nº 3088.

<sup>33</sup> Biblioteca da Universidade de Coimbra, Miscelâneas: 177, Nº 3111. Veja-se o Anexo 5 deste trabalho, nº 42, 43 e 44.

<sup>34</sup> MARTINS PEREIRA, 2014: 31 (anexos). O autor desta excelente dissertação de Mestrado apresenta uma extensa tabela cronológica (p. 66 e seguintes) onde recolhe os momentos mais relevantes da história do convento, desde a sua fundação até à sua extinção, Continua depois com a cronologia da história posterior do edifício – hoje Museu Nacional de Arte Antiga – até aos nossos dias. Veja-se também Arquivo Nacional da Torre do Tombo: PT/TT/CSALL/MF. Caixa 1. Pasta 07.

<sup>35</sup> O P. João dos Santos descreve a zona de clausura, que contava com dois andares e era acessível através da portaria. A cozinha, o refeitório, diversas arrecadações, um pequeno claustro, um pequeno pátio com cisterna e mais dois pátios interiores ocupavam o primeiro andar. No piso superior havia dois dormitórios pequenos e um principal com doze celas. Ao todo existia um total de 21 celas. Este andar albergava também uma “casa de recreação”, com janelas viradas para o claustro. No Coro alto, situado por cima da casa da portaria, havia um pequeno órgão. O Coro baixo estava situado ao lado da Capela-mor. Para além da pequena livraria, o espaço conventual contava também com diversas capelinhas e altares.

<sup>36</sup> Diversos excertos deste inventário são transcritos in PEREIRA MARTINS, 2014: 32 – 35.

<sup>37</sup> 1887 – 1908, Biblioteca Nacional de Portugal: BN/AC/INC/DLEC/Cx09 – 01, inventário 41.

de 1769-70, cuja transcrição e análise aqui nos ocupam. A livraria tinha espaço suficiente para os albergar?

Após a extinção definitiva do cenóbio, o complexo conventual estava destinado a ser entregue, se bem que provisoriamente, ao Ministério do Reino, com o objetivo de contribuir para o alargamento do Museu Nacional de Belas Artes<sup>38</sup>. Poucos meses depois, em 20 de janeiro de 1890, a Madre Maria Madalena do Carmo – última religiosa professa que habitou em S.to Alberto – cedeu parte do convento a representantes da associação espiritual de Nossa Senhora de la Salette, que tinha o intuito de criar uma escola de beneficência para meninas pobres e carenciadas<sup>39</sup>. Por fim, quando a Madre Maria Madalena faleceu, em 8 de abril de 1890, S.to Alberto foi considerado definitivamente extinto, passando para as mãos do Estado, que tomou posse real e efetiva do edifício, da cerca e das casas anexas em 24 de abril do referido ano. Por ordem do governo, as onze pupilas que residiam então no cenóbio ficaram confinadas apenas a uma parte do edifício, sendo mais tarde recolhidas em diversas instituições de caridade<sup>40</sup>.

O breve esboço aqui traçado sobre a história do primeiro carmelo feminino reformado em Portugal permite-nos dividir o seu percurso em quatro etapas, que correspondem, *grosso modo*, com a divisão secular. Deste modo, o período compreendido entre a fundação e o desterro de Maria de São José (1585 – 1602) poderia ser considerado o período teresiano, durante o qual o espírito da Santa ainda estaria muito presente. Uma segunda etapa coincidiria com o século XVII na qual, apesar dos constantes problemas financeiros, parece ter havido uma espécie de consolidação ou afiançamento da vida conventual em termos de vivência religiosa. Continuará com uma etapa de aparente esplendor, durante o século XVIII, ensombrada pelo sismo de 1755, para chegar a uma etapa de declínio durante o século XIX, até à sua extinção definitiva. Tenha-se em conta, no entanto, que esta divisão deve ser considerada com reservas, dada a falta de um estudo exaustivo de toda a documentação existente sobre este convento. Pretendemos apenas esboçar um primeiro esquema de apoio orientativo (Tabela 1).

---

<sup>38</sup> MARTINS PEREIRA, 2014: 37 (anexos).

<sup>39</sup> Esta associação esteve sediada em S.to Alberto desde 1859 e teve como presidente a Condessa da Ponte e como vice- presidente Josefa Constantina Gonçalves.

<sup>40</sup> DAVID DO CORAÇÃO DE JESUS, 1962: 116.



<p><b>1585 – 1602</b></p>	<p>Fundação Período “teresiano”</p>
<p><b>Século XVII</b></p>	<p>Dificuldades financeiras Consolidação da vida religiosa</p>
<p><b>Século XVIII</b></p>	<p>Esplendor Ganha uma excelente reputação</p>
<p><b>Século XIX</b></p>	<p>Declínio progressivo, religioso e administrativo Extinção</p>

**Tabela 1** – Etapas da história de Sto. Alberto.



## II – O Catálogo da Livraria Conventual

### 1. Circunstâncias de elaboração

Segundo Pitágoras (572 a.C. – 497 a.C.)

«Pensar é aprofundar nos mistérios que nos tentam à sua decifração, que nos solicitam à sua explicação; é pôr o nosso espírito em contato com os grandes factos da História, para lhes deduzir as relações com os subsequentes, as Leis; é pôr as nossas próprias ideias em agitação, tentando subir à explicação do nosso ser, das nossas interdependências com o meio, com a humanidade; é pretender decifrar a essência divina, a constituição do universo moral e material. As raças passam, os homens agitam-se nas lutas guerreiras, ou nas pugnas por um bem maior; mas só as ideias ficam»<sup>41</sup>.

Que acontece quando essas ideias atentam contra os dogmas estabelecidos e contra o poder instaurado?

A censura não é um fenómeno que tenha surgido apenas na Época Moderna. Já se exercia no Império Romano. Mais tarde, durante os primeiros tempos do Cristianismo, a Igreja adotou-a como mecanismo de defesa contra todo e qualquer tipo de heresia. Segundo José T. da Silva Basto foi durante a Idade Média, nomeadamente, entre os séculos VII e X, que «se esboçaram as primeiras aspirações de um domínio universal sobre o corpo e sobre as almas»<sup>42</sup>. Foi a partir do século X que essas aspirações se acentuaram, começando a definir-se e consolidar-se progressivamente durante o século XVI. Desta forma, segundo o polémico<sup>43</sup> autor, desaparecia a «democracia da Igreja para dar lugar à aristocracia Papal»<sup>44</sup>.

Neste ponto, devemos fazer notar a excessiva radicalidade desta postura, assim como o perigo que implica (daí o seu carácter polémico), porque parece querer reduzir a Reforma Católica a uma simples campanha repressiva quando, em boa verdade, se trata de um processo muito mais

---

<sup>41</sup> Citado in SILVA BASTO, 1983: 120.

<sup>42</sup> Ibidem: 16.

<sup>43</sup> O carácter polémico de algumas afirmações de Silva Basto deve-se, em parte, à postura excessivamente radical que adopta relativamente às políticas de censura aplicadas pelo Tribunal da Inquisição. Num dos momentos mais exaltados (quase coléricos), o estudioso qualifica os oficiais censores de “policiaços”. Ibidem: 291.

<sup>44</sup> Ibidem: 291..

complexo e abrangente, que não pode nem deve ser analisado desde uma única perspectiva ou com base em considerações opinativas de caráter pessoal. Durante o século XVI Europa atravessou um dos períodos mais turbulentos da sua história, com frequentes confrontos ideológicos de caráter político e religioso dando lugar, neste último caso, às chamadas “guerras de religião”, em que cada grupo ou facção reivindicava a legitimidade das suas respetivas posições relativamente aos diversos modos e práticas da vida espiritual. A rapidez com que o livro impresso permitia divulgar as novas ideias veio desestabilizar perigosamente e pôr em causa a ordem instaurada. Por sua vez, o excessivo relaxamento do clero e da vida monástica resultaram numa paulatina perda de credibilidade perante a sociedade, os fiéis. Neste estado de coisas, tornou-se necessária uma intervenção maciça e contundente por parte da Igreja, de modo a impedir o avanço preocupante das ideias consideradas heréticas enquanto, paralelamente, entre outros aspetos, se procedia a uma homogeneização das práticas litúrgicas e do ensino da catequese; ao aprimoramento dos comportamentos dos fiéis, numa tentativa de recuperação do que eram considerados os “bons costumes”; e a uma reciclagem das vocações e dos compromissos adquiridos pelos membros das congregações religiosas, cujo expoente máximo foi a Reforma das Ordens religiosas, onde o Carmelo ocupou um dos lugares de destaque. Consequentemente, a censura foi apenas um dos mecanismos ativados dentro da Reforma da Igreja Católica, e não o único, embora, o rigor com que foi aplicado em alguns momentos possa indicar o contrário, em resultado de conclusões precipitadas e menos refletidas.

A Teologia era o centro de tudo, a ciência que proporcionava explicação e ensinamentos para tudo, fora da qual nada poderia existir ou, se existisse, seria algo absolutamente inaceitável. Desta forma, a Igreja exercia uma autoridade absoluta nas mentalidades através da imposição de princípios dogmáticos sustentados pela Ciência Divina. Neste sentido, o Concílio de Trento representa a consolidação dessa «aristocracia papal» apontada por Silva Basto, materializada nas inúmeras diretrizes que dele emanaram, destinadas a purificar as consciências, a moldar as mentalidades e a orientar os comportamentos sobre o «fundo terrível e temível da proscricção e da excomunhão»<sup>45</sup>. Este ponto de vista, no entanto, parece ser excessivamente radical e redutor, na medida em que a Reforma da Igreja não é apenas uma simples campanha repressiva. Os objetivos de fundo tinham como base a regeneração da instituição, dos seus membros e dos seus costumes. Nesse sentido, a censura literária e a repressão ideológica ocupavam apenas uma parte do programa. Por outro lado, não pode ser esquecida a importância de qualquer ação reformadora, como mecanismo profilático que implica sempre um avanço, uma evolução, e isto, por si só já

---

<sup>45</sup> Ibidem: 292.

representa um aspeto positivo que deve ser salientado, mais ainda, no contexto europeu de confrontação e “guerras de religião” vivido durante o século XVI.

Nos fins do século XVI, altura em que S.to Alberto foi fundado, Portugal vivia em pleno ambiente de Contra-Reforma Católica, tentando acatar as decisões do Concílio, que pretendiam dar lugar a uma Igreja Católica renovada, mais comprometida, capaz de dar respostas contundentes à Reforma protestante. Uma Igreja com a liturgia atualizada e uniformizada, com os sacramentos pormenorizadamente redefinidos e com o separador entre protestantes e católicos reforçado. Foram implementados novos dispositivos de disciplinamento social, como a obrigatoriedade de elaborar registos paroquiais de todos os baptismos, casamentos e óbitos ocorridos; ou a difusão de manuais de confissão unificados em toda a Europa ocidental, para citarmos só alguns exemplos. No fundo, tratava-se de modificar o comportamento das populações de acordo com um novo paradigma, o «paradigma tridentino», utilizando a expressão de Paolo Prodi<sup>46</sup>. Este novo enquadramento doutrinal deu lugar também a uma dinâmica de renovação das Ordens religiosas e ao revigoramento da vida conventual feminina.

Entretanto, o rei Prudente não vacilou para pôr em prática nos seus domínios as normas resultantes do conclave, incorporando-as nas leis dos seus reinos<sup>47</sup>. Perfilava-se assim uma mudança que não se cingia apenas ao foro administrativo, articulando-se conjuntamente com a definição de uma ideologia religiosa que justificasse a atuação política e a sua implantação na sociedade: a confessionalização<sup>48</sup>. Um conceito perfeitamente adequado para a realidade ibérica, que expressa claramente as diretrizes políticas seguidas por Filipe II, assim como o contributo das mesmas na configuração da imagem do reinado e do próprio carisma do monarca, com os quais passaria à história. Segundo Pizarro Llorente, estes mecanismos de adaptação dos decretos tridentinos à ideologia política da monarquia significava impregnar a Reforma de certas especificidades hispanas que, em mais do que uma ocasião, dificultaram as relações com o papado, por uma alegada intromissão do monarca nos assuntos eclesiásticos<sup>49</sup>. Os éditos contemplavam, entre outros aspetos, a reforma da disciplina e dos costumes do clero e da vida monástica, um aspeto, este último, que adquiriu especial relevância entre os religiosos espanhóis, nomeadamente, os Agostinhos descalços, de Tomás de Jesus, e as Carmelitas descalças de Santa Teresa de Ávila.

---

<sup>46</sup> Para uma informação mais pormenorizada sobre a receção e aplicação das normas tridentinas em Portugal veja-se: PAIVA, 2014: 13 – 40.

<sup>47</sup> Através de uma célula régia emitida em julho de 1564. Fazemos notar que a política de implantação das decisões tridentinas já vinha sendo seguida pelo Cardeal D. Henrique, mesmo antes de ter sucedido no trono ao seu sobrinho-neto D. Sebastião, na qualidade de Inquisidor-Mor, nomeado por D. João III em 1539.

<sup>48</sup> Cf., PIZARRO LLORENTE, 1994: 178.

<sup>49</sup> Ibidem.

A censura literária também fazia parte dos preceitos definidos no concílio, como arma para combater as doutrinas heréticas contidas nos livros. Os livros, ou melhor dizendo, o aparecimento do livro impresso, transformou-se numa perigosa ameaça que já era utilizada para subverter os princípios fundamentais sobre os quais assentavam a sociedade civil e a religiosa. Consequentemente, o leque de possibilidades divulgativas que a imprensa oferecia transformou-se no grande motivador para a criação dos novos mecanismos de censura. No caso particular de Portugal, estes mecanismos censores foram articulados em dois sentidos. Por um lado, de forma repressiva, através do controlo das alfândegas, dos portos marítimos e das livrarias públicas e privadas. Por outro lado, com carácter preventivo, através da censura prévia. Logisticamente, os órgãos responsáveis pela aplicação das medidas foram estruturados seguindo um esquema ternário, complexo e bastante moroso, constituído pelo Conselho Geral do Santo Ofício (censura papal), pelo Tribunal Ordinário da Diocese (censura episcopal) e pelo Desembargador do Paço (censura régia). A ação destes órgãos dera origem, entre outras coisas, à elaboração de sucessivos índices expurgatórios<sup>50</sup>. Os autores viam assim condicionada a publicação das suas obras por um interminável processo de aprovação que visava a obtenção das respetivas licenças: duas do Desembargo do Paço, duas do Tribunal Ordinário e duas do Santo Ofício.

O aparecimento em Portugal da proibição de livros heréticos data de 1451, mais concretamente, de 18 de agosto, altura em que D. Afonso V assinou o alvará onde se declara ter sido acordado em conselho mandar queimar os livros falsos ou heréticos. O documento era dirigido aos corregedores, juizes e justiças do Reino. Desde então, a evolução do processo de luta contra as falsas doutrinas enfrentou sempre diversos tipos de dificuldades, entre elas, a definição de alguns critérios essenciais para o sucesso da tarefa que se pretendia levar a cabo, nomeadamente, decidir quem declarava os livros como heréticos; quais as ideias concretas consideradas heréticas ou como saber se certas obras estavam proibidas nesta ou naquela diocese, para citarmos só alguns dos pontos mais relevantes. As dificuldades vieram a aumentar com o aparecimento do livro impresso, como já foi referido, e as facilidades de reprodução e distribuição que oferecia.

Posteriormente, na sequência destes desenvolvimentos, D. João III tomou todas as providências necessárias para implantar a Inquisição em Portugal, a qual acabaria por ser criada por bula papal de 23 de maio de 1536, dirigida aos bispos de Coimbra, Lamego e Ceuta. Em 22 de junho de 1539, o mesmo monarca nomeou o Cardeal-Infante D. Henrique Inquisidor-Geral, cargo

---

<sup>50</sup> O primeiro *Index* português surge em 1547. As suas fontes foram os catálogos e proibições da censura da Faculdade de Teologia de Paris; os Índices espanhóis de 1545 e 1547; as censuras da Universidade de Lovaina e da Inquisição flamenga. Em 1551 é publicado um novo Índice, o primeiro em língua vernácula, que incluía, entre outros, sete *Autos* de Gil Vicente e um aumento considerável da lista de autores protestantes.

em que permaneceu durante 40 anos, tempo suficiente para dotar o Tribunal censor com uma estrutura sólida, permitindo desenvolver esforços no sentido de tornar o seu funcionamento cada vez mais eficiente. Deste modo, a figura do Cardeal-Infante representava, na mesma pessoa, uma polarização das diversas dimensões que a censura assumia.

Durante este período foram editados seis *Rois de livros proibidos*. O primeiro em 1547, por carta do Infante Inquisidor de 28 de outubro. Um *rol* manuscrito que nunca chegou a ser impresso, e que por isso também nunca chegou a ser do conhecimento geral. Seguiram-se: *Rol dos livros defesos* (1519), *Index auctorum et librorum* (1559), *Rol dos livros defesos* (1561), *Index librorum* (1564) e, no mesmo ano, *Rol dos livros*<sup>51</sup>.

Dois séculos mais tarde, a criação da Real Mesa Censória, por Alvará de 5 de abril de 1768, representou uma mudança significativa na estrutura e na organização dos mecanismos de censura em Portugal, na tentativa de tornar o processo mais ágil e eficaz. Respondia ao desejo do Marquês de Pombal de retirar a Igreja em Portugal da dependência direta do Papa, submetendo-a ao poder régio e permitindo que fosse por este utilizada. Era uma das vias de consolidação do seu poder, junto com a reforma do ensino e a criação da Imprensa Régia. Três eram os objectivos principais do ministro de D.José: implantar a soberania de Direito Divino; impedir a entrada em Portugal de ideias que fossem contrárias ao chamado Despotismo Ilustrado; eliminar as influências dos seus inimigos, especialmente dos membros da Companhia de Jesus<sup>52</sup>.

A lei de 5 de abril foi elaborada seguindo o esquema pombalino, baseado nos exemplos «dos Estados soberanos mais puros e ortodoxos», especialmente nos Estados dos reis de Portugal desde o princípio da monarquia, que «nunca permitiriam que executassem as Bulas, Breves ou Rescriptos da Cúria Romana sem precederem às suas Cartas de Publicação ou Régio Beneplácito»<sup>53</sup>. A lei frisava o direito que o monarca tinha de censurar todas as obras – incluindo as religiosas já examinadas pelos ministros da Igreja – que atentassem contra

«o notório, inauferível e inabdicável Direito de Soberania Temporal, a que desde a fundação da Igreja foi sempre inerente a suprema jurisdição de proibir papeis e livros perniciosos e de estabelecer penas materiais e corporais contra os transgressores das proibições deles, ainda quando eram provenientes das qualificações dos Prelados e Ministros

---

<sup>51</sup> A este respeito veja-se: MOREIRA DE SÁ, 1983: 9 – 32; 35. Esta obra contém a reprodução fac-similada dos índices referidos.

<sup>52</sup> Cf., SILVA BASTO, 1983: 35 – 36.

<sup>53</sup> Citado in MARQUES, 1963: 23.

«Eclesiásticos nas matérias pertencentes à Religião e à Doutrina que são do foro da mesma Igreja, para os censurar quando os julgar dignos de justa correção»<sup>54</sup>.

Deste modo, o monarca, «usando de todo o Pleno e Supremo poder que na temporalidade o rei recebeu imediatamente de Deus», chegou à conclusão de que seria conveniente atribuir às proibições e permissões dos livros e papéis um caráter mais efetivo e seguro, que tornasse mais consistente a aplicação dos mecanismos censórios. A solução foi reunir o Tribunal do Santo Ofício, o Desembargo do Paço e o Tribunal Ordinário numa única unidade, composta por censores régios que estivessem continuamente vigilantes em relação a esta matéria. Com esta atitude, o Marquês de Pombal punha em prática uma das premissas do despotismo esclarecido, baseada na completa separação do poder temporal em relação ao poder espiritual, com uma marcada supremacia do primeiro em relação ao segundo. Assim sendo, a Igreja ficava subordinada à proteção e à orientação do Estado, e a censura em Portugal adquiria um caráter estatal, com a dupla funcionalidade de fiscalizar e censurar<sup>55</sup>.

Para pôr em prática as ações de fiscalização, a Real Mesa Censória gozava de plenos poderes para inspecionar todas as obras existentes em Portugal, quer nas bibliotecas públicas quer nas privadas. Do mesmo modo, controlava todos os títulos estrangeiros que entrassem no país, assistindo ao desembarque das encomendas e procedendo à apreensão das mesmas. Os livros permaneciam armazenados até serem examinados pelos deputados. O novo organismo censor também tinha jurisdição sobre todos os mercadores de livros, livreiros e impressores, que podiam ver confiscadas todas aquelas obras que fossem julgadas suspeitas. Desta forma evitaram a impressão, reimpressão, encadernação, venda e qualquer tipo de divulgação de todos aqueles «livros, obras ou papeis, manuscritos ou impressos, que não sejam examinados ou aprovados pela sobredita mesa»<sup>56</sup>. Na sequência da aplicação prática destas novas medidas, em 10 de julho de 1769 o tribunal censor promulgou um edital cujo conteúdo visava exercer, efectivamente, o controlo dos livros existentes em todas as livrarias do país «para que nelas não se retenham contra os Assentos do Exame Geral da Mesa, nem introdução de novos livros proibidos sem permissão da mesma Mesa, e para que as ditas comunidades e pessoas a que ela tiver concedido o resguardo que lhe for ordenado»<sup>57</sup>. O novo diploma régio solicitava a todos aqueles que estivessem na posse de livros (pessoas individuais ou coletivas; instituições públicas ou privadas) a elaboração do

---

<sup>54</sup> Ibidem: 22.

<sup>55</sup> Ibidem.

<sup>56</sup> Ibidem: 45.

<sup>57</sup> REGIMENTO DA REAL MESA CENSÓRIA, citado in MARQUES, 1963:46.



respetivo “rol” ou catálogo, discriminando nele o conteúdo bibliográfico dos respetivos espólios. O *Catálogo da Livraria das Carmelitas Descalças de S.to Alberto*<sup>58</sup> surge, precisamente, neste contexto, no cumprimento do referido edital. No entanto, este documento – cuja transcrição apresentamos no anexo 1 – poderá não ter chegado às mãos da Real Mesa Censória. Vejamos.

Em 1963 Maria Adelaide Salvador Marques efetuou uma análise bibliográfica a um conjunto de 2420 catálogos, correspondentes a outras tantas livrarias institucionais, coletivas e privadas, que nessa altura se encontravam reunidos no Arquivo Nacional da Torre do Tombo e que tinham sido remetidos ao tribunal censor entre 1769 e 1770<sup>59</sup>. O Catálogo de S.to Alberto não consta na lista das livrarias enumeradas pela investigadora. Por outro lado, uma das cotas que constam no cabeçalho do primeiro fólio (A-1-24)<sup>60</sup> corresponde à atual caixa 124 do referido arquivo nacional, que contém documentação sobre este convento lisboeta. Este facto indica que o documento terá estado em algum momento na Torre do Tombo, porém, não constitui prova suficiente para afirmar que a sua presença no referido arquivo não estivesse, efetivamente, relacionada com uma anterior posse do documento por parte da Real Mesa. Se assim fosse, Salvador Marques tê-lo-ia detetado no decorrer das suas investigações. Esta mudança de localização poderá estar relacionada com o cruzamento de documentos resultante de diversas transferências e incorporações que tiveram lugar entre o Arquivo Nacional da Torre do Tombo e a Biblioteca Nacional de Portugal. Fernanda Campos considera que este manuscrito é uma cópia do catálogo que foi elaborado para a Real Mesa. Se assim for, porque é que não faz parte da lista elaborada por Salvador Marques? Ou será uma cópia elaborada para uso interno da comunidade?

Facilmente se poderá concluir que a intervenção da Real Mesa Censória em matéria de controlo literário teve como consequência direta o aparecimento de um número significativo de catálogos. O mesmo fenómeno, se bem que em menor magnitude, aconteceu em 1759, na sequência da expulsão da Companhia de Jesus e, ainda, em 1834, aquando da extinção dos Ordens Religiosos em Portugal. Neste caso, o processo prolongou-se até aos primeiros anos do século XIX, devido à extinção progressiva de que foram objeto os conventos femininos, como já foi referido acima<sup>61</sup>. Os documentos elaborados, não deixando de ser listagens de conteúdo

---

<sup>58</sup> Conservado na Biblioteca Nacional de Portugal, na secção de Manuscritos: MSS, 2, nº 3.

Também disponível em: <http://clavisbibliothecarum.bn.pt/index.php/explorar/75-ordens-mendicantes/ordem-dos-carmelitas-descalcos/convento-de-santo-alberto-de-lisboa/52-catalogo-dos-livros-que-ha-no-convento-das-religiozas-carmelitas-descalcas-de-s-alberto-desta-cid-e-de-lisboa>

<sup>59</sup> A este respeito veja-se MARQUES, 1963: 3 – 5.

<sup>60</sup> Para além das referências numéricas a diversas cotas, o Catálogo contém os respetivos carimbos da Real Biblioteca Pública da Corte e da Biblioteca Nacional de Portugal.

<sup>61</sup> Os últimos conventos femininos a serem extintos foram o Convento das Chagas de Vila Viçosa (Évora) e o Convento das Chagas de Lamego (Viseu) em 2 de agosto e 6 de setembro, respetivamente, de 1906. BARATA, 2011: 151.

bibliográfico, correspondem em rigor à tipologia de inventário, dado que o seu objetivo principal era o de calcular o valor monetário dos respetivos espólios. Por este motivo, será de extrema importância distinguir com a maior precisão possível as duas tipologias de documentos: catálogo e inventário, que embora apresentem estruturas bastante semelhantes têm motivações e pretensões bem diferentes<sup>62</sup>. Neste sentido, Luana Giurgevich e Henrique Leitão avançaram com uma proposta de classificação tripartida em que o grupo 1 engloba os catálogos pombalinos (elaborados até 1759) e os catálogos pré-extinção (elaborados até 1834); o grupo 2 considera todos os catálogos pombalinos elaborados entre 1759 e 1770; por sua vez, no grupo 3 situam-se os catálogos/inventários pós-extinção, elaborados depois de 1834 (Tabela 2). Neste paradigma classificativo, o Catálogo de S.to Alberto passa a ser considerado um catálogo pombalino, fazendo parte do grupo 2.

<b>GRUPO 1</b>	Catálogos pré-pombalinos Catálogos pré-extinção	Documentos elaborados até 1759 Documentos elaborados até 1834
<b>GRUPO 2</b>	Catálogos pombalinos	Documentos elaborados entre 1759 e 1770
<b>GRUPO 3</b>	Catálogos pós-extinção Inventários pós-extinção	Documentos elaborados depois de 1834

**Tabela 2** – Classificação de catálogos e inventários proposta por Luana Giurgevich e Henrique Leitão

<sup>62</sup> Toda a problemática relacionada com a atribuída elaboração dos inventários surgidos após a extinção das Ordens Religiosas em Portugal foi analisada em pomenor e com excelentes resultados por BARATA, Paulo na obra *Os Livros e o Liberalismo*, publicada em 2011 pela Biblioteca Nacional de Portugal e distinguida, merecidamente, com o prémio Raúl Proença.

## 2. Paradigmas de organização.

A biblioteconomia, como ciência propriamente dita, encontra as suas origens no momento do aparecimento do livro impresso, fruto de uma necessidade crescente de encontrar um sistema organizativo eficaz, capaz de catalogar e classificar o volume cada vez maior de obras impressas, que os prelos multiplicavam com uma rapidez e uma facilidade nunca antes experimentadas. Porém, a preocupação com os sistemas classificativos não constituía uma novidade. Muitos séculos atrás, Clímaco estabelecera um sistema de organização para a biblioteca de Alexandria, onde o volume do espólio era agrupado em dois grandes índices: autores e títulos. Por sua vez, o índice de títulos foi objeto de uma divisão por classes, contemplando seis grandes grupos: Filosofia, Geometria e Medicina, Jurisprudência, História, Oratória, Poética (épica, trágica, cômica e ditirâmbica) e escritos sobre temas diversos<sup>63</sup>.

Na Idade Média todas as ciências estavam subordinadas à Teologia, considerada como Ciência Divina, seguindo o paradigma preconizado por S.to Agostinho no século IV, o que propiciou uma reordenação das áreas de conhecimento assente em fundamentos teológicos. Esses fundamentos, teorizados pelo santo de Hipona na obra *De Doctrina Christiana*, contemplavam uma distribuição tripartida do saber humano: lógica, física e ética. Um dos seguidores mais notáveis deste princípio, São Boaventura, apurou ainda mais a classificação, transformando a Ciência e a Filosofia em auxiliares da Teologia. Na perspetiva do franciscano, a distribuição do conhecimento deveria obedecer a um esquema quaternário, onde cada género de saber estaria diretamente relacionado com o respetivo estado: externo (sensível), interno (filosófico), superior (divino) e inferior (natural).

Posteriormente, durante a baixa Idade Média e o Renascimento, o aparecimento das instituições universitárias tornou necessária a elaboração de planos de estudos coerentes, capazes de direcionar eficazmente a formação académica dos estudantes. Esses planos compreendiam um primeiro ciclo de estudos denominado *Trivium*, onde eram ministradas três disciplinas: Gramática, Lógica e Retórica, dando passo a um segundo ciclo, o *Quadrivium*, onde eram contempladas quatro disciplinas de teor científico e base matemática: Aritmética, Geometria, Música e Astronomia. O conjunto dos dois ciclos de estudos constituía as Sete Artes, também denominadas Artes Liberais.

---

<sup>63</sup> Para um conhecimento mais aprofundado sobre o tema veja-se SERRAI [1977] *Le Clasificazioni, idee e materiali per una teoria e per una historia*. Firenze, Edizioni Leon Olschki.

O que até aqui foi sucintamente esboçado constituiu o preâmbulo de um longo processo cujo apogeu viria a consolidar-se durante a Época Moderna, com o aparecimento do livro impresso. Um acontecimento extraordinário, que oferecia todo um leque de novas possibilidades e que tornou necessária uma nova reflexão em torno dos sistemas classificativos até aí vigentes. Segundo Ingetraut Dahkberg, o hábito de elaboração de sistemas classificativos para as ciências do saber, como um fim em si mesmo, só surgiu a partir de 1491:

«Provavelmente só depois desta data, quando o humanista Angelo Poliziano publicou o seu *Panepistemon* – destinado a mostrar esquematicamente as relações entre as ciências ou áreas de conhecimento – é que realmente foi iniciado o movimento de elaboração de sistemas de classificação.»<sup>64</sup>

Na primeira metade do século XVI, o médico naturalista Konrad Gesner publicou *Bibliotheca Universalis* (1545) e *Pandectae* (1548 – 1549), dois trabalhos de reflexão sobre o problema da classificação bibliográfica, onde Gesner avança com uma proposta de ordenação baseada na conciliação da tradição escolástica com as inovações renascentistas, o que resultou numa divisão das espécies em 21 matérias, englobadas em 8 grupos temáticos<sup>65</sup>.

Outro contributo notável foi dado por Francis Bacon, que concebeu pela primeira vez a separação das ciências a partir da filosofia, uma área de conhecimento considerada, até então, indivisível<sup>66</sup>. Contemporâneo de Bacon foi Gabriel Naudé, bibliotecário dos cardeais Francesco de Basni, Richelieu, Antonio Mazzarino e Barberini. Na sua obra de referência *Advis pour Dresser une Bibliothèque* (1627)<sup>67</sup>, Naudé estabelece a diferença entre os saberes humanistas e os saberes modernos, incluindo a História numa divisão que contempla sete grandes áreas de conhecimento: Teologia, Medicina, Jurisprudência, História, Filosofia, Matemática e Humanidades. Contemporâneo de Naudé foi D. Vicente Nogueira (1585 – 1654), funcionário da Cúria papal e bibliófilo consumado, que soube permanecer em sintonia com os saberes da época, em diálogo constante com as autoridades reconhecidas. Com propósitos muito semelhantes aos *Advis*, Nogueira escreveu um pequeno tratado<sup>68</sup> sobre a organização, as regras de funcionamento e a arte de compor uma

---

<sup>64</sup> Citado in FERREIRA, 2011: 39.

<sup>65</sup> SERRAI, 1997: 61.

<sup>66</sup> Bacon plasmou a sua teoria na obra *The New Atlantis*, publicada em 1626.

<sup>67</sup> Esta obra foi dedicada a Henri II de Mesmes, dono de uma das bibliotecas mais prestigiadas da Europa, na época.

<sup>68</sup> O tratado surge no seguimento de um pedido feito por D. Vasco Luís da Gama, 1º Marquês de Niza: [...] e muito estimarei que V.M. me queira mandar (se é que o tem) o tratado que me diz fez em Madrid sobre o como se há de formar ãa livraria. Assi por ser de V.M. como por mo ogabar muito Fr. Francisco». Carta datada de Paris em 27 de setembro de 1647. SERAFIM, 2011: 121. João Carlos Gonçalves Serafim é o responsável pela edição e notas de grande parte da correspondência mantida entre D. Vicente Nogueira e o Marquês de Niza, numa publicação conjunta do CITCEM e das Edições Afrontamento, que contou com a revisão científica de José Adriano de Freitas Carvalho.

biblioteca, em clara sintonia com os princípios e as metodologias desenvolvidas por Naudé, a quem conhecia e com quem partilhava amizades comuns. Em primeiro lugar recomendava:

«vá em vários montes separando cada língua de por si, em modo que numa parede inteira, assentados uns sobre os outros, estejam todos os latinos em fôlio, de 4º, de 8º, de 16º, assi estampados como manuscritos. [...] Noutra mea parede meta os castelhanos e na segunda meta os portugueses, noutra italianos e franceses, e na parede em que ele está também outros diferentes, como gregos, hebreus, arábicos, etc.»<sup>69</sup>.

Relativamente à distribuição por áreas de conhecimento, Nogueira propõe uma divisão em sete categorias, muito semelhante à proposta por Naudé: Teologia, Jurisprudência, Medicina, Filosofia, Matemática, História e

«ultimamente humanidades e antiguidades gregas, romanas, necessárias para a inteligência dos autores antigos, milícias romanas, gramáticas, vocabulários, etc. E entrem com os poetas, que é uma profissão muito excelente quando chega ao grau de Virgílio, Homero, mas em descenso dali, é como os melões, em que não sendo exquisitos, não valem nada»<sup>70</sup>.

Para além da disposição por formatos: fôlio, 4º, 8º e 16º, D. Vicente recomenda ainda «que os nomes não de-ser na língua em que estão [...]. E advirta-se que no nome do autor há-de começar o título do livro»<sup>71</sup>.

Mais tarde, durante a primeira metade do século XVIII, o livreiro francês Gabriel Martin viria a atualizar esta classificação estabelecendo o esquema dos 5 saberes: Teologia, Jurisprudência, Ciências e Artes, Belas Letras e História Eclesiástica e Profana. Por sua vez, já no século XX, François Furet, no seu estudo para a reconstrução das livrarias francesas do século XVIII<sup>72</sup>, avançou com uma proposta muito próxima da de Martin, onde a Teologia também aparece em primeiro lugar, englobando diversos subgrupos, nomeadamente, as obras religiosas e os Textos Sagrados, Litúrgicos e apologéticos. Em segundo lugar Furet situa a Jurisprudência, seguida pelo grupo que abrange a História, a Geografia e as Viagens. Em quarto lugar aparecem as Ciências e as Artes, incluindo a Filosofia e os saberes diversos. Por último, encontramos as Belas Letras, onde

---

<sup>69</sup> Carta de D. Vicente Nogueira ao Marquês de Niza, datada de Roma em 21 de outubro de 1647. SERAFIM, 2011: 132. No final da mesma missiva, Nogueira responde desta maneira ao pedido do Marquês: «O papel que fiz em Madrid era cousa bem ordenada, e como um relógio. Mas nem o tenho à mão, nem o tempo me deixou fazer se não este esboço, e ainda às pandeiretas». Ibidem: 134.

<sup>70</sup> Ibidem : 132 – 133.

<sup>71</sup> Ibidem : 133 – 134.

<sup>72</sup> FURET, François, *Livre et Société dans la France do XVIIIe siècle*, 1965 – 1970. Paris, Mouton.

se concentram a Filologia, o Romance, a Poesia, a imprensa e as miscelâneas<sup>73</sup>. Vejamos agora qual foi o paradigma de organização proposto pela Real Mesa Censória no edital de 1769:

«[...] será reduzido a sete classes, a saber, Teologia, Jurisprudência, Filosofia, Matemática, Medicina, História, Belas Letras. Em cada classe se assentará por ordem alfabética, primeiramente os livros de Fólio, seguindo-se logo os de 4º, a estes os de 8º, etc., declarando-se em todos, e cada um deles os nomes próprios dos autores, principiando pelos primeiros apelidos e cognomes, ou por aqueles que os fizeram mais conhecidos, depois do que se especificarão os títulos de cada um, o número de edição e os tomos e o lugar e o tempo de impressão, e no fim de todos dentro de cada uma das respectivas classes, com suficiente separação, se escreverão pela mesma ordem alfabética, os livros anónimos principiando pelos títulos sendo tudo feito com certeza e boa letra [...]»<sup>74</sup>.

Embora a ordem das classes não seja coincidente com a proposta por Naudé, corresponde ao paradigma das sete classes estabelecido pelo bibliotecário de Barberini, muito semelhante ao proposto por D. Vicente Nogueira . Vejamos:

<b>Ordem proposta por Gabriel Naudé</b>	<b>Ordem proposta por D. Vicente Nogueira</b>	<b>Ordem proposta pela Real Mesa Censória</b>
<b>Teologia</b>	<b>Teologia</b>	<b>Teologia</b>
Medicina	Jurisprudência	Jurisprudência
Jurisprudência	Medicina	Filosofia
História	Filosofia	Matemática
Filosofia	Matemática	Medicina
Matemática	História	História
<b>Humanidades</b>	<b>Humanidades</b>	<b>Belas Letras</b>

Nas três sequências, a Teologia aparece em primeiro lugar. As Belas Letras, substituindo as Humanidades propostas por Naudé e Nogueira aparecem, como aquelas, no último lugar das respetivas classificações. A adoção deste paradigma de organização por parte do tribunal censor permite constatar os conhecimentos que este tinha relativamente aos novos padrões classificativos que surgiram nessa época na Europa. Neste sentido, o Catálogo de Sto Alberto cumpre com rigor as determinações do edital régio. As obras de Teologia aparecem discriminadas em primeiro lugar,

<sup>73</sup> Cf. CAMPOS, Fernanda Maria Guedes de [2015] *Para se Achar Facilmente o que se Busca. Bibliotecas, Catálogos e Leitores no Ambiente Religioso (século XVIII)*, Lisboa, Editora Caleidoscópio.

<sup>74</sup> TRIGOSO, Mendo. Coleção de legislação, vol. XIX, Lisboa, 1769 – 71, Doc. 21, pp. 58 – 59. Note-se que o texto omite qualquer indicação relativa à identidade dos impressores.

no início de cada uma das letras da ordem alfabética, seguidas da única obra de Jurisprudência e dos títulos pertencentes às classes de História e Belas Letras. Os grandes ausentes, no caso específico que aqui nos ocupa, são os livros científicos, não se registando qualquer classificação relativa a obras de Filosofia, Medicina ou Matemática.

Se em matéria de classificação o Catálogo respeita as indicações impostas pelo edital, já não acontece o mesmo em relação a outros aspetos da elaboração do documento. Como teremos oportunidade de demonstrar ao longo das páginas seguintes, o desconhecido autor ou autora – porque nada indica que não tenha sido uma das religiosas de S.to Alberto a redigir o documento – do manuscrito que aqui se transcreve integralmente, cometeu alguns pequenos erros e lapsos, de diferente teor e por diversos motivos, para os quais tentaremos perfilar, sempre que possível, justificações plausíveis.



**Fig. 2** – Pormenor da marca d'água existente na frente do fólio 12.

### III – Análise estatística do conteúdo.

#### 1. Critérios de contagem

Concluída a transcrição do Catálogo, procedeu-se ao apuramento contabilístico do espólio, considerando sete perspetivas diferentes: número de títulos e de espécies bibliográficas; formato dos livros; ano de impressão; local de impressão; línguas representadas; temas e núcleos temáticos; autores e autoras representados no espólio. Com exceção do cômputo relativo ao formato dos livros, todas as outras parcelas apresentaram algumas irregularidades devidas, sobretudo, à omissão de informação ou à interpretação, por parte do autor ou autora do Catálogo, de determinados pontos das instruções do edital.

Uma dessas interpretações está relacionada com o nome dos autores que, segundo as indicações da Real Mesa Censória, deveria declarar «em todos e cada um deles os nomes próprios dos autores, principiando pelos primeiros apelidos, cognomes e por aqueles que os fizeram mais conhecidos depois do que se especificarão os títulos de cada um, o número de edição e os tomos e o lugar e o tempo de impressão [...]»<sup>75</sup> No entanto, um número significativo de entradas (65) não respeita completamente a sequência proposta pelo edital, dando início com o título da obra, quando esta não é anónima. A grande maioria das vezes, os nomes dos autores aparecem escritos principiando pelo primeiro nome e não pelo apelido, se bem que em muitos destes casos a justificação esteja relacionada com o facto de se tratar de um autor mais conhecido pelo primeiro nome e não pelo apelido. Encontramos alguns casos em que um mesmo autor aparece referenciado em duas letras diferentes. É o caso de Maria de Jesus de Ágrede, mencionada na letra A (Ágrede) [12] e na letra M (Maria) [252]. Curiosamente, ambas as entradas dão conta da mesma obra, embora em edições diferentes. Casos como o exemplo apresentado dificultaram a contagem do número real de títulos, mostrando que nem sempre uma entrada corresponde a um título, e vice-versa.

Na hora da contagem do espólio foi necessário prestar atenção a outro aspeto, nomeadamente, no que diz respeito às novenas e às obras de carácter hagiográfico. As primeiras aparecem agrupadas em bloco na letra N, principiando sempre pelo título “*Novena*”, seguido do nome do autor ou autora, quando não anónima. No caso das obras hagiográficas, aparecem todas discriminadas na letra V, dando início ao título com a palavra “*Vida*”, seguido do respetivo nome do

---

<sup>75</sup> TRIGOSO, Mendo. *Coleção de legislação*, vol. XIX. Lisboa, 1769 – 71, Doc. 21, pp. 58 – 59.



autor ou autora. O agrupamento em bloco das hagiografias acabou por criar um subgrupo visível dentro das áreas principais (neste caso, a História), o que veio facilitar o trabalho de contagem e posterior localização para a análise temática. Porém, devemos chamar a atenção para o facto de nem todas as obras dedicadas a relatar vidas de santos ostentarem títulos que começam pelo referido vocábulo. A modo de exemplo, veja-se a entrada 479: *Vida da Madre Mariana da Purificação*, por Caetano do Vencimento. O verdadeiro título da obra é *Fragmentos da Prodigiosa Vida da Muito Favorecida e Amada Esposa de Jesus Cristo, a Venerável Madre Mariana da Purificação*<sup>76</sup>.

Existem ainda entradas em que o número de tomos é omissos. Curiosamente o autor/a do Catálogo indica sempre o número de tomos, mesmo quando se trata apenas de um, o que nos deixa na dúvida nos casos omissos, porque não sabemos se se trata realmente de um só exemplar (como de facto seria de esperar) ou de vários. Nestes casos, para efeitos de contagem, consideramos apenas um exemplar. Outros pequenos lapsos ou gralhas cometidos durante a elaboração do documento são oportunamente referidos e explanados nos respetivos capítulos. Por último, consideramos útil incluir gráficos com os resultados parciais e totais, de modo a oferecer uma panorâmica mais clara e simplificada, em termos estatísticos, da magnitude deste acervo conventual.

---

<sup>76</sup> Esta carmelita descalça, conhecida como a freira santa de Beja, foi recentemente objeto de estudo por parte de Leonardo Rangel, da Universidade Federal da Bahia, num trabalho intitulado *Esposas de Cristo: Santidade e Fingimento no Portugal Seiscentista*, tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto em 2018.

## 2. A dimensão da livraria: títulos e espécies bibliográficas

À data da elaboração do Catálogo as Carmelitas Descalças de S.to Alberto possuíam 558 espécies bibliográficas, representativas de 482 títulos. Estaremos perante uma livraria abastada? De dimensões médias? Ou tratar-se-á de uma livraria modesta? Em que categoria se enquadra o espólio de S.to Alberto? Maxime Chevalier avançou com uma proposta de classificação para as bibliotecas privadas da Europa dos séculos XVI e XVII, contemplando três divisões: 1) bibliotecas ricas, com mais de 500 espécies; 2) bibliotecas médias, até cem espécies; 3) bibliotecas pobres, com apenas algumas dezenas de livros<sup>77</sup>. Dentro destes parâmetros, a livraria de S.to Alberto seria considerada uma livraria rica, por conter mais de 500 exemplares, porém, não se trata de uma livraria particular. O espólio tem carácter coletivo, religioso, feminino e carmelita, quatro características que devemos ter bem presentes, sem esquecer o facto de estarmos na segunda metade do século XVIII, período em que a situação relativa às livrarias (particulares e coletivas) era muito diferente dos séculos precedentes.

Relativamente à dimensão mais específica das livrarias conventuais, e com base nos estudos realizados ao longo de seis anos sobre um considerável número de catálogos e inventários bibliográficos, Luana Giurgevich e Henrique Leitão avançaram recentemente com uma proposta de classificação agrupada em quatro categorias: 1) livrarias de muito grande porte, com mais de 20 mil volumes; 2) livrarias de grande porte, entre 5 mil e 20 mil volumes; 3) livrarias de grandeza média, entre 2 mil e 5 mil volumes; 4) livrarias pequenas, com menos de 2 mil volumes<sup>78</sup>. A estas últimas acrescentaremos ainda as livrarias de dimensões “pequeníssimas”, apontadas por José Adriano de Freitas Carvalho, com menos de 500 espécies bibliográficas. Assim sendo, o espólio que as religiosas de S.to Alberto possuíam em 1769 estaria classificado na quarta categoria, “pequena”, com menos de 2 mil volumes, mais próxima das “pequeníssimas”, ultrapassando modestamente os 500 exemplares. Será pertinente avaliar a dimensão das livrarias conventuais femininas com base nestes parâmetros? Não seria legítimo estabelecer critérios diferenciados considerando as especificidades das comunidades de religiosas em relação aos seus congéneres masculinos?

Como é sabido, algumas comunidades religiosas – como a Companhia de Jesus, por exemplo, tinham uma marcada vocação pedagógica, o que obrigava a manter as respetivas bibliotecas sempre atualizadas, de modo a fornecer aos noviços bases para a aquisição de uma

---

<sup>77</sup> CHEVALIER, 1976: 30.

<sup>78</sup> GIURGEVICH/ LEITÃO, 2013: 170 – 183.

adequada instrução académica e religiosa. Por este motivo, torna-se inevitável encontrar nos conventos masculinos obras de conteúdo teológico e histórico, ao lado de outras de teor científico, nomeadamente, matemática, botânica, medicina, astronomia, etc.<sup>79</sup>. A pregação é outro fator diferenciador, por ser uma prática que estava vedada às mulheres, algo que Santa Teresa lamentava profundamente. Neste sentido, resulta óbvio que os religiosos e os membros do clero mantivessem as suas respetivas bibliotecas sempre atualizadas ou, ao menos, com um conjunto de obras suficientemente abrangente que lhes permitisse encontrar inspiração e fundamentos adequados na hora de prepararem os seus sermões. Como exemplo ilustrativo citaremos o Catálogo da livraria particular do P. José Lucatelli<sup>80</sup>, presbítero de S.to Alberto na altura em que foi promulgado o edital da Real Mesa Censória. Apesar de não atingir as 300 espécies, verificamos tratar-se de uma biblioteca atualizada, onde a maior parte dos livros era de publicação recente, com uma altíssima percentagem de livros em francês, mas também em italiano e português. Não deixa de ser significativo que uma pessoa só tivesse uma biblioteca com algo mais de metade dos volumes que existiam na livraria da comunidade de S.to Alberto.

A realidade feminina, por sua vez, era bem diferente, mais ainda quando falamos do Carmelo reformado, uma Ordem mendicante. A mulher não tinha acesso a qualquer tipo de formação académica regular e, como já foi referido, também não lhe era permitida a prática da pregação. Muito menos depois do Concílio de Trento, que prescreveu a clausura total para as religiosas. Assim sendo, não tinham uma necessidade tão perentória de incorporar novos títulos aos respetivos acervos, até porque, no caso feminino, as leituras de cada religiosa eram objeto de rigoroso controlo por parte das mestras de noviças e da própria priora. Limitavam-se, na grande maioria dos casos, a uma coleção básica de livros de Teologia e História, com algumas incursões na leitura profana das Belas Letras e com uma ausência praticamente total do livro científico, tão habitual nas livrarias masculinas. Este será o caso da livraria de S.to Alberto. Uma orientação que também parece ter sido seguida pelos religiosos de São Filipe, se bem que de forma indireta, a julgar pelas marcas de posse encontradas em alguns dos exemplares que pertenceram a ambos os conventos (ver anexo 4), conservados na Biblioteca Nacional de Portugal. A modo de exemplo, citaremos uma pequena obra de Fr. Luís da Apresentação (O.C.D.), *Excelências da Misericórdia e Frutos da Esmola*, cujas marcas de posse indicam o convento de São Filipe como primeiro possuidor, antes de ter passado a

---

<sup>79</sup> A este respeito veja-se GIURGUEVICH, Luana /LEITÃO, Henrique, 2013, "O livro científico nas bibliotecas monástico conventuais: tentativa de uma caracterização à escala nacional" in *Actas do II Encontro Nacional para os Bens Culturais da Igreja*. Moscavide, Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja. GIURGUEVICH, Luana, 2012, "Bibliotecas Antigas. Um elemento para a história da ciência" in *Revista Ágora, Estudos Clássicos em Debate*, nº 14, janeiro.

<sup>80</sup> Arquivo Nacional da Torre do Tombo: PT – TT – RMC – Caixa 124, doc. 1367.

fazer parte da livreria de S.to Alberto<sup>81</sup>. Também existem indícios que podem apontar para um cuidado particular, por parte das próprias religiosas – especialmente aquelas que habitaram no convento durante os primeiros anos de funcionamento, quando o espírito teresiano estava ainda muito vivo, em dotar a livreria daqueles «buenos libros» que a Fundadora recomendava às suas filhas espirituais, muitos dos quais fizeram parte do universo de leituras da Santa. Baste citar como exemplo o *Tercer Abecedario*, de Francisco de Osuna, ou as *Obras Completas* de Fr. Luís de León.

Também verificamos uma presença feminina significativa no grupo das hagiografias, onde, para além da vida de Santa Teresa, se encontram as vidas de outras tantas mulheres, santas, mártires e/ou místicas, antecessoras de aquela, para quem a escrita também ocupou um lugar importante no desenvolvimento e na exteriorização das suas respetivas experiências espirituais. Falamos de mulheres como a Madre Mariana da Purificação, S.ta Rita de Cássia, S.ta Catarina de Sena, as carmelitas descalças Ana de San Agustín e Ana de Jesus ou Santa Gertrudes Magna, para citarmos só alguns dos exemplos mais significativos. Nesta ordem de coisas, caberia estabelecer uma classificação binária para as livrerias conventuais, atendendo à funcionalidade dos respetivos acervos. Por um lado, as livrerias masculinas, vocacionadas para a pregação e/ou para o ensino sistemático; por outro lado, as livrerias conventuais femininas, mais vocacionadas para a vida contemplativa e, no caso particular do Carmelo reformado, vocacionadas para o autoconhecimento e o crescimento espiritual, seguindo assim a premissa socrática por excelência, tantas vezes preconizada por Santa Teresa de Jesus nos seus escritos.

À luz destas considerações fará todo o sentido estabelecer critérios de classificação específicos para mensurar as livrerias conventuais masculinas e as femininas, separadamente, o que resultaria numa categorização mais coerente e numa análise mais rigorosa e permitiria, por sua vez, estabelecer diversos pontos de interseção entre ambas, extraindo algumas conclusões válidas e mais bem fundamentadas em torno do(s) universo(s) de leitura conventual. Tudo isto, evidentemente, só será possível quando estiver concluído o estudo exaustivo de todas as livrerias monásticas portuguesas partindo da transcrição e posterior análise dos catálogos conservados até hoje<sup>82</sup>. Por outro lado, não podemos deixar de considerar que, no fundo, o verdadeiro valor de um conjunto bibliográfico não reside no número de volumes acumulados, mas sim na qualidade e utilidade das obras que contém. Nesse sentido, embora proferidas no contexto das bibliotecas

---

<sup>81</sup> Biblioteca Nacional de Portugal, Cota: R. 24131-p. Cópia pública disponível em: <http://purl.pt/14244/3/#/1>

<sup>82</sup> Este trabalho já está a ser realizado com as livrerias carmelitanas e franciscanas. Neste último caso, fruto de um projeto iniciado nos anos 90 do século XX pela equipa de investigadores liderados pelo professor José Adriano de Freitas Carvalho, co-fundador do Grupo Sociabilidades e Práticas Religiosas, atualmente integrado no Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória (CITCEM), na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

particulares, não resistimos a reproduzir as palavras de Fr. Diogo de São Miguel (E.S.A.) quando afirma: «coisa é certo para rir, ver um religioso ter a cela cheia de livros [...] não façás mais douto e cheio de letras o teu armário, que teu peito, ou entendimento»<sup>83</sup>.



Fig. 3 – *Excelencias da Misericórdia e Frutos da Esmola*, de Fr. Luís da Apresentação. Trata-se do exemplar que pertenceu à Sto. Alberto.

<sup>83</sup> Citado in GIURGUEVICH / LEITÃO, 2016: badana.

### 3. O formato dos livros.

Atendendo ao formato das espécies bibliográficas que existiam na livraria de S.to Alberto, o Catálogo revela apenas três categorias: fólho, 4º e 8º. O número de livros de grande formato ocupa uma percentagem mínima no total do espólio, com apenas 34 espécies representativas de 29 títulos. Os livros em 4º perfazem quase metade do conjunto total desta livraria, com 254 espécies, representando 217 títulos. Por sua vez, os livros em 8º somam um total de 270 espécies relativas a 236 títulos. Como podemos verificar na tabela inferior, são os livros de pequeno formato e facilmente transportáveis que representam quase 97% do espólio total da livraria. Assim sendo, cabe perguntar: o convento de S.to Alberto teve em algum momento da sua história um espaço próprio para o armazenamento e/ou a arrumação dos livros? Será que existiu em S.to Alberto uma *Livraria Commūa* onde as religiosas tivessem à disposição os livros necessários para praticarem a leitura coletiva nos espaços comuns e/ou privada no recolhimento das celas?

TAMANHO	ESPÉCIES	TÍTULOS
In-fólho	34	29
In-4º	254	217
In-8º	270	236

**Tabela 3:** formato dos livros

Paulo Barata constata a exiguidade das bibliotecas conventuais femininas, quando comparadas com as dos conventos masculinos. Considera-as não como verdadeiras bibliotecas conventuais mas sim como «pequenas bibliotecas de apoio às diversas funções e tarefas conventuais»<sup>84</sup>. É provável; no entanto, no caso específico de S.to Alberto não nos parece muito convincente esta apreciação. Outra teoria é a sustentada por Jacobo Sanz Hermida, relativamente às religiosas do convento das Madres Agustinas Recoletas de Salamanca. Para o investigador e

---

<sup>84</sup> BARATA, 2011: 141.

professor da Universidade de Salamanca, os conventos femininos careceriam, à partida, de um local específico para albergar os livros da comunidade, sendo antes considerados como bens privados, mantidos na posse das suas respetivas proprietárias até ao momento do falecimento, altura em que aqueles passavam efectivamente a ser propriedade do coletivo. Neste sentido, existiriam tantas bibliotecas «como hermanas haya en una comunidade de monjas», isto é, cada religiosa possuía a sua própria biblioteca que custodiava na sua cela<sup>85</sup>. Assim sendo, e de modo geral, as livrarias das Ordens religiosas femininas teriam um carácter mais descentralizado quando comparadas com as suas congéneres masculinas. Seriam formadas por um conjunto de micro-bibliotecas de carácter privado, constituídas por livros de pequeno formato, facilmente transportáveis e arrumáveis no exíguo espaço das celas. Esta teoria parece perfeitamente plausível; no entanto, não corresponderá à realidade específica de S.toAlberto.

Santa Teresa de Jesus sempre manifestou um desejo fervente de retomar a austeridade dos antigos eremitas do Monte Carmelo, inspirando-se neste estilo de vida e na antiga Regra carmelitana para redigir as suas *Constituciones*<sup>86</sup>. Um dos pontos essenciais para a organização dos carmelos descalços era a proibição de possuírem todo e qualquer tipo de objetos materiais. O despojamento total preconizado pela Madre Fundadora pretendia evitar qualquer tipo de apego, de modo a concentrar todas as energias única e exclusivamente em Deus. As religiosas chegavam inclusivamente a mudar de cela periodicamente para evitar esse referido apego. Nestas circunstâncias parece pouco provável que as religiosas de S.to Alberto se mantivessem na posse de micro-bibliotecas privadas, porque quebrariam as regras da observância. Assim sendo, faz todo o sentido pensar na existência de uma livraria comum no convento, provavelmente ao cuidado da vigária e sob a estreita supervisão da madre priora. Por outro lado, isto não impede que tenham existido casos isolados de posse particular de livros. É o que terá acontecido, provavelmente, com a Madre Micaela Margarida de Santa Ana – filha do Imperador Mathias de Áustria e sobrinha do cardeal vice-Rei Alberto, que chegou ao convento lisboeta durante as primeiras décadas do século XVII, acompanhada das suas damas de corte. Considerando a sua origem e o seu nível social e cultural torna-se bastante provável admitir que esta religiosa tivesse uma pequena biblioteca

---

<sup>85</sup> SANZ HERMIDA, 1997: 141 – 142.

<sup>86</sup> Os 12 pontos da Regra primitiva dos eremitas do Monte Carmelo – redigidos com a ajuda do Patriarca Alberto de Jerusalém – obtiveram a confirmação do Papa Honório III, em 1229. Sofreram diversas alterações ao longo do tempo, até 1432, altura em que Eugénio IV confirmou uma nova Regra, a chamada Regra Mitigada, que Santa Teresa adotou para os seus conventos, inspirando-se nela para elaborar as *Constituciones*. A este respeito veja-se o artigo de Ludovico SAGGI, 1958, “La Mitigazione del 1432 della Regola Carmelitana: tempo e persone” in *Revista Carmelus*, nº 5, pp. 3 – 29.

particular, com livros na sua língua materna, o alemão, mas também, tal vez, em francês, inglês, latim, italiano ou, até, em castelhano e português<sup>87</sup>.

Outro aspeto que torna improvável a teoria das micro – bibliotecas, no caso específico de S.to Alberto, prende-se com o controlo rigoroso das leituras, diretamente supervisionadas pela priora, em estreita colaboração com a mestra de noviças. A escolha das leituras era cuidadosamente ponderada atendendo a dois critérios fundamentais: os progressos espirituais da religiosa e as suas capacidades intelectuais, de modo a garantir que os textos recomendados fossem corretamente assimilados. Por último, resta referir a exiguidade quase constante deste espaço conventual, incluindo as celas, cujo único ornamento, segundo Belchior de Santa Ana, era «hũa cruz, pintada em papel sem iluminação de cores várias, huma caveira, pia de agua Benta, bassoura, almofada, & roca, & hum banquinho com dous, ou três livros espirituais, & hũa candeia de azeite.<sup>88</sup>»

A maioria das espécies em fôlio corresponde a obras de conteúdo histórico, incluindo diversas edições das *Crónicas* da própria Ordem. Também fazem parte do grupo uma obra de teor jurídico e sete de Teologia, onde se incluem diversas *Cartas Pastorais* com instruções precisas recomendando a sua leitura diária em comunidade. Onde guardariam as religiosas de S.to Alberto estes livros volumosos? Em cofres, arcas ou armários? Na zona do refeitório? No Coro? Na sacristia? O refeitório parece ser um dos locais mais adequados, especialmente no caso das *Cartas Pastorais* ou das *Crónicas* da Ordem, facilitando a sua leitura à comunidade durante os momentos de repa. O Coro é outro dos locais possíveis para a arrumação destes livros. Neste caso, a manutenção das espécies bibliográficas estaria a cargo da vigária do Coro ou da clavária, permitindo que as religiosas usufruissem dos livros, assim como os respetivos confesores e capelães durante as suas visitas ao convento<sup>89</sup>.

Até ao momento não foi encontrada qualquer referência relativa a S.to Alberto, que nos permita confirmar a existência de vigárias ou clavárias desempenhando funções de bibliotecárias. Apenas sabemos da existência de clavárias no Convento das Carmelitas Descalças de São José,

---

<sup>87</sup> A Madre Micaela permaneceu em S.to Alberto até 1642, altura em que fundou o convento de Santa Teresa e São José, em Carnide (Lisboa). Note-se que este convento, segundo carmelito feminino da reforma teresiana em Portugal, foi fundado 57 anos depois de S.to Alberto!

<sup>88</sup> SANTA ANA, 1657: I, 157, parágrafo 168.

<sup>89</sup> Assim consta, por exemplo, no capítulo XXIV das Regras do Convento do Desagravo do Santíssimo Sacramento, de Vila Pouca da Beira (Clarissas de Coimbra, séc. XVII): «Do que pertence à Vigária do Coro [...] Tera cuidado na livraria do Convento; e quando alguma Religiosa tenha licença da Madre Abadesa para tirar algum livro dela, para ler, o fará primeiro saber à Vigária do Coro, para que o assente num rol. Mandamos que se não empreste livro algum para fora do Convento, exceto aos Padres, Confesores e Capelão, sem a maior parte dos votos das Discretas, do que se fará lembrança. Também terá a Vigária do Coro cuidado de que se faça um Index, o Catálogo de todos os livros da livraria. Os livros das religiosas que morrerem, se apliquem à livraria, e a Vigária do Coro terá cuidado de os assentar no Index dos outros livros». GIURGEVICH / LEITÃO, 2016: LXII.



em Évora, segundo consta num documento de contribuição ao Governo, mas nada refere em relação à função destas religiosas<sup>90</sup>. Uma outra responsabilidade que a Regra das Clarissas faz recair na vigária é a elaboração do Catálogo de todos os livros existentes na biblioteca conventual. Partindo do pressuposto de que em S.to Alberto se delegasse o cuidado da livraria à vigária do Coro ou à clavária, cabe perguntar: terão estas religiosas elaborado um “rol”? O que por sua vez nos leva a pensar: o Catálogo de S.to Alberto foi elaborado de raiz, no seguimento do edital? Ou é uma refundição acrescentada de uma listagem já existente?

Como é que as religiosas de S.to Alberto geriam a livraria conventual? Considerando o estilo de vida tão particular que Santa Teresa imprimiu aos seus conventos e a relação que ela própria manteve com os livros ao longo da sua vida, será pertinente rever com algum pormenor as disposições que a Fundadora plasmou a este respeito nas suas *Constituciones*. O primeiro núcleo deste texto foi redigido em Ávila antes de 1567. Segundo o P. Jerónimo Gracián de la Madre de Dios, estes textos foram «sacados al principio de las Constituciones antiguas de la Orden, y dadas por el Reverendísimo Padre nuestro, Fray Juan Bautista Rubeo de Rávena, prior general.<sup>91</sup>» O cuidado e o interesse pela leitura verifica-se logo desde o primeiro capítulo, dedicado à ordem que devem manter as coisas espirituais. «[...] y a quien la madre priora mandare, lea un poco en romance del misterio que se ha de pensar otro día.» (Cap. I, ponto 2)<sup>92</sup>. No capítulo II, dedicado aos dias em que se há de comungar, também encontramos recomendações para a leitura: «En acabando vísperas, el tiempo que se dicen a las dos, se tenga una hora de lección; y la hora de lección en cuaresma [...]» (II, 3). Continua a Santa dando conselhos em relação à melhor altura para praticar a leitura: «Una hora antes que digan maitines se taña a oración. En esta hora de oración se podrá tener lección [...]» (II, 6). O ponto seguinte é sobejamente conhecido e de extrema importância para o universo teresiano porque apresenta a leitura como alimento essencial para a alma: «Tenga en cuenta la priora con que haya buenos libros, [...]; porque es en parte tan necesario este mantenimiento para el alma, como el comer para el cuerpo» (II, 7). O despojamento de todo objeto material, também incluía os livros, como já foi referido: «En ninguna manera posean las hermanas cosa en particular [...] sea libro o celda [...]» (III, 3).

O capítulo XI, dedicado às obrigações que cada religiosa deve desempenhar no respetivo cargo, nada indica em relação à vigária do Coro – eventualmente responsável pelo cuidado dos

---

<sup>90</sup> Biblioteca Pública Municipal de Évora, Ordens Monásticas, livro 15, doc. 9. O documento, que corresponde aos primeiros anos do século XIX, começa assim: «Nós, priora e clavarias Carmelitas Descalças do Convento de S. José da cidade de Évora...».

<sup>91</sup> Este excerto faz parte da edição *Princeps* das *Constituciones*, impressa em Salamanca em 1581.

<sup>92</sup> Indicamos entre parênteses o capítulo em numeração romana, seguido do número do ponto, tendo como referência a edição do P. Silvério de Santa Teresa.

livros – ou a outro cargo relacionado com a manutenção de uma livraria conventual. Apenas se refere às clavárias: «estas sepan escribir y contar a lo menos las dos» (XI, 2); e às mestras de noviças, no que a matéria de livros e leituras se refere. Esta última deverá «ler las Constituciones a las novicias», e a priora deverá incumbi-la da tarefa de ensiná-las a ler: «Mande la priora la ayuden a enseñarlas a leer» (XI, 16). No capítulo seguinte acrescenta: «la hermana que tiene el oficio de lectora, lea estas Constituciones y la Regla» (XII, 2). Neste ponto, parece lógico pensar que a leitora tivesse também a função de cuidar dos livros. Ao menos daqueles de grande formato que eram lidos à comunidade.

No capítulo XIII, dedicado às culpas leves, Santa Teresa considera como tal o esquecimento, por parte da religiosa, se «le faltare el libro en que há de rezar», assim como qualquer negligência que resultasse na mutilação, dano ou perda dos livros (XIII, 4 e 11). Por último, no capítulo XVIII, dedicado a «otras ordenaciones», recomenda vivamente a leitura regular das *Constituciones*: «Tengan en cada convento una de estas Constituciones en el arca de tres llaves, y otra para que se lean una vez en la semana a todas las hermanas juntas [...]». Era este o único texto que se guardava na referida arca? «Procuren leerlas algunas veces; y para esto haya más en el convento, porque cada una, cuando quisiere, las pueda llevar a su celda» (XVIII, 1). Onde se guardavam estas cópias e quem as custodiava? A Madre Fundadora nada nos deixou escrito a este respeito.

O convento de S.to Alberto evoluiu consideravelmente desde a sua fundação, tornando-se num dos conventos femininos mais afamados de Lisboa, quer pelas virtudes quer pela posição social de uma parte das suas ocupantes. O edifício também experimentou transformações significativas e o espólio bibliográfico foi aumentando paulatinamente, chegando a atingir as 1199 espécies à data da sua extinção definitiva<sup>93</sup>. Torna-se evidente que em algum momento desta evolução *in crescendo* se tornou necessário a existência de um espaço específico para o armazenamento de todos estes exemplares.

Em alguns casos, a localização funcional das bibliotecas conventuais ficava registada em diversos planos e plantas topográficas relativas à construção dos edifícios, o que nos levou à verificação dos diversos traçados existentes relativos a S.to Alberto. A planta setecentista conservada no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, assim como os diversos planos conservados no Museu Nacional de Arte Antiga<sup>94</sup> nada em concreto nos revelarem em relação à existência de

---

<sup>93</sup> Relação de livros e manuscritos recolhidos na Inspeção–Geral das Bibliotecas e Arquivos Públicos, 1887 – 1908. BN/AC/INC/DLEC/Cxo9 – 01, S.to Alberto, Lisboa, Inventário 41. O convento foi extinto em 24 de abril de 1890 e o inventário bibliográfico, elaborado em 17 de maio do mesmo ano, dá conta da existência de 1199 espécies e ainda de 40 manuscritos.

<sup>94</sup> Cf., MARTINS PEREIRA, 2014: 32 -35.

um espaço próprio e bem delimitado para a arrumação e conservação dos livros. Os desenhos centram-se na divisão dos diversos espaços e anexos do edifício, assim como da área dos terrenos circundantes, sem revelarem pormenores mais concretos em relação às divisões internas do cenóbio. Também não tivemos melhor fortuna com o inventário que recolhe a relação de objetos entrados no Museu Nacional de Arte Antiga<sup>95</sup>. A pequena lista, elaborada em “packs”, apenas dá conta da existência de 19 peças de mobiliário, sem especificar as características das mesmas. Houve em S.to Alberto alguma arca ou cofre ou armário? Algum tipo de estantes ou prateleiras entre essas 19 peças de mobiliário? Não nos parece. Assim sendo, a confirmação mais fiável encontra-se no inventário de 1859, onde o P. João dos Santos da Malta refere claramente a existência de uma «pequena livraria»<sup>96</sup>. Resta saber como e por quem era gerida.

#### **4. A idade dos livros: a data de impressão.**

Relativamente à data de impressão dos títulos contidos na livraria de S.to Alberto, verificamos um âmbito temporal compreendido entre 1509, ano do título mais antigo, e 1766, ano do título mais recente. No primeiro caso trata-se do *Guia de Pecadores* [190], de Fr. Luís de Granada (O.P.), impresso em Amberes, em 4º. Porém, esta data é incorreta. Granada, nascido em 1504, dificilmente poderia ter publicado a referida obra em 1509. A sua primeira edição foi impressa em Lisboa, em 1556, na Oficina de Blávio de Colónia, no mesmo ano em que o autor foi nomeado Provincial dos Dominicanos, com vinculação à Província de Portugal<sup>97</sup>. Trata-se, portanto, de um lapso, certamente involuntário, cometido pelo autor ou autora do Catálogo. Tenha-se em conta que para a elaboração deste tipo de documentos, o escriba contava com a ajuda de uma outra pessoa, que ia ditando as informações relativas a cada obra. É possível, neste caso, justificar o lapso com base na incompreensão auditiva, por parte do escriba, da data ditada pelo seu colaborador (ou colaboradora), sobretudo se permaneciam afastados a certa distância. A edição de Amberes não saiu do prelo em 1509 e sim em 1590, o que significa que o escriba terá trocado involuntariamente a ordem dos dois últimos algarismos do ano, por ter percebido “nove” e não “noventa”. Uma outra hipótese será considerar que tenha percebido o ano corretamente, mas tenha simplesmente

---

<sup>95</sup> O documento, elaborado em 14 de setembro de 1911, encontra-se no Arquivo Nacional da Torre do Tombo: PT/MNAA/AJF/APF/MNAA/M/002/00044.

<sup>96</sup> Op. Cit.

<sup>97</sup> Em 1559 *Guia de Pecadores* passou a fazer parte do *Catalogus Librorum qui proibentur*, mais conhecido como o Index Valdés.

invertido a ordem dos algarismos em resultado de uma momentânea dislexia, derivada da fadiga provocada por demasiadas horas de trabalho minucioso e continuado. Consequentemente, não podemos aceitar 1509 como a data do livro mais antigo existente em S.to Alberto e sim 1516, ano da impressão das *Obras Completas do Mestre João de Ávila* [9], um exemplar em 4º impresso em Madrid.

Em relação ao título mais recente, estamos perante uma obra impressa em Lisboa poucos anos antes da promulgação do edital. Trata-se de uma obra em 8º, da autoria de Domingos dos Reis Quita: *Obras Poéticas* [348], um dos raros exemplos de obras de carácter profano discriminadas no Catálogo. A edição constava de dois volumes que continham 35 Sonetos, 11 Églogas, 10 Idílios e 5 Odes<sup>98</sup>.

No cômputo realizado por centúrias, contabilizamos um total de 28 obras impressas no século XVI; 202 no século XVII e 232 no século XVIII, para além de 20 títulos sem data de impressão. Uma evolução irregular, com valores quase equitativos para as centúrias de Seiscentos e Setecentos. Tenha-se em conta, porém, que a data de impressão de uma determinada obra não significa necessariamente que esta tenha chegado à livraria do convento no mesmo ano da edição. Dos 28 títulos impressos ao longo do século XVI (Tabela 4), apenas 5 correspondem à primeira metade da centúria e 23 à segunda. Destes, 3 saíram dos prelos nas décadas de 1550 – 1560; 6 na de 1570; 11 na de 1580 e apenas 3 na última década da centúria.

Âmbito temporal	1501 - 1549	1550 - 1560	1561 - 1570	1571 - 1580	1581 - 1590	1591 - 1600
Número de títulos	5	3	0	6	11	3

**Tabela 4:** Distribuição por décadas: século XVI.

<sup>98</sup> Domingos dos Reis Quita, cabeleireiro de profissão, faleceu em Lisboa em 1770, vítima da tuberculose. Foi um membro bastante ativo no círculo da Arcádia Lusitana, onde era conhecido pelo pseudónimo Alcino Micénio.

No século XVII (Tabela 5), os valores são mais significativos, com 100 títulos impressos na primeira metade da centúria e 114 na segunda. Estes valores aumentam ligeiramente no século XVIII (Tabela 6), em que contabilizamos 169 obras impressas na primeira metade da centúria e apenas 63 na segunda metade. Neste caso, o âmbito temporal é mais estreito, compreendido entre 1751 e 1766 – ano da obra mais moderna referida no Catálogo -, abrangendo um período de apenas 15 anos e não 50, porque a elaboração do Catálogo em 1769 – 70 não permitiu esgotar a centúria.

<b>Âmbito temporal</b>	<b>1601 - 1610</b>	1611 - 1620	1621 - 1630	1631 - 1640	1641 - <b>1650</b>
<b>Número de títulos</b>	10	16	<b>36</b>	19	19
<b>Âmbito temporal</b>	<b>1651 - 1660</b>	1661 - 1670	1671 - 1680	1681 - 1690	1691 - <b>1700</b>
<b>Número de títulos</b>	21	<b>31</b>	<b>27</b>	19	16

**Tabela 5:** Distribuição por décadas: século XVII.

Como se poderá observar na tabela 6, a grande maioria do espólio bibliográfico de S.to Alberto viu a luz durante o século XVIII, mais particularmente entre 1721 e 1760. Trata-se, por tanto, de uma livraria setecentista. Comparando o cômputo registado no século XVI com os números relativos aos séculos seguintes, constatamos, efectivamente, um aumento significativo do espólio, algo desproporcionado no início e mais regular depois. Este crescimento terá sido resultado de uma intenção voluntária e planificada ou, pelo contrário, foi fruto do acaso e/ou de circunstâncias diversas?

Âmbito temporal	1701 – 1710	1711 – 1720	1721 - 1730	1731 - 1740	1741 - 1750	1751 - 1760	1761 - 1766
Número de títulos	12	21	45	44	47	41	22

**Tabela 6:** Distribuição por décadas: século XVIII.

Podemos apontar várias causas possíveis. Por um lado, tendo em conta os estudos realizados por Fernanda Campos, baseados nas marcas de posse<sup>99</sup>, parece bastante provável que os religiosos de São Filipe tenham contribuído para o enriquecimento do espólio bibliográfico das sua congéneres femininas, motivados por uma intenção orientadora das leituras, mas também, talvez, por uma necessidade de libertar-se de volumes repetidos. Outra via possível para o incremento desta biblioteca conventual poderá estar relacionada com o nível social das religiosas, incluindo livros nos respetivos dotes e/ou legados testamentários. Recordemos que, sobretudo durante o século XVIII, professaram em S.to Alberto religiosas provenientes da nobreza lisboeta, atraídas pelas virtudes praticadas neste convento carmelita, um dos mais afamados durante a centúria de Setecentos. A compra, por sua vez, não parece ter contribuído para o incremento deste espólio conventual, considerando os constantes problemas financeiros que as religiosas de S.to Alberto foram obrigadas a suportar. Outra possibilidade contemplaria os livros oferecidos pelos benfeitores e, eventualmente, pelos próprios impressores, interessados em desfazer-se do excesso de “stock”.

---

<sup>99</sup> CAMPOS, Fernanda Maria Guedes de, 2013, *Bibliotecas de História: aspetos de posse e uso de livros em instituições religiosas de Lisboa nos finais do século XVIII*. Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

## 5. A geografia dos livros: o local de impressão.

Geograficamente, atendendo aos locais de impressão das obras discriminadas no Catálogo de S.to Alberto, encontramos representadas um total de 38 cidades diferentes, distribuídas da seguinte maneira: 18 espanholas, 4 portuguesas e 9 do resto da Europa. Encontramos ainda uma obra anónima, impressa no México<sup>100</sup> em 1675, em 8º, com o curioso título *Maravillas auténticas que Dios obra con los pañuelos*<sup>101</sup> de Santa Teresa. Por último, contabilizamos também 13 obras sem indicação do local de impressão (Tabela 7).

Países	América	Portugal	Espanha	Resto da Europa	Sine Loco
Número de cidades	1	4	18	9	-
Número de títulos	1	310	152	19	13

Tabela 7: Geografia: locais de impressão.

Nas 9 cidades europeias – Antuérpia (6)<sup>102</sup>, Bruxelas (4), Paris (2), Roma (2), Lyon, Genebra, Nápoles, Veles e Colónia – foram impressas 19 obras. Somadas ao título impresso no México e às

<sup>100</sup> A imprensa surge no México em 1539 quando Cromberger envia para aquelas terras um prelo e um impressor chamado Juan Pablo, que começou por imprimir alguns tratados de caráter jurídico, livros de piedade e cartilhas de instrução cristã para os índios. Mais tarde, com a chegada do fundidor sevilhano António de Espinosa, começaram a ser utilizados os caracteres redondos e itálicos em substituição dos antigos góticos. Em 1559, incentivado pela evolução do negócio, Espinosa cria uma segunda tipografia o que acabaria por motivar outros tipógrafos a estabelecerem-se também naquela cidade, facto que aconteceu durante as últimas décadas do século XVII e início do XVIII. Fruto deste notável desenvolvimento resultaram 116 obras impressas na centúria de Quinhentos e 1228 no século XVII, segundo o cômputo realizado por Lucien Febvre e Henri – Jean Martin. Uma produção superior à de muitas cidades europeias importantes, como afirmam os próprios autores, tanto mais notável se pensarmos na necessidade de encomendar na Europa o papel indispensável para as impressões. FEVBRE, Lucien/ MARTIN, Henri – Jean, 2000: 274 – 275.

<sup>101</sup> Atualmente, no México existe um doce tradicional chamado «pañuelo», que terá sido criado em honra de Santa Teresa. Corresponde ao «pañuelo» que se consome na Espanha e ao «guardanapo» consumido em Portugal. Todos eles são elaborados com farinha, açúcar e ovos e têm a sua característica forma triangular, imitando um lenço ou guardanapo dobrado na diagonal.

<sup>102</sup> O número entre parênteses indica o número de obras impressas na respetiva cidade. A sua omissão refere apenas a existência de um título em cada uma das cidades indicadas.

13 obras sem menção ao local de impressão, obtemos um total de 33 títulos, o que representa apenas 7% do total do espólio. Todas as restantes saíram dos prelos ibéricos. 18 cidades espanholas deram origem a 152 obras, distribuídas da seguinte maneira: Madrid (83), Barcelona (13), Sevilla (11), Zaragoza (8), Valladolid (7), Alcalá de Henares (6), Valencia (5), Salamanca (4), Toledo (3), Burgos, Granada e Pamplona (2), respetivamente; Cuenca, Huesca, Mallorca, Málaga, Medina del Campo e Plasencia, cada uma com um exemplar. Em Portugal o resultado é inversamente proporcional, já que a um número muito menor de cidades (4) corresponde uma maior produção tipográfica: 310 obras (60%), distribuídas entre Lisboa (284), Coimbra (18), Évora (6) e Porto (2), como se pode apreciar na tabela 8.

Outras Cidades Europeias	Cidades Ibéricas	
	Cidades Espanholas	Cidades portuguesas
<b>Amberes, 6</b> Bruxelas, 4 Paris, 2 Roma, 2 Lyon, Genebra, Napoles, Veles, Colonia, 1	<b>Madrid, 83</b> Barcelona, 13 Sevilla, 11 Zaragoza, 8 Valladolid, 7 Alcalá de Henares, 6 Valencia, 5 Salamanca, 4 Toledo, 3 Burgos, Granada e Pamplona, 2, respetivamente Cuenca, Huesca, Mallorca, Málaga, Medina del Campo e Plasencia, 1, respetivamente	<b>Lisboa, 284</b> Coimbra, 18 Évora, 6 Porto, 2

**Tabela 8:** Distribuição por cidades.

À luz destes dados poder-se-á concluir que, geograficamente falando, a livraria de S.to Alberto era uma livraria eminentemente ibérica – ao menos até à data em que o Catálogo foi elaborado, embora com uma grande preponderância portuguesa. Recordemos que a evolução da tipografia em Espanha foi relativamente escassa durante a primeira metade do século XVI. A



atividade dos impressores, encabeçados pela família Cromberger, limitava-se à multiplicação em série de livros de cavalaria (que Santa Teresa tanto apreciara durante a sua juventude) nos centros tipográficos mais importantes: Salamanca, Barcelona e Sevilha. Madrid só assumiu um papel preponderante neste negócio a partir da segunda metade de Quinhentos, com um aumento considerável do número de impressores que se estabeleceram na cidade, o que originou um desenvolvimento extraordinário da indústria do livro durante a centúria seguinte. Em contrapartida, como defende Artur Anselmo<sup>103</sup>, em Portugal já existiam prelos desde o século XV (o que não significa que fossem particularmente ativos). O primeiro terá começado a funcionar em Faro, em 1487 e posteriormente em Chaves (1488 ou 1489), Lisboa (1489), Leiria (1492), Braga (1494) e Porto (1497).

O edital da Real Mesa Censória nada refere em relação à identidade dos impressores (esquecimento?), por isso, não encontramos no Catálogo nenhuma informação a esse respeito. Porém, sempre que for pertinente e relevante para o nosso trabalho – nomeadamente, quando o nome do impressor é referido como autor ou tradutor de determinada obra –, completaremos a informação com a devida referência ao respetivo impressor, entre parênteses retos, no final da respetiva entrada.

## 5. Uma livraria ibérica? As línguas dos textos.

A representação linguística na livraria de S.to Alberto é bastante modesta no que diz respeito ao número de línguas representadas nas obras. Encontramos apenas três: português, castelhano e latim. Ao todo são cinco as obras escritas em língua latina, todas elas discriminadas na área de Teologia: A obra anónima *Passio Duorum* [330]<sup>104</sup>, impressa em Medina del Campo em 1673; *Piisima erga Dei Genetricem Devotio* [36], atribuída a São Boaventura, impressa em Lisboa em 1620; *Proalterium* [38], impressa em Lisboa, sem data identificada. As duas obras que referiremos de seguida despertaram as nossas dúvidas, pelo facto de aparecerem discriminadas no Catálogo com o título em latim. As nossas indagações permitiram verificar que se trata apenas do título, e que o seu conteúdo pode corresponder às respetivas traduções para português e/ou castelhano. Em

---

<sup>103</sup> *Origens da Imprensa em Portugal*, 1981. Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, pp.281.

<sup>104</sup> O número entre parênteses corresponde à numeração artificial inserida na transcrição do Catálogo.

primeiro lugar referiremos *Via Sacra* [413], uma 3ª edição impressa em Lisboa em 1737, explicada e ilustrada por Leonardo de Porto Mauricio. Tudo parece sugerir que se trata de uma edição em português ou, talvez, em castelhano, visto que as indicações escritas na entrada do Catálogo correspondem a palavras de escrita idêntica em ambas as línguas. Em qualquer caso, não é em latim, o que a exclui do nosso cômputo. O segundo título, *Vita Christi* [401], sem data nem local de impressão, também não está escrita em latim. Considerando a importância e o sucesso que esta obra teve e não esquecendo que era um dos «buenos libros» recomendados por Santa Teresa às suas filhas espirituais, tratar-se-á de uma tradução, muito provavelmente para o castelhano. Esta célebre obra de Ludolfo de Saxónia – popularmente conhecida como “Cartuxanos” –, foi traduzida pela primeira vez para o castelhano por F. Ambrosio de Montesinos (O.F.M.) e publicada em Alcalá de Henares em 1502 – 1503, em quatro volumes. Será que a obra discriminada no Catálogo corresponde à tradução de Montesinos? Ou tratar-se-á da tradução portuguesa, supervisionada pelo rei D. Duarte em 1495? Atendendo à origem da Madre Fundadora e à forte influência castelhana presente em S.to Alberto desde a sua fundação até bem avançado o século XVII, parece-nos mais provável aceitar a hipótese da edição (reedição) em castelhano. Assim sendo, devemos retificar o cômputo e considerar apenas três obras em latim, e não 5, existentes nesta livraria conventual na altura da elaboração do Catálogo.

Tratando-se de um convento feminino, fruto da reforma carmelitana iniciada por Santa Teresa de Jesus, a escassez de literatura em língua latina não deve surpreender-nos demasiado. Não é desconhecido o desconforto que a Doutora da Igreja manifestava em relação ao latim. Assim o expressava numa das numerosíssimas cartas dirigidas à Madre Maria de São José: «Muy buena venia la del Padre Mariano, si no trajera aquel latim. Dios libre a mis hijas de presumir de latinas [...].Harto más quiero que presuman de parecer simples, que es muy de santas, que no de retóricas»<sup>105</sup>. Esta razão, inspirada na atitude da própria fundadora, poderá justificar parcialmente a escassez de livros em latim na livraria de S.to Alberto, complementada pelas circunstâncias sociais que impediam às mulheres o acesso aos estudos sistemáticos e ao conhecimento. O verdadeiro motivo, no entanto, estará mais relacionado com a publicação do *Index* de Valdés – que excluía um número significativo de obras em língua vernácula, até então acessíveis ao universo das leituras femininas –, e com as medidas de Trento, que apenas permitiam a circulação de Bíblias em latim –

---

<sup>105</sup> TERESA DE JESUS, 1986 *Obras Completas*. Transcripción, introducción y notas de Efrén de la Madre de Dios e Otger Steggink, Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos (BAC), 8ª edición, p. 1040, carta nº 147, ponto 3. Escrita em Toledo em 19 de novembro de 1576. Maria de São José, como de facto a maioria das religiosas escritoras de maior renome durante os séculos XVI e XVII, foi educada em ambiente aristocrático, o que contribuiu, certamente, para modelar a sua sensibilidade poética. Algumas das alcunhas mais frequentes que a Fundadora utilizava para referir-se a Maria de São José eram: “La letrera”, “La sabionda” ou “La bachillera”.

por considerar que esta língua mantinha intacta a pureza dos Textos Sagrados – o que imediatamente excluía as mulheres da sua leitura, tendo de conformar-se apenas com a leitura dos breviários, como de facto fazia a própria Santa Teresa. A interdição de acesso aos estudos regulares, que impedia a população feminina de adquirir conhecimentos linguísticos para além dos estritamente necessários, terá sido outra das condicionantes.

Outro motivo pode ser encontrado no contexto particular em que S.to Alberto foi fundado e nas especificidades que se foram manifestando ao longo da vida ativa do cenóbio. Sendo a maioria das suas fundadoras de origem castelhana, parece lógico pensar que um primeiro núcleo embrionário da livraria tenha sido formado por livros em língua castelhana. Com o avançar do tempo e com a chegada de novas professoras portuguesas, parece coerente pensar que a livraria conventual tenha experimentado um incremento de títulos em língua portuguesa; sem esquecer a diglossia literária registada durante o período filipino, em que tanto se escrevia em português como em castelhano, especialmente no que se refere aos autores portugueses. A tudo isto devemos acrescentar casos esporádicos, como o da Madre Micaela Margarida, já referido anteriormente, que muito provavelmente chegou a S.to Alberto munida de uma pequena biblioteca pessoal, que só ela e as suas damas de companhia poderiam ler, mas que não deixou rasto no Catálogo aqui transcrito, entre outras razões porque a fundadora do convento de Carnide terá levado consigo esses livros, aquando do seu traslado para a nova casa carmelita.

Quase três quartas partes do espólio discriminado no Catálogo (72%) correspondem a obras escritas em língua portuguesa e, para além das já referidas três obras em latim (1%), as restantes 129 (27%) estão escritas em castelhano. Mais uma vez estamos perante um espólio ibérico, onde as duas línguas de maior representação são o português e o castelhano. Mais uma vez, também, o peso recai maioritariamente na língua portuguesa. O aspeto linguístico, como podemos observar, também representa um fator diferenciador para os conventos femininos em relação aos seus congéneres masculinos, onde o maior número de espécies bibliográficas implica também uma maior variedade linguística. Como exemplo ilustrativo citaremos a livraria do Convento da Nossa Senhora da Arrábida (Setúbal)<sup>106</sup> onde, para além de um número considerável de obras em latim, encontramos títulos em português, castelhano, catalão, francês, italiano, inglês, alemão, hebraico, grego, russo e euskera (basco).

---

<sup>106</sup> ROCHA, Ilídio [1994] *A Livraria do Convento da Arrábida e do Acervo que lhe estava anexo*. Lisboa, Fundação Oriente.

## 7. *Per facultates divisus*: as áreas de conhecimento.

No que concerne à divisão por áreas de conhecimento, o Catálogo da livreria das Carmelitas Descalças de S.to Alberto cumpre com rigor as determinações impostas pela Real Mesa Censória no edital de 10 de junho de 1769. Como já foi referido de forma mais ampla no capítulo dedicado aos paradigmas de organização, foi Gabriel Naudé que estabeleceu a divisão dos saberes em sete classes, considerando em primeiro lugar a Teologia e em último as Humanidades. Posteriormente, Gabriel Martin e, já no século XX, François Furet estabeleceram divisões bastante semelhantes, considerando apenas cinco áreas de conhecimento e situando a Teologia e a Jurisprudência em primeiro e segundo lugares, respetivamente. O edital da Real Mesa Censória também incluía a Teologia e a Jurisprudência nos primeiros lugares da classificação, seguidas pelas áreas de Filosofia, Matemática, Medicina, História e Belas Letras, mas estipulando uma classificação com sete áreas de conhecimento, como de facto tinham proposto Naudé numa fase inicial e o seu contemporâneo, D. Vicente Nogueira. Pelas razões já apontadas, o Catálogo de S.to Alberto regista apenas quatro áreas do saber: Teologia, História, Belas Letras e Jurisprudência, esta última com apenas um livro. Os grandes ausentes são os livros científicos, não se registando qualquer referência a obras de Filosofia, Medicina ou Matemática.

Teologia	Jurisprudência	História	Belas Letras
374	1	101	34

**Tabela 9** - *per facultates divisus*.

## 7.1. O livro de Jurisprudência

A área de conhecimento menos representada é a Jurisprudência, com apenas uma obra, anónima, em fôlio, impressa em Lisboa em 1720: *Allegação Prática e Jurídica sobre a posse e Sucessão da Casa da Feyra* [24]<sup>107</sup>. Aparece referido como “Livro de Direito”. Até ao momento não foi encontrada qualquer referência mais precisa em relação ao conteúdo deste exemplar. A documentação consultada relativa à vida administrativa de S.to Alberto contém diversos indícios relacionados com vários processos judiciais, alguns dos quais foram abertos a pedido das religiosas, contra benfeitores que não cumpriram com os compromissos assumidos para com o convento. Nesse caso estaríamos perante duas possibilidades: ou se trata de uma alegação prática em que o convento de S.to Alberto esteve efetivamente envolvido, ou se trata de um caso similar que poderá ter servido como precedente orientativo para a resolução de um caso análogo, talvez, relacionado com o testamento de algum dos benfeitores e a contestação dos seus herdeiros. Possivelmente nunca saberemos. Uma outra hipótese, se bem que menos provável, é atribuir a presença deste livro ao mero acaso, resultado de uma mistura involuntária – talvez por parte dos religiosos de São Filipe - com outros exemplares, eventualmente destinados a esta outra livraria conventual.

## 7.2. Os livros de Belas Letras

Os livros de Belas Letras formam um grupo composto por 34 títulos, todos eles em formatos reduzidos, 4º e 8º. Apesar da escassa representação no conjunto total do espólio bibliográfico de S.to Alberto, constitui um grupo bastante heterogéneo e diversificado, com 14 edições *principes*, a maioria delas impressas no século XVIII. Uma análise atenta ao teor das obras deste bloco revelou alguns dados surpreendentes.

---

<sup>107</sup> Deverá tratar-se da seguinte obra, que se encontra na Biblioteca Nacional de Portugal: *Allegação practica, e juridica sobre a posse, e successam do titulo, e Caza da Feira, contra os Senhores Procuradores da Coroa, e Infantado*. - [S.l. : s.n., ca 1714]. - 114 p. Pode ser consultada online em: <https://purl.pt/33514/2/>

O primeiro surge na entrada [28], onde a obra discriminada é de teor filosófico, o que rebate imediatamente a informação registada nas páginas anteriores, segundo a qual, a livraria de S.to Alberto não continha nenhum livro de Filosofia. Trata-se das *Reflexões sobre a Vaidade dos Homens*, da autoria de Matias Aires Ramos da Silva de Eça<sup>108</sup>. A obra, impressa em Lisboa (1752, 4º) reflete de forma bastante consistente o conhecimento e as influências do seu autor em relação às letras francesas. Porque é que este título não aparece discriminado na área de Filosofia? Como foi parar à livraria das Albertas? Terá sido por intercessão do presbítero José Lucatelli? Foi um empréstimo deste às religiosas? Esta hipótese parece perfeitamente possível se consideramos dois aspetos fundamentais: por uma lado, o facto de Lucatelli estar a desempenhar as funções de presbítero de S.to Alberto na data em que a obra foi impressa; por outro lado, o conteúdo da biblioteca particular deste religioso onde, como já foi referido acima, a maior parte do espólio era composto por obras de autores francófonos. Uma outra dúvida surge quando pensamos se haveria em S.to Alberto religiosas capazes de enfrentar com sucesso a leitura de um texto deste calibre. Ou será que a obra apenas era lida por leitores masculinos durante as visitas ao convento? Esta última hipótese parece-nos pouco provável.

Outra entrada que chamou imediatamente a nossa atenção é aquela que discrimina os *Autos Sacramentales* [27], de Pedro Calderón de la Barca. Trata-se de um conjunto de peças teatrais, de conteúdo alegórico-religioso, impresso em Madrid em 1670, precisamente no ano em que foi estreado, também em Madrid, *El Verdadero Dios Pan*, uma alegoria do pão eucarístico. Esta peça também fazia parte da referida edição. Não longe deste género destacamos também os *Villancicos y Romances a la Natividad del Niño Jesus, Nuestra Señora y Varios Santos* [343], da autoria de Manuel de Piño, numa edição *princeps* impressa em Lisboa em 1615, em 4º. Não faltam nesta livraria conventual as *Representaciones de la Verdad Vestida, Mística, Morales y Alegóricas sobre las Siete Moradas de Santa Teresa de Jesus, Gloria del Carmelo y Maestra de la Primitiva Observancia* [362], do mercedário Juan de Rojas. O Catálogo discrimina a edição *princeps* (1670) e uma posterior (1679), ambas em 4º, e impressas em Madrid na oficina de Antonio González de los Reyes. Considerando o gosto e a tradição que as carmelitas sempre nutriram pelas representações teatrais – cujo máximo expoente se encontra no *Cancionero de Valladolid*<sup>109</sup> – surpreende a ausência de mais repertório teatral nesta livraria conventual. Surpreende também a grandíssima diferença de volume existente entre o grupo formado pelos livros de Belas Letras e os grupos formados pelos livros de História e de Teologia, respetivamente. Poderia dar a impressão de tratar-

---

<sup>108</sup> Nasceu no Brasil. Estudou em Coimbra e em Paris. Em 1723 foi Provedor da Casa da Moeda, em Lisboa.

<sup>109</sup> *Libro de Romances y Coplas del Carmelo de Valladolid (c. 1590 – 1609)*, 1982. Salamanca, Consejo General de Castilla y León. Editado y anotado por Víctor García de la Concha y Ana María Álvarez Pellitero.

se de uma livraria “de fachada”, de modo a refletir uma (aparente?) dedicação quase exclusiva aos livros de devoção e ínfima às obras de conteúdo mais diversificado.

Outra obra curiosa, de teor bem diferente das anteriores, é a discriminada na entrada [182], edição *princeps* impressa em 1717 (4º), da autoria de Fr. Francisco da Anunciação (O.S.A.), com o curioso título de *Consulta Místico Moral sobre o Hábito de certas Religiosas da Ordem de Santa Clara Urbanas*<sup>110</sup>.

O Jesuíta Alexandre Guzmão também faz parte deste conjunto bibliográfico com a obra *Escola de Belém, Jesus nascido no Presépio* [209], um tratado espiritual que fornece ao leitor os principais pontos de meditação sobre estes Divinos Mistérios (Lisboa, 1674, 4º). Por que motivo um tratado espiritual se encontra discriminado na área de Belas Letras? Talvez porque fosse mais conhecido como autor da novela alegórica *História do Predestinado Peregrino e seu irmão Precito...*<sup>111</sup>. Também fazia parte da livraria das Albertas uma obra bastante lida na época, *Huerto del Celestial Esposo fundado sobre el Opúsculo de N. P. S. Bernardo, que comienza Ad quid Venisti* [215], da autoria de D. Constança de Osorio (Sevilha, 1686, 4º)<sup>112</sup>.

Continuando com a nossa análise, faremos referência agora aos *Diálogos de la Conquista Espiritual y Santo Reino de Dios* [238], do franciscano Fr. Juan de los Ángeles (Madrid, *princeps*, 1595), por tratar-se de uma das obras mais antigas do conjunto de Belas Letras. O 4º Conde da Ericeira, Francisco Xavier de Meneses, está representado com o seu *Templo de Neptuno* [272], um epitalâmio com 113 oitavas dedicado ao «felicíssimo casamento da Excelentíssima Senhora D. Joana Perpetua de Bragança com o Excelentíssimo Senhor D. Luís José de Castro Noronha Ataíde e Sousa, Marques de Cascais», (Lisboa, 1732, 8º)<sup>113</sup>. Também em verso constam as *Obras Poéticas* de Domingos dos Reis Quita [348], na edição *princeps*, impressa em Lisboa em 1766, ainda em vida do autor. Contém Éclogas, Idílios, Odes, Sonetos, uma canção, um Epitalâmio, duas tragédias em verso – *Hermione* e *Castro* – e um drama pastoril em verso: *Licore*.

Noutro contexto literário encontramos ainda dois livros de caráter técnico e prático. Por um lado, as *Regras Breves e Compreensivas da melhor Ortografia com que se podem evitar erros no*

---

<sup>110</sup> Impresso em Coimbra, no Real Colégio das Artes da Companhia de Jesus, em 1717, e não em 1716, como consta no Catálogo.

<sup>111</sup> *História do predestinado peregrino, e de seu irmão Precito: em a qual debaxo de huma misteriosa Parabola se descreve o sucesso feliz, do que se há de salvar, & a infeliz sorte, do que se há de condenar: dedicada ao peregrino celestial, S. Francisco Xavier, Apostolo do Oriente / composta pello P. Alexandre de Gusmam da Companhia de Jesu, da Provincia do Brazil, Évora, 1685, na Oficina da Universidade.*

<sup>112</sup> Esta religiosa pertencia ao convento cisterciense de Santa María de las Dueñas, em Sevilha. A referida edição foi impressa na oficina de Tomás López de Haro.

<sup>113</sup> Impresso na Oficina Silvana da Academia.

*escrever da Língua Latina e Portuguesa*, do P. Bento Pereira [346]. Trata-se de uma pequena obra (80+ 38 páginas) dividida em três partes mas todas integrando um único volume<sup>114</sup>: a primeira, dedicada ao latim e ao português; a segunda, apenas ao latim e a terceira especificamente às regras da língua portuguesa (Lisboa, 1666, 8º). Era esta a edição que fazia parte da livraria das Albertas, um facto que não deixa de ser significativo, por tratar-se de uma obra de teor didático, possivelmente destinada a melhorar as capacidades de escrita das religiosas, quer aperfeiçoando conhecimentos já adquiridos quer instruindo na matéria aquelas religiosas que aprenderam a escrever tardiamente. Por outro lado, é de assinalar a presença do *Caton Cristiano y Catecismo de la Doctrina Cristiana para la Educación y Buena Crianza de los Niños, y muy provechoso para personas de todos estados*, do jesuíta Jerónimo de Rosales [364]. Trata-se de um pequeno exemplar em 8º, impresso em Sevilla em 1708, com 168 páginas. Por último, mas não menos importante, cabe referir a obra *Soledades do Buçaco* (Lisboa, 1634, *princeps*), da autoria de D. Bernarda Ferreira de Lacerda [384], uma obra especificamente dedicada «A las religiosas carmelitas descalzas del convento de San Alberto de Lisboa». O exemplar, em formato 8º, consta de 121 páginas.

Antes de concluir este ponto do capítulo devemos ainda referir uma obra que aparece discriminada como anónima: *San Francisco de Borja: Relação e Noticia dos Reinos, Cidades da Cristandade que o tem tomado como Patrono contra os Terramotos* [184]. Na verdade, a obra – impressa em Lisboa em 1756, em 8º - é da autoria de João de Santa Maria de Jesus, cónego de S.to Agostinho<sup>115</sup>.

### 7.3. Os livros de História

O grupo dos livros de História é constituído por 101 títulos, dos quais 15 correspondem a edições *principes* das respetivas obras. São, na sua maioria, hagiografias, diversas crónicas da Ordem do Carmo e alguns relatos fundacionais ou de missionação. Também fazem parte deste

---

<sup>114</sup> Complementadas por um apêndice com «Duas reformações divididas em varias taboas, para bom falar e escrever». A obra encontra-se acessível na página da Biblioteca Nacional de Portugal no link: [https://purl.pt/29112/4/res-6515-p\\_PDF/res-6515-p\\_PDF\\_24-C-R0150/res-6515-p\\_0000\\_1-120\\_t24-C-R0150.pdf](https://purl.pt/29112/4/res-6515-p_PDF/res-6515-p_PDF_24-C-R0150/res-6515-p_0000_1-120_t24-C-R0150.pdf)

<sup>115</sup> Cf. CARYON, 1970: vol. IV, p. 230, entrada 1638. Segundo esta fonte, a referida obra foi impressa em 1755, em 4º. Precisamente no ano do grande terramoto de Lisboa. A edição discriminada corresponde a uma segunda impressão, de 1756 e em formato 8º.



conjunto algumas obras curiosas, como por exemplo, *Descrição laudatória dos quadros que contém os mistérios do Santíssimo Rosário* [237], da autoria de Ignácio Xavier da Silva (Lisboa, 1752, 4º) ou o anónimo *Maravillas auténticas que Dios obra com los pañuelos de Santa Teresa* [268], impressa no México em 1675, em 8º. Sem possibilidades de agrupação devemos referir ainda a *História dos milagres da Sagrada imagem da Nossa Senhora do Monte Agudo* [122], que aparece discriminada no Catálogo como sendo da autoria de Manuel Coimbra. Na verdade, esta obra foi originariamente escrita em francês por Philippe Numan sendo Coimbra o tradutor para a língua portuguesa, publicada em Lisboa em 1694, e não em 1604, como consta no Catálogo<sup>116</sup>. Será uma confusão com a data de edição do original francês (*Histoire des miracles advenus n'aguères à l'intercession de la Glorieuse Vierge Marie, au lieu dit Mont-aigu, prez de Sichen, au Duché de Brabant. Mise en lumière & tirée hors des actes, instruments publics et informations sur ce prinses. Par autorité de Monseigneur l'Archevêque de Malines, Louvain, Jean Baptiste Zangre et Rutger Velpius, 1604*)?...

O subgrupo mais numeroso dentro da área que aqui nos ocupa é composto por 73 títulos correspondentes, todos eles, a obras de carácter hagiográfico. Considerando os protagonistas destas biografias desde o ponto de vista do género verificamos uma percentagem quase equitativa, com 33 protagonistas femininas e 36 protagonistas masculinos, em alguns casos, com duas ou três edições distintas, como acontece, por exemplo, com Santa Ana ou com São João da Cruz, respetivamente. Para além de algumas figuras bíblicas, como a já referida Santa Ana ou Maria Madalena, encontramos neste grupo biografias dedicadas a diversas mulheres virtuosas, beatas e/ou santas mártires. O mesmo acontece no plano masculino, onde os biografados são beatos como Henrique Suzo [460, 482] ou santos do calibre de Pedro de Alcântara [441]. A Ordem do Carmo está representada por 15 hagiografias, três delas dedicadas a São João da Cruz [417, 438, 481] e 11 com protagonistas femininas, encabeçadas, como não poderia deixar de ser, por Santa Teresa de Jesus [434]. Também fazem parte do conjunto duas figuras régias: a Imperatriz Leonor e Maria Estuarda de Escócia. No primeiro caso trata-se da *Vida e virtudes heróicas da Augustíssima Emperatriz Leonor Magdalena Theresa, esposa de Leopoldo o Grande, Imperador dos romanos* [447], traduzida do alemão para o português por D. João Leopoldo (Lisboa, 1726, 4º)<sup>117</sup>, que não é o autor da obra, ao contrário do que consta no Catálogo. No segundo caso, estamos perante a edição *princeps* de *Corona Mágica. Vida y muerte de la Serenísima Reina de Escocia Maria Estuarda*, da autoria do insigne Lope de Vega y Carpio (Madrid, 1627, 4º), impresso na oficina da viúva de Luis Sánchez.

---

<sup>116</sup> Esta obra encontra-se acessível na página digital da Biblioteca Nacional de Portugal: [purl.pt/29061/3/#/1](http://purl.pt/29061/3/#/1). O exemplar pertenceu ao convento das Flamengas, Clarissas de Lisboa.

<sup>117</sup> Coronel do Regimento de Cavalaria da praça de Elvas.

Retomando o ponto relativo às figuras bíblicas faremos referência ao *Itinerário historial em que se trata da vida de Cristo, desde el año de diez y nueve hasta el último de sus días* [236], da autoria do jesuíta Alonso de Andrade (Lisboa, 1678, fólho). Destacam-se também uma *Vida de Nossa Senhora*, que na realidade corresponde à segunda parte do *Regina Coeli* [473], da autoria de Fr. Diego de Velázquez (Toledo, 1583, 4º)<sup>118</sup>; *Vida e excelencias de Santa Ana* [470], da autoria do franciscano Fr. Andrés de Soto (Bruxelas, 1607, 4º), na sua edição *princeps*; *Vida de Santa Ana* [476], escrita em castelhano por Fr. Francisco de Lezana e publicada em Lisboa em 1716, 4º, na oficina de Bernardo da Costa de Carvalho. A tradução para português foi realizada por António Faria Barreyros.

No grupo masculino encontramos biografias dedicadas a diversas figuras bíblicas, Santos e Beatos ilustres, como por exemplo, *Libro de la vida santidad y excelencias de San Juan Baptista principalmente fundado en el texto de los Sagrados Evangelios* [457], da autoria de Fr. Pedro de Carvajal, impresso em Salamanca na oficina de Rodrigo de Castañeda, em 1533, 4º. No Catálogo não consta o ano de impressão, provavelmente, por danificação ou ausência da folha o parte dela que continha a informação, a julgar pela expressão «não tem era» utilizada pelo autor do manuscrito. São João Evangelista também é um dos contemplados neste grupo com a *História da vida prerrogativas e louvores do glorioso São João Evangelista* [462], da autoria da franciscana Soror Maria Magdalena. Trata-se da edição *princeps*, impressa em Lisboa em 1628, 4º, por António Álvarez<sup>119</sup>. Outro dos biografados é São Caetano [480], com uma hagiografia da autoria do teatino Jerónimo Contador de Argote, impressa em Lisboa em 1727, 8º, na oficina de Pascoal Silva. Outra figura digna de destaque é São Marcos, representado aqui pela obra *Peregrino curioso da vida, morte, trasladação e milagres do gloriosíssimo senhor São João Marcos, na augusta cidade de Braga* [428], da autoria do P. António de Mariz Faria. Trata-se da edição *princeps*, impressa em Lisboa em 1721, 4º, por António Pedroso Galvão<sup>120</sup>.

Continuando com o destaque de algumas das figuras mais representativas no conjunto das hagiografias citaremos agora São Francisco de Assis [463], biografado por Fr. Martim do Rosário

---

<sup>118</sup> Esta entrada suscita algumas dúvidas. Poderá tratar-se de *Vida de Nuestra Señora*, impressa em Toledo por Pedro López de Haro (a costa de Gaspar Alonso), em 1583, segundo consta nos *Iberiam Books*, Cf. Em WILKINSON, 2010, N° 19269. Por outro lado, poderá tratar-se de uma confusão do próprio Wilkinson, dado que no Catálogo da livraria do 1º Marquês de Dos Aguas, consta o seguinte registo, no nº 889: *Vida de Nuestra Señora: Primera (y segunda) parte del libro intitulado Regina Coeli, en el qual se trata de la vida de Nuestra Señora. Compuesto por Diego Velásquez. Pedro López de Haro, Toledo, 1583* (José Antonio Catalán Sanz & Juan José Boigues Palomares, *La Biblioteca del Primer Marqués de Dos Aguas*. Valencia, Universidad de Valencia, 1992, pág. 243).

<sup>119</sup> A obra encontra-se acessível no sítio da Biblioteca Nacional de Portugal: [purl.pt/16550/3/#/5](http://purl.pt/16550/3/#/5) não correspondendo ao exemplar que pertenceu às Albertas.

<sup>120</sup> Acessível no sítio da Biblioteca Nacional de Portugal: [purl.pt/35835/2/](http://purl.pt/35835/2/) que não corresponde ao exemplar que possuíam as religiosas de S.to Alberto.

(Lisboa, 1650, 4º); e Santo Tomás de Villanueva [433], com a edição *princeps* redigida por Fr. Duarte Pacheco (O.E.S.A.), impressa em Lisboa em 1629 na oficina de Pedro Craesbeek<sup>121</sup>. Outros santos e beatos ilustres que exerceram fortes influências dentro e fora do Carmelo, quer com o seu labor fundacional quer com a sua doutrina foram São Pedro de Alcântara, Henrique Suzo, São Filipe Neri e São Vicente de Paula. No primeiro caso, o Catálogo regista uma biografia do venerável São Pedro de Alcântara [441] da autoria de Fr. João de São Bernardo, impressa em Nápoles em 1667, 4º, e sobre a qual não conseguimos encontrar qualquer informação adicional. Por sua vez, Henrique Suzo é biografado por Fr. Luís de Sousa (O.F.M.), que inclui a biografia do Beato numa obra maior, conjunta, com obras do próprio franciscano, impressa em Lisboa em 1742, 4º, sob o título *Vida do Beato Henrique Suzo da Ordem de Pregadores traduzida de latim em português: considerações das lágrimas de Nossa Senhora e outras obras em prosa e verso* [460]. São Filipe Neri Florentin está representado com uma biografia da autoria de Pedro Jaime Bachi Aretino [456], traduzida para a língua castelhana por Luis Serpe de Borja (Valencia, 1673, 4º). Por último citaremos a Vida de São Vicente de Paula [419], da autoria de José Barbosa (Lisboa, 1738, 4º), que é, na realidade, o seu tradutor, sendo o original castelhano da autoria de Juan del Santísimo Sacramento (O.F..M)<sup>122</sup>.

No contexto mais especificamente português cabe referir, entre outros biografados, Fr. Bartolomeu dos Mártires e Fr. António das Chagas. No primeiro caso estamos novamente perante uma hagiografia redigida por Fr. Luís de Sousa e publicada em Lisboa em 1703, 4º [461]. No segundo caso trata-se da *Vida, virtudes e morte com opinião de Santidade do venerável P. Fr. António das Chagas* [452], da autoria de Manuel Goudinho (Lisboa, 1728, 4º).

Consideremos agora o grupo das hagiografias femininas, que valerá a pena analisar com algum pormenor, tendo em conta o âmbito especificamente feminino do nosso trabalho. Seguindo a ordem por que aparecem discriminadas no Catálogo encontramos em primeiro lugar o *Elogio da Baronesa D. Ana Xavier de Assis e Mascarenhas* [26], da autoria de Doroteo de Almeida, na sua edição *princeps*, impressa em Lisboa em 1758, 4º. Não sendo propriamente uma obra de carácter hagiográfico, decidimos incluí-la na nossa relação por ser dedicada, como é obvio, a uma personalidade feminina. Continuamos com a *Vida de la venerable Doña Marina Escobar Montaña* [418], religiosa da Ordem de Santa Brígida e biografada pelo jesuíta Luis de la Puente (Madrid, 1662, fólho). O ano de impressão indica tratar-se apenas da segunda parte da biografia desta religiosa. A livraria das Albertas continha também um exemplar da *Vida y virtudes de la prodigiosa*

---

<sup>121</sup> Acessível no sitio da Biblioteca Nacional de Portugal: [purl.pt/22284/3/#](http://purl.pt/22284/3/#) não sendo o exemplar que pertenceu a S.to Alberto.

<sup>122</sup> Segundo a informação que consta no Catálogo Colectivo del Patrimonio Bibliográfico Español, a edição de Lisboa de 1738 apresenta formato em fólho.

*Doña Antonia Jacinta de Navarra y de la Cueva* [421], uma obra revista e aumentada<sup>123</sup>, impressa em Burgos em 1736, fólho, na oficina de Atanasio Figueroa. Segundo a informação transmitida no Catálogo, o autor seria Fr. José Moreno Curiel que é, na realidade, o revisor e corretor da obra cuja autoria se deve ao cisterciense Juan de Saracho.

Outras hagiografias femininas são as dedicadas a Santa Gertrudes Magna [422], da autoria de Fr. Alonso de Andrade, traduzida «por um devoto da Santa» (Lisboa, 1708, fólho), na oficina de António Pedroso Galvão; *Águeda de la Cruz* [431], *Vida y obras maravillosas de la venerable Águeda de la Cruz*, da autoria de Fr. António de los Mártires (Madrid, 1624, 4º), na oficina de Alonso Martin; Madre Teresa Juliana da Boaventura [435], biografada pelo P. Francisco Xavier, (Lisboa, 1752<sup>124</sup>, 4º), na oficina de Francisco da Silva.; Madre Maria de Jesus [436], com uma obra da autoria de Fr. Francisco da Costa (Madrid, 1648, 4º); Juliana de Santa Maria [437], biografada por Francisco de Ameyugo (Madrid, 1624, 4º); Santa Maria Magdalena de Pazzis [442], redigida por Fr. João Baptista Lezona (Roma, 1647, 4º). Já no fólho 22 aparece referida a biografia da Beata Verónica [445], sob o título *Cortezã de Glória o vida da Beata Verónica* (Lisboa, 1671, 4º) impressa na oficina de António Craesbeek de Mello. Trata-se da edição *princeps* da obra, redigida por Fr. João Freyre (E.S.A.)<sup>125</sup>.

Outra das biografadas é Santa Rosa de Santa Maria [448], com uma obra em fólho atribuída a Fr. Jacinto Parra que, na realidade, é o seu tradutor (Madrid, 1668). A última entrada do fólho 22 discrimina a *Vida y virtudes de Doña Luisa de Carvajal y Mendoza* [450], da autoria de Luis de Muñoz (Madrid, 1692, fólho). No verso do mesmo fólho encontramos a biografia de Santa Rosa de Viterbo [455], da autoria de Fr. Manuel do Sepulcro (Lisboa, 1673), que corresponde à edição *princeps*, impressa em fólho na oficina de António Rodríguez d'Abreu. Santa Rita de Cássia é biografada por dois autores distintos. Por um lado, Manuel de Figueiredo [466], numa obra em fólho impressa em Lisboa em 1728, com o extenso título de *Epítome da Vida, e Prodígios de Santa Rita de Cássia, Viúva, e Religiosa da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho*. Por outro lado, uma hagiografia – *A Advogada dos impossíveis a Bemaventurada Rita de Cassia, donzela, cazada, Viuva, Religiosa, e defunta, Freira professa no Convento de Santa Maria Magdalena de Cassia da Ordem de Santo Agostinho* - da autoria de Fr. Francisco de Brito (O.E.S.A.), impressa em Lisboa em

---

<sup>123</sup> Inclusivamente no título, que nesta edição começa com *Jardin de flores de la gracia, escuela de la mejor doctrina, Vida...*

<sup>124</sup> Esta obra foi impressa em 1752 e não em 1751, como consta no Catálogo.

<sup>125</sup> *A cortezã da Gloria ou vida da Beata Veronica religiosa do Convento de S. Maria de Lião, da Ordem de Santo Agostinho: oferecida a Serenissima Senhora Dona Maria / escrita por Fr. Joam Freire, Religioso da mesma Ordem de Santo Agostinho, & Catedratico na Universidade de Coimbra*. Acessível no sitio da Boblioteca Nacional de Portugal no seguinte link: <https://purl.pt/20841>

1726 [475]. Trata-se de uma segunda edição, impressa na oficina de Filipe de Sousa Villela<sup>126</sup>. Esta edição aparece discriminada nos livros de História em 8º<sup>127</sup>. quando, na realidade, se trata de um pequeno exemplar em formato 12º, segundo consta na *Biblioteca Lusitana. Histórica, crítica e cronológica*, de Barbosa Machado<sup>128</sup>.

Outras Santas cujas hagiografias faziam parte da livraria de S.to Alberto são Catarina de Sena [468], Santa Quitéria [469] e Santa Genoveva [472]. No primeiro caso, trata-se de uma edição de 1689, 8º, impressa em Salamanca. Poderá ser a reedição da *princeps* (Salamanca, 1580), da autoria de Raimundo de Capua. Se assim for, Antonio de la Peña, referido no Catálogo como sendo o autor desta obra, terá sido, na realidade, o tradutor da mesma. No caso de Santa Quitéria, a livraria de S.to Alberto possuía a edição *princeps* da *Vida da gloriosa infanta Santa Quitéria Virgem e Martyr prodígio da graça, natural da Augusta e nobilíssima cidade de Braga, Primaz das Espanhas*, impressa em Lisboa em 1712, na oficina Real Deslandesiana, onde também foi impressa uma edição da vida de Santa Genoveva, da autoria de José Jiménez. Neste caso surgem duas possibilidades. Por um lado, poderá tratar-se da primeira edição, escrita em castelhano e traduzida para português pelo P. Manuel Coimbra. Por outro lado, não podemos descartar a possibilidade de tratar-se da tradução feita por Coimbra da obra do jesuíta René de Cériziers com o título *Innocence reconnue ou Vie de Sainte Geneviève de Bravant* (Paris, 1640), impressa em Lisboa, na Oficina de Miguel Rodrigues, em 1732, que foi efetivamente impressa em 8º.

Por último, para concluir o bloco dedicado às hagiografias, resta concentrar a nossa atenção de forma mais particular nas obras dedicadas especificamente aos membros da Ordem do Carmo. Relativamente a obras de carácter coletivo encontramos nesta livraria conventual dois títulos que merecem destaque. Em primeiro lugar, as *Vidas de los Santos de Nuestra Señora del Carmen* [179], da autoria de Fr. José de Santa Teresa. O volumoso exemplar em fôlio, impresso em Madrid na oficina de António González de Reyes, saiu à luz em 1678, e não em 1638, como consta no Catálogo. Mais um lapso involuntário do escriba? Provavelmente terá percebido a data de impressão incorretamente, trocando “setenta e oito” por “trinta e oito”. Outra hipótese é a já apontada anteriormente, relacionada com uma dislexia momentânea provocada pelo cansaço próprio de uma tarefa minuciosa como é a elaboração de um catálogo bibliográfico. Em segundo lugar cabe referir as *Vidas dos santos Mártires confessores, e virgens da Ordem de Nossa Senhora do Monte do Carmo dos quaes se reza na Regular Observancia, e aos Padres Descalços por*

---

<sup>126</sup> A primeira edição saiu à luz em 1710.

<sup>127</sup> Segundo consta *Biblioteca Lusitana. Histórica, crítica e cronológica* de BARBOSA MACHADO (1965:274) esta obra teria sido impressa em 12º.

<sup>128</sup> BARBOSA MACHADO, 1965: vol. II, 274.

*particular concessão Apostólica* [181], da autoria de Fr. Manuel Ferreira (Lisboa, 1645, 4º), na officina de António Álvares.

Continuando com as biografias do Carmelo salientaremos primeiramente São João da Cruz, com três edições distintas [417, 438, 481]. No primeiro caso trata-se de uma edição em fôlio da autoria do também carmelita Fr. José de Santa Maria (Málaga, 1717); do mesmo autor, o Catálogo regista uma edição muito anterior à já referida, impressa em Bruxelas em 1632, 4º. Também não falta a edição portuguesa (Lisboa, 1724, 8º), da autoria de José Pereira Bagão. Outro biografado ilustre dentro do carmelito descalço é o P. Jerónimo Gracián de la Madre de Dios, representado com as *Excelencias, vida y trabajos del Padre Fray Gerónimo Gracián de la Madre de Dios, carmelita* [423], da autoria de Fr. Andrés del Marmol. Trata-se de um exemplar da edição *princeps*, impressa em Valladolid, 4º, na officina de Francisco Fernández de Córdoba. Por último cabe referir Francisco Yepes, com uma hagiografia redigida por Fr. José de Velasco, impressa em Barcelona em 1624, 4º, sob o título *Vida, virtudes y muerte del venerable varón Francisco de Yepes* [443]. Como é sabido, Francisco de Yepes y Álvarez era o irmão mais velho de São João da Cruz.

Em matéria feminina, o grupo mais nutrido pertence às carmelitas, descalças e calçadas, com um total de onze biografadas, encabeçadas por Santa Teresa de Jesus. Neste sentido, chama a nossa atenção a escassez de edições da vida da Madre Fundadora, limitando-se apenas a uma reimpressão da biografia redigida pelo P. Francisco de Ribera, seu biógrafo (Salamanca, 1690, 4º). Uma explicação plausível, válida pelo menos para as primeiras décadas do século XVII, poderá estar relacionada com a presença em S.to Alberto de religiosas como Maria de São José Salazar, capazes de manter viva a memória da Fundadora por meio da transmissão oral, de umas religiosas para as outras, mecanismo que se terá mantido até bem avançada a centúria de Seiscentos. A circulação de manuscritos e/ou cópias de manuscritos com a vida da Santa de Ávila parece ser outra hipótese bastante provável para justificar o escasso número de exemplares impressos especificamente biográficos. Será que a vida da Santa circulava em manuscritos entre as religiosas do convento? Em boa verdade, o edital da Real Mesa Censória apenas refere os livros impressos, não contendo qualquer indicação específica relativa a textos manuscritos não documentais. Assim sendo, nada nos impede de considerar a possível existência de manuscritos no convento de S.to Alberto, contendo relatos ou traslados de livros ou cadernos hoje perdidos. A modo de exemplo para sustentar esta hipótese, embora fora do âmbito de S.to Alberto, poderemos citar o *Traslado de*

um caderno sobre a vida, acções e visões da religiosa Madre Leocádia da Conceição, datado de 1686 e pertencente ao convento das carmelitas descalças de Santa Teresa de Braga<sup>129</sup>.

Vejamos agora com algum pormenor quem eram estas carmelitas cujas vidas poderão ter servido de exemplo, em maior ou menor medida, para as religiosas que habitaram o convento de S.toAlberto. Diretamente relacionada com Santa Teresa, pelas razões já apontadas em capítulo precedente, encontramos a biografia de Ana de São Bartolomé *Vida, virtudes y milagros de la venerable Ana de San Bartolomé* [429], da autoria de Crisóstomo Henriquez, cronista geral da Ordem de São Bernardo. Trata-se da edição *princeps*, impressa em Bruxelas em 1632, 4º, na oficina da viúva de Huberto Antonio Velpius. A obra está dedicada à Infanta de Espanha Isabel Clara Eugénia. Outra carmelita descalça de notável importância foi Ana de San Agustín, representada na livraria de S.toAlberto com a *Vida, virtudes y milagros de la prodigiosa Virgen y Madre la venerable Ana de San Agustín, carmelita descalza* [425], redigida pelo também carmelita Fr. Alonso de São Jerónimo. Mais uma vez estamos perante a edição *princeps* da obra, publicada em Madrid em 1668, 4º, na oficina de Francisco Nieto.

Analisemos de seguida as restantes hagiografias, de acordo com a ordem por que são discriminadas no Catálogo. A entrada [414] refere a *Vida histórico-panegírica de la venerable Madre, y penitentísima Virgen Mariana Francisca de los Ángeles extática religiosa carmelita en el convento de Ocaña, fervorosa fundadora de el de Santa Teresa en Madrid*, da autoria de Fr. Alonso de la Madre de Dios. Trata-se da edição *princeps*, impressa em Madrid em 1736, fólho, na oficina de Manuel Fernández. Um pouco mais adiante, na frente do fólho 22 do Catálogo, aparece referida a *Vida de la venerable Madre Mariana de Jesus* [444], da autoria de Fr. João da Apresentação, numa edição em 4º publicada em Madrid em 1677. A *Vida da venerável Madre Rosa Maria Serio de Santo Agostinho, carmelita da antiga observância, Priora no mosteiro de São José de Fazano, Nápoles* [446], redigida em castelhano pelo jesuíta José Gentil e traduzida para português pelo P. Jerónimo Contador de Argote (Cl. Reg.), corresponde a uma primeira edição, impressa em Lisboa em 1744, 4º. Ainda no fólho 22 (verso), duas entradas consecutivas fazem referência a hagiografias dedicadas às carmelitas descalças Francisca do Santíssimo Sacramento e Feliciano de São José, respetivamente. Ambas as obras [453, 454] são da autoria de Miguel Bautista Lanuza, da Ordem Militar de Santiago. No primeiro caso, trata-se de uma edição impressa em Madrid em 1659, 4º, sob o título *Vida de la venerable Madre Francisca del Santísimo Sacramento*. No segundo caso estamos novamente perante uma edição *princeps*, impressa em Zaragoza em 1654, 4º, sob o título *Vida de la venerable Madre Feliciano de San José, carmelita descalza y priora del convento de San José de*

---

<sup>129</sup> O documento encontra-se no Arquivo Nacional da Torre do Tombo: PT/TT/CSTJB/008/0001. Consta de 47 fólhos.

Zaragoza. Esta obra faz parte do volume IV da *Biografia Eclesiástica Completa*, do referido autor. Note-se que a maioria das obras discriminadas no Catálogo de S.to Alberto dedicadas a figuras relevantes do Carmelo descalço correspondem a edições *principes*.

A Madre Mariana do Rosário é a protagonista de uma biografia anónima [467], publicada em 1658, 4º, sem referência ao local de impressão. Já no fólho 23 (frente) do Catálogo encontramos referenciado um exemplar da primeira edição dos *Fragmentos da prodigiosa vida da venerável Mariana da Purificação, ordenados pelo M.R.P. Fr. Caetano do Vencimento, dados à luz pelo P. Juan Duarte*, impressa em Lisboa em 1747, 4º, na oficina de António Silva. Por último, é de salientar ainda a *Vida da venerável Soror Joana Luísa do Carmelo* [483], da autoria de Fr. António do Sacramento. Trata-se de um exemplar da edição *princeps*, publicada em Lisboa em 1751, 8º, na oficina dos herdeiros de António Pedroso Galvão. Devemos fazer notar que a maior parte das hagiografias referidas foram escritas em castelhano e impressas em Espanha durante a segunda metade do século XVII e a primeira metade do XVIII.

Relativamente aos livros de História de conteúdo cronístico, encontramos em maior número obras dedicadas ao relato das crónicas da Ordem do Carmo, como por exemplo, o *Compendio das Crónicas de Nossa Senhora do Carmo* [120], da autoria de Fr. Simão Coelho (Lisboa, 1572, *princeps*, fólho)<sup>130</sup> ou a *Historia profética de la Orden de Nuestra Señora del Carmen* [214], da autoria de Fr. Francisco de Santa Maria (O.C.D.), cronista espanhol do Carmelo descalço. Esta volumosa obra é composta por dois tomos em fólho, impressos em Madrid em 1629. Do mesmo autor, encontramos ainda a *Crónica General de los Carmelitas Descalzos* [116], dois tomos em fólho impressos em Madrid em 1629, com continuidade na edição de 1689 [117], escrita por Fr. José de Santa Maria (Madrid, fólho).

Quanto às crónicas dos Carmelitas Descalços de Portugal, devemos salientar em primeiro lugar as redigidas por Fr. Belchior de Santa Ana (Lisboa, 1667, fólho), completadas posteriormente por Fr. João do Sacramento (Lisboa, 1752, fólho) e por Fr. José de Jesus Maria (Lisboa, 1752, fólho), que lhes deu continuidade, correspondendo às entradas [113, 114, 115] respetivamente, na numeração artificial inserida na transcrição do Catálogo. Por último, ainda no âmbito da história do Carmo, destacaremos o *Tratado de la Antigüedad de la Orden de Nuestra Señora del Carmen* [124], da autoria de Fr. João de Cartagena (Sevilha, 1622, 4º), traduzido para a língua portuguesa por Jerónimo Pancorvo. São ao todo oito volumosas obras, quase todas elas em fólho, dedicadas à

---

<sup>130</sup> Impresso por António Gonçalves e disponível no sítio da Biblioteca Nacional de Portugal: [purl.pt/142577/3/#/5](http://purl.pt/142577/3/#/5). Não é o exemplar que pertenceu ao convento de S.to Alberto.



história da Ordem do Carmo, o que representa 80% do subgrupo cronístico, formado por um total de 10 títulos.

Fora da Ordem do Carmo, o Catálogo de S.to Alberto regista ainda duas obras de carácter cronístico dedicadas à Ordem de São Domingos e aos religiosos menores. No primeiro caso trata-se de uma obra da autoria de Fr. Luís de Sousa, publicada em Lisboa em 1662, fólho, sob o título *Crónica da religião de São Domingos particular deste Reyno* [118], editada em três partes: a primeira em 1623, a segunda, já referida por ser a edição que possuíam as Albertas, e ainda a terceira parte, impressa em 1678. O segundo caso diz respeito à *Crónica dos religiosos menores* [119], da autoria de Fr. Luís dos Anjos, publicada em Lisboa em 1710, fólho. Corrresponde apenas à primeira parte.

Sendo S.to Alberto fruto do culminar de um longo processo fundacional iniciado por Santa Teresa de Jesus, parece natural encontrar também obras de teor histórico relativas a outras fundações, dentro e fora de Portugal. É o caso da *Relación histórica de la Real fundación de las Descalzas de Madrid* [121], da autoria do franciscano Juan de Carrillo (Madrid, 1616, 4º), um processo levado a cabo por São Pedro de Alcântara quase na mesma altura em que Santa Teresa planificava a fundação do seu primeiro carmelo descalço. Uma outra crónica fundacional relata a *História do Mosteiro do Crucifixo* [53], escrita por José Barbosa e publicada em Lisboa em 1748, 4º<sup>131</sup>. Por último, por tratar-se de uma obra de autoria feminina, não podemos deixar de salientar a *Fundação do Mosteiro do Salvador da cidade de Lisboa* [54], escrita por Soror Maria Baptista (O.P.), impressa em Lisboa em 1628, 4º<sup>132</sup>.

Para concluir este subcapítulo resta apenas referir um pequeno subgrupo constituído por quatro obras dedicadas ao relato de diversas empresas de missionação, nomeadamente, *Conquistas na Índia em apostólicas missões* [123], da autoria do jesuíta José Krening, impressa em Lisboa em 1750, 4º; *Tratado de quan proveitosos são na Índia os Padres Carmelitas Descalços ao serviço de Deus e de El Rey* [125], da autoria de Fr. Manuel da Cruz, impresso em Lisboa em 1639, 4º. Ainda relativamente às Índias, a livraria das Albertas esteve na posse de um exemplar da *Relação anual das cousas que fizeram os Padres da Companhia de Jesus nas partes da Índia Oriental e no Brasil e em algumas outras da conquista deste Reyno no ano [1] 606 e [1]607*, da autoria de Fernão Guerreiro [208], impressa em Lisboa em 1680, 4º<sup>133</sup>. Por último referiremos a

---

<sup>131</sup> Na oficina de Francisco Luís Ameno, impressor da Congregação Camerária da Santa Igreja de Lisboa.

<sup>132</sup> Disponível na página digital da Biblioteca Nacional de Portugal: [purl.pt/14095/3/](http://purl.pt/14095/3/). Este exemplar não é o que pertenceu às religiosas de S.to Alberto.

<sup>133</sup> A edição *princeps* desta obra saiu à luz em 1609.

*Relação de perseguição que teve a cristandade do Japão desde maio de 1612 até novembro de 1614* [26], da autoria do jesuíta Gabriel de Matos, uma obra em 4º indicada como tendo sido impressa em 1696. O local de impressão desta obra aparece ilegível na respetiva entrada do Catálogo. Deverá tratar-se de 1616, porque no catálogo da Biblioteca Nacional de Portugal regista-se esta edição da obra, anotando que o exemplar com a cota RES. 609 P. “He das Carmelitas descalças d S. Alberto de Lxa”. No caso de se tratar deste exemplar, o local de edição é Lisboa, na Oficina de Pedro Crasbeeck.

Fora do contexto histórico devemos referir ainda *Consuelo de los afligidos donde se trata de los provechos y remedios de las tribulaciones* [247], da autoria do jesuíta Gaspar Loarte, impresso em Lisboa em 1627, na oficina de Pedro Craesbeeck. Trata-se de uma obra de conteúdo teológico, impressa em formato 12º, porém, no Catálogo aqui transcrito aparece discriminada na área dos livros de História em 4º. Como já se verificou em alguns exemplos referidos anteriormente, este não é o único caso de formato 12º incluído no grupo dos 4º, o que resulta num novo separador classificativo relativo ao formato dos livros, para além dos já analisados. Deste modo temos 4 espécies bibliográficas correspondentes a 4 títulos no formato 12º, o que altera a contagem dos 4º para 250 espécies e 213 títulos, em lugar das 254 espécies e 217 títulos referidos no capítulo III, ponto 3.

#### 7.4. Os livros de Teologia<sup>134</sup>

Como já foi referido anteriormente no ponto dedicado à análise estatística do espólio da livraria de S.to Alberto, os livros de Teologia ocupam algo mais das três quartas partes do volume total (ver Tabela 9). À primeira vista, parece um conjunto bastante heterogéneo, onde não faltam alguns dos títulos mais representativos da literatura de espiritualidade da época. Porém, uma análise mais pormenorizada permite detetar algumas especificidades mais concretas relativamente ao conteúdo destes livros e às suas linhas de orientação, o que nos permite agrupá-los em oito núcleos representativos de outras tantas temáticas.

**1: Cartas Pastorais** - Para começar, procederemos à análise do conjunto formado pelas *Cartas Pastorais*, por estar diretamente relacionado com o aspeto normativo e modelar da vida dos

---

<sup>134</sup> A este respeito veja-se SÁNCHEZ SÁNCHEZ, Rosa María, 2020, “O espólio bibliográfico das Carmelitas Descalças de S.to Alberto (século XVIII) in *Lusitânia Sacra*, nº 41, janeiro – junho, pp. 141 – 155.

conventos do Carmelo Descalço. São ao todo 13 *Cartas* [ 56,58, 59, 63, 66, 68, 71, 80, 82, 83, 91, 107, 320], a maioria delas discriminadas em entradas praticamente consecutivas. Seis foram impressas no século XVIII, quatro em edições *principes* e duas em reedição. Duas *Cartas* carecem de data de impressão e cinco saíram dos prelos durante o século XVII, sendo uma destas da autoria do jesuíta Juan de Palafox y Mendoza [320]. Vejamos brevemente cada uma delas.

A entrada [56] discrimina a *Carta pastoral de Fr. Fernando de São João Baptista da Ordem dos carmelitas descalços aos religiosos da mesma Ordem*<sup>135</sup>, impressa em Madrid em 1737, na Imprenta Real de Miguel Francisco Rodríguez. Esta volumosa *Carta Pastoral* – impressa em fôlio e com 479 páginas – é também a mais extensa de todo o conjunto. Toda ela é uma veemente exortação à oração – tema central de todos os textos deste grupo, dirigida a todos os religiosos e religiosas da Ordem. Segundo o seu autor, Geral da Ordem no momento em que a escreveu, é através da oração contínua, sistemática e sincera que se torna possível alcançar a paz. A paz de espírito, de palavra e de ação, retomando assim um conceito que já se encontrava presente em S.to Agostinho: *Pacem cordis, oris et operis* – e que se transformou no pilar central de toda a doutrina teresiana, neste caso, utilizado por Fr. Fernando como conceito predicável para o desenvolvimento da sua *Carta*. As três partes em que o texto está dividido – dedicadas ao espírito, à palavra e à ação, respetivamente – são fundamentadas com passagens bíblicas e com exemplos concretos da História Antiga e da Patrística. Apesar da notória erudição do discurso, o seu autor utiliza uma linguagem bastante cuidada mas acessível, longe de construções demasiado elaboradas, ao ponto de traduzir para castelhano todas as citações em latim, explicando o seu significado sempre que necessário. Deste modo facilita às religiosas a receção e a compreensão da mensagem que pretende transmitir através do texto, como ele próprio faz questão de salientar no prólogo.

Na entrada [58] encontramos uma *Carta Pastoral* redigida por Fr. António da Asumção, cujo título original é *Carta Pastoral a los religiosos y religiosas descalzos de Nuestra Señora del Carmen, de la primitiva observancia*. Trata-se de um exemplar em 4º impresso em Madrid em 1731 – e não em 1732 como consta no Catálogo (!) -, na imprenta de Joseph Rodriguez de Escobar. Seguindo a ordem por que estas obras aparecem discriminadas no “rol” de S.to Alberto, encontramos agora as entradas [59] e [63], que correspondem a edições em 4º, sem indicação do ano de impressão. O primeiro texto é da autoria de Fr. Alonso de la Madre de Dios, enquanto o segundo é devido à pena de Fr. João da Conceição, ambos carmelitas descalços.

---

<sup>135</sup> O título original em castelhano é *Carta Pastoral a los religiosos y religiosas carmelitas descalzos*. Com frequência, o autor do Catálogo optou por traduzir os títulos para português e/ou escrevê-los de forma abreviada ou com a grafia portuguesa.

Mais duas *Cartas* impressas no século XVIII surgem nas entradas [66] e [68]. A primeira da autoria de Fr. Paulo da Conceição (O.C.D.), impressa em Madrid em 1726, surge em dois formatos. Neste caso em 4º [66] e na entrada [107] em 8º, ambas edições impressas na oficina da viúva de Blas de Villanueva<sup>136</sup>, sob o título *Carta Pastoral a los religiosos y religiosas descalzos de Nuestra Señora del Carmen, de la primitiva observancia*<sup>137</sup>. A entrada [68], por sua vez, dá conta da *Carta* de Fr. Sebastião da Conceição (O.C.D.), impressa em Madrid em 1713, 4º. Ainda na centúria de Setecentos, no mesmo fólio das anteriores, aparece discriminada uma *Carta Pastoral* da autoria do carmelita descalço Fr. Mateus de Santa Maria [80], impressa em Madrid em 1744, 4º.

Relativamente ao século XVII, o Catálogo de S.to Alberto discrimina em primeiro lugar a *Carta Pastoral* de Fr. João do Espírito Santo [71], na sua edição em 4º impressa em Toledo em 1627. Algo mais à frente, as entradas [82] e [83] correspondem a dois textos do mesmo autor: Fr. Alonso de Jesus Maria (O.C.D.). No primeiro caso, a *Carta* é dirigida aos religiosos (Madrid, 1611<sup>138</sup>, 8º), no segundo, às religiosas (Alcalá de Henares, 1621, 8º). O também descalço Fr. Estevão de São José vê a sua *Carta* discriminada na entrada [91], numa edição de 1634, impressa em Madrid, 8º. Por último, no que a este núcleo diz respeito, faremos referência à *Carta Pastoral y conocimiento de la Divina Gracia, bondad y misericordia de nuestra flaqueza y miseria* [320], do jesuíta Juan de Palafox y Mendoza, impressa em Bruxelas em 1653, 8º<sup>139</sup>.

**2: Métodos / Tratados de oração** - Se a oração foi o tema transversal nas *Cartas Pastorais* que as religiosas de S.to Alberto leram e/ou ouviram ler, não parece ter sido uma temática demasiado contemplada no conjunto geral do espólio, a julgar pela escassez de métodos e/ou tratados de oração que o Catálogo discrimina com esse preciso título: [189, 196, 338, 354, 388, 391]. São escassos em número, talvez, mas não em qualidade. Faremos referência em primeiro lugar a uma obra de grande importância no universo do carmelito reformado, pela relação que unia o seu autor à Madre Fundadora e pelo apoio que esta encontrou neste franciscano para legitimar e dar continuidade ao seu projeto fundacional. Trata-se do *Tratado de oração e meditação* [338], de São Pedro de Alcântara, na sua primeira tradução para português, numa edição feita em Coimbra em 1760, 8º, na Real oficina da Universidade. A entrada [354] discrimina o *Modo de rezar o terço da Nossa Senhora*, da autoria do trinitário Fr. Simão de Roxas, numa edição impressa em Lisboa em

---

<sup>136</sup> Não deixa de ser estranho que o impressor tenha editado a mesma obra em dois formatos, o que nos leva a pensar tratar-se de um lapso por parte do autor do Catálogo.

<sup>137</sup> Note - se que o título é idêntico ao da Carta [58], de Fr. António da Assumpção.

<sup>138</sup> Embora a edição não tenha declarado o ano de impressão, o *Catálogo Colectivo del Patrimonio Bibliográfico Español* indica que a *Carta* está datada de 10 de janeiro de 1612.

<sup>139</sup> O *Catálogo Colectivo del Patrimonio Bibliográfico Español* regista uma edição de 1653 (Madrid, por Diego Díaz de la Carrera). A edição de Bruxelas, 1653, por Francisco Vivien, refere explicitamente que se trata da «segunda impressão».

1752, 8º. Por último, também merece ser salientada a *Suma y compendio de los grados de oración por donde se sube a la perfecta contemplación, sacado de las obras de Santa Teresa*, do carmelita decaço Tomás de Jesus, em duas edições distintas. Por uma lado, a impressa em Roma em 1610, 4º [388]; por outro, a impressa em Madrid em 1665, 8º [391]. O espólio da livraria de S.to Alberto continha ainda dois pequenos tratados de oração. O primeiro, da autoria do carmelita Fr. José de Jesus Maria (Quiroga), impresso em Granada em 1673, 4º, sob o título *Tratado de oración vocal* [189]. O segundo, da autoria do P. Bento Gil, impresso em Lisboa em 1626, 8º, sob o título *Tratado da oração do Padre Nosso e da Ave Maria*.

Na mesma linha temática devemos destacar ainda quatro métodos, todos eles dedicados ao desenvolvimento da arte de orar. *Método práctico da oração mental* [143], da autoria do P. António Esteves (Lisboa, 1745, 4º); *Modo eficacíssimo de orar, para conseguir a poderosa proteção das onze mil virgens principalmente na hora da morte em que he titular o seu patrocinio* [159], da autoria de Luís Botelho Froes de Figueiredo (Lisboa, 1745, 4º), na oficina de Miguel Rodrigues<sup>140</sup>. Da autoria de Fr. Manuel de Deus é *Luz e methodo fácil para os que quizerem ter o importante exercício da oração mental* [261], impresso em Lisboa em 1746, 4º. Por último, citaremos a *Arte de orar* [250], do jesuíta Fr. Diogo Monteiro, impressa em Coimbra em 1630, 4º, na oficina de Diogo Gomes Loureiro.

**3: Exercícios espirituais** - Também com carácter normativo e orientativo, embora num âmbito mais prático, foi possível isolar um núcleo composto por obras dedicadas à prática de diversos exercícios espirituais. Em primeiro lugar aparece referenciada no Catálogo a obra do P. Manuel Bernardes (Congr. Orat.) intitulada *Exercícios espirituais e meditações da via purgativa* [34], impresso em Lisboa em 1760, 4º. Algumas entradas mais à frente surgem os *Exercícios espirituais de S. Ignácio reduzidos a uma semana* [42], da autoria do P. Constantino Barreto (Lisboa, 1728, 4º). Ainda no mesmo fólio torna a aparecer o P. Manuel Bernardes, aqui com as *Meditações dos principaes mistérios de Nossa Senhora* [49], impressa em Lisboa em 1706, 4º, na sua edição *princeps*.

Com o título específico de *Exercícios Espirituais* encontramos uma obra da autoria de Jacob Maria da Graça [200], impressa em Madrid em 1620, 8º; outra da autoria do cartuxo António de Molina [248], impressa em Zaragoza em 1630, 4º; um *Compêndio de exercícios espirituais* [256] da autoria de Fr. Manuel da Ascensão (Coimbra, 1654, 4º), na sua edição *princeps*; e ainda, os *Exercícios espirituais* [366] de Fr. Jerónimo de Sene (Lisboa, 1698, 4º). O P. Manuel Pinto é o autor

---

<sup>140</sup> Segundo a informação fornecida por Diogo Barbosa Machado no volume III da sua *Biblioteca Lusitana* (p. 63), esta edição terá sido impressa (também?) em formato 12º.

dos *Exercícios de dez dias de recolhimento interior as chagas de Christo* [328], impressa em Lisboa em 1730, 4<sup>o</sup><sup>141</sup>. Por último, o núcleo é completado com o *Manual de exercícios espirituales para saber tener oración mental* [407], da autoria de Tomás de Villacastin, com duas edições distintas e bastante distanciadas no tempo – o que poderá indicar um renovado interesse em manter esta obra como parte integrante da livraria conventual: Lisboa, 1672 e Barcelona, 1742, ambas em 8<sup>o</sup>.

**4: Meditações** - Outro núcleo possível dentro do numeroso conjunto de livros de Teologia conservados na livraria das Albertas é aquele que obedece ao registo das *Meditações*. São ao todo nove obras, encabeçadas pelas *Meditações de S. Brizida com um tratado para antes e depois da comunhão. Agora acrescentados os Solilloquios de Soror Violante do Céu* [43], da autoria de Francisco Bermudes de Castro, impresso em Lisboa em 1662, na oficina de António Craesbeeck de Mello. Este é um dos exemplares confirmados impresso em formato 12<sup>o</sup> que, no entanto, aparece discriminado no Catálogo no grupo dos 8<sup>o</sup>. Também dedicada a Santa Brígida são as *Meditações, corações de S.ta Brizida* [162], de Fr. Francisco da Anunciação (O.E.S.A.), um exemplar impresso em Lisboa em 1660, 8<sup>o</sup>, que contém um *Solilloquio ao Santíssimo Sacramento*, romance de Soror Violante do Céu. Estas duas obras ganham uma dupla importância, por conterem matéria teológica e por apresentarem dois textos de autoria feminina, em português. Deste modo, Soror Violante do Céu partilha com Maria de São José (Salazar) o facto de ver publicada uma parte da sua obra dentro de obras de maior envergadura, da autoria dos respetivos congéneres masculinos.

O oratoriano Manuel Bernardes reaparece na entrada [49] com as *Meditações dos principais mistérios da Virgem Santíssima Senhora Nossa, mãe de Deus e rainha dos Anjos e advogada dos pescadores*, numa edição impressa em Lisboa em 1706, 8<sup>o</sup>. O P. António Carneiro é o autor das *Meditações para todas as domingos do ano conforme os Evangelhos das mesmas domingos* [98], numa edição impressa em Lisboa em 1725 na Oficina da Música, em formato 12<sup>o</sup>, novamente discriminada no grupo dos 8<sup>o</sup><sup>142</sup>. O jesuíta P. Ambrosio Espínola, por sua vez, é o autor de um volume de *Meditações*, impresso em Lisboa em 1661, 4<sup>o</sup>. A entrada [258] discrimina o *Compendio*

---

<sup>141</sup> Na *Gazeta de Lisboa*, nº 23, de 8 de Junho de 1730, foi publicado o seguinte anúncio: «Tambem se imprimio outro livrinho intitulado *Exercicio de dez dias, recolhimento interior às Chagas de Christo Crucificado, com humas saudaçoens suavíssimas do Doutor Melifluo, a cada huma das Chagas*: vende-se na rua nova na logea de Joze Gomes Claro.» (*Gazeta de Lisboa Occidental*. Nº 23 (8 de Junho de 1730). Na Oficina de Pedro Ferreira, impressor da Corte, p. 184. Ver, também: SOARES, Elisa Celeste Pires de Carvalho, *A publicidade na Gazeta de Lisboa: 1715-1760*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Vol. II, 2007. Disponível *online* no repositório da referida instituição: 22491\_ulfl062037\_tm\_vol\_2.pdf

<sup>142</sup> Existe a possibilidade de que esta obra tenha sido impressa em ambos os formatos, 12<sup>o</sup> e 8<sup>o</sup> - como de facto constatamos em diversos casos verificados ao longo das nossas pesquisas, porém, neste caso particular, não encontramos nenhum indício, até ao momento, que nos permita confirmar ou não uma edição em dois formatos.

de meditações distribuídas em dois tomos por todo o ano sobre os principais mistérios da Nossa Santa Fe, do jesuíta P. Manuel Monteiro, numa edição impressa em Lisboa em 1650, na oficina craesbeeckiana, 4º. As Albertas apenas possuíam o segundo tomo desta obra. O P. Pedro de Oliveira, por sua vez, está representado com as *Meditações das cinco chagas do Senhor Jesus dos perdões* [305], uma obra impressa em Lisboa em 1758, 8º.

A livraria das carmelitas de S.to Alberto continha também um exemplar das *Meditaciones de los misterios de Nuestra Santa Fe* [313], da autoria do insigne Luis de la Puente, numa edição impressa em Madrid em 1718, 4º. Por último, mas não menos importante, encontramos discriminadas no Catálogo as *Meditações da infância de Cristo* [347], da autoria do P. Bartolomeu do Quental. A obra foi editada em três volumes, no entanto, as religiosas de S.to Alberto possuíam quatro, impressos em Lisboa em 1682 e em 1696. Alguma destas edições corresponderá à obra completa? Ou trata-se apenas de edições parciais, “tomos soltos”, da mesma?

**5: Epístolas** – Continuando com a nossa agrupação em núcleos temáticos, cabe agora referir o género epistolar, representado por quatro obras de considerável importância, quer pelo seu conteúdo quer pelo papel que os seus autores representam no contexto do Carmelo Teresiano. Logo na primeira página do Catálogo encontramos o *Epistolario espiritual* [10], do Mestre João de Ávila, numa edição que seria das mais antigas deste espólio já que teria sido impressa em 1518 (Madrid, 4º). Com muitíssima probabilidade trata-se de um erro, uma vez que Juan de Ávila nasceu em 1500 e só começou a estudar Artes e Teologia em 1520, depois de ter abandonado, em 1518, os estudos de Leis em Salamanca, que frequentava desde 1514. Poderia tratar-se da edição de 1578 (Madrid, em casa de Pierres Cosin), mas esta é em 8º, segundo o *Catálogo Colectivo del Patrimonio Bibliográfico Español*. A edição mais antiga que encontramos é de 1579: *Primera parte del Epistolario espiritual para todos estados*, em Alcalá de Henares, por Juan de Lequerica; *Segunda parte del Epistolario espiritual para todos estados*, em Alcalá de Henares, por Juan Íñiguez de Lequerica. No entanto, a melhor hipótese parece ser a edição de 1618, em Madrid, que é efetivamente em formato 4º: *Epistolario espiritual para el estado eclesiastico... : tomo segundo: nuevamente añadido con vnas platicas espirituales y vn tratado del Santissimo Sacramento de la Eucaristia...* En Madrid : por la viuda de Alonso Martin de Balboa, 1618.

O P. Manuel Guilherme é o autor das *Cartas directivas e doutrinaes repostas de huma religiosa Capucha, e reformada a outra Freira que mostrava querer reformarse* [65], impressa em Lisboa em 1727, 4º, na oficina de António Pedroso Galvão. Trata-se apenas da primeira parte, porque a segunda só saiu do prelo em 1730. A obra foi publicada sob o pseudónimo de Manuel Velho. A

entrada [109] discrimina a *Carta de colloquio interior de Christo Nuestro Redentor al ánima devota* no grupo das obras anónimas, quando na realidade se trata de um texto da autoria do jesuíta João Justo Lanspergio, impressa em Alcalá de Henares em 1609, 8º. Este facto poderá dever-se à falta ou deterioração da folha de rosto ou da lombada do livro, que impediria de desvendar o nome do seu autor. Também revela um amanuense pouco versado nestas temáticas, caso contrário, teria acrescentado o nome do autor por conhecimento próprio. Um raciocínio semelhante pode ser aplicado considerando que o Catálogo tenha sido elaborado por uma das religiosas de S.to Alberto – talvez a responsável pela gestão da livraria, se é que houve alguma -, que provavelmente teria conhecimento da autoria da referida obra. Por último, uma seleção das *Epístolas*, de São Jerónimo aparece discriminada na entrada [222], numa edição em 8º impressa em Madrid em 1617, na imprenta de Juan de la CueS.ta A tradução de latim para castelhano foi realizada pelo licenciado Francisco López CueS.ta A entrada corresponde aos livros de Teologia em 4º, no entanto, a edição encontrada durante as nossas pesquisas corresponde ao formato 8º. Trata-se de um lapso? Ou de uma edição em dois formatos? Esta última hipótese parece ser a mais plausível.

**6: Sermonária** – Também consideramos pertinente destacar o núcleo de obras dedicadas à sermonária, que contém alguns exemplares de interesse, atendendo à autoria dos sermões compilados. Assim, a entrada [6] regista dois tomos dos *Sermões* de Fr. António de S.to Eliseu (O.C.D.), impressos em Lisboa em 1735 na oficina de António Pedroso Galvão, 4º. Na entrada [32] encontramos os *Sermões e prácticas*, do P. Manuel Bernardes (Congr. Orat.), um autor bastante bem representado neste espólio conventual. Trata-se de uma edição impressa em Lisboa em 1710, também em dois volumes, em 4º, porém, o Catálogo apenas regista a existência de um tomo, sem especificar se se trata do primeiro ou do segundo. Fr. Francisco Xavier, por sua vez, é o autor do *Sermão de São Manuel* [168] impresso em Lisboa em 1763, 8º, e dos *Sermões* [155], obra também impressa em Lisboa, em 1751, 4º. Contém, entre outros sermões, o oitavo volume dos sermões do P. António Vieira, publicados pela primeira vez em 1694. Félix Hortiz, por sua vez, é o autor dos *Sermones de las fiestas de Christo, y de Maria Santísima* [210], impresso em Madrid em 1638, fólho. A entrada [259] dá conta da existência dos *Sermões*, de João Baptista Massilon (Bispo de Clermont), na sua tradução para português, numa edição impressa em Lisboa em 1747, 4º. Bastante mais à frente, a entrada [350] regista uma obra de particular importância para a comunidade de S.to Alberto. Trata-se do *Sermão da canonização de São João da Cruz pregado no convento de S.to Alberto no quarto dia do octavário que as religiosas fizeram*, da autoria de Roberto Justiniano de Macedo, cônego secular da Congregação do Evangelista, impresso em Lisboa em 1732, 4º, na oficina augustiniana. Dentro do núcleo da sermonária encontramos ainda o *Sermão da*



*Profição, ou veio da Madre Maria Gracia do Santíssimo Sacramento* [371], da autoria de Fr. Salvador Correa, impresso em Lisboa em 1738, 4º. Por último, cabe citar uma obra de Alonso de Villegas, *Quarta e última parte y discursos o sermones sobre los evangelios de todas las dominicas del año, ferias de cuaresma y de santos principales en que se contienen exposiciones literales, doctrinas morales, documentos espirituales, avisos y ejemplos provechosos para todos los estados* [400], uma edição que era parte integrante dos *Flos Sanctorum* que o referido autor publicou em Barcelona em 1594. A edição que as religiosas de S.to Alberto possuíam foi impressa em Lisboa em 1688, em fólho.

**7: Novenas** - Vejamos agora o núcleo mais numeroso dentro da área de Teologia: as novenas, constituído por 22 obras, na sua maioria, impressas durante o século XVIII. Aparecem discriminadas em dois blocos consecutivos, nas entradas que vão desde a [277] até à [284], ambas incluídas, e desde a [288] até à [301], inclusive, também, todas elas em formato 8º. Em primeiro lugar aparecem discriminadas duas novenas do P. Manuel Conciencia, impressas em Lisboa em 1732. Por um lado, a *Novena Coroa Angelica de São Miguel* [278]; por outro, a *Novena para a festa do místico doutor São João da Cruz, primeiro carmelita descalço, segundo fundamento da sua reforma filho primogénito e coadjutor fidelíssimo da Seráfica Madre Santa Teresa* [277]. Ainda do mesmo autor são as *Novenas para os principaes mistérios de Maria Santíssima* [288], impressa em Lisboa em 1744. Deste núcleo fazem parte também nove novenas de autor anónimo.

Como é sabido, Santa Teresa costumava levar no breviário uma lista de santos e um conjunto de imagens de alguns deles. Neste sentido, reproduzimos aqui a enumeração de Otger Steggink<sup>143</sup>: São José, S.to Alberto, São Cirilo, todos os Santos da Ordem, os Anjos (o da nossa Guarda), os Patriarcas, S.to Domingo, São Jerónimo, o rei David, S.ta Maria Magdalena, S.to André, os dez mil Mártires, São João Baptista, São João Evangelista, São Pedro e São Paulo, S.to Agostinho, São Sebastião, Santa Ana, São Francisco, Santa Clara, São Gregório, São Bartolomeu, o Santo Job, Santa Maria Egípciana, Santa Catarina Mártir, Santa Catarina de Sena, S.to Estévão, Santo Hilarião, Santa Úrsula, Santa Isabel de Hungria, o Santo da Sorte, Santa Doroteia e S.to Ângelo.

Nenhuma das novenas discriminadas no Catálogo da livraria de S.to Alberto está relacionada com estes santos, a não ser a anónima dedicada a São José [301], sem data nem local de impressão; e ao Santo Anjo Custódio [295], também anónima, impressa em Lisboa em 1755. Para além da já referida novena em louvor de São João da Cruz [277], encontramos ainda uma dedicada à própria Santa Teresa de Jesus [293], impressa em Lisboa em 1732, igualmente anónima. Tendo

---

<sup>143</sup> TERESA DE JESUS, 1986: cap. XIX, nº 5 e nota 17, p. 264.

em conta o ano de impressão – que é o mesmo em que saíram do prelo as referidas novenas do P. Manuel Conciencia, será que esta, dedicada à Madre Fundadora, não foi também da autoria dele?

Dentro do âmbito carmelita em particular, destaca-se ainda a *Novena da Conceição e do Carmo* [292], da autoria de Roberto Farnezio, impressa em Lisboa em 1726. Relacionada mais especificamente com Santa Teresa devemos referir também a *Novena de Santa Mónica e S.to Agostinho* [289], da autoria do P. Fr. Manuel da Trindade, impressa em Lisboa em 1759. Como aspeto curioso, para completar este apartado não podemos deixar de referir o hábito que a Fundadora tinha de rezar as novenas enquanto caminhava – mais um motivo para referir-se a si própria como «la monja andariega», um costume ao qual ela se referia com a expressão «andar novenas».

**8: Outras obras relevantes** - Para além dos núcleos temáticos até aqui analisados, consideramos relevante destacar alguma obras em particular, quer pelo seu conteúdo quer pela importância dos seus autores, que foram referência incontornável no âmbito da literatura de espiritualidade durante a Época Moderna. Faremos apenas uma breve referência a cada uma delas dentro deste capítulo, considerando que serão objeto de uma atenção mais pormenorizada nos respetivos capítulos dedicados aos autores e às autoras representados no Catálogo.

Em primeiro lugar, por motivos óbvios, destacaremos o conjunto formado pelas obras de Santa Teresa de Jesus [2, 385, 386, 389], de São João da Cruz [217] e de Jerónimo Gracián de la Madre de Dios [188, 197]. Seguidamente, pela importância que tiveram na configuração do espírito teresiano, destacaremos as obras de Francisco de Osuna [302], e São Pedro de Alcântara [338]. Alonso de Orozco [85], Tomás de Kempis [95], Leandro de Granada [187] e António de Guevara [194, 195] são autores de reconhecida importância, também representados no Catálogo com as respetivas obras de referência. Fr. Luís de Granada [186, 190, 205], Fr. Luís de León [239], Luís de la Puente [312], Palafox y Mendoza [310], Tomas de Jesus [388, 391, 392] e Malon de Chaide [255] também integram este núcleo com as suas importantíssimas obras de referência, sem esquecer João Lanspergio [242] e João Eusébio Nierenberg [274, 275, 276, 285, 287], este último, como veremos no capítulo seguinte, um dos autores mais representados no Catálogo, a par do P. Manuel Conciencia [77, 78, 79, 100, 101, 102, 103]. Cabe ainda referir São Jerónimo [222] e São João Clímaco [224], como representantes da Patrística. Por último, resta fazer uma breve referência à obra *Pão partido em pequeninos para os pequeninos da casa de Deus: breve tratado espiritual em que se instrue hum fiel nos pontos principais da fe e bons costumes* [341], uma obra impressa em Coimbra em 1698, 8º, discriminada como sendo anónima, quando na realidade o texto – que tem

sido objeto de sucessivas edições até aos nossos dias –, corresponde à autoria do oratoriano P. Manuel Bernardes. Uma obra que terá merecido a melhor das atenções por parte das religiosas de S.to Alberto.

A análise de um acervo bibliográfico ficaria incompleta sem fazer referência às Bíblias nele existentes. A este respeito, a informação revelada pelo Catálogo poderá parecer algo inesperada porque apenas encontramos quatro exemplares [37] impressos em Lyon em 1742, isto é, já bem avançado o século XVIII. Partindo do princípio de que estes exemplares tenham chegado ao convento no mesmo ano da impressão ou nos anos imediatamente posteriores, cabe perguntar: antes desta data não existiam Bíblias em S.to Alberto? Provavelmente não. Não podemos esquecer as orientações de Trento, que proibiam, entre outras coisas, a circulação de Bíblias em línguas vernáculas, alegando ser apenas a versão latina aquela que conservava a pureza original dos Textos Sagrados, como já foi referido acima.

Por outro lado, considerando a condição feminina do convento de S.to Alberto e o provavelmente escasso e irregular nível de instrução de algumas das religiosas que nele professaram, especialmente nas primeiras décadas de funcionamento, poucas ou pouquíssimas conseguiriam ler e ainda assimilar as passagens em latim. Esta realidade também se aplicava aos outros carmelos femininos da Península Ibérica. Um exemplo ilustrativo é a *Carta Pastoral* de Fr. Fernando de San Juan Bautista [56], já referida anteriormente, cujo autor teve o cuidado de traduzir cada uma das citações bíblicas utilizadas ao longo do texto, na convicção de estar a facilitar a tarefa de assimilação do conteúdo por parte das religiosas, sabendo que, de outro modo, não o conseguiriam fazer.

A Madre Fundadora nunca lera a Bíblia, tomando conhecimento dos Textos Sagrados através do breviário, dos sermões, que ouvia com grande devoção e entusiasmo, e dos próprios confessores e prelados, a quem se dirigia sempre que precisava de esclarecimento. Indo ao encontro de uma atitude de humilde despojamento do supérfluo que pretendia inculcar nas suas filhas espirituais – atitude de “hermitaña” –, reprovava qualquer tipo de excesso ou ostentação de erudição. Prova disto é o episódio, sobejamente conhecido e quase anedótico, acontecido no locutório do convento de Toledo, em que Santa Teresa de Jesus dispensou uma postulante que desejava trazer a sua Bíblia: «¿Bíblia, hija? No vengais acá, que no tenemos necesidad de vos ni de vuestra Biblia, que somos mujeres ignorantes y no sabemos más que hilar y hacer lo que nos mandan»<sup>144</sup>.

---

<sup>144</sup> TERESA DE JESUS, 1986: 228 – 229, nota 25. Fr. Diogo de Yepes relata o que aconteceu depois com esta postulante: «Sucedió que aquella doncella llegó a unas beatas locas, que, engañadas del diablo y sin autoridad del

Para além destas considerações, devemos ter em conta casos pontuais, como o da Madre Micaela Margarida de Santa Ana. Certamente, esta religiosa estaria em poder de uma Bíblia em latim, com grande probabilidade ricamente encadernada e iluminada e destinada apenas ao seu uso particular. Talvez, o mesmo acontecesse com as suas damas de companhia ou com outras religiosas profetas em S.to .Alberto, cuja origem nobre ou aristocrática lhes permitiu adquirir um nível intelectual bastante superior ao das suas congéneres de origem mais humilde. Tendo em conta as datas de impressão discriminadas no Catálogo, os exemplares da Bíblia que foram catalogados poderão fazer parte dos livros herdados ou, mais provavelmente, oferecidos ao convento pelos próprios impressores ou por outros religiosos – também pelos benfeitores? -, com o intuito de serem destinados ao uso comum das religiosas ou a eventuais consultas por parte dos presbíteros e/ou confessores, durante as suas visitas ao convento.

## 8. Os autores presentes no Catálogo de S.to Alberto

Neste ponto do capítulo terceiro procederemos à análise dos autores presentes no Catálogo de S.to Alberto. São ao todo 338 autores identificados, dos quais 329 correspondem ao género masculino (97%) e 9 ao género feminino (3%). Deste último grupo nos ocuparemos em mais pormenor no ponto seguinte. Fora do âmbito estritamente conventual identificamos uma figura régia: D. Henrique, Infante de Portugal, autor das *Meditações e Homilias sobre alguns mistérios da vida de Nosso Redemptor & sobre alguns lugares do Santo Evangelho que fez o Sereníssimo & reverendíssimo Cardeal Infante D. Henrique, & por sua particular devoção* [212], impressa em Lisboa em 1574 na oficina de António Ribeiro. O exemplar que pertenceu ao convento de S.to Alberto está ao cuidado da Biblioteca Nacional de Portugal, na área de reservados<sup>145</sup>. Também contabilizamos sete autores leigos, entre os quais merecem especial atenção Domingos dos Reis Quita (1728 – 1770), Lope de Vega y Carpio (1562 – 1635) e Pedro Calderón de la Barca (1600 – 1681), estes dois últimos, figuras incontornáveis do «Siglo de Oro» das letras hispânicas, que

---

perlado, sino por solo su cascalillo, quisieron instituir una religión y procedieron en esto tan sin orden, que la Inquisición de Toledo las prendió, y las sacaron al auto el año de 79 [1579], y las castigaron con harta misericordia». Citado in VILLANUEVA, 1968: 179, nota 78.

<sup>145</sup> Também se encontra acessível na página digital da referida instituição: [purl.pt/23033/3/#/1](http://purl.pt/23033/3/#/1)

acabaram por abraçar a vida religiosa durante os últimos anos da sua existência<sup>146</sup>. Na livraria de S.to Alberto existiu uma biografia de Maria Estuarda de Escócia [449] onde Lope de Vega desempenhou o papel de tradutor para a língua castelhana. Por sua vez, Calderón de la Barca está representado com um exemplar dos *Autos Sacramentales*, impresso em Madrid em 1670, o ano em que o insigne escritor estreou, também em Madrid, o Auto *El verdadero Dios pan*, uma alegoria do pão eucarístico.

Com estatuto de santidade merecem destaque S.to Agostinho, São Pedro de Alcântara, São Jerónimo, o Mestre e Santo João de Ávila e São João Clímaco, cujas vidas e obras influenciaram decisivamente Santa Teresa de Jesus em diversos momentos do seu percurso espiritual. O Santo de Hipona está representado apenas com uma obra: *Confissões* [13], se bem que com duas edições distintas, traduzidas para castelhano por Fr. Sebastião Toscano (O.S.A.) e pelo P. Pedro de Ribadeneyra (S.J.), respetivamente. Da autoria de São Pedro de Alcântara o Catálogo discrimina uma das obras mais importantes: *Tratado de oração e meditação*, na sua primeira edição em língua portuguesa [338]. Em entradas quase consecutivas encontramos a São Jerónimo, com um exemplar que recolhe uma seleção das suas *Epístolas* (seleção) [222], e a São João Clímaco, com duas edições do século XVI da sua *Escala espiritual* [224], ambas traduzidas pelo dominicano Fr. Luís de Granada. Por último, salientaremos as *Obras completas* [9] e o *Epistolario espiritual* [10], da autoria do Mestre Juan de Ávila.

Na distribuição por Ordens religiosas, a mais representada, como seria de esperar, é a dos Carmelitas Descalços, com 29 autores (9%), encabeçados por Santa Teresa de Jesus – de quem nos ocuparemos em capítulo à parte, São João da Cruz e Jerónimo Gracián de la Madre de Deus, representado com duas obras da sua autoria: *Lámpara encendida* [188] e *Mística Teologia* [197], esta última traduzida para português pelo P. António Esteves. São João da Cruz, por sua vez, está representado por duas edições distintas das suas *Obras completas* [217, 220], ambas em formato fólio. Encontramos ainda dois autores pertencentes ao Carmelo calçado: Manuel Ferreira, com *Vidas dos Santos da Ordem do Carmo* [181] e Pedro de Padilla, com *Jardín espiritual* [315].

Em segundo lugar, como se poderá apreciar na tabela 10, situa-se a Companhia de Jesus, com 26 autores (8%), entre os quais merecem especial destaque Gaspar Loarte, com *Cosuelo de los affligidos donde se trata de los provechos, y remedios de las tribulaciones* [247]; Francisco de Ribera, um dos primeiros biógrafos de Santa Teresa<sup>147</sup>, representado precisamente com a biografia

---

<sup>146</sup> Lope de Vega foi ordenado sacerdote em 1614 e mais tarde nomeado oficial da Inquisição, falecendo em 1635. Por sua vez, Calderón de la Barca foi ordenado sacerdote em 1651, sendo nomeado Capelão de Honra do rei em 1663, em cuja Corte dirigia representações teatrais, nomeadamente, comédias e *Autos Sacramentales* da sua própria autoria.

<sup>147</sup> «[...] la biografía de Santa Teresa incluida en el *Libro de Recreaciones* [de María de San José Salazar] se redacta en un momento en que haciendo excepción de la *Vida* de Julián de Ávila y del opúsculo de Fray Luis de León, *De la Vida*,

da Santa [434]; e João Eusebio Nierenberg, um dos autores mais representados no espólio total, a par de Fr. Luís de Granada. Este notável jesuíta, de origem germânica, aparece nomeado em seis entradas do Catálogo, com *Diferença entre o temporal e o eterno* [274]; *Catecismo romano* [275], numa tradução de José Hortiz de Ayala; *Aprecio y estima de la Divina Gracia* [276]; *De la hermosura de Dios y su amabilidad por las infinitas perfecciones del Ser Divino* [285], volume que corresponde à primeira parte das obras do jesuíta; e *Afición y Amor de María Virgen Sacratísima Madre de Jesus Dios, y Hombre que la deben temer todos los redimidos de sus hijos* [287].

O.C.D. Ordem dos Carmelitas Descalços	S.J. Companhia de Jesus	O.F.M Ordem dos Frades Menores	O.P. Ordem de Pregadores
29	26	21	9.

Tabela 10 – Autores (por Ordem religiosa de pertença)

Em terceiro lugar situa-se a Ordem dos Frades Menores, com 21 autores (pouco mais de 6%), entre os quais destacaremos Alonso de Madrid, com *Arte para servir a Dios* [14]; António de Guevara, com a segunda parte de *Monte Calvario* [194] e *Oratorio de religiosos y ejercicios virtuosos* [195]; e Francisco de Osuna, com o *Abecedario espiritual* [302]. Desta última obra, as Albertas possuíam 3 tomos impressos em Burgos em 1554. Na verdade, a edição de 1554 não foi impressa em Burgos e sim em Medina del Campo (Valladolid), no prelo dos irmãos Mateo e Francisco del Canto. Corresponde à *Sexta parte del Abecedario espiritual compuesto por el padre fray Francisco de Osuna; que trata sobre las llagas de Jesu Christo para exercicio de todas las personas devotas; añadidas la tablas de las otras cinco partes, con la del Combite del sacramento, que el mismo autor compuso*<sup>148</sup>.

---

*Muerte, Virtudes y Milagros de la Santa Madre Teresa de Jesús*, todavía no han aparecido las grandes biografías de la fundadora: la de Yepes, que data de 1587 [...] o la de Ribera de 1590. María de San José, por lo tanto, aparte de sumarse por derecho propio y cronológico a los biógrafos de Santa Teresa en el siglo XVI, se erige, por otro lado, en pionera de una moda con parejo furor al de las autobiografías espirituales en el Siglo de Oro: el de las biografías de “hermanas de religión” [...]. Citado in PASCUAL ELIAS, 2014: 150 – 151.

<sup>148</sup> Catálogo Colectivo del Patrimonio Bibliográfico Español: CCPB000156276-2. A obra foi encadernada com capa xilográfica arquitetónica, a duas tintas, e impressa em letra gótica. Segundo a mesma fonte, em Burgos foram impressas a 4ª, 1ª e 5ª partes da obra, em 1536, 1537 e 1542, respetivamente.

Em quarto lugar e a considerável distância aparecem os dominicanos, com 9 autores (algo menos de 3%), com especial destaque para Fr. Bartolomeu dos Mártires e o já referido Fr. Luís de Granada. O primeiro está representado com duas obras: *Compendio de espiritual doutrina* [39] e *Modo de rezar o Rosario* [41], impressas em Lisboa em 1753 e 1751, respetivamente. Fr. Luís de Granada, por sua vez, está mais profusamente representado, com cinco entradas no Catálogo: três como autor das obras discriminadas e duas como tradutor de outros tantos escritos. Da sua própria autoria constam as suas *Obras completas* [186] em 8 tomos; o seu *Guia de pecadores* [190] e o incontornável *Tratado de oração* [205]. No seu papel de tradutor trasladou para a língua castelhana *Contemptus Mundi*, de Thomas de Kempis [95], com seis edições distintas discriminadas no Catálogo, impressas entre 1623 e 1743 e *Escala espiritual*, de São João Clímaco [224], com duas edições discriminadas: 1564 e 1583, ambas impressas em Valladolid.

Os restantes autores identificados estão distribuídos em pequenas percentagens entre a Ordem de S.toAgostinho, a Congregação do Oratório, os Cartuxos, a Ordem da Santíssima Trindade, o Clero Regular, a Ordem de Cristo, a Ordem de Cister, os Teatinos, os Cónegos Regulares, a Ordem de São Bento, os Concecionistas e os Irmãos da Vida Comum, neste caso e no anterior com apenas um autor identificado: Maria de Jesus Ágreda [12, 252, 253, 257] e Thomas de Kempis [95], respetivamente. Fazem ainda parte da listagem 137 nomes de autores cuja filiação religiosa ou institucional não foi identificada até ao momento por diversas razões, nomeadamente, por ausência de informação nas diversas fontes consultadas, por dúvidas suscitadas relativamente à identidade do autor nos casos em que aparecem dois ou mais com o mesmo nome ou devido à escrita incorreta do respetivo nome, dificultando a posterior pesquisa. Por sua vez, a pesquisa individual aplicada a cada uma das entradas discriminadas no Catálogo levou à descoberta do nome do respetivo autor em algumas obras catalogadas como anónimas, o que nos obrigou a reajustar os resultados quantitativos obtidos. A modo de exemplo ilustrativo citaremos o caso de *Carta de colóquio interior de Cristo Nuestro Redentor, al ánima devota* [109], cujo autor é o cartuxo alemão Johann Justus Landsberger (João Justo Lanspergio). Neste caso apenas altera o cômputo de obras anónimas já que o autor aparece referido em outras entradas com obras da sua autoria.

Estes resultados, apesar de não serem ainda definitivos, permitem esboçar algumas conclusões que poderão reverter na configuração de dados mais significativos. Partindo do pressuposto de que as religiosas de S.to Alberto tenham lido uma percentagem razoável dos volumes que custodiavam na livraria conventual e considerando a importância que jesuítas, franciscanos e dominicanos tiveram na vida da Fundadora, poder-se-á intuir na construção desta biblioteca uma possível intenção premeditada, destinada a enriquecer o espólio bibliográfico com autores pertencentes às referidas Ordens, de modo a fornecer às religiosas uma certa continuidade

na recepção de algumas das influências que tanto marcaram a vida espiritual e literária da Madre Fundadora. Por outro lado, faltou-nos identificar a filiação de todos os autores discriminados no Catálogo: os 85 que logramos apurar são ainda um número consideravelmente baixo no universo dos 338 escritores referenciados, se bem que, no caso vertente, a quantidade seja inversamente proporcional à qualidade dos mesmos. Assim sendo, o núcleo de leituras de influência teresiana já não parece ter sido fruto de uma vontade intencional e constante, ficando esbatido e apenas detetável em pequenos, embora significativos vestígios. Reminiscências de um espírito teresiano diluído paulatinamente com o passar dos anos e com a inerente evolução da cultura e do pensamento, onde o misticismo – fenómeno único, intenso e breve – ia deixando de fazer sentido. O Catálogo de S.to Alberto – elaborado 184 anos após a fundação do convento – discrimina os livros que as religiosas possuíam naquele preciso momento, o que não exclui a possibilidade da existência de outros títulos e volumes em épocas anteriores – desaparecidos por diversas razões: danos, perdas, roubos, estragos diversos, venda, heranças – formando um núcleo de leituras teresianas mais compacto, especialmente durante as primeiras décadas de funcionamento do cenóbio, quando o espírito da reformadora se encontrava ainda muito vivo, reforçado pela presença de Maria de São José Salazar e das primeiras fundadoras, todas elas discípulas diretas da Santa de Ávila. De qualquer modo, não deixa de ser um sinal da existência de um conjunto de livros e autores destinados a providenciar às religiosas de S.to Alberto os pontos essenciais dos preceitos e orientações absorvidos pela Fundadora, contribuindo para moldar e dar consistência aos respetivos percursos espirituais, dentro dos parâmetros concebidos pela Santa abulense. Era uma tentativa de transmissão do conceito, da ideologia e do modo de estar e pensar teresiano, para o qual, em boa verdade, a obra da Doutora da Igreja basta por si só.

Durante toda a sua vida, Santa Teresa cultivou um marcado gosto pela leitura de «buenos libros», cujos ensinamentos reverteram progressivamente na formação intelectual e espiritual da Fundadora, refletindo-se, com um cunho muito particular, na conceptualização da sua doutrina, na conceção do seu projeto fundacional e na criação da sua obra literária. Para Teresa de Ahumada, a leitura era o alimento essencial da alma e lamentava o escasso tempo de que dispunha para exercitar-se nela com mais frequência: «Siempre tengo deseo de tener tiempo para ler porque a esto he sido muy aficionada. Leo muy poco, porque, en tomando el libro, me recojo, en contentándome, y así se va la lición en oración»<sup>149</sup>. Este facto é um claríssimo reflexo da integração da leitura na superior atividade mental do seu espírito, como salienta muito acertadamente García

---

<sup>149</sup> *Primera Cuenta de Conciencia*, citado in: GARCÍA DE LA CONCHA, 1975: 81.



de la Concha, «así como la de los contenidos objetivos de um eclético sistema personal próprio»<sup>150</sup>.

A livraria de S.to Alberto continha algumas, e só algumas, das obras mais representativas do percurso leitor da Santa, vestígios das fontes literárias que foram orientando a sua evolução espiritual e consolidando, sempre de forma autodidata, os seus conhecimentos teológicos. Todos estes autores, e ainda outros, contribuíram em maior ou menor medida para a configuração do pensamento teresiano, sem nunca limitarem a sua potência de alcance, como salienta García de la Concha. Sem nunca sentir-se pressa a eles e com uma liberdade invulgar para uma mulher da sua época, a Fundadora foi vertendo nos seus escritos inúmeras considerações sobre uma grande diversidade de matérias porque, como afirma Tomás de la Cruz, «ella lleva en la cabeza una biblioteca más abastecida que la del pobre monasterio de San José»<sup>151</sup>. Terá sido a livraria de S.to Alberto uma das mais bem abastecidas do carmelo teresiano em Portugal? E na Península Ibérica?

No Catálogo transcrito encontramos discriminado um exemplar das *Epístolas* de São Jerónimo [222], como já foi referido. Em boa verdade, trata-se de uma seleção das mesmas, impressa em Madrid em 1617, 8º, por Juan de la Cuesta e traduzida de latim para castelhano pelo licenciado Francisco López CueS.ta A primeira *Epístola* é precisamente a *Carta a Heliodoro*, que influenciou particularmente Santa Teresa, numa fase da vida em que foi obrigada a optar entre uma vida no século ou uma existência consagrada a Deus, situação muito semelhante à vivida pelo destinatário da referida epístola. García de la Concha considera esta obra fundamental no processo de consolidação do espírito maximalista da Santa, marcado por um forte caráter sentimental e projetado para a ação, herança das suas leituras dos livros de cavalarias e dos *Flos Sanctorum*<sup>152</sup>.

Teresa absorveu também o modelo agostiniano, onde apreendeu fundamentalmente a essência do recolhimento. Apesar de ter lido as *Meditações*, os *Sollóquios* e as *Confissões*, do Santo de Hipona, a livraria de S.to Alberto possuía apenas duas edições em castelhano das *Confissões* [13], uma delas traduzida pelo P. Pedro de Ribadeneyra (Madrid, 1628, 8º). Segundo García de la Concha, no seu incontornável estudo sobre o estilo literário de Santa Teresa, as obras de S.to Agostinho constituem o precedente mais direto e o modelo mais claro, quer do *Libro de la Vida* quer da componente autobiográfica que subjaz ao longo de toda a obra literária teresiana<sup>153</sup>. A *Imitação de Cristo* – também conhecida como *Contemptus Mundi*, de Thomas de Kempis [95], assim como *Vita Christi*, vulgarmente chamada “os cartuxanos”, de Ludolfo de Saxónia [401], também faziam parte desta livraria conventual. Ambas as obras, centradas na dimensão humana de

---

<sup>150</sup> Ibidem.

<sup>151</sup> Citado in: Ibidem.

<sup>152</sup> Ibidem: 54 – 55.

<sup>153</sup> Ibidem: 57.

Cristo, terão contribuído significativamente para o desenvolvimento da sensibilidade da Santa, tal como o fizeram as representações pictóricas que contemplava com grande veneração e admiração sempre que tinha oportunidade<sup>154</sup>.

Três dos grandes mestres que influenciaram Santa Teresa também se encontram representados no Catálogo de S.to Alberto: Juan de Ávila [9, 10], Fr. Luís de Granada [186, 190, 205] e São Pedro de Alcântara [338]. Em relação ao primeiro, García de la Concha observa a profusão de ideias extraídas do *Audi Figlia* [9] e contidas no *Camino de Perfección*, nomeadamente, o recurso às imagens com que pretende despertar o amor, o recolhimento e a contemplação interior dos mistérios de Cristo, algo que a Fundadora muito apreciava e recomendava<sup>155</sup>.

Fr. Luís de Granada e São Pedro de Alcântara influenciaram de tal modo Santa Teresa, humana e intelectualmente, que esta chegou a incluir as obras deles nas suas *Constituciones*<sup>156</sup>, escritas propositadamente para as religiosas dos seus conventos reformados. Em *El libro de la oración* [205] e no *Guía de pecadores* [190], de Fr. Luís de Granada, alguns estudiosos como Bizzicari, detetam o uso comum de certas comparações, nomeadamente, as imagens guerreiras, com o castelo como peça central; o esquema Deus/Alma, estabelecendo uma relação comparativa com o bebé lactante e a sua mãe; ou o raio de sol que, penetrando num lugar escuro revela até as mais ínfimas partículas de pó. A relação que unia Santa Teresa com São Pedro de Alcântara foi bastante estreita<sup>157</sup>, quer no plano doutrinal quer num âmbito pessoal mais prático. Ambos defendiam a doutrina da conciliação entre meditação e contemplação, assim como os preceitos de raiz agostiniana, em que o centro da alma é o melhor dos refúgios porque é aí que se encontra a imagem de Deus<sup>158</sup>. Segundo Tomás Álvarez, este venerável franciscano representou para a Fundadora «la autenticidad de la experiencia de Teresa desde la experiencia del otro», de modo que ao ser compreendida e referendada a partir da experiência de São Pedro de Alcântara, Santa Teresa ganhou de imediato uma notória segurança na sua própria. No âmbito doutrinal, este facto refletir-se-ia na reiterada convicção teresiana em relação à existência de aspetos inefáveis na vida mística, apenas compreensíveis por quem os experimentara. Algo que «decidirá la postura mistagógica de Teresa en el acto de escribir», afirma o P. Álvarez. Na opinião do consumado

---

<sup>154</sup> Ibidem: 61. Em 2014, por ocasião dos 400 anos da morte do “El Greco”, José María Martín del Castillo publicou um interessante artigo intitulado *Un centenário detrás de otro. El Greco y Santa Teresa*, onde se debruça sobre as possíveis influências teresianas na obra do pintor, seu contemporâneo. O texto permanece acessível em: [www.revistapanacea.com/el-greco-y-santa-teresa/](http://www.revistapanacea.com/el-greco-y-santa-teresa/)

<sup>155</sup> Ibidem: 62.

<sup>156</sup> *Constituciones*, capítulo II, ponto 7.

<sup>157</sup> A este respeito veja-se: RENÉ DE NANTES, 1903, “Saint Pierre d’Alcantara et Sainte Thérèse” in *Études franciscaines*, nº 10, pp. 162 – 168; 384 – 394; VALDIVIESO, Rafael Sanz, 1996, *Vida y Escritos de San Pedro de Alcántara*. Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos (BAC).

<sup>158</sup> Ibidem: 65.

teresianista, Teresa escreve para provocar uma experiência no leitor, ou pelo menos «para conectar el fluído de la propia experiencia con la sensibilidad y emotividad de quien la lea»<sup>159</sup>.

A obra que marcou um antes e um depois no percurso espiritual de Teresa, *Tercer abecedario*, de Francisco de Osuna, não fazia parte do espólio de S.to Alberto. As Albertas apenas possuíam, o *Sexto abecedario*, como já foi referido, e não o *Tercero*, que foi particularmente marcante para a Santa. Para García de la Concha, Osuna representa da forma mais autêntica a espiritualidade do recolhimento em Castela, do mesmo modo que Bernardino de Laredo – um dos grandes ausentes no Catálogo - a representava na Andaluzia<sup>160</sup>. Na referida obra, especialmente na terceira parte – que a Santa lera e relera avidamente, como indicam as numerosas anotações marginais que contém o exemplar por ela utilizado, conservado com veneração no Carmelo descalço de Valladolid, Osuna preconiza as duas dimensões do homem: corpo e espírito; escolástica e mística, porque «seguir a Cristo con solo el entendimiento es volar con una sola ala, bogar con un solo remo o andar con un pie»<sup>161</sup>. Para o franciscano, a aniquilação ou conhecimento de si próprio «no es una pura reflexión socrática: busca Cristo en su más íntima intimidad»<sup>162</sup>. Foi precisamente este conceito socrático, entendido pelo franciscano como um modo de procurar Cristo, que inspirou de forma marcante Santa Teresa na hora de elaborar a sua doutrina e o seu modo de estar em religião.

Com efeito, é este o leque de autores que influenciaram Santa Teresa e que provavelmente influenciariam, em maior ou menor medida, as carmelitas do convento de S.to Alberto, através da leitura das suas obras. Do mesmo modo terão sofrido a influência da leitura das obras da própria Fundadora que entretanto foram conhecendo diversas edições na Península Ibérica e não só, passando a integrar também o espólio bibliográfico da grande maioria dos conventos portugueses, como revelam os catálogos até agora consultados. No nosso Catálogo são ao todo 29 os autores carmelitas, como já foi referido, 26 jesuítas, 21 franciscanos e 9 dominicanos, o que perfaz um total de 85 autores, correspondendo a 33% do número total. Uma percentagem modesta que, no entanto, garante a permanência de vestígios teresianos no universo de leitura deste convento lisboeta.

---

<sup>159</sup> ÁLVAREZ, 2014: 222 – 223.

<sup>160</sup> Op. Cit.: 66.

<sup>161</sup> Op. Cit.: 67.

<sup>162</sup> Citado in GARCÍA DE LA CONCHA, 1976:68.

## 9. As autoras presentes no Catálogo de S.to Alberto

Se Fr. Luís de Granada (O.P.) e Fr. Luís de León (O.E.S.A.) eclipsaram consideravelmente os autores das respetivas Ordens que professaram, Santa Teresa de Jesus e São João da Cruz deixaram na sombra não só os autores da própria Ordem como também, sem lugar para grandes dúvidas, o conjunto global dos autores de espiritualidade do século XVI. A extraordinária lucidez – inteligência emocional, diríamos hoje – de ambos, a estreita amizade que mantiveram, as influências mútuas, o carisma e a “recia” personalidade destes Doutores da Igreja<sup>163</sup> confluíram numa produção literária de obras bem distintas – como, de facto, era distinta a formação intelectual de cada um deles que, no entanto, conseguiram complementar-se reciprocamente, como salienta José María Moliner<sup>164</sup>.

No pequeníssimo grupo de autoras representadas no Catálogo (9), Santa Teresa de Jesus ocupa, sem surpresa, o lugar preponderante, destacando-se também, de forma notória, no elenco geral dos autores discriminados. A vida e obra desta carmelita sempre cativou o interesse e a atenção dos estudiosos e dos investigadores, e continuará a merecer atenção porque a sua figura multidimensional permite aplicar-lhe abordagens múltiplas e interdisciplinares. Teresa de Ahumada (1515 – 1582) atravessou praticamente todo o século XVI. Um século marcado, entre outras coisas, pela celebração do Concílio de Trento e, no caso particular da Península Ibérica, pela política confessional do rei Prudente, Filipe II. A estrutura social obedecia a padrões extremamente rígidos, em que a mulher ocupava um lugar marginal, sendo considerada como um ser inferior ao homem, que devia submeter-se sempre à vontade, à palavra e à orientação deste. Fica claro que nestas circunstâncias o acesso ao saber e aos estudos sistemáticos lher era totalmente vedado. Apenas as jovens cortesãs, pertencentes à alta nobreza eram admiradas pelos seus dotes intelectuais; isto, porque o estado da mulher e a classe social em que cada uma delas se inseria, determinavam o modo como eram avaliados o desejo de saber e a inclinação para o estudo. Deste modo, as mulheres pertencentes a grupos sociais menos favorecidos tinham, salvo raríssimas exceções, pouquíssimas hipóteses de receber uma instrução razoável, minimamente completa, a não ser no âmbito doméstico ou conventual. Este último, representava para muitas mulheres um espaço propício para a prática da leitura, da escrita e/ou ambas.

---

<sup>163</sup> Santa Teresa de Jesus foi bastante tardiamente reconhecida como Doutora da Igreja, em 1970; em contrapartida, São João da Cruz recebeu esse reconhecimento em 1929.

<sup>164</sup> MOLINER, 1972: 319.

Foi neste contexto socio-cultural brevemente esboçado que Teresa de Ahumada aprendeu as primeiras letras, provavelmente, entre os três e os cinco anos de idade, como era usual entre as famílias abastadas ou fidalgas. Terá sido orientada neste processo pela figura materna – ela própria uma leitora assídua, auxiliada, talvez, pelos irmãos mais velhos, com o apoio da *Cartilla*, de Hernando de Talavera, uma das mais divulgadas na época<sup>165</sup>. Nunca aprendeu latim, nem frequentou qualquer tipo de ensino sistemático, no entanto, uma vez superada a fase do consumo exacerbado de livros de cavalaria, transformou-se numa ávida leitora de «buenos libros», porque considerava a leitura destes um alimento essencial para a alma. De facto, foi nos livros que Teresa adquiriu, ao longo de toda a sua vida, os seus conhecimentos e a sua cultura autodidata, sempre complementados por um diálogo constante com aqueles que ostentavam um nível de erudição superior ao dela, nomeadamente, confessores e letrados.

A identidade destes letrados é-nos revelada pela própria Fundadora, na *Relación IV*, escrita em janeiro ou fevereiro de 1576, quando contava sessenta anos de idade. Este documento, em forma de dístico e escrito na terceira pessoa, tinha como objetivo afastar as suspeitas que o Tribunal da Inquisição tinha em relação a ela. Na primeira listagem de uma série tripla, “Espirituales”, Santa Teresa enumera os onze jesuítas com quem se relacionou em algum momento durante os últimos dezoito anos da sua vida, seguidos do respetivo qualificativo ou de uma brevíssima referência biográfica. Reproduzimos aqui a série a partir do trabalho publicado pelo P. Tomás Álvarez<sup>166</sup>.

### **Espirituales**

1. Antonio de Araoz,

Era comisario de la Compañía.

2. P. Francisco [de Borja],

Que fue duque de Gandia. A quien trató dos veces.

3. Gil González,

Provincial que está ahora en Roma, que es uno de los cuatro señalados.

4. P. Juan Suárez,

Provincial que es ahora de Castilla, aunque a este no trató tanto.

5. Baltasar Álvarez,

---

<sup>165</sup> Teresa de Ahumada era filha de Alonso Sánchez de Cepeda e de Beatriz de Ahumada, sua segunda esposa, com quem teve dez filhos. Incluindo os dois filhos fruto do primeiro casamento do pai, Teresa cresceu numa família numerosa, como ela própria nos informa na sua autobiografia: «éramos três hermanas y nueve hermanos». *Vida*, 1: 3. Seguimos a edição do P. SILVERIO, 1954: 3.

<sup>166</sup> ÁLVAREZ: 2014, 149 – 150.

Que es ahora rector en Salamanca, y la confesó seis años en ese tiempo.

6. Gaspar de Salazar,

Rector que es ahora de Cuenca.

7. Luis de Santander,

Rector de Segovia..., este no tanto tiempo.

8. Jerónimo Ripalda,

Rector de Burgos, y aún estaba mal con ella de que había oído estas cosas, hasta después que la trató.

9. Al doctor Pablo Hernández,

En Toledo, que era consultor de la Inquisición.

10. El doctor Martín Gutiérrez...

Rector que era de Salamanca cuando le habló.

11.. ...y a otros padres de la Compañía que se entendía ser espirituales, que como estaba en los lugares que iba a fundar, los procuraba.

A segunda listagem, "Teólogos", inclui nove dominicanos.

### **Teólogos**

1. Vicente Barrón,

La confesó año y medio en Toledo, que era confesor entonces del Santo Oficio...y era gran letrado.

2. El P. Presentado Domingo Bañez,

Que ahora esta en Valladolid por regente en el Colégio de San Gregório, que la confesó seis años y siempre trataba con él por cartas, cuando se le ofrecía algo.

3. El Maestro Chaves [Diego de].

4. El P. Maestro Fray Bartolomé de Medina,

Catedrático de Prima en Salamanca, y sabía que estaba muy mal con ella, porque había oído de estas cosas...

5. Fr. Felipe Meneses,

Rector del Colégio de San Gregório de Valladolid.

6. Juan Salinas,

Provincial de Santo Domingo, hombre muy espiritual.

7. Otro Presentado llamado Lunar,

Que era prior de Santo Tomás de Ávila.

8. Diego de Yanguas,  
Ahora en Segóvia, harto de agudo ingénio.
9. Y otros algunos,  
Que en tantos años ha habido lugar para ello...<sup>167</sup>

Por último, a serie intermédia, onde a Santa refere apenas três nomes, todos eles de exceção:

1. Fr. Pedro de Alcántara,  
Que era un Santo varón de los descalzos de San Francisco, trató mucho, y fue el que mucho puso porque se entendiese que era buen espíritu.
2. Francisco de Soto,  
Obispo que es ahora de Salamanca, que era inquisidor no sé si en Toledo o en Madrid, y lo había sido en Sevilla.
3. El Maestro Ávila [Juan de],  
Que entendía mucho de oración, y que con lo que [este] le escribiese se sosegase<sup>168</sup>...

Esta listagem tripartida põe em evidência a extensa gama de colaboradores que contribuíram «en la formación de su persona y en la definición de sus experiencias profundas», como realça Tomás Álvarez<sup>169</sup>. Inclui representantes das correntes culturais e espirituais do tempo em que a Santa viveu, assim como três homens notáveis que chegariam a atingir a Santidade - Pedro de Alcántara, Juan de Ávila e Francisco de Borja - e dez professores dominicanos, quase todos titulares da respetiva cátedra de Teologia. Ao todo, são 23 os eleitos, «como si fueran el profesorado de su universidad privada»<sup>170</sup>. Estamos perante uma mulher que soube conciliar a sua experiência pessoal com o autodidatismo adquirido ao longo da vida nos «buenos libros», que lia avidamente, legitimando essa aprendizagem com a intervenção sábia e ponderada de uma panóplia alargada de letrados e teólogos, dignos representantes das mais altas esferas do saber da época. Foi neste contexto formativo que Teresa de Ahumada elaborou a sua obra literária.

Esta «cronista de interioridades y de la historia de su tiempo», utilizando as palavras do P. Daniel de Pablo Maroto<sup>171</sup>, conseguiu deixar uma valiosíssima herança literária para a posteridade, e fê-lo apesar de todas as dificuldades que teve de enfrentar no âmbito de uma cultura misógina, que

---

<sup>167</sup> Ibidem: 150 – 151.

<sup>168</sup> Ibidem: 151.

<sup>169</sup> Ibidem: 151 – 152.

<sup>170</sup> Ibidem: 147; 149.

<sup>171</sup> MAROTO, 2015: 28.

marginalizava e desvalorizava qualquer iniciativa feminina; apesar de não ter frequentado estudos sistemáticos na escola ou na universidade; apesar da sua origem conversa e das suspeitas que as suas ações levantaram entre certos teólogos e inquisidores. Uma herança formada por um conjunto de escritos lidos e estudados por todos: crentes, ateus, católicos, hereges e anticlericais, como salienta o P. Maroto<sup>172</sup>. Segundo o venerável teresianista, o sucesso da obra teresiana radica no facto de ser «una fuente original que está manando sempre con agua nueva»<sup>173</sup>. Por outro lado, a obra teresiana foi criada ao ritmo das necessidades pessoais da sua autora, lideradas por uma vontade imperiosa de clarificar-se e compreender-se a si própria. Desta ambição surge a sua autobiografia, as *Relaciones* ou *Cuentas de Conciencia* e algumas obras menores. Por outro lado, consciente ou inconscientemente, acabou por transformar-se em Mestre de Fé, como salienta Maroto<sup>174</sup>, o que ficou patente no seu *Camino de Perfección* e nas *Moradas* ou *Castillo interior*. Por último, como cronista da história do seu tempo e do seu caminhar de «monja andariega» nasce o livro das *Fundaciones*.

Para melhor compreender o alcance das influências teresianas recebidas pelas religiosas de S.to Alberto através da leitura das obras da Fundadora, torna-se necessário referir brevemente o teor de cada uma delas. De modo geral, o conteúdo da autobiografia da Santa, *El libro de la vida*<sup>175</sup>, tem um carácter essencialmente didático e doutrinal, onde são abordados inúmeros temas de forma bastante aprofundada. Um verdadeiro prodígio de arte literária, de história, de teologia e de mística, como realça o P. Maroto – uma atitude apologética, talvez, excessivamente entusiasta, que considera esta obra uma das mais originais de toda a literatura universal<sup>176</sup>. Alguns dos seus capítulos narram a história fundacional do primeiro carmelito reformado, São José de Ávila, o que vem legitimar a missão fundadora de Teresa como uma consequência necessária, derivada das suas experiências místicas. Pouco tempo depois escreveu *Camino de perfección*, uma espécie de manual prático para a construção das comunidades cristãs, fundadas nas virtudes evangélicas de um humanismo cristão: amor, “desasimiento” e humildade para «andar en verdad»<sup>177</sup>. *Las Moradas* ou *El castillo interior*, escrito entre junho e novembro de 1577, talvez seja a mais conhecida das

---

<sup>172</sup> Ibidem: 29.

<sup>173</sup> Ibidem.

<sup>174</sup> Ibidem.

<sup>175</sup> Apenas se conserva a segunda versão do manuscrito autógrafa, escrita, como a primeira, no convento de San José, de Ávila, em 1565.

<sup>176</sup> Ibidem: 29.

<sup>177</sup> Ibidem: 30.



suas obras, embora difícil de compreender e ainda mais difícil de levar à prática. «Pocas veces un lector habrá encontrado páginas tan brillantes en defensa de la dignidad del ser humano[...]»<sup>178</sup>.

Para além desta trilogia mística, Santa Teresa de Jesus foi autora de uma série de breves apontamentos, publicados sob o título de *Relaciones* ou *Cuentas de conciencia*, onde se destacam as duas que já foram referidas, destinadas aos teólogos da Inquisição de Sevilha, escritas em 1576 – 1577 com o intuito de contestar com elas as falsas acusações apresentadas por algumas testemunhas<sup>179</sup>, aquando da fundação do convento sevilhano. Um outro conjunto de apontamentos, editado sob o título de *Meditaciones sobre los Cantares*, recolhe «casi al margen de la Biblia unas reflexiones insospechadas por el lector».<sup>180</sup>

O livro das *Fundaciones*, escrito de forma intermitente entre 1573 e 1582, resulta, no seu conjunto, uma crónica de viagens, realista e bem humorada, não isenta do espírito crítico e da subtil ironia que caracterizam o estilo de Teresa de Ahumada. O seu abundante *Epistolario*, do qual se conservam perto de 500 cartas – a maioria autógrafas e as restantes em cópias – constitui uma riquíssima fonte de informação histórica, onde encontramos valiosas referências a inúmeras personagens do seu tempo, pertencentes a quase todos os estamentos sociais, assim como informação diversa sobre a sociedade da época, a situação da Igreja e da vida religiosa e, sobretudo, aspetos relacionados com a reforma do Carmelo.

Por último, não podemos deixar de referir algumas obras de conteúdo jurídico e prático, como são as *Constituciones* – escritas por volta de 1567 para a comunidade de religiosas de São José de Ávila – e *Modo de visitar los conventos*, escrito em 1576 para o P. Jerónimo Gracián, na altura, visitador oficial das descalças. Trata-se de um conjunto de normas práticas, cheias de senso comum, destinadas, de forma particular, aos visitantes, de modo a poderem cumprir com maior rigor a tarefa da qual foram incumbidos. Ao mesmo tempo, esta obra é também um aviso para as prioresas, para que possam governar e administrar com sensatez as respetivas comunidades.

Vejamos agora qual é o peso da presença da obra teresiana no espólio da livraria de S.to Alberto. À primeira vista, parece pouco relevante, a julgar pelo escasso número de entradas que o Catálogo regista: apenas quatro. Porém, considerando os títulos e o conteúdo dos mesmos, a quantidade acaba por resultar inversamente proporcional à qualidade das obras discriminadas. A

---

<sup>178</sup> Ibidem: 30.

<sup>179</sup> Os motivos que levantaram as suspeitas da Inquisição são narrados com precisão por Maria de São José no seu *Libro de Recreaciones*, pp. 326 – 327, na edição de 1982 publicada pelas Ediciones Monte Carmelo, com base no Arquivo Silveriano.

<sup>180</sup> Ibidem: 31.

entrada [385] regista quatro edições distintas das *Suas obras*: Madrid, 1611<sup>181</sup>, 1678<sup>182</sup>, 1747<sup>183</sup> e Barcelona, 1724<sup>184</sup>, todas em 4º. Como se torna óbvio, nenhuma delas é a edição *princeps*, nem a elaborada por Fr. Luis de León e Ana de Jesus, no entanto, observando a sequência das datas de impressão, com uma média de 34 anos de distância entre si, podemos intuir um certo cuidado em manter na livraria de S.to Alberto edições atualizadas das obras da Fundadora. Por outro lado, a quantidade de exemplares acumulados na altura em que o Catálogo foi elaborado, poderá ser indício de uma procura frequente, por parte das religiosas, dos textos teresianos o que, por sua vez, terá contribuído para manter vivo o espírito da Fundadora, dando continuidade – se bem que algo diluídamente – à transmissão da essência teresiana ao longo das décadas.

A entrada imediatamente seguinte [386] regista um exemplar do livro das *Fundaciones*, numa edição de 1679, impressa em Amberes, 4º, sobre a qual não foi possível encontrar mais informação até ao momento. Logo no primeiro fôlio do Catálogo, na segunda entrada [2], verificamos a existência de um exemplar dos *Avisos espirituales*, comentados pelo jesuíta Alonso de Andrade, numa edição de 1644 impressa em Barcelona por Tomás Lorente, na oficina de Cornellas, 4º<sup>185</sup>. Por último, na entrada [389] encontramos a *Informação que o Ilustrissimo e Reverendissimo Patriarca de Jerusalem vicelegado de sua Santidade tomou nesta cidade de Lisboa sobre a vida, e obras de Santa Teresa de Jesus*, obra impressa em Lisboa em 1596, 4º. Como se terá verificado, na livraria de S.to Alberto não faltavam as obras da Fundadora, com exemplares suficientes – embora em quantidade discreta – para que pudessem ser lidas periodicamente pelas religiosas. Também não faltavam alguns comentários, provenientes de pessoas autorizadas, relativos quer à sua obra quer à sua pessoa.

---

<sup>181</sup> *Los libros de la B. Madre Teresa de Jesus fundadora de los monasterios de monjas y frayles Carmelitas Descalços de la primera regla*. En Madrid : por Luis Sanchez, Impresor del Rey N.S., 1611 (4º). Contiene: un tratado de su vida ... con algunas cosas de oración; Camino de perfección, con unas reglas y avisos; Castillo espiritual o Las Moradas, con unas meditaciones espirituales.

<sup>182</sup> *Obras de la Gloriosa Madre Santa Teresa de Jesus, fundadora de la reforma de la Orden de Nuestra Señora del Carmen de la Primera Obseruancia* : tomo primero. En Madrid: por Bernardo de Villa-Diego..., 1678 (4º). Contiene: "La vida de la Santa Madre Teresa de Jesus, y algunas de las mercedes que Dios le hizo / escritas por ella misma... "Libro llamado camino de perfeccion / que escriuió para sus monjas la S. Madre Teresa de Jesus..., impresso conforme à los originales de mano, enmendados por la misma Madre, y no conforme à los impressos, en que faltauan muchas cosas, y otras andauan muy corrompidas", con portadilla propia "Auisos de la Santa Madre Teresa de Jesus para sus monjas".

<sup>183</sup> O CCPBE não apresenta nenhum resultado para este ano.

<sup>184</sup> *Obras de la gloriosa madre Santa Teresa de Jesus, fundadora de la reforma de la Orden de Nuestra Señora del Carmen ..* : tomo primero. Barcelona: en la imprenta de los padres Carmelitas Descalzos, [s.a.] (4º). *Obras de la Gloriosa Madre Santa Teresa de Jesus, fundadora de la Reforma de la Orden de Nuestra Señora del Carmen ..* : tomo segundo. Barcelona: en la imprenta de los padres Carmelitas Descalzos, [s.a.] (4º). Apesar de a edição não registar o ano de publicação, o CCPBE indica 1724. Também em Barcelona, no mesmo ano e pelo mesmo impressor (Imprenta de los Padres Carmelitas Descalzos), estão registados 2 tomos de *Cartas de Santa Teresa de Jesus... / con notas del... Señor Don Iuan de Palafox y Mendoza... ; recogidas por orden del... Padre Fr. Diego de la Presentacion, General que fue de los Carmelitas Descalzos*

<sup>185</sup> O *Catálogo Colectivo del Patrimonio Bibliográfico Español* regista uma edição de Barcelona sem indicação de ano, mas informa que terá sido publicada em 1646, «fecha tomada de la Licencia de los Superiores».

Depois de Santa Teresa de Jesus, a autora mística mais lida e a que tem suscitado maior interesse, quer pela quantidade quer pela qualidade da sua obra, será provavelmente a franciscana concepcionista Soror Maria de Jesus de Ágreda (1602 – 1665), nome que alude à cidade da província de Soria onde nasceu. O marido, os dois filhos, as duas filhas e ela própria acabariam por professar em conventos franciscanos, como nos relata no seu *Tratado primero*. Maria de Jesus fê-lo no Convento da Inmaculada Concepción, em Ágreda, de onde nunca saiu – apesar dos relatos relativos às suas capacidades de bilocação - e onde assumiu as funções de priora a partir de 1627.

Esta religiosa concepcionista, tal como Santa Teresa, foi uma leitora assídua, «intelectualmente sobredotada, con una capacidad excepcional de retener y asimilar todo cuanto oía y leía»<sup>186</sup>. Foi também uma autodidata que, para além da leitura, adquiria conhecimentos através dos sermões e das “charlas”<sup>187</sup>. Foi autora de um considerável conjunto de escritos, entre os quais se destaca a autobiografia – escrita quando contava já sessenta anos de idade, por mandado do seu confessor, o P. Andrés de Fuenmayor – e um epistolário com mais de 600 cartas conservadas até hoje, a maioria delas, fruto da correspondência mantida com o monarca Filipe IV de Espanha, entre 1643 e 1665. Porém, a obra mais lida e mais divulgada<sup>188</sup> desta franciscana será, com pouca margem de dúvida, a *Mística ciudad de Dios, milagro de su omnipotencia y abismo de la gracia. Historia divina, y vida de la Virgen Madre de Dios, Reina y Señora nuestra Maria Santísima, Restauradora de la culpa de Eva y Medianera de la gracia. Manifestada en estos últimos siglos por la misma Señora a su esclava Sor María de Jesús, Abadesa indigna de este convento de la Inmaculada Concepción de la villa de Ágreda*, dividida em três partes e oito livros. A primeira redação teve lugar entre 1637 e 1643 e a segunda, entre 1656 e 1660. A primeira impressa saiu do prelo de Bernardo de Villa-Diego em 1670.

Esta extensa obra, onde não faltam os *topoi* da obediência e da inferioridade de género, deveria ser, como primeira intenção, uma história divina, uma biografia de Maria Santíssima e não uma exposição teológica, porque a espiritualidade afetiva da sua autora estava longe da teologia puramente dogmática. Trata-se de uma narração e não de um tratado, nem muito menos uma vulgarização de teologia dogmática ou espiritual. As exposições doutrinárias não narrativas são, na

---

<sup>186</sup> BARBEITO CARNEIRO, 2007: 378.

<sup>187</sup> As “charlas” eram reuniões celebradas em ambientes privados da aristocracia e da nobreza, em que alguns dos intelectuais mais prestigiados da época, locais ou não, eram convidados pelos anfitriões para refletirem (charlar) em torno das mais variadas matérias e/ou para divulgarem novos conhecimentos.

<sup>188</sup> Em relação à divulgação da vida e da obra de Maria de Jesus de Ágreda fora do âmbito peninsular veja-se o interessante artigo *Iluminatrix plurimorum per exempla lucidissima vitae suae: El conocimiento de la vida y la obra de Sor María de Ágreda Mística Ciudad de Dios en los conventos femeninos polacos*, da autoria de Joanna Partyka in: BARANDA LETURIO, 2014: 393 – 403.

verdade, muito escassas, aparecendo sempre de forma esporádica, de maneira acidental e/ou como preliminares ou explicativas daquilo que é narrado. Todo o conteúdo da obra é apresentado sob forma narrativa, como o relato dos episódios que constituem a história divina e a vida de Maria, onde o que é verdadeiramente importante é a vida íntima da sua alma, que ocupa um lugar preponderante porque é, também, história divina<sup>189</sup>. Para Solagurem, o género literário da *Mística Ciudad de Dios* é «didáctico y monitorio [...] es el género de una narración profético–edificante»<sup>190</sup>.

A notável obra literária de Soror Maria de Jesus de Ágreda foi inteiramente elaborada dentro dos muros do espaço conventual, com uma comunicação bastante escassa em relação à realidade literária e histórica do seu tempo, a não ser, a informação que recebia através da abundante correspondência que mantinha com figuras como Francisco de Borja, capelão das Descalzas Reales de Madrid. Francisco Javier Fuente Fernández, após análise do conteúdo bibliográfico da atual livraria do convento de Ágreda, conseguiu elaborar uma listagem com aquelas obras que terão sido essenciais no desenvolvimento espiritual e literário desta escritora. Para começar, verificou que a religiosa tinha diversos livros na chamada “Tribuna”, um pequeno quarto situado junto ao coro, que os seus superiores lhe tinham detinado para a realização dos seus exercícios espirituais, para os seus retiros e, também, para que pudesse escrever<sup>191</sup>.

Dessa pequena livraria individual faziam parte diversas obras de autoria feminina, encabeçadas – como seria expectável – pelas obras de Santa Teresa de Jesus. Também se encontrava aí um exemplar de *Las admirables y regaladas revelaciones de la gloriosa Santa Gertrudes* (2ª parte, 1614), assim como a *Historia, vida y milagros, éxtasis y revelaciones de Sor Juana de la Cruz*<sup>192</sup>, da autoria de Fr. António Daza (1613). O exemplar desta obra contém diversos sublinhados, aparecendo em primeiro lugar um conjunto de três cruces à margem da passagem onde a franciscana de Cubas exorta as religiosas à prática da devoção aos Anjos da Guarda<sup>193</sup>. Para García Andrés «ambas mujeres tienen un importante parentesco espiritual [...]. La Venerable, en la proyección que hace de su experiencia mística a la Virgen María [*Mística Ciudad de Dios*], no

---

<sup>189</sup> Cf. BARBEITO CARNEIRO, 2007: 378.

<sup>190</sup> Citado in *Ibidem*.

<sup>191</sup> Será que em S.to Alberto existiu em algum momento uma Tribuna como esta? Para quem?

<sup>192</sup> Juana Vázquez Gutiérrez (1481 – 1534), ou “La Santa Juana» era uma terciária franciscana natural de Azaña (Toledo). Foi abadessa do mosteiro de Cubas de la Sagra onde predicava sermões que foram compilados no livro de *El Conhorte*. Personalidades da época, como o Cardeal Cisneros, chegaram a deslocar-se até Cubas para ouvir a esta mística e visionária. A hagiografia referida foi impressa pela primeira vez em Madrid, em 1610, na oficina de Luis Sánchez. Em 2016 surge uma tese de Doutoramento da autoria de María Luengo Balbás: *Juana de la Cruz. Vida y obra de una visionaria del siglo XVI*, apresentada à Faculdade de Filologia da Universidade Complutense de Madrid. Não se deve confundir “La Santa Juana” com a carmelita e escritora Soror Juana Inês de la Cruz (1651 – 1695), que era natural de San Miguel Nepantla (México), hoje a cidade de Tepetlaxpa, que era conhecida como a “Fénix de América”.

<sup>193</sup> BARBEITO CARNEIRO, 2007: 379.

hace sino desarrollar algo que ya está presente en el Conhorte, de la Santa Juana»<sup>194</sup>. Porém, na opinião do P. Peña, a religiosa de Ágreda fá-lo com uma perspicácia e uma inteligência muito próprias, preclaras, sem necessidade de utilizar termos escolásticos ou tecnicismos teológicos e/ou eruditos, o que confere aos seus escritos um estilo marcadamente pessoal, pautado pelo uso de vocábulos simples e acessíveis<sup>195</sup>. É admirável como mulheres isoladas dentro dos claustros conventuais, que muito provavelmente nunca chegaram a conhecer-se pessoalmente nem a ter conhecimento dos respetivos escritos – ao menos de forma imediata ou sistemática - partilharam afinidades espirituais e literárias tão estreitas.

Outra das obras que fazia parte da pequena biblioteca pessoal de Soror Maria é a tradução para castelhano dos escritos de Angela da Foligno (1510), realizada por Francisca de los Rios. Outras leituras desta religiosa concepcionista terão sido diversos textos inéditos e manuscritos obtidos através do intercâmbio interconventual<sup>196</sup>, nomeadamente, os escritos dacarmelita descalça Cecília del Nacimineto (Sobrino Morillas) – recorrendo, provavelmente, à relação que ambas mantinham com o franciscano Fr. Juan de Palma – e de Estefania de la Encarnación, religiosa clarissa, autora de *Siete hojas* e *El tabernáculo místico*, duas obras que poderão ter sido fonte de inspiração para a *Mística Ciudad de Dios*, no primeiro caso, e para a elaboração da *Escala para Subir a la Perfección*, no segundo caso, com que evidencia grandes semelhanças<sup>197</sup>.

Todas estas leituras, a sermonária e as “charlas”<sup>198</sup> que terá ouvido, aliadas à já referida capacidade de assimilação de Soror Maria contribuíram, certamente, para a consolidação da sua formação intelectual que, por sua vez, deu origem a um considerável e notável conjunto de escritos, que valerá a pena enumerar brevemente, nos quais a «riqueza y el dominio del lenguaje que había adquirido, puede equipararse al de las plumas áureas más brillantes»<sup>199</sup>. Em primeiro lugar, para além da já referida *Mística Ciudad de Dios*, cabe referir a sua *Autobiografía*, escrita entre 1661 e 1665, quando contava já 60 anos de idade. Da mesma época é a *Suma breve de las vidas de mis padres y la fundación de este convento que ellos hicieron*, transformando em casa religiosa a

---

<sup>194</sup> Citado in Ibidem.

<sup>195</sup> Cf. Op. Cit.

<sup>196</sup> Numa primeira instância, o intercâmbio de escritos entre conventos – para além da correspondência – parece ter sido uma atividade exclusiva das Carmelitas Descalças, porém, o caso que acabamos de referir vem mostrar o contrário. O intercâmbio de escritos entre conventos, da mesma Ordem ou não, parece ter sido uma atividade bastante recorrente entre as religiosas durante o século XVII, transformando-se quase na única via possível para entrar em contato com as produções literárias das suas congéneres. Nesse sentido, seria extremamente interessante dispor dos elementos necessários para analisar até que ponto as religiosas escritoras das diversas Ordens tinham conhecimento dos escritos umas das outras. Mais interessante ainda seria poder mensurar o grau de influências que reverteram nos respetivos textos.

<sup>197</sup> Op. Cit.

<sup>198</sup> Ver nota 186.

<sup>199</sup> Op. Cit.: 380.

própria residência familiar. *Sabatinas o cuaderno de las cosas espirituales y apuntamientos de ellas desde el día de San Juan...* é também conhecido por *Cuentas de Conciencia* e foi escrito entre 24 de junho de 1651 e 15 de agosto de 1655, por mandado de Fr. Andrés de Fuenmayor. Trata-se de um manuscrito autógrafo inédito, assim como o *Ejercicio cotidiano, en el que el alma ocupa las horas del día variamente, según la voluntad y agrado del Muy Alto; pídesse perdón de pecados; confiésase la Santa Fe Católica; y confórmase el alma con la voluntad de su Dios y Señor*. De 1660 datam *Algunos sucesos de doctrinas y enseñanza* e *Nivel del Alma, para nivelarla, ajustarla y llevarla a Dios, pues ha de ser Su Majestad Santísima el blanco de sus deseos y obras*. Escrito entre 1621 e 1626 é o *Jardin espiritual para recreo del alma, compuesto de diversas flores espirituales*, comendo ainda nesse último ano a já referida *Escala para Subir a la Perfección*. No seu abundante epistolário, com mais de 600 cartas, destaca-se a correspondência mantida com Filipe IV, entre 1643 e 1665, como já foi referido. De 1637 datam as *Leyes de la esposa hija de Sión dilectísima, ápices de su casto amor, enseñado por su Esposo fidelísimo*. A segunda parte desta obra surgiu entre 1641 e 1642, sob o título *Leyes de la esposa, conceptos y suspiros del corazón, para alcanzar el último y verdadero fin del beneplácito sagrado del Esposo y Señor*. Por último, mas não menos importante, cabe referir os *Ejercicios espirituales de retiro*, um texto que foi impresso em Pamplona em 1769. A obra de Soror Maria de Jesus de Ágreda foi objeto de uma ampla divulgação - Pérez Rioja contabilizou 222 edições em diversas línguas – que «ejercieron un influjo más amplio y profundo que los tratados escolásticos en la mente y en el corazón de los fieles»<sup>200</sup>.

O Catálogo de S.to Alberto discrimina cinco obras relativas a esta religiosa, quatro da sua própria autoria e uma de carácter hagiográfico sobre a vida da Venerável concepcionista *Mística Ciudad de Dios* aparece discriminada na entrada [252], seguida da expressão «hum jogo», o que nos leva a pensar tratar-se da obra completa, com três volumes cuja primeira edição saiu do prelo de Bernardo de Villa-Diego em 1670, em Madrid, como já foi referido acima. Segundo a informação fornecida pela professora Barbeito Carneiro<sup>201</sup> e de acordo com as nossas pesquisas de verificação esta é, efetivamente, a data da primeira edição da obra. Porém, surge uma contradição com a data referida no Catálogo, 1667 (?). A única explicação plausível parece estar relacionada com a duplicação involuntária, por parte do autor do documento, do /6/ e o esquecimento do /0/ no fim. Na entrada seguinte [253] encontramos um *Resumo das suas obras*, impresso em Lisboa em 1741, provavelmente, traduzidas para português. Ambas as obras aparecem discriminadas nos livros de Teologia em 4º. Em 1738, na oficina de Domingos Gonçalves, em Lisboa, saiu um volume de 340

---

<sup>200</sup> Op. Cit.: 390.

<sup>201</sup> Op. Cit.: 388. Na Biblioteca Nacional de España conserva-se um exemplar da referida edição, com a cota de reservados 3/52. 739.

páginas com o seguinte título: *Maria Santíssima, Mystica Cidade de Deos. Breve Compendio da Vida, e Mystérios de Maria, que nas obras da Venerável Madre Soror Maria de Jesus de Ágreda se contém. Recopilaçam das mesmas Obras, que traduzidas na língoa Portuguesa, incluye sumariamente as virtudes, dons, e graças, com que o Eterno Pay honrou neste Mundo a Trindade Soberana de Jesu, Maria, Joseph. A quem as oferece, as consagra, e as dedica hum seu devoto, natural de Lisboa Occidental. Acrescentada nesta última impressão com varios Tratados muito úteis. Poderá tratar-se de uma edição desta obra? A Biblioteca Nacional de Portugal possui esta edição e outra de 1746, cujo título termina de forma diferente: ... *acrescentada nesta ultima impressão com as Doutrinas, que a Virgem Santissima deo a sua serva, para mayor intelligencia dos mysterios altissimos, que se comprehendem nesta obra*. Por sua vez, o *Catálogo Colectivo del Patrimonio Bibliográfico Español* regista outra edição, de 1730, na Oficina da Música.*

Outra obra da mesma autora aparece discriminada duas vezes e de forma idêntica, em duas letras distintas [12] e [257]. Trata-se dos *Altísimos documentos, e exercicios para la buena muerte*, um tomo impresso em Valência em 1713, 4º. Esta informação também suscita algumas dúvidas. Em primeiro lugar, na relação das obras da concepcionista publicada pela professora Barbeito Carneiro<sup>202</sup> não consta nenhum escrito com este preciso título. Trata-se do título de um capítulo? De uma obra coletiva? Ou das palavras iniciais do texto principal? Por outro lado, se o Catálogo discrimina duas vezes a mesma obra é porque existiam, efetivamente, dois exemplares da mesma, que por alguma razão foram registados separadamente, esquecendo, na segunda vez, que a obra já tinha sido registada 245 entradas antes? O facto curioso é que a entrada [12] consta na letra /A/ de Ágreda, enquanto a entrada [257] aparece discriminada na letra /M/, de Maria. Dois critérios do mesmo amanuense aplicados em dois momentos distintos do seu minucioso trabalho. Não tendo localizado nenhuma obra de Soror Maria que atendesse a este título exato, podemos apontar para a possibilidade de corresponder a uma edição parcial dos *Exercicios espirituales de retiro*, por ter sido objeto de diversas impressões durante as últimas décadas do século XVIII, sob o título de *Altísimos documentos y exercicios para la buena muerte. Sacado a la luz del grande espíritu de María de Jesús [de Ágreda]*. Não foi possível, até ao momento, localizar a edição discriminada no Catálogo; no entanto, encontramos duas edições distintas – se bem que impressas nas últimas décadas do século XVIII - na Biblioteca Municipal de Valencia, ambas em formato 16º. A primeira impressa em 1686 por Pablo Fernández, a costa de Lorenzo Messier; a segunda, impressa em 1696 na oficina do Herdeiro de Benito Macé. Uma outra obra relativa a Soror María de Jesus de Ágreda é a *Vida de la*

---

<sup>202</sup> Cf. BARBEITO CARNEIRO, 2007: 380.

*Venerable Madre Maria de Jesus*, uma biografia da religiosa concepcionista, da autoria de Fr. Francisco da Costa, impressa em Madrid em 1648, 4º.

Outra escritora notável representada no Catálogo da livraria de S.to Alberto é Bernarda Ferreira de Lacerda, natural do Porto, onde nasceu em 1596. Diferentemente de Santa Teresa e da Venerável Maria de Jesus, Bernarda recebeu uma educação completa, proporcionada pelos seus progenitores; Ignácio Ferreira Leitão – Chanceler–Mor do Reino – e D. Paula de Sá e Menezes. Dominava várias línguas, para além do hebreu, do grego e do latim. Os seus conhecimentos «enciclopédicos» incluíam Retórica, Poesia, Filosofia, Matemática, Humanidades e Música, tocando com notável virtuosismo diversos instrumentos musicais. Todo este talento levou o insigne Lope de Vega y Carpio a considerá-la a “Décima Musa”. Faleceu em Lisboa, no primeiro dia de outubro de 1644 ou 1645 e foi sepultada, precisamente, no Convento das Carmelitas Descalças de S.to Alberto, a quem dedica as *Soledade do Buçaco* [384], obra impressa em Lisboa em 1634, 8º, na oficina de Mathias Rodrigues. Outra das obras desta autora, tal vez a mais conhecida, é um extenso poema épico intitulado *Hespaña Libertada*, que não fazia parte da livraria das Albertas, pelo menos na altura em que foi elaborado o Catálogo aqui em análise.

Nascida algumas décadas antes de Bernarda Ferreira de Lacerda surge a religiosa cisterciense Constanza de Osório, que chegou ao mundo em Sevilha, em 1565. Quando apenas contava sete anos de idade foi levada para o convento sevilhano de Santa María de las Dueñas, onde a sua distinguida família pretendia que recebesse uma educação esmerada. Anos mais tarde, professou no mesmo convento onde viria a ocupar o cargo de Mestra de noviças e, por fim, o priorato. Esta escritora mística, contemporânea de Soror María de Jesus de Ágreda e de Soror Gregória Francisca de Santa Teresa<sup>203</sup>, viveu numa época em que o misticismo começava a perder o seu fulgor, em detrimento de uma espiritualidade que já se encontrava mais próxima do ascetismo.

D. Constanza terá conhecido também o venerável Juan de Palafox y Mendoza, tendo acesso aos seus *Discursos espirituales* (1641) e ao *Varón de deseos* (1653), onde o seu autor declara as três vias da vida espiritual. Serrano y Sanz, por sua vez, nos seus *Apuntes para una Biblioteca de Escritoras Españolas. Desde el año 1401 al 1833*, considera esta escritora como «la confirmación de un movimiento importante que en diversos claustros trata de expresar su religiosidad dando

---

<sup>203</sup> Soror Gregória Francisca de Santa Teresa (Gregória Parra), foi a primeira poetisa mística de Espanha. Nas suas *Memórias* esta carmelita descalça recupera com elegantes ritmos os tempos áureos da mística. A este respeito veja-se: SHERMAN, Alvin F., 1996, “The Lover and the Captive: Sor Gregoria Francisca de Santa Terresa’s Mytical Search for the Feminine Self in *El Pajarillo, Dieciocho*, vol. 19, nº 2, pp. 191 – 201.



muestras de una grande valentía y cultura de las cosas del espíritu»<sup>204</sup>. D. Constanza escreveu bastante, até que o exigente cargo de priora a impediu de continuar a fazê-lo. Entre os seus escritos destaca-se de forma particular o *Huerto del Celestial Esposo* que seria divulgado no final do século XVII por iniciativa da então priora Benita Levanto, numa edição precedida pela *Vida de la Autora*, cujo conteúdo se transformou na fonte principal de informação para todos aqueles que se ocuparam dela posteriormente, com o P. Muñiz à cabeça. As religiosas de S.to Alberto conservavam na sua livraria um exemplar da edição *princeps* da referida obra, impresa em Sevilha em 1686, 4º, por Tomás López de Haro, sob o título de *Huerto del Celestial Esposo, fundado sobre el opúsculo de N. P.S. Bernardo, que comienza Ad quid Venisti*.

Ocupemo-nos agora de uma autora pertencente à Ordem de Santa Clara (Clarissas): Soror Maria Magdalena, natural de Lisboa e filha de Manuel Andrade e Brites Freire, tão ilustres quanto opulentos. A jovem professou no Convento da Madre de Deus em 1583, onde permaneceria durante 54 anos, falecendo em 18 de novembro de 1637. Fruto da sua instrução intelectual e de um estilo literário digno de nota, surge a *História da vida, prerrogativas e louvores do glorioso S. João Evangelista, tirada de vários autores* [462], impressa em Lisboa em 1628 por António Álvarez, 4º<sup>205</sup>.

No contexto feminino, a Ordem de São Domingos está representada por Soror Maria Baptista, também natural de Lisboa e contemporânea da anterior<sup>206</sup>. Professou no Convento do Salvador em 9 de novembro de 1586, aos 26 anos de idade. Foi uma notável Mestra de noviças até 1617, altura em que assumiu as responsabilidades inerentes ao cargo de priora. Segundo Barbosa Machado, esta religiosa distribuía a totalidade da renda proveniente da sua tença entre os pobres e os mais necessitados<sup>207</sup>. Ainda de acordo com a referida fonte, esta religiosa faleceu em 29 de novembro de 1659, com 89 anos de idade e 73 de religião.

Soror Maria Baptista foi autora de diversas obras, nomeadamente, *Vida de São José*, que deixaria inconclusa; *Modo de rezar o rosário de N. Senhora, como se reza na Minerva em Roma*<sup>208</sup> acrescentado o *Princípio que teve para se rezar a coros, e a devoção dos Santos auxiliares, e huma oração de Paixão do B. Pio V* [361], impresso em Lisboa em 1638 por Jorge Rodrigues, 8º. Curiosamente, a referida entrada no Catálogo corresponde a livros “anónimos”, na letra /R/, na sua

---

<sup>204</sup> SERRANO Y SANZ, 1903: vol. II, 90 – 93.

<sup>205</sup> A obra encontra-se acessível no sítio da Biblioteca Nacional de Portugal: [purl.pt/16550/3/#/5](http://purl.pt/16550/3/#/5). O exemplar não corresponde ao que possuíam as Albertas.

<sup>206</sup> D. Maria da Sylva, como foi conhecida no século, era filha de Henrique Jacques – Chanceler-Mor da Índia e Vedor da Fazenda – e Catherina da Sylva que, por sua vez, era filha de Luís Teixeira – Mestre de D. João III, Chanceler-Mor e Desembargador do Paço – e de Catherina Perestrello.

<sup>207</sup> BARBOSA MACHADO, 1752: vol. III, 419 – 420.

<sup>208</sup> O título correto é: *Rozario de Nossa Senhora como se reza em Roma, na Minerva*.

edição *princeps*, na área de Teologia em 8º. Por último cabe referir o *Livro da fundação do Mosteiro do Salvador da cidade de Lisboa, e de alguns casos dignos de memória, que nelle aconteceram* [54], impresso em Lisboa em 1628, 4º, por Pedro Craesbeeck, na sua segunda edição. Dez anos antes, o mesmo impressor foi responsável pela primeira edição desta obra, concretamente, em 1618, 8º<sup>209</sup>.

Para além das notáveis escritoras que acabamos de referir, no Catálogo de S.to Alberto encontramos ainda mais três, nomeadamente, Cecília de São Francisco, D. Joana Teresa de Noronha e Nápoles e D. Madalena de Alencastro. No primeiro caso estamos perante a quarta fundadora do Real Convento do Santo Crucifixo, das chamadas capuchinhas francesas. Esta religiosa aparece representada no Catálogo com uma obra intitulada *Devoção ao Santíssimo nome de Maria ordenada pela venerável Madre Cezilia de San Francisco* [89]. Trata-se de um exemplar da primeira edição, impressa em Lisboa em 1748, 8º, na oficina de Inácio Rodrigues. Por sua vez, D. Joana Teresa de Noronha e Nápoles aparece representada no Catálogo com duas pequenas obras devocionais. Por um lado, a *Novena da Imaculada Conceição* [283], impressa em Lisboa em 1747, 8º; por outro, *Trezena de Santo António* [394], impressa em Lisboa no mesmo ano da anterior, 8º. Quanto aos impressores de ambas as obras, até ao momento não nos foi possível desvendar o(s) nome(s) do(s) mesmo(s). Por último, há a referir D. Madalena de Alencastro, representada no Catálogo como tradutora e comentadora das obras do P. João Croyset (S.J.), no *Epítome Mariano* [67], impresso em Lisboa em 1760, na oficina Patriarcal de Francisco Luís Ameno, 4º.

Como se poderá constatar, a representação feminina no espólio bibliográfico de S.to Alberto é verdadeiramente menor, se comparada com o volume de autores masculinos, o que reflete a realidade sociocultural da época em estudo, em que as mulheres tinham uma escassíssima participação na vida intelectual e cultural. Menos ainda quando se tratava de verem publicadas as suas obras. Porém, numa perspetiva geral, podemos constatar também o carácter único e notável de cada uma delas e dos seus respetivos escritos. Uma observação mais atenta, focada numa perspetiva mais específica, permite-nos vislumbrar na livraria de S.to Alberto, uma espécie de microbiblioteca feminina, um núcleo composto por diversas obras escritas por mulheres – algumas delas, como vimos, contemporâneas entre si – que fizeram parte, nas respetivas épocas, do conjunto de autores mais lidos, quer na Península Ibérica quer fora dela. As suas obras foram rececionadas tanto por leitoras ávidas como por leitores criteriosos e exigentes e, em alguns casos – Santa Teresa de Jesus e Soror Maria de Jesus de Ágreda, para citarmos só os mais notórios –

---

<sup>209</sup> Acessível no sítio da Biblioteca Nacional de Portugal: [purl.pt/14095](http://purl.pt/14095).

atingiram níveis de qualidade literária perfeitamente equiparáveis às grandes obras de autoria masculina. Houve em S.to Alberto uma intenção premeditada para dotar a sua livraria com os escritos mais representativos da produção feminina das respectivas épocas? Se assim for, esta microbiblioteca feminina encontraria o seu embrião na obra teresiana, produzida inteiramente durante o século XVI e anterior à fundação de S.to Alberto; continuaria ramificando-se com os escritos de algumas das suas contemporâneas ou que foram entre si contemporâneas tendo visto as suas obras impressas ao longo do século XVII; e, ainda completando este microespólio, três autoras cujas obras viram a luz durante a centúria de Setecentos. Quer isto dizer que a livraria das Albertas proporcionou às suas religiosas a possibilidade de terem acesso a uma espécie de fio condutor ou cadeia de transmissão, que parte dos textos da mística fundadora, passa pelos escritos de outras religiosas notáveis – evidenciando já a evolução de uma literatura que transitava da mística para a ascética, chegando até bem entrado o século XVIII, com os textos de três notáveis mulheres, entre as quais se destaca de forma especial D. Madalena de Alencastro e a sua tradução comentada das obras do P. Croyset. Com este trabalho terá transmitido às suas leitoras uma série importante de ideias e conceitos de raiz jesuítica de um dos teólogos mais influentes da história da espiritualidade e não só.

Serão apenas vestígios, que não nos permitem confirmar se houve ou não um cuidado premeditado na formação desta livraria conventual; porém, a presença feminina, em termos literários, apesar de escassa é notável e está sempre apoiada no pilar do teresianismo.

«Sencillo, entiendo que es lo conseguido con los menos elementos; espontáneo, lo creado sin esfuerzo. Pero es que lo bello conseguido con los menos elementos, solo puede ser fruto de plenitud, y lo espontáneo de un espíritu cultivado no puede ser más que lo perfecto. (A menos que se exija, para conseguir eso que suele llamarse sencillo y espontáneo, la incultura y la pereza)».

Juan Ramón Jiménez

#### IV – Ler com a alma e escrever com o corpo<sup>210</sup>

No contexto da escrita feminina conventual, existem atualmente diversos trabalhos que, embora publicados durante as últimas décadas do século XX, ainda constituem um incontornável ponto de referência, provas concretas e palpáveis da importância que a escrita teve para as mulheres no seio das Ordens religiosas, onde se destaca significativamente o Carmelo descalço da reforma teresiana, quer pela quantidade quer pela qualidade da produção literária das suas autoras. Uma produção que se concentra num período cronológico bastante concreto, nomeadamente, entre as últimas décadas do século XVI – quando a influência teresiana era ainda muito palpável -, até praticamente as últimas décadas do século XVII, em que já se assiste a um progressivo desvanecimento desta prática, nos moldes em que até aí se processara, acompanhado, também, do declínio do misticismo.

Um dos primeiros trabalhos centrados no estudo do fenómeno da escrita feminina em contexto conventual foi o excelente ensaio de José Luís Sánchez Lora, *Mujeres, Conventos y Formas de Religiosidad Barroca*, publicado em 1988 pela Fundación Universitaria Española. Poucos anos depois surge o trabalho elaborado por Marilena Modica Vasta: *Esperienza Religiosa. Scrittura Femminili tra Medioevo ed età moderna* (1992, Bonanno Editore), que aborda o tema com uma

---

<sup>210</sup> O título é inspirado num trabalho da autoria de María del Mar Graña, 2002: “¿Leer con el alma y escribir con el cuerpo? Reflexiones sobre mujeres y cultura escrita” in CASTILLO GÓMEZ, Antonio (Coord.), *Historia de la Cultura Escrita. Del Próximo Oriente Antiguo a la sociedad informatizada*, Madrid, Ediciones Trea, pp. 385 – 452.

perspetiva geral bastante ampla. Nessa mesma vertente, mas centrado especificamente na realidade portuguesa, surge uma obra da autoria de Isabel Morujão: *Contributo para uma bibliografia cronológica da literatura monástica feminina portuguesa dos séculos XVII e XVIII* (1995, Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, Coleção História Religiosa. Fontes e subsídios). Ainda no âmbito das abordagens genéricas, e mais concretamente, focada na realidade italiana, Elisabetta Graziosi e Gabriella Zarri publicaram um conjunto de trabalhos sob o título *Donna, Disciplina, Creanza Cristiana dal XV al XVII Secolo* (1996, Edizioni di Storia e Letteratura). Do mesmo teor, embora muito mais tardio, surge para a realidade portuguesa *Vozes da Vida Religiosa Feminina. Experiências, Textualidades e Silêncios (séc. XV – XXI)*, uma edição coordenada por João Luís Fontes, Maria Filomena Andrade e Tiago Pires Marques (Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, 2015).

Contudo, o trabalho de referência ainda hoje incontornável é, sem dúvida, o realizado por Sonja Herpoel em 1999, a que deu o título de *A la Zaga de Santa Teresa: autobiografía por mandato* (Ediciones Rodopi), por ser o primeiro que apresenta uma abordagem completa em torno do fenómeno específico das autobiografias espirituais escritas por mandado, contextualizadas numa longa tradição mística europeia de escrita conventual que teve como primeiras figuras de referência Hildegard von Bingen, Angela da Foligno e Santa Catarina de Sena. A autora analisa com pormenor as origens e as consequências deste género literário, refletindo em torno das complexas razões do retorno do sujeito sobre si próprio, do conceito do Eu em busca do autoconhecimento. Ao mesmo tempo, explora a dualidade existente entre a religiosa que escreve e o seu superior, aproximando-se do conceito bakhtiniano “the third”, em que o mandatário representa a figura enigmática a quem a religiosa dirige os seus escritos<sup>211</sup>.

Outro dos aspetos importantes da obra de Herpoel reside no facto de ter sido a primeira a reunir um número significativo de escritos deste género, mais concretamente, 26 textos, incluindo *El libro de la Vida*, de Santa Teresa de Jesus<sup>212</sup>, numa altura em que um terço destes se encontrava ainda inédito. No seu conjunto, predominavam as autoras carmelitas – na tentativa de seguir os passos da sua Fundadora – seguidas com bastante proximidade pelas franciscanas. Segundo

---

<sup>211</sup> Um dos critérios essenciais apontados por Herpoel para determinar o carácter autobiográfico de um texto é o facto de este conter o relato da juventude da religiosa.

<sup>212</sup> Para além da Fundadora, o *corpus* elaborado por Sonja Herpoel contém textos das seguintes religiosas: Ana de Jesus (O.S.T.D.), Ana de San Agustín (O.C.D.), Ana de San Bartolomé (O.C.D.), Ana María de San José (O.F.M.), Ángela María de la Concepción, uma autora anónima, Antónia de Jesus (O.F.M.), Catalina de Cristo (O.C.D.), Catalina de Jesus (O.C.D.), Estefania de la Encarnación, Isabel de Jesus, Jerónima de San José (O.F.M.), Lucía de Jesus, Luísa de Carvajal y Mendoza (S.J.), María Bautista, María de la Cruz, María de Jesus de Ágreda (Concepcionista), María Salinas, María de San José Salazar (O.C.D.), María de Vela y Cueto (Ord. Cister), Mariana de Jesus (O.C.D.), Mariana de San José (O.S.A.), Mauricia del Santísimo Sacramento e a carmelita Teresa de Jesus María (Pineda Zurita).

algumas das conclusões extraídas pela investigadora, foi a partir do século XVII que a autobiografia por mandado deixou de ser um fenómeno exclusivamente carmelitano, estendendo-se a outras Ordens religiosas. Durante a primeira metade da centúria os escritos teriam um maior interesse documental, sendo, aparentemente, o seu principal intuito apenas o registo dos acontecimentos, sem acrescentar qualquer reflexão pessoal. O mesmo já não acontece na segunda metade do século, em que os textos passam a ser acompanhados por uma evidente intenção didática nas confissões relatadas, mostrando as autoras uma maior consciência de si próprias e uma menor insegurança, aspirando a serem tidas em conta e insistindo repetidas vezes no seu valor como seres humanos únicos.

Por último, merecem destaque alguns trabalhos relevantes para a realidade ibérica, surgidos já nas primeiras décadas do século XXI. Neste sentido, cabe mencionar: María del Pilar Manero Sorolla, que se tem dedicado, entre outras temáticas, ao estudo das biógrafas carmelitas, como fica patente na sua obra *Ana de Jesus y las Biografías del Carmen Descalzo* (2000, Ediciones Castalia / Fundación Duques de Soria); Isabel Morujão, com a tese de Doutoramento *Por trás da Grade. Poesia conventual feminina em Portugal (séculos XVI-XVIII)*, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto em 2005. Esta obra proporciona uma panorâmica abrangente da escrita feminina conventual em Portugal, agrupada por temas e por autoras pertencentes a diversas Ordens religiosas, oferecendo uma ferramenta valiosa para o investigador<sup>213</sup>; Nieves Baranda Leturio com *Cortejo a lo Prohibido. Lecturas y Escritoras en la España Moderna* (2005, Arco Libros) e *Letras en la Celda. Cultura Escrita de los Conventos Femeninos en la España Moderna* (2014, Editorial Iberoamericana); Vanda Anastácio com *Uma Antología Improvável. A Escrita das Mulheres (séc. XVI – XVIII)* (2013, Relógio d'Água Editores); Lígia Bellini, com um breve mas interessante trabalho sobre a *Vida Monástica e Práticas de Escrita entre Mulheres em Portugal no Antigo Regime* (2006, Campus Social) e Antónia Fialho Conde e Margarida Laland, cujos esforços se concentram nos fenómenos de escrita feminina no âmbito monástico eborense: *Vida Monástica Feminina e Expressões de Criatividade e Cultura em Évora no Período Pós-tridentino* (2020, Edições do CIDEHUS)<sup>214</sup>. As autoras abordam também neste trabalho, embora apenas como um breve apontamento, um aspeto ainda muito pouco estudado em Portugal: as religiosas compositoras de música litúrgica.

De todo o acervo de produções femininas em contexto conventual ou monástico chegou até nós uma quantidade significativa de escritos, composta por textos de carácter poético e epistolar,

---

<sup>213</sup> Esta obra foi publicada em 2013 pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

<sup>214</sup> Acessível em <http://books.openedition.org/cidehus/10347>

mas também por manuscritos em prosa, nomeadamente, biografias, autobiografias, instruções, pequenos tratados e avisos. Este é um *corpus* que constitui um material precioso para o investigador, tornando possíveis abordagens multidisciplinares, que permitirão, paulatinamente, a reconstrução, através dos textos, da vida religiosa, conventual, cultural, económica e social da época em que estas religiosas viveram e escreveram, mas também, e sobretudo, aspetos do monacato feminino, diretamente relacionados com a liberdade de expressão intelectual e religiosa e com os mecanismos que estas mulheres procuravam e utilizavam para darem voz ao seu pensamento, contrariando os fortíssimos condicionamentos que uma sociedade misógina lhes impunha desde fora. Daqui deriva a necessidade urgente de reivindicar a inclusão destas escritoras no contexto geral da história da cultura e das mentalidades, onde ainda são abordadas de forma tangencial ou acessória, no âmbito dos fenómenos raros e exóticos.

No caso concreto das Carmelitas Descalças, a prática regular da escrita deu lugar a um conjunto bastante heterogéneo de textos, que para além da autobiografia por mandado contempla também outros géneros literários, nomeadamente, a biografia das irmãs de religião, instruções, avisos, cartas, peças teatrais e poemas e “coplas”, estes últimos, como é sabido, profusamente divulgados pelas religiosas entre os diferentes conventos do Carmelo e não só.

Neste sentido, é indispensável referir o *Libro de romances y coplas del Carmelo de Valladolid* (c. 1590 – 1609), que vem engrossar a lista de cancioneros religiosos do século XVI, com os quais se mostra diretamente aparentado<sup>215</sup>. Segundo García de la Concha, o *Libro* terá sido compilado entre 1590 e 1609, na sua maioria pela mão da Madre Isabel do Sacramento (80%), sendo os restantes 20% coligidos pela mão de diversas religiosas daquele convento. É composto por 132 composições poéticas, agrupadas em nove grupos temáticos: *Ciclo de Navidad, Santísimo Sacramento, Nuestra Señora, Ciclo de los Santos, Hábitos y velos, Ascética y vida religiosa, Series complementares I y II, Necrológica final*. No seu conjunto, não se trata apenas da produção lírica de algumas poetisas do Carmelo, como faz questão de salientar o ilustre académico no capítulo introdutório, «sino de la tradición poética popular previa, que, recogida y cultivada en los carmelos, la hace posible y la nutre a la par que impregna la literatura espiritual carmelitana de fresca gracia literaria»<sup>216</sup>.

---

<sup>215</sup> A obra é composta por dois volumes, correspondendo o primeiro à edição fac-similada. A introdução e as notas são da responsabilidade de Ana María Álvarez Pellitero e Víctor García de la Concha. Burgos, 1982, Consejo General de Castilla y León.

<sup>216</sup> *Libro de romances y coplas*, 1982: XXV.

O período temporal que originou toda esta produção poética corresponde ao período áureo, ao período mais intenso de produção literária do Carmelo Descalço, que conhece uma corrente de religiosas escritoras, dedicadas a seguir os passos da sua Fundadora, dando assim continuidade ao movimento por ela inaugurado e vivamente encorajado. *O Libro de romances y coplas* começou a ser compilado em 1590, isto é, oito anos depois da morte de Santa Teresa e apenas cinco anos após a fundação do convento de S.to Alberto, em Lisboa, chegando até 1609, altura em que Maria de São José (Salazar), falecida em 1602, já tinha deixado escrita a sua notável obra literária. As primeiras décadas de funcionamento de S.to Alberto correspondem, por tanto, a um período em que as carmelitas descalças da Península Ibérica se encontravam num momento especialmente ativo no que à escrita se refere. Por um lado, incentivadas pelo espírito da Fundadora, ainda muito presente na comunidade; por outro, impulsionadas por algumas das discípulas diretas da Santa, transformadas, entre tanto, em digníssimas herdeiras e firmes transmissoras do modo de ser e estar teresiano, nomeadamente, Maria de São José (Salazar), Ana de Jesus ou Ana de São Bartolomé, para citarmos só as mais relevantes. Também será importante não esquecer que foi precisamente nesta época – concretamente em 25 de agosto de 1595 – que o Patriarcado de Lisboa começou a recolher os depoimentos das religiosas de S.to Alberto destinados a integrar o processo de canonização da Fundadora, e onde o testemunho de Maria de São José (Salazar) foi especialmente relevante e laudativo<sup>217</sup>, transformando-se, ao mesmo tempo, numa genuína e inflamada defesa da vida, da obra e da doutrina teresianas.

Ainda no contexto português, embora fora do âmbito poético, não podemos deixar de referir a obra de Alice Lázaro, *A Escada de Jacob. Cartas íntimas de Soror Clara do SSº. Sacramento (Antónia Margarida de Castel Branco) para D. João de Sousa e outras afins (1677 – 1714)*, publicada em 2014 pela Chiado Editora. Este trabalho encontra um precedente nos anos 80 do século XX com a publicação da *Autobiografia (1652 – 1717)* de Soror Clara, transcrita e prefaciada por João Palma Ferreira<sup>218</sup>.

---

<sup>217</sup> O texto faz parte das obras completas desta notável carmelita e aparece publicado sob o título *Declaración canónica*.

<sup>218</sup> CASTELO BRANCO, Antónia Margarida, 1983, *Autobiografia 1652 – 1717*. Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda.



## 1. As escritoras de S.to Alberto

As fontes consultadas durante o nosso trabalho de investigação – Crónicas da Ordem e documentação diversa conservada, na sua maioria, no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, relativa à Ordem das Carmelitas Descalças – permitiram-nos tomar conhecimento da existência de cinco religiosas que habitaram em S.to Alberto durante o período compreendido entre 1585 e 1630 e que, em maior ou menor medida, desenvolveram alguma atividade literária dentro dos claustros deste convento lisboeta. Provavelmente – e queremos acreditar que assim seja – houve outras religiosas que também empunharam a pena ao longo da vida no cenóbio, porém, os escritos ainda não foram descobertos ou por se terem perdido, talvez para sempre, ou porque ficaram esquecidos ou foram destruídos no transcurso do tempo ou, pior ainda, encontram-se danificados irremediavelmente em arquivos e bibliotecas, vítimas da falta de condições mínimas de conservação ou do seu manuseamento descuidado. Estas cinco escritoras carmelitas são: Maria de São José (Salazar), Ludovica de Jesus, Maria de São José (Maria Lopes Lobo de Sousa, “a Loba”), uma religiosa anónima e Soror Teresa de Jesus Maria (Maria Pineda Zurita).

Em relação à Madre Ludovica de Jesus, apenas sabemos que se encontrava professa em S.to Alberto em 1608, atendendo à informação fornecida pelo P. David do Coração de Jesus<sup>219</sup>. Segundo este carmelita, a referida religiosa foi autora de uma *Instrução de Noviças* e de um texto de caráter hagiográfico dedicado a relatar a *Vida* da Madre Inês de S.to Eliseu (Morales), discípula direta de Santa Teresa e uma das quatro primeiras fundadoras de S.to Alberto<sup>220</sup>. Deste modo, a Madre Ludovica passa a engrossar o grupo de escritoras que durante o século XVII cultivaram o género da biografia das “irmãs de religião” – para utilizarmos a expressão de Manero Sorolla –, um género pouco explorado mas igualmente importante no universo da literatura conventual da época. Infelizmente, as nossas indagações não nos permitiram encontrar qualquer manuscrito ou cópia das obras desta religiosa, em parte, porque o P. David não nos fornece mais informação acerca desta carmelita. Não nos disse, por exemplo, quando entrou no convento, o que nos permite apenas supor que terá convivido diretamente com Maria de São José (Salazar), antes do desterro desta para Cuerva, e com a biografada, Inês de S.to Eliseu. Nas Crónicas da Ordem referentes a esta época

---

<sup>219</sup> CORAÇÃO DE JESUS, 1962, *A Reforma Teresiana em Portugal*, Lisboa, Oficina de São José, pp. 202 – 204.

<sup>220</sup> Inês de S.to Eliseu professou no convento de Sevilha, onde ocupou o cargo de porteira, sacristã e mestra de noviças. Segundo Jorge Cardoso, esta religiosa nunca se deitava, dormindo de joelhos ou encostada à parede. Faleceu em 1608, quando estaria restes a ser eleita priora. CARDOSO, 2002: vol. I, 150; 155 – 156. Ver também o nº 4 do nosso Anexo 5.

também não encontramos alusões a esta religiosa, como tão pouco no *Agiologio Lusitano*, de Jorge Cardoso.

O mesmo acontece com uma escritora anónima, natural de Villacastin que, segundo a mesma fonte, estaria professa em S.to Alberto em 1630<sup>221</sup>. Foi autora da *Relação compendiada da vida e virtudes da venerável Arcângela de São Miguel*<sup>222</sup>, prestando assim mais um contributo ao género biográfico das irmãs de religião<sup>223</sup>. Carecendo dos textos das obras das duas carmelitas que acabamos de referir, restam apenas três escritoras ligadas ao convento de S.to Alberto para constituir o nosso *corpus* de estudo: Maria de São José (Salazar), Maria de São José (Maria Lopes Lobo de Sousa, “a Loba”) e Soror Teresa de Jesus Maria (Maria Pineda Zurita), duas espanholas e uma portuguesa, natural de Setúbal.

Três mulheres, duas delas criadas em ambiente nobre, que partilharam em algum momento das suas vidas a convivência no claustro. Queremos realçar este facto que é de extrema importância para o nosso trabalho, na medida em que permitirá vislumbrar eventuais influências mútuas refletidas (ou não) nos respetivos escritos. Outro ponto em comum associado a estas três escritoras carmelitas prende-se com o facto de a sua obra, ou parte dela, já ter sido objeto de publicação e, no entanto – exceção feita para Maria Salazar –, por diversas razões, foi caindo no esquecimento, inclusivamente dentro da própria Ordem do Carmo, não tendo sido até à data objeto do necessário e merecido estudo.

---

<sup>221</sup> CORAÇÃO DE JESUS, 1962: 202 – 204.

<sup>222</sup> Esta carmelita espanhola fazia parte do segundo grupo de religiosas que chegaram a S.to Alberto durante os últimos meses de 1585, procedentes de Sevilha. Era natural de Umbrete (Sanlúcar de Barrameda) e faleceu em 25 de janeiro de 1630. Ver anexo 5, nº 17.

<sup>223</sup> O P. David refere ainda mais duas escritoras carmelitas: Jacinta do Santíssimo Sacramento (natural do Porto) e Luísa da Misericórdia, carmelita francesa que era na realidade Luísa Francisca de la Beaume Leblanc, autora das *Reflexões sobre a Misericórdia*, obra impressa em Lisboa em 1694, em 8º. A Madre Jacinta, por sua vez, foi autora de um conjunto de escritos dignos de nota, nomeadamente, *Espelho carmelitano, onde se instrue huma noviça descalça a cumprir com as suas obrigações religiosas*; e os tratados *Demostração da Divina Vontade*, *Vida da Alma* e *Triunfo da Divina Graça*. Faleceu em 1711. BARBOSA MACHADO, 1752: VOL.4, p. 159.

## 2. Maria de São José Salazar

Na opinião do P. Daniel de Pablo Maroto, que secundamos, serão poucas as figuras tão grandes que sofreram tanto esquecimento por parte da sua própria família religiosa e por parte também dos autores de espiritualidade como Maria de São José Salazar. Esta afirmação tão grave e tão rotunda, segundo o estudioso, não pretende culpabilizar os carmelitas da Reforma teresiana, mas apenas constatar com indignação uma realidade histórica, tentando redimir, na medida do possível, esta injustiça<sup>224</sup>. Juntamo-nos a esta reivindicação, esperando que o nosso modesto trabalho venha contribuir para este propósito, não só no caso particular de Maria Salazar<sup>225</sup>, como também, nos casos das suas irmãs de religião: Maria de São José, “a Loba” (Maria Lopes Lobo de Sousa) e Teresa de Jesus Maria (Maria Pineda Zurita).

### 2.1. Perfil biográfico

Maria Salazar nasceu em Toledo, cidade imperial, em 1548. Existem algumas discrepâncias relativamente à identidade dos seus progenitores, com fontes onde aparece referida como sendo filha de Sebastian de Salazar e Maria de Torres, e outras onde aparece filiada a Pedro Velasco e Maria de Salazar. A sua própria identidade também tem sido objeto de confusão por parte de alguns estudiosos, incluindo até Serrano y Sanz<sup>226</sup>, que a identifica como Maria de São José de Ávila – irmã de Julião de Ávila –, ou como Maria de São José Dantisco<sup>227</sup>, irmã do P. Jerónimo Gracián. Viveu desde a sua infância no palácio de Medinaceli sob a proteção de D. Luísa de la Cerda, numa situação privilegiada, como parente afastada desta, não como «una simple doncella, y mucho menos de una criada de servicio<sup>228</sup>.» Foi aqui que em 1562, quando contava 14 anos de idade, conheceu Santa Teresa de Jesus, que paulatinamente foi despertando nela a vocação religiosa durante o tempo que permaneceram juntas. A compenetração e a empatia entre ambas, assim

---

<sup>224</sup> Cf. MAROTO, 2004: 213.

<sup>225</sup> Devido à coincidência dos nomes de profissão, daqui em diante referiremos a escritora toledana como Maria Salazar e a sua irmã de religião como Maria Lobo.

<sup>226</sup> HUMOR Y ESPIRITUALIDAD, 1982: 125.

<sup>227</sup> Esta jovem religiosa seria filha do P. Gracián e de Maria Salazar, segundo as terríveis e falsas acusações imputadas a esta última durante os conflitos com a Inquisição de Sevilha.

<sup>228</sup> Citado in PASCUAL ELIAS, 2014: 34.

como a admiração da jovem Maria pela Fundadora, foram quase imediatas. Desta época datam os seus primeiros versos: *Pide a sus ojos lágrimas* e *Ansias de amor*. Tomou o hábito em 9 de maio de 1570, no convento de Malagón, com 22 anos de idade, professando 13 meses depois, em 11 de junho de 1571. Fruto destes acontecimentos tão marcantes na vida da jovem são os poemas *El pensamiento en Dios*, *Felicidad en el Carmelo*, *Olvido del mundo*, *Ya toda del Amado* e *Heridas de amor místico*.

Permaneceu em Malagón durante quatro escassos anos antes de acompanhar a Madre Fundadora até Beas, lugar onde conheceu o P. Jerónimo Gracián. Apesar de estar destinada para ocupar o cargo de priora na futura casa de Caravaca, Maria Salazar acabaria por integrar o grupo que acompanhou Santa Teresa para a fundação do convento de Sevilha, formalmente concretizada em 29 de maio de 1575 e com Maria como priora. Foi aqui que se confrontou com o primeiro dos muitos conflitos que surgiram depois, neste caso, provocado pelas acusações de Maria del Corro - noviça que fora expulsa do convento por incapacidade para submeter-se à vida claustral – contra Maria Salazar perante os oficiais da Inquisição. Três anos depois, os conflitos atingiram o seu ponto mais dramático, em consequência do mau recebimento que as descalças tiveram em Sevilha desde o início da fundação, onde sempre foram consideradas como estrangeiras. Neste caso, tratou-se de um verdadeiro “complot” contra a priora de Sevilha, articulado pelo Provincial calçado Fr. Diego de Cárdenas, o P. Garcíalvarez e as religiosas Beatriz de la Madre de Dios e Margarida da Conceição. O resultado foi a destituição e o encarceramento conventual de Maria Salazar, assim como a nomeação da inexperiente Madre Beatriz como vigária da casa. Era a “negra vicaria” referida por Santa Teresa na correspondência que trocava com Maria Salazar. As acusações despropositadas também atingiram cruelmente o P. Gracián, chegando mesmo a colocar em causa a atuação da própria Santa Teresa durante a permanência desta em Sevilha. Felizmente, por efeito do Decreto do novo superior dos Descalços, Fr. Ángel de Salazar, em 28 de junho de 1579 Maria Salazar foi restituída no cargo de priora.

Restabelecida a paz no Carmelo Descalço, ficou constituído como Província à parte, sendo eleito como primeiro Provincial o P. Gracián, na sequência do Capítulo celebrado em Alcalá de Henares em 1581. Um ano depois, em outubro de 1582, falecia a Madre Fundadora, deixando os seus filhos sumidos na mais profunda das tristezas. Durante esta época conturbada, Maria Salazar escreveu dois breves poemas: *Ánsias de padecer* e *Amor a la cruz*.

Em 1581, antes de se deslocar até Lisboa para dar lugar à fundação do convento de S.to Alberto, Maria Salazar travou conhecimento com o nobre francês de ascendência espanhola Jean

de Brétigny<sup>229</sup>, quando este foi visitar o convento de Sevilha na companhia do seu tio Pedro de Tolosa. A estreita amizade surgida entre ambos veio incentivar o projeto de expansão do carmelito descalço em França, na sequência do profundo interesse que Brétigny vinha manifestando em relação à obra teresiana. Porém, a primeira e surpreendente hipótese que se colocou foi fundar uma casa no Congo<sup>230</sup>. No entanto, considerando as dificuldades que tamanha empresa implicava, decidiram dar início ao processo fundacional francês. Maria Salazar chegou inclusive a estudar a língua francesa, tal e como se reflete numa das cartas dirigidas a Brétigny: «Je vous écris la présente lettre en français avec l'aide de la Mère Catherine du Saint Esprit, qui est ma maîtresse en cette langue»<sup>231</sup>. O entusiasmo de Maria Salazar para fundar além Pirinéus manifesta-se de forma evidente na correspondência trocada com Brétigny: «Dispuesta estoy para ir a Francia; y confiando en la gracia de Dios, no temo ni el fervor de los hereges, ni la carestía, ni cuantos peligros pudieran amenazarme. Los acepto con todo el corazón, y desde ahora me ofrezco a Nuestro Señor, si es de su agrado, dispuesta a sufrir cuanto ocurra por una obra tan digna<sup>232</sup>.»

Porém, o destino de Maria Salazar seria outro e em 10 de dezembro de 1584 parte em direção a Lisboa – com o próprio Brétigny entre os membros da comitiva – para levar a cabo a fundação de S.to Alberto, nos termos em que foi descrita no primeiro capítulo deste trabalho. Em 1585 surgiram novos conflitos na sequência da eleição, em 10 de maio do referido ano, do novo Provincial, sucessor do P. Gracián: P. Nicolau de Jesus Maria (Doria), um carmelita de vocação tardia, com uma personalidade excessivamente ambiciosa e um rigorismo exacerbado, projetado violentamente contra o projeto de Reforma carmelitana tal e como Santa Teresa o entendia, e todos os seus defensores. As consequências dramáticas não se fizeram esperar. Por um lado, São João da Cruz foi oficialmente despojado do seu cargo e desterrado, teoricamente, para o México, porém, na retaguarda estava a ser alvo de um lamentável e cruel processo difamatório que visava despojá-lo do hábito e expulsá-lo da Ordem. A morte providencial do místico impediu que tudo isto acontecesse. Por sua vez, o P. Gracián foi vergonhosamente expulso da Ordem em 1592, enquanto Ana de Jesus e Maria Salazar sofriam pena de prisão conventual, em Madrid e Lisboa, respetivamente. Esta última foi privada de voz e voto durante dois anos e reclusa na prisão conventual durante um ano, impedida de comunicar por palavra ou escrito, sem possibilidade de ouvir missa, a não ser ao domingo, e comungando raramente. Fruto do sofrimento causado por

---

<sup>229</sup> Jean de Brétigny (6 de julho de 1556 – 8 de julho de 1634). Filho de uma família espanhola radicada em Rouen, na Normandia francesa. A este respeito veja-se Jean DE BRÉTIGNY, *Quintadueñas. Lettres de Jean de Brétigny (1556 – 1634)*, 1971, Louvain, Universidade de Louvain. Edição preparada por Pierre SÉROUT.

<sup>230</sup> Cf. PASCUAL ELIAS, 2014: 38.

<sup>231</sup> Citado in PASCUAL ELIAS, 2014: 38.

<sup>232</sup> *Ibidem* e nota 25.

todas estas privações surge o mais pungente de todos os seus escritos: *Carta que escribe una pobre y presa descalza*.

Desta conturbada época data também o resto da produção poética desta religiosa, composta por 14 poemas de notável qualidade literária: *En la toma de hábito*; *Al Santísimo Sacramento*; *Fuego de amor eucarístico*; *Redondillas*; *En la toma de hábito* (de duas noviças portuguesas); *Ansias de padecer*; *Retrato de la verdadera carmelita reformada*; *A dos religiosas dominicas*; uma extensa *Elegia*; *Paráfrasis mística sobre el “Pater Noster”*; *Soneto en la resurrección de CriS.to*. Devemos ao cronista da Ordem em Portugal, Fr. Belchior de Santa Ana, a publicação de 19 dos 23 poemas escritos por Maria Salazar, o que merece uma palavra de louvor<sup>233</sup>.

A providência quis que o P. Doria encontrasse a morte em 1594, devolvendo assim a paz ao Carmelo descalço e permitindo que o espírito teresiano pudesse ressurgir. Em 1595, o Arcebispo de Évora convidou Maria Salazar para reformar o convento do Menino Jesus, da referida cidade, porém, a humildade da religiosa levou-a a recusar a proposta. Entre tanto, em 21 de fevereiro de 1597, foi novamente eleita priora de S.to Alberto, cargo que ocupou até ao dia 6 de abril de 1600, altura em que o pacífico P. Elias de São Martim foi sucedido no generalato pelo dorista P. Francisco de la Madre de Dios, que reinstaurou vigorosamente os rigores da ideologia e dos métodos de Doria. O resultado trágico deste acontecimento foi o desterro de Maria Salazar para o isolado e modesto convento de Cuerva (Toledo), em 1603, sob pretextos bastante obscuros, que a história ainda não conseguiu esclarecer. Era priora nessa altura a Madre Ana de los Ángeles, convictamente a favor de Doria. Maria Salazar acabaria por falecer no domingo 19 de outubro de 1603, por volta das nove horas da noite, depois de ter recebido os Santos Sacramentos com grande fervor, assistida pelo P. Alonso de Jesus Maria. «Pasados algunos años después de su muerte, fue el Padre Fray Alonso de Jesus Maria a Cuerva, desenterró el cadáver y le halló entero, fresco y con un olor de cielo que maravilló a todas las religiosas y al mismo P. General<sup>234</sup>.» «Murió santísimamente<sup>235</sup>» aos 55 anos de idade. Quando o P. Estevão de São José visitou os conventos portugueses em 1633, prometeu às religiosas de S.to Alberto um braço da venerável priora, facto que acabaria por não se concretizar. Atualmente ignora-se o lugar exacto onde repousam os restos mortais desta notável carmelita. Segundo o P. Simeón de la Sagrada Família, jazeriam numa

---

<sup>233</sup> BELCHIOR DE SANTA ANA, 1657: Volume I, Tomo I, pp. 136 – 295.

<sup>234</sup> HUMOR Y ESPIRITUALIDAD, 1982: 138.

<sup>235</sup> Estas palavras são da Madre Manuela de la Madre de Dios, extraídas da carta que enviou ao Provincial da Ordem. Biblioteca Nacional de España, Mss. 3537. Muitos anos depois, a mesma religiosa dava conhecimento do falecimento de Soror Teresa de Jesus Maria (Maria Pineda Zurita), em carta dirigida ao Provincial da Ordem, datada de 3 de novembro de 1642. Biblioteca Nacional de España, Mss. 18668/41. Este documento de duas folhas contém notas marginais.

sepultura comum, resultante do traslado dos restos das primeiras descalças do Coro antigo para o novo. No entanto, se assim for, esta hipótese não seria compatível com o fenómeno da incorruptibilidade do corpo<sup>236</sup>.

## 2.2. Formação intelectual e vocação religiosa

Apesar dos ainda escassos trabalhos que se ocupam da vida e da obra de Maria Salazar, os seus autores – entre os quais nos incluímos – concordam em defini-la como uma mulher inteligente e culta e como uma carmelita que foi incumbida com a enorme tarefa de dar continuidade à obra iniciada por Santa Teresa de Jesus, quer no contexto fundacional propriamente dito quer na divulgação da sua doutrina religiosa. Foi também e sobretudo uma cristã que assumiu o sofrimento com uma grande fortaleza, o que lhe permitiu avançar com passos firmes em direção ao encontro com Cristo crucificado e ressuscitado, como sublinha o P. Rafael Pascual Elias<sup>237</sup>.

Durante a sua permanência no palácio aristocrático de D. Luísa de la Cerda, Maria terá recebido uma instrução cultural e intelectual privilegiada para uma jovem da sua época, quer no âmbito das letras profanas quer no conhecimento das Sagradas Escrituras. O seu epistolário e a sua obra revelam também um notável conhecimento de línguas (latim, francês, português) e, inclusivamente, terá sido instruída também nas artes musicais, a julgar pela forma como se exprime quando refere este assunto, por exemplo, numa das estofes da sua *Elegia*, como parte integrante de uma comparação: «[...] ya se pasó aquel tiempo venturoso; ya no suena rabel, ya no zampoña.[...]», ou na sua *Instrucción de novicias*: «Estas instrucciones sirvan para apretar las clavijas y afinar las cuerdas»<sup>238</sup>. Nos textos desta religiosa não encontramos indícios claros de uma possível leitura de livros de cavalarias – que tanto interesse despertaram em Santa Teresa -, no entanto, considerando os ambientes que frequentava e a popularidade que esse género alcançou na época, é muito provável que tenha lido o *Amadis de Gaula*, cuja divisa “amar para atuar” Etchegoyen identificou diretamente com a divisa teresiana, se bem que a divinização destes

---

<sup>236</sup> Cf. HUMOR Y ESPIRITUALIDADE, 1982: 139 e nota 8.

<sup>237</sup> PASCUAL ELIAS, 2014: 27.

<sup>238</sup> HUMOR Y ESPIRITUALIDAD, 1982: 519; 635, respetivamente. Seguimos a edição do P. Simeón de la Sagrada Família, da qual nos serviremos daqui em diante, o que não obsta à referência a outras edições, sempre que for necessário ou conveniente.

elementos chegou já assimilada no transcurso da tradição espiritual franciscana, como faz questão de salientar Víctor García de la Concha<sup>239</sup>. Outra leitura possível da nossa escritora poderá ter sido *El lazarillo de Tormes* (1554)<sup>240</sup>, assim como *La leyenda áurea*, de Jacobo de Varazzo (a Voragine), também conhecida como *Flos Sanctorum* ou as *Vidas de Santos*, de Pedro Veiga, que continham uma *Vita Christi* em episódios. Em relação a este último género, Maria Salazar deixou-nos um testemunho numa das páginas da sua *Instrucción de novicias*: « [...] como se narra en las vidas de los santos antiguos, que esperaban a la puesta de sol para tomar su alimento»<sup>241</sup>. Ao longo da sua obra evidencia-se também a influência de autores como São João de Jerusalem, Santo Ambrósio, São João Crisóstomo ou São Jerónimo, autores que faziam parte da biblioteca espiritual recomendada por Valdés. Terá absorvido também o modelo agostiniano, assim como as influências de autores espirituais da importância de Fr. Luís de Granada, Fr. Luís de León (com quem trocou correspondência) e Alonso de Madrid, seus contemporâneos<sup>242</sup>.

Maria Salazar denota um extraordinário conhecimento das Sagradas Escrituras, que utiliza recorrentemente como instrumento de apoio durante a elaboração dos seus escritos, mas também como ponto de partida para elaborar, por exemplo, um comentário livre sobre o *Cântico dos Cânticos*. Ela própria assume este conhecimento no seu *Libro de Recreaciones*: «[...] tendo de trazer algunos lugares que en diversos libros he leído, especial los de la Sagrada Biblia [...]. [...] mas tú, hermana, que presumes de bachillera y te tenemos por tal, bien podrás»<sup>243</sup>. Ainda podemos corroborar este facto com a contagem realizada pertinazmente pelo P. Rafael Pascual Elias, que enumera as citações bíblicas utilizadas pela carmelita ao longo de toda a sua obra. Encontrou 102 citações relativas ao *Antigo Testamento* e 67 do *Novo Testamento* nas proporções seguintes: *Génesis* (1), *Êxodo* (1), *Números* (1), *Deuterónimo* (1), *Juízes* (1), *Primeiro Livro de Samuel* (1), *Primeiro Livro dos Reis* (6), *Tobias* (2), *Segundo Livro dos Macabeus* (1), *Salmos* (24), *Cântico dos Cânticos* (10), *Job* (2), *Provérbios* (11), *Sabedoria* (2), *Eclesiástico* (4), *Isaias* (12), *Jeremias* (5), *Daniel* (2), *Amós* (2), *Miqueias* (1), *Naum* (1), *Habacuc* (1), *Evangelho segundo São Mateus* (15), *Evangelho segundo São Marcos* (1), *Evangelho segundo São Lucas* (11), *Evangelho segundo São João* (6), *Atos dos Apóstolos* (2), *Romanos* (5), *Primeira Carta aos Coríntios* (3), *Segunda Carta aos*

---

<sup>239</sup> GARCÍA DE LA CONCHA, 1978: 52.

<sup>240</sup> Sonja Herpoel chamou a atenção para a proximidade do surgimento da novela picaresca e da autobiografia por mandado. HERPOEL, 1999: 9.

<sup>241</sup> Op. Cit.: 568.

<sup>242</sup> MARÍA DE SAN JOSÉ, 1979, *Escritos Espirituales*. Roma, Postulación General OCD, pp. 397, 449; 424; 444, respetivamente. Veja-se também PASCUAL ELIAS, 2014: 30.

<sup>243</sup> Op. Cit.: 203.



*Coríntios (3), Gálatas (3), Efésios (2), Filipenses (3), Primeira Carta aos Tessalonicenses (2), Santiago (2), Primeira Carta de Pedro (2), Primeira Carta de João (1) e Apocalipse (5)*<sup>244</sup>.

Maria Salazar dominava o latim, aprendeu francês, como já foi referido anteriormente, chegando inclusivamente a escrever em português enquanto permaneceu em Lisboa, como testemunha a correspondência trocada com uma personalidade como D. Teotónio de Bragança, bispo de Évora. Para além dos conhecimentos linguísticos, a escritora carmelita evidencia um domínio notável de áreas como a botânica ou a geologia, o que lhe permite, por exemplo, utilizar as qualidades das diversas pedras preciosas para estabelecer uma extensa comparação com as virtudes do carmelito e dos seus primitivos fundadores<sup>245</sup>. Ainda encontramos referências, se bem que mais esporádicas, à história de Roma e a autores da importância de Galeno, Avicena ou Aristóteles. O espistolário da nossa autora – publicado em 2009 por María de la Cruz Pérez García<sup>246</sup> – também revela o elevado nível cultural desta carmelita, que trocava correspondência com personagens da importância de Jean de Brétigny<sup>247</sup>, P. Nicolau de Jesus Maria (Dória), os PP. Ángel de Salazar e António de Jesus, Fr. Luís de León, as suas irmãs descalças dos conventos de Sevilha, Sanlúcar la Mayor, Ávila e Valladolid, o já referido D. Teotónio de Bragança, a própria D. Luísa de la Cerda, São João da Cruz – com quem mantinha um trato velado, na opinião do P. Rafael Pascual Elias<sup>248</sup> – e com o P. Jerónimo Gracián, com quem mantinha um trato íntimo e frequente. Apesar desta cultura letrada, aqui brevemente esboçada, nem todos os conhecimentos adquiridos por Maria Salazar terão tido a sua origem nos livros. Considerando o ambiente onde foi criada é mais do que provável que tenha absorvido informação nas reuniões e tertúlias que, certamente, D. Luísa de la Cerda organizava regularmente na sua residência e onde Maria terá convivido de perto com destacadas figuras da vida social e cultural da cidade imperial.

Com efeito, estamos perante uma mulher de inteligência e talento notáveis, com uma mente muito cultivada e uma vida interior de considerável riqueza, tudo isto acompanhado de uma considerável capacidade de trabalho. Uma das grandes místicas surgidas nas origens da reforma teresiana, na opinião do P. Daniel de Pablo Maroto<sup>249</sup>, de tal modo que Santa Teresa e as suas irmãs de claustro lhe atribuíram o estatuto de “letrera”, “bachillera” e “sabionda”. A relação que

---

<sup>244</sup> PASCUAL ELIAS, 2014: 28 – 29 e nota 12.

<sup>245</sup> HUMOR Y ESPIRITUALIDAD, 1982: 229; 232 – 233 do *Libro de Recreaciones*.

<sup>246</sup> PÉREZ GARCÍA, María de la Cruz, 2009. *María de San José, Salazar. La humanista colaboradora de Santa Teresa*. Burgos, Editorial Monte Carmelo.

<sup>247</sup> Conservam-se oito cartas dirigidas a este destinatário.

<sup>248</sup> Op. Cit.: 47. Na mesma página, este autor refere a dificuldade que Santa Teresa e os seus filhos espirituais tinham na troca de correspondência, que estava sempre sob controlo, motivo pelo qual muitas missivas não chegavam ao destino. A escrita em criptogramas revelou-se então como um modo eficaz de camuflar as informações importantes que se transmitiam.

<sup>249</sup> MAROTO, 2004: 213 – 215.

Maria Salazar manteve com a Madre Fundadora foi sempre baseada na comunhão de ideias, em níveis espirituais bastante íntimos, num clima de profundo amor «donde descubrimos el soporte hondo del humanismo cristiano vivido en clave feminina»<sup>250</sup>. As características da personalidade de Maria Salazar que favoreceram esta união intelectual e espiritual quase desde o primeiro momento em que se conheceram, prendem-se, para além da inteligência, com a simplicidade no trato, a bondade natural, a caridade, mas sobretudo com uma admirável capacidade para compreender as debilidades humanas, o que se refletia na forma equilibrada como exercia a autoridade, fazendo gala de uma grande discrição e prudência, numa atitude mais maternal que jurídica, e em que o rigor e a flexibilidade eram administrados com sensatez e ponderação<sup>251</sup>. Assim, temos por um lado uma mulher inteligente, cultivada em ambiente aristocrático e com uma personalidade marcante; e por outro lado, uma mulher cristã, praticante fervorosa, que acolheu com cálido entusiasmo o projeto teresiano e o conceito que a sua Fundadora pretendia imprimir no Carmelo descalço. Uma Fundadora que era também escritora e cuja obra acabou por transformar-se na principal fonte de inspiração para Maria Salazar, a sua mais ardente divulgadora. Vejamos agora como é que este fervor teresiano, este orgulho em ser Carmelita, se reflete na obra literária da priora de S.to Alberto, tentando identificar algum elemento que permita caracterizar, ou pelo menos vislumbrar, um possível estilo literário Carmelitano. Algum indício que permita entrever uma possível transmutação do conceito teresiano, tão particular, na obra literária das suas seguidoras.

### 2.3. Produção literária

Como escritora, Maria Salazar atingiu um nível excepcional para uma mulher da sua época. Estatuto que nunca aproveitou para reivindicar a sua condição feminina no seio da Igreja ou da sociedade do seu tempo, como faziam as místicas medievais e modernas. Com a sua escrita, a priora de Lisboa foi capaz de transmitir como ninguém o carisma teresiano, e a sua obra acaba por ser, também, uma profunda e sentida apologia do modo de ser e estar teresiano. É uma autora que vive a história *in situ*, como participante central dos acontecimentos que relata, o que constitui uma riquíssima fonte de informação em torno da vida das mulheres do seu tempo, cuja defesa fundamenta em razões sociais e culturais, pelo absurdo das abordagens misóginas e

---

<sup>250</sup> Ibidem.

<sup>251</sup> Ibidem.

antifeministas<sup>252</sup>. A este respeito valerá a pena transcrever algumas passagens do *Libro de recreaciones* onde a escritora reflete sobre o assunto com um notável hipérbaton: «[...] lo que más me acobarda es ser mujer, a quien ya por ley que ha hecho la costumbre parece que les he vedado el escribir [...] ¿Que mal es que escriban las mujeres cosas caseras? Que también a ellas les toca, como a los hombres, hacer memoria de las virtudes y buenas obras de sus madres y maestras en las cosas que solo ellas que las comunican pueden saber [...] porque en caso de escribir y tratar de valor y virtud de mujeres, solemos tenerlos por sospechosos [*aos homens*], y a las veces nos harán daño [...]»<sup>253</sup>. Maria Salazar escrevia sempre por algum motivo concreto e os seus textos constituem a viva expressão das suas vivências.

Com exceção dos primeiros poemas – escritos em Toledo, Malagón e Sevilha, toda a sua produção literária foi escrita em Lisboa, entre 1585 e 1603, no convento de S.to Alberto, por ela fundado e governado. Por esse motivo não podemos deixar de aproveitar a oportunidade que este trabalho nos brinda, para reivindicar Lisboa e S.to Alberto como sendo o centro da produção literária de Maria Salazar, um facto que nem todos os autores fazem questão de salientar com o devido sublinhado. Em nome do rigor, não pode nem deve ser esquecido que foi em Lisboa que esta carmelita «ejercitó su magisterio monástico y espiritual más refinado con la composición de casi todos sus escritos»<sup>254</sup>. O P. Simeón de la Sagrada Família faz ainda questão de destacar Lisboa como sendo, também, a cidade onde Maria Salazar «probó hasta las heces las amargas de mil pruebas»<sup>255</sup>. Por outro lado, devemos ter sempre bem presente o carácter primogénio de S.to Alberto, a cuja fundação se sucederam outras oito femininas em todo o território português e onde, provavelmente, existiram também religiosas com aptidões literárias, cuja descoberta aguarda pelos futuros e já promissores avanços na investigação.

Toda a obra de Maria Salazar é, em maior ou menor medida, de carácter autobiográfico, evidenciando um cunho fortemente pedagógico e didático. Para além da notável coleção poética, que abordaremos em capítulo à parte, conta também com escritos de carácter didático-doutrinal e histórico, nestes últimos, como já foi referido, tendo-a a ela como protagonista central dos acontecimentos, se bem que sempre oculta por trás de uma personagem fictícia.

O *Libro de Recreaciones* (1585) é a obra mais completa desta autora, escrita por obediência ao P. Jerónimo Gracián de la Madre de Dios (Dantisco), na sequência de um convite que este lhe

---

<sup>252</sup> Cf. MAROTO, 2014: 225.

<sup>253</sup> MARIA DE SÃO JOSÉ, 1982: 160 – 161.

<sup>254</sup> *Ibidem*: 131.

<sup>255</sup> *Ibidem*.

terá endereçado para que escrevesse sobre si própria, mas também sobre Santa Teresa, como, de facto, o próprio Gracián já tinha feito nos seus *Diálogos del tránsito de la Madre Teresa de Jesus* (1584)<sup>256</sup>. Gracián, amigo, confidente e diretor espiritual de Santa Teresa, foi autor também de *Diálogo de un pastor y una pastora sobre el gobierno de cierto ganado*; *Diálogos sobre las persecuciones de Eliseo*; *Diálogo de reformación* e, ainda, *Pelegrinación de Anastasio*, todas elas escritas já na Flandres, após o seu penoso cativeiro<sup>257</sup>. O P. Gracián era filho de Diego Gracián de Alderete<sup>258</sup>, amigo de Luís Vives e, através deste, do próprio Erasmo. Cosequentemente, transformou-se no legítimo introdutor deste género literário no carmelo teresiano. No caso particular do *Libro de Recreaciones*, Manero Sorolla faz questão de salientar a importância desta obra, por ser o primeiro diálogo escrito em castelhano por uma mulher, com personagens inteiramente femininas, sendo ao mesmo tempo a primeira autobiografia espiritual camuflada sob a forma dialogal<sup>259</sup>.

Nesta obra, Maria Salazar recorre ao diálogo para falar de si mesma por pudor, mas también por arte e cultura humanista «Desdobra através de él su propia personalidad, a la vez que interioriza experiencias ajenas: las de su comunidad; vidas reales edificantes que por medio de su obra literaria se perfilan como ejemplares; presente siempre el modelo hagiográfico, de manera especial, en este caso, el de la Santa de Ávila, madre e maestra»<sup>260</sup>. Também é uma recriação do passado glorioso do carmelo primigénio, uma memória histórica dos carmelitas, uma clara apologia das circunstâncias e dos motivos subjacentes às origens da Ordem, assim como uma descrição alegórica das maravilhas do Monte Carmelo, cujas extraordinárias virtudes são representadas simbolicamente através de diversas pedras preciosas, plantas exóticas e fauna rara. Narra também a sua vocação no Carmelo, os aspetos mais importantes da vida interna de uma comunidade teresiana mas, sobretudo, ao longo das nove recreações que compõem a obra, Maria Salazar exalta fervorosa e diligentemente a vida e a obra de Santa Teresa de Jesus.

Todos os diálogos, que encerram sistematicamente com um conveniente toque de oração, decorrem no jardim da cerca do convento de S.to Alberto, um *locus amoenus* que contém os elementos característicos do ambiente bucólico: plantas, árvores, pássaros, flores, mas também com algumas ermidas, elemento teresiano por excelência e que, neste caso, remetem também para a primitiva forma de vida desértica dos antigos eremitas. Para Manero Sorolla, o *Libro de*

---

<sup>256</sup> MANERO SOROLLA, 1989: 507.

<sup>257</sup> Recorde-se que na mesma época Fr. Luís de León tinha escrito *De los nombres de Cristo* (1583), também em forma de diálogo.

<sup>258</sup> Foi Secretário de Cifra e Cruzada na Corte de Filipe II e anteriormente do Imperador Carlos V. Foi também tradutor dos grandes clássicos, como Xenofonte, Santo Ambrósio ou Tucídides.

<sup>259</sup> *Ibidem*: 510.

<sup>260</sup> *Ibidem*. Cf. também POUTRIN, 1987: 331 – 354.

*Recreaciones* pode ser considerado como uma declaração de princípios de Maria Salazar; «como la opción y defensa de un cierto Carmelo reformado, humanístico y tolerante, frente al rigorismo que se otea en el horizonte de la futura Contrarreforma descalza que cristalizará en la famosa Consulta de 1591, de tan penosas consecuencias para la descalcez femenina»<sup>261</sup>.

Em *Ramillete de mirra*, escrito entre 1593 e 1595, a sua autora concentra as atenções nos acontecimentos da fatídica época do P. Nicolau Doria, todos eles desencadeados a partir da sua chegada ao Provincialato, e durante as ações da fundação do convento descalço de Sevilha. É no solilóquio inicial desta obra que Maria Salazar atinge um dos seus pontos mais altos como escritora. São páginas dedicadas à história da Reforma carmelita mas também consttuem uma lição de espiritualidade e mística. Segundo o P. Daniel de Pablo Maroto «son páginas ensangrentadas, llenas de vida, de serenidad y amargura ante la injusticia, sufridas con Cristo, por Cristo y como Cristo»<sup>262</sup>.

De 1602 data a admirável e compacta *Instrucción de novicias*, obra que em muitos aspetos se aproxima bastante do tratado político, pela coerência e sensatez dos conselhos, que revelam um profundo e perspicaz conhecimento dos aspetos mais complexos do comportamento humano. Uma boa parte das instruções que a autora dirige às prioras do Carmelo descalço para o correto exercício das suas funções nos respetivos conventos, poderiam (e deveriam) muito bem ser adotados, ainda nos nossos dias, por todos aqueles que desempenham tarefas governativas, quer em âmbitos político-administrativos quer em diversos contextos profissionais de chefia. Para o P. Daniel de Pablo Maroto, esta obra é um espécime único no Carmelo feminino das origens, que completa o que fizeram os seus irmãos de hábito. São autênticas «leyes vivas»<sup>263</sup>. Esta obra encontra um complemento consistente nos *Avisos y Máximas*, escritos na mesma época.

Para além das 23 composições poéticas já acima referidas, Maria Salazar foi autora de um *Tratado de los 3 votos*; *Declaración en el proceso de canonización de Santa Teresa* (1595); *Los distintos tipos de confesores*, em que deixa em evidência o seu extraordinário sentido crítico; e *Carta de Hermandad*, escrita em 1585 para as religiosas dominicas de Lisboa, como agradecimento pela generosa hospitalidade com que as carmelitas foram acolhidas naquela casa, enquanto decorriam as obras de acondicionamento de S.to Alberto, durante o processo de fundação do convento. A priora de Lisboa escreveu ainda *Consejos que da una priora a otra que ella había*

---

<sup>261</sup> Ibidem: 508.

<sup>262</sup> MAROTO, 2004: 225.

<sup>263</sup> Ibidem: 228. Veja-se também ASTIGARRAGA, 1978: 469 – 506.

*criado*, escrita entre 1590 e 1592 para a Madre Jerónima de la Madre de Dios, priora do convento de Sevilha.

Como se pode constatar, trata-se de um riquíssimo património literário, mas também histórico e espiritual, que merece ser analisado e estudado por diversas razões, como faz questão de salientar o P. Daniel de Pablo Maroto. Em primeiro lugar, por tratar-se de uma mulher e de uma mística; por ser também historiadora, o que a transforma numa valiosa fonte documental de primeira mão. Mas sobretudo, pela qualidade literária dos seus escritos, dificilmente superada pelas escritoras do seu tempo. «[...] escribe con soltura y expone claramente su pensamiento. Polemista terrible, demuestra una impresionante fuerza dialéctica»<sup>264</sup>. O seu admirável estilo narrativo, o domínio da linguagem e a plena consciência dos acontecimentos em que esteve imersa permitem-lhe transmití-los com rigor e precisão quase milimétrica. Com base na sua experiência de vida e com um raciocínio lógico e coerente consegue sempre plasmar com lucidez as suas ideias e o seu pensamento. «Sorprende gratamente encontrarnos con una autora de esta categoría en pleno siglo XVI. Y lo curioso del caso es que se ha destacado poco hasta ahora su obra literaria y ni siquiera se ha aprovechado la narrativa histórica»<sup>265</sup>.

Todos os elementos até aqui expostos foram necessários para contextualizar as circunstâncias históricas em que Maria Salazar viveu e compreender também o contexto que deu lugar à sua notável obra literária. Agora é chegado o momento de examinar a sua obra na tentativa de conseguir filtrar elementos reveladores da existência de um estilo literário especificamente carmelitano. O primeiro problema que se coloca é decidir se devemos considerar ou não a totalidade da produção escrita desta carmelita. Isto, por um questão de equilíbrio, já que as outras escritoras carmelitas seleccionadas para o nosso *corpus* de estudo não possuem uma produção escrita tão abundante. Contudo, optamos por considerar a obra completa – com exceção do epistolário, que poderá ser referido pontualmente – da escritora, considerando com especial atenção o *Libro de Recreaciones* e a *Instrucción de novicias*, por serem aqueles textos que apresentam uma maior concentração de recursos e conteúdos, que poderão revelar melhor as características particulares do estilo literário desta carmelita.

Esteticamente, a obra de Maria Salazar revela um estilo de escrita claro e conciso, revestido de sóbria elegância, onde a característica mais relevante que chama de imediato a atenção é o extraordinário sentido de precisão, em muitos momentos, quase milimétrico, como já foi referido acima, sem nunca se desviar do assunto central sobre o qual pretende chamar a atenção.

---

<sup>264</sup> Ibidem: 232.

<sup>265</sup> Ibidem.

Poderíamos estabelecer uma analogia com um atirador experiente cujas setas são lançadas com tal precisão, que atingem sempre o centro do alvo. Esta precisão é colocada ao serviço de um princípio de funcionalidade, fruto de um apurado sentido pedagógico–didático, que reverte diretamente a favor dos destinatários dos seus escritos com um claro e premeditado objetivo de instruir, orientar e motivar, mas também, e sobretudo, de transmitir em primeira mão os fundamentos do carisma teresiano com uma incomensurável convicção.

No seu incontornável trabalho dedicado à análise do estilo literário de Santa Teresa de Jesus, Víctor García de la Concha coloca uma questão essencial: será que cabe assinalar algum princípio básico da arte literária carmelitana? Para tentar responder a esta pergunta no contexto feminino em particular, que é aquele que aqui nos interessa, talvez fosse necessário olhar primeiro para os princípios básicos do teresianismo e ver de que forma e com quanta relevância estão presentes (ou não) nos textos das autoras carmelitas. A partir daqui e num nível de análise mais profundo, será importante também perceber de que forma são aplicados esses princípios e, melhor ainda, por que motivo se manifestam; qual é a essência primária que lhes dá origem; se se trata apenas de uma tentativa de imitação do estilo de Santa Teresa (à partida, aparentemente inimitável pelo caráter único que revela) ou, pelo contrário, se representa uma evolução fruto de uma vontade intencional de continuar a manter viva a essência estilística carmelitana. Por outro lado, é necessário ter em consideração as discrepâncias intelectuais e culturais das escritoras carmelitas que, na altura de professarem na Ordem traziam níveis de instrução muito diversos, por nunca terem frequentado programas de ensino regular e sistemático. Por este motivo, a descoberta desses princípios básicos deverá ser procurada não tanto nos recursos de estilo propriamente ditos ou nas competências gramaticais mas antes no âmbito subjetivo da personalidade literária de cada escritora – indissociável, no caso carmelita, da personalidade humana e espiritual -, e do destino funcional para o qual emprega os seus recursos.

De uma forma esquemática, o estilo de vida proposto pela Reformadora esteve sempre pautado por um espírito de introversão, necessário a uma prática quase constante do silêncio e da oração, e por uma atitude baseada no amor ao próximo e no exercício da verdade. Contudo, a palavra que melhor representa o conceito do teresianismo, ao ponto de transformar-se quase no seu sinónimo, é despojamento, “*desasimiento*”, princípio essencial baseado na lei do “ menos é mais”, na senda de uma estética minimalista que se reflete na simplicidade arquitetónica dos edifícios conventuais, na singeleza do hábito de burel e na frugalidade da alimentação, onde o jejum era uma constante imposta pela Regra. Neste sentido, é de extrema importância compreender que este despojamento não deve ser entendido como sinal de indolência ou desalinho e, no caso

particular da escrita, não deverá ser visto como sinal de ignorância ou incapacidade intelectual, nem muito menos como princípio básico de um estilo de “ermitañas”, tacaño e limitado, como já provou magistralmente García de la Concha em relação ao caso particular do estilo literário de Santa Teresa. Esse despojamento, insistimos, deve ser considerado a um nível muito mais elevado, onde atua ao serviço de um objetivo maior, impulsionado por uma clara intenção de funcionalidade que fundamenta, por sua vez, uma estética de pobreza, onde é descartado sistematicamente todo e qualquer contorno marginal suscetível de provocar distrações em relação ao núcleo principal de interesse<sup>266</sup>. Configura-se assim uma estética do concreto, do verdadeiro, do substancial, onde a importância se centra única e exclusivamente no conceito ou na informação que se pretende transmitir e, nesse sentido, Maria Salazar aplica com perfeição este princípio, quer nos escritos autobiográficos quer nos históricos e cronísticos, mas sobretudo e muito especialmente nos seus escritos de carácter pedagógico, onde mostra ser a perfeita e fiel transmissora da doutrina teresiana<sup>267</sup>. Neste sentido, precisamos de matizar a teoria de Isabel Morujão quando fala numa «adequação» das capacidades literárias de Maria Salazar «ao contexto carmelitano em que viveu», passando por uma «certa contenção na sua erudição»<sup>268</sup>. Na nossa modesta opinião, não se trata propriamente de uma adequação – embora evitasse as expressões latinas quando escrevia à Madre Fundadora, nem muito menos de uma contenção da sua erudição, muito pelo contrário. São precisamente as capacidades e os conhecimentos adquiridos por Maria Salazar, assim como o seu domínio da língua escrita, que lhe permitem pôr em prática esse princípio de funcionalidade dentro de uma estética de substância e fazê-lo com uma precisão quase milimétrica, com consistência, rigor e elegância, mas também com um incomensurável fervor. Assim sendo, essa contenção apontada por Isabel Morujão é simplesmente uma opção funcional, porque só alguém com abundantes recursos pode optar, em determinado momento e por razões específicas, por utilizar apenas alguns, reservando os restantes. Seria o mesmo, se se nos permite a analogia, que um cantor lírico, capaz de interpretar uma ópera de Wagner mas cujo domínio da técnica vocal lhe permite também despojar-se de determinados recursos para cantar, por exemplo, uma canção de embalar ou um tema popular. Adequam-se aqui na perfeição as palavras de Juan Ramón Jiménez que encabeçam este capítulo: «*Sencillo, entiendo que es lo conseguido con los menos elementos; espontáneo, lo creado sin esfuerzo. Pero es que lo bello conseguido con los menos elementos, solo puede ser fruto de plenitud, y lo espontáneo de un espíritu cultivado no puede ser más que lo perfecto. (A menos que se exija, para conseguir eso que suele llamarse sencillo y espontáneo, la*

---

<sup>266</sup> Cf. GARCÍA DE LA CONCHA, 1978: 129 – 132.

<sup>267</sup> A este respeito veja-se PASCUAL ELIAS, Rafael, 2014. *María de San José (Salazar). Heredera y transmisora del carisma teresiano*. Burgos, Editorial Monte Carmelo.

<sup>268</sup> MORUJÃO, 2003: 255 e nota 66.



*incultura y la pereza*)». Neste sentido, Maria Salazar representa um claro exemplo de plenitude e perfeição criativa, e não só.

Alguns séculos depois de Maria Salazar, outra insigne escritora, Virginia Woolf, afirmaria que «to know whom to write for, is to know how to write», isto é, saber para quem se escreve é saber como escrever. E eis aqui outro dos aspetos importantes da nossa escritora: a plena consciência que tinha dos destinatários dos seus escritos e, mais particularmente, das suas destinatárias, num primeiro momento. Neste sentido, opta por redigir a sua *Instrucción de novicias* e o seu *Libro de Recreaciones* em forma de diálogo, entre ela própria e as suas companheiras de claustro, durante os momentos de recreio. Desta forma, que poderíamos considerar como interativa, Maria consegue transmitir mais eficazmente os seus pontos de vista, motivando as jovens religiosas a seguirem os seus conselhos com base nos inúmeros exemplos que vai proporcionando. Este carácter dialógico vai assim ao encontro da máxima valdesiana «escribo como hablo» que, aplicada com a competência linguística da escritora carmelita, resulta em passagens simples e claras, mas ao mesmo tempo concisas e em nenhum momento isentas de qualidade literária, mesmo quando coloca as falas em personagens com menor experiência ou instrução. Note-se que uma pessoa com a formação cultural de Maria Salazar, frequentadora de círculos aristocráticos, terá desenvolvido um nível de expressão oral quase idêntico ao da expressão escrita, levando a máxima valdesiana até um patamar mais elevado. A este respeito será pertinente recuperar as palavras de Fr. Heitor Pinto (O.S.H.) no seu *Diálogo da discreta ignorância*, inserido na sua *Imagem da vida Cristã* (2ª parte, Edição princeps: Lisboa, 1572), postas na boca do “português”: «Antes queria beber água clara de fonte medicinal por tarros de vil cortiça, que beber água enlodada de charco peçonhento por vasos de fino ouro. Quero dizer que queria boa doutrina de livros eruditos e devotos, caso que fossem bárbaros no estilo, antes que as vãs e desonestas fábulas excitadoras de brutos desejos dos livros mundanos, posto que chegassem ao cume da singular eloquência»<sup>269</sup>.

Outros aspetos relevantes na estética literária de Maria Salazar prendem-se, por um lado, com a consideração reflexiva da vida social, que não só conhece na perfeição como também participa ativamente nela; por outro lado, com a contemplação da natureza como geradora de experiência espiritual, com a qual a escritora carmelita vai ao encontro de um conceito antes preconizado por Laredo, segundo o qual cada coisa encerra em si um núcleo potencial de transcendência simbólica – já presente, por exemplo, em Ângela de Foligno -, onde subjaz o princípio de que o Uno pode ser captado na diversidade das coisas, segundo a expressão cristã

---

<sup>269</sup> PINTO, 1940: 25.

«omnia in ipso constant» (Colos. 1, 17)<sup>270</sup>. A presença da natureza é recorrente nos escritos de Maria Salazar, quer sob a forma de alegorias simbólicas quer como metáfora ou comparação, às vezes, em clave de reflexão, como acontece, por exemplo, na *Instrucción de novicias*. Enquanto aguarda pelas suas companheiras, Gracia (Maria Salazar) observa o rio Tejo desde a entrada da sua ermida: «[...] Miraba las barquichuelas elevarse sobre montañas de agua y luego precipitarse como si fueran a hundirse en los abismos. [...] Esto le aumentaba el fervor para alabar al Creador y su poder, el cual se manifiesta en la mar más que en alguna otra criatura de aquí abajo, especialmente cuando está agitada como lo estaba entonces»<sup>271</sup>. Este recurso facilita às suas leitoras um repertório de imagens ilustrativas, imagens comuns facilmente assimiláveis, contribuindo eficazmente para a fixação do conceito/conselho que pretende transmitir.

A poética de Maria Salazar pode considerar-se uma poética unitária, por integrar indissociavelmente a própria psicologia da autora, assim como as suas vivências pessoais e históricas. Como já foi referido, todos os seus textos são, em maior ou menor medida, autobiográficos e comportam, segundo os casos, ligações quer com a sua condição de pedagoga e transmissora da doutrina teresiana quer com as sua circunstâncias pessoais e históricas, das quais não se consegue distanciar – nem seria essa a sua vontade – por ser parte integrante delas. Deste modo, toda a sua experiência e conhecimento são colocados ao serviço da substancialidade, direcionando todos os vetores para a configuração de uma imagem o mais nítida possível do conceito essencial que em cada caso pretende transmitir.

Maria escreve sempre por algum motivo: por obediência mas também e sobretudo por uma necessidade preeminente de expressar as suas vivências íntimas e as suas ideias. Neste sentido, atinge um dos pontos mais altos na *Carta de una pobre y presa descalza* (escrita na prisão conventual de S.to Alberto em 6 de abril de 1593, sexta-feira Santa), quer pela profundidade e o dramatismo das experiências que relata quer pela exibição magistral da sua arte literária, visível logo desde as primeiras frases da missiva:

«No sé, carísimas hermanas e hijas mias, si, dando lugar a la pasión y ternura de mujer, acompañe vuestras lágrimas, o, siguiendo la luz del corazón, me queje de vuestro sentimiento, pues no se compadece, en ley de la estrecha amistad que nos tenemos, que lloréis vosotras por lo que yo río, ni forméis quejas de quien me hace beneficios»<sup>272</sup>.

---

<sup>270</sup> Citado in GARCÍA DE LA CONCHA, 1978: 146.

<sup>271</sup> MARÍA DE SAN JOSÉ, 1982: 583.

<sup>272</sup> ASTIGARRAGA, 1978: 486. Este texto corresponde a uma transcrição de uma cópia antiga conservada no Arquivo das Carmelitas Descalças de Sevilha.

Outro aspeto relevante na poética de Maria Salazar é o esquema metodológico de aproximação comparativa, utilizado com alguma frequência sobre o plano da realidade quotidiana e com diversas perspetivas de abordagem. Um exemplo deste plano quotidiano aparece nos *Avisos y Máximas*, estabelecendo uma comparação entre os progressos espirituais das jovens religiosas e o enrolar de um novelo de lã: «Si embrolláis, se rompe una madeja, se hacen mil nudos cuando se quiere muy depriesa sacarle el cabo. Así sucede a las preladas cuando quieren como devanar la perfección de sus religiosas con demasiada aceleración»<sup>273</sup>. A comparação do horto e da rega, tão utilizada por Santa Teresa, aparece na obra de Maria Salazar na forma de alegoria simbólica, em que o símbolo ganha uma expressão autónoma que não traduz a experiência mas que se fixa a ela: «Las almas de las hermanas son como los árboles y la Prelada como la hortelana. Al modo, pues, que un hortelano, contento de ver hechar raíces a los arbolitos nuevos, no aguarda desde luego el fruto, ni tampoco pierde la esperanza de que a su tiempo, ni se desaliente aunque tarde en mostrarse el fruto»<sup>274</sup>. Deste modo, a experiência, como entidade vazia de conteúdo, acaba por ser literalizada, criando um núcleo básico que irradia e ao mesmo tempo reflete a expressão em toda a sua magnitude.

Os níveis de afetividade não são tão espontâneos nem tão intensos como na obra teresiana. Em Maria Salazar ganham maior profundidade e intensidade na sua obra poética, onde existe um marcado contraste entre expressões negativas e positivas. No primeiro caso, aparecem sempre diretamente relacionadas com episódios de sofrimento e tristeza, expressadas com um léxico pesaroso, onde abundam vocábulos como «llorar», «pesar», «pena», «disgusto», «llanto», «triste» ou «tormento», todos eles presentes, por exemplo, no seu primeiro poema: *Pide a sus ojos lágrimas* (Toledo, 1562). Neste tom negativo fala também de si própria, da sua inferioridade como ser humano e como mulher, mas também e sobretudo, da angústia que representa viver na terra quando o desejo maior reside em alcançar a união total com o Divino Esposo. No segundo caso, descrevem momentos de grande gozo e alegria, visivelmente mais intensos quando se referem a Deus, à Madre Fundadora ou às maravilhas do Carmelo, utilizando palavras como: «alegria», «rubicundo», «prado verde», «luz», «estrella», «amable», «fértil», estas últimas, na *Elegia* (Lisboa, 1591 – 1592) dedicada a Santa Teresa. «¡Cuán dulce para nos fuiste y amable! / ¡Si tu benigna estrella nos guiara / hasta llegar al prado no mudable, [...]»<sup>275</sup>. Outro exemplo, neste caso relacionado com o Carmelo, pode encontrar-se no poema *Felicidad en el Carmelo* (Malagón, 1570 – 71), que começa logo com uma torrente de adjetivos plena de positivismo: «Monte Carmelo, illustre,

---

<sup>273</sup> MARÍA DE SAN JOSÉ, 1982: 542 – 543.

<sup>274</sup> Ibidem: 543.

<sup>275</sup> Ibidem: 518.

Hermoso, bueno /claro, fértil, alegre y abundoso / de bienes celestiales te veo lleno / en ti he hallado paz, gloria y reposo; / eres un paraíso dulce, ameno, [...]»<sup>276</sup>.

Quando na fronteira da Idade Moderna o fundamento cultural aristotélico entrou em crise, a velha retórica passou a fazer parte dos rígidos esquemas contrarreformistas dos planos de ensino da Companhia de Jesus. Era a chamada *Ratio Studiorum*. Por sua vez, a linha agostiniana era canalizada pelos caminhos da *devotio moderna* e de uma nova espiritualidade, mais interiorista, que viria a ressurgir com força nos esquemas conceptuais de Pascal<sup>277</sup>, onde se tipifica a anti-retórica do Humanismo Moderno, isto é, a arte de persuadir mentalizando e sensibilizando como por instinto<sup>278</sup>. É neste sentido que o auditório, o recetor desempenha um papel primordial, na medida em que atua como condicionante retórico, o que incide diretamente na eleição da estrutura interna da obra. Nas retóricas castelhanas da época, como por exemplo a de Miguel Salinas, o destinatário era considerado como uma referência reguladora da abordagem temática e do discurso, recomendando abster-se das habituais incrustações de frases latinas<sup>279</sup>. No caso particular de Maria Salazar, fica evidente que as suas obras estão estruturadas em função dos destinatários das mesmas, daí a diferença nas abordagens e na seleção do tipo de discurso. Vejamos.

Na *Declaración en el proceso de canonización de Santa Teresa* a retórica da nossa escritora é plana e linear, em tom de relatório, claro e conciso; um relato narrativo–descritivo redigido na terceira pessoa e bastante pormenorizado, mas sem qualquer tipo de comentário crítico ou reflexivo. A autora está apenas a responder com rigor e veracidade às questões que lhe foram colocadas. Os recetores deste texto, homens letrados, apenas precisam da informação fidedigna de uma testemunha direta, como foi Maria Salazar, da vida e das ações da Fundadora. O mesmo acontece, embora num âmbito bem diferente, no *Libro de Recreaciones*, onde em algumas das suas nove recreações a autora não precisa de convencer propriamente o seu auditório, mas apenas de transmitir os factos históricos relativos, neste caso, às origens do Carmelo.

As capacidades retóricas da nossa escritora ficam em evidência de forma mais abrangente nas obras de carácter didático–pedagógico: *Instrucción de novicias*, *Consejos que da una priora* e no referido *Libro de Recreaciones*. Em todos eles se verifica uma estrutura ternária, com uma primeira parte introdutória e explicativa do propósito do texto; o desenvolvimento propriamente dito e o final,

---

<sup>276</sup> Ibidem: 482.

<sup>277</sup> As teorias filosófico–religiosas de Blaise Pascal (1623 – 1662) são expostas em *Les provinciales* (1656 – 1657) e *Pensées* (1670), este último, um tratado espiritual onde o autor defende o cristianismo, afastando-se do jansenismo que professara numa primeira fase da sua vida.

<sup>278</sup> Cf. GARCÍA DE LA CONCHA, 1978: 187 – 188.

<sup>279</sup> Ibidem.

que inclui a respetiva fórmula de louvor, como era usual na época. O método argumentativo é sempre o mesmo, partindo da opinião comum para depois, mediante argumentos e exemplos perfeitamente sequenciados, deixar patente a conclusão contrária. Nos casos da *Instrucción de novicias* e do *Libro de Recreaciones*, este método é aplicado de forma mais abrangente, por serem textos em forma de diálogo, o que concede à sua autora uma margem bastante ampla para argumentar e contra-argumentar, colocando nas vozes das diversas personagens respostas teóricas e reflexões possíveis em torno dos diferentes temas abordados. Deste modo, o auditório, neste caso, as recetoras dos textos, recebem uma panorâmica abrangente à volta dos tópicos em causa, tendo acesso também à evolução da discussão e por último, à conclusão final, que é aquela em que a autora expõe claramente a sua opinião ou ideia, com a qual pode exortar as jovens religiosas a partilharem dessa opinião e a seguirem determinado conselho, sustentados sempre por fundamentos solidamente testados e exemplificados. Neste sentido, como é evidente, tem um papel importante a semântica de ponderação e o jogo de oposições que sustentam essas argumentações, a maior parte das vezes expostas na terceira pessoa, de modo a conferir-lhes um carácter mais impessoal e objetivo.

Relativamente às figuras de estilo utilizadas pela nossa escritora, verificamos um número significativo de comparações e, em menor grau, de metáforas e analogias, como por exemplo, Cristo / Capitão ou Cristãos / Soldados. A maioria delas tem como objetivo trazer à superfície imagens comuns, do conhecimento geral, o que facilita bastante a fixação da ideia ou conceito na mente das suas recetoras e, conseqüentemente, a posterior assimilação dos mesmos. A grande maioria das comparações apresenta-se de forma isolada ou como parte integrante de un vetor isotópico, após o qual procede a explicar a relação daquela com o conceito que pretende transmitir, relacionando cada uma das partes por analogia. É este o procedimento principal que na obra de Maria Salazar atua como configurador de literariedade. Repare-se neste exemplo:

«Una comunidad es como un gran bajel, donde las reglas son las cuerdas y las velas; la voluntad de los súbditos, el timón; el Prelado, el piloto. Como, pues, si el piloto de un navío gobierna mal el timón, lo expone a que perezca, e a perecer él mismo, por más que las cuerdas sean buenas y las velas bien tendidas; del mismo modo, si un Prelado no maneja sabiamente la voluntad de su inferior, por más atención que ponga en hacerle observar las reglas, es muy de temer que le pierda y se pierda también él mismo»<sup>280</sup>.

Tendo a obra desta carmelita um forte carácter pedagógico – didático, a utilização do símil cumpre uma importante função estrutural porque cria uma rede de correspondências geradoras de um significado transcendente. Por sua vez, alegorias como a do Esposo, utilizada para obter dos

---

<sup>280</sup> MARÍA DE SAN JOSÉ; 1982: 537, *Avisos y máximas*.

leitores a plena compreensão do tema, potencia a visualidade, partindo de uma junção dos componentes intelectuais com os componentes emotivos e imaginativos. Neste sentido, García de la Concha realça a condição do leitor como intérprete e não como tradutor literal dos excertos alegóricos<sup>281</sup>.

Os antagonismos também estão presentes na escrita de Maria Salazar, sob a forma de oposições como luz / trevas, Deus / demónio, alegria / tristeza, padecer / gozar, para citarmos só os mais relevantes. A conotação ambiental também é um aspeto importante, na medida em que é utilizada para criar ou recriar cenários. O exemplo mais notório encontra-se no *Libro de Recreaciones*, todo ele desenvolvido no jardim da cerca do convento de S.to Alberto, como já foi referido acima.

Apesar da extrema flutuação linguística que se fez sentir durante todo o século XVI, Maria Salazar evidencia um nível lexical elevado, bastante uniforme e sem anomalias fonéticas graves. Na senda do preceito de Valdés «escribo como hablo», Maria Salazar escreve, num primeiro momento, para falar com as suas religiosas, com plena consciência das capacidades e limitações de cada uma delas, adaptando-se (e não limitando-se), como boa pedagoga, às capacidades de receção das suas religiosas, para imprimir nestas jovens e ainda pouco instruídas religiosas os preceitos que pretende transmitir-lhes, da forma mais clara e fidedigna possível. Esta forma de expressão resulta especialmente evidente na *Instrucción de novicias* e no *Libro de Recreaciones*, pelo facto de ter optado por uma estrutura dialógica, o que lhe permitiu gozar de uma maior liberdade para “falar”, quer em termos expressivos quer em termos argumentativos, para cativar a atenção do seu auditório da forma mais natural possível. Note-se que os diálogos têm lugar em momentos de fruição, o que permite utilizar um nível de expressão mais familiar e amigável, não isento de um subtil sentido de humor.

A riqueza lexical é evidente, com uma profusa adjetivação, na sua maioria, de ordem visual, embora também apelando aos outros sentidos. Quase não apresenta citações latinas e quando o faz são muito breves, extraídas maioritariamente dos Textos Sagrados e imediatamente explanadas com amplitude, acompanhadas de exemplos e comparações, às vezes sucessivas, a modo ilustrativo. A presença de diminutivos é escassíssima, assim como também é escasso o uso de hipérbolos ou do hipérbaton, utilizados sobretudo para exagerar a sua própria inferioridade como ser humano ignorante e como mulher pecadora, com um realce hiperbólico das suas próprias faltas. Em casos concretos, o hipérbaton é utilizado por Maria Salazar como um meio eficaz para assumir e reivindicar a sua posição em determinados assuntos:

---

<sup>281</sup> Op.Cit.: 236.

« [...] porque en caso de escribir y tratar de valor y virtud de mujer solemos tenerlos por sospechosos [aos *homens*], y a las veces nos harán daño, porque no es posible sino que cause confusión las heróicas virtudes de muchas flacas, como por la misericordia de Dios en estos floridos tiempos de esta renovación que vemos»<sup>282</sup>.

A elipse e o anacoluto também estão presentes, porém, as figuras mais utilizadas, com uma intenção eminentemente prática, são a enumeração e a reiteração. No primeiro caso, constitui parte da sua estratégia organizativa e argumentativa, enumerando em ordem rigorosa todos os aspetos possíveis, para depois se debruçar sobre cada um deles e validá-lo ou não em direção à conclusão à qual pretende chegar, conclusão essa previamente pensada. A enumeração também é utilizada nos exemplos, como no caso em que compara um número considerável de pedras preciosas com as extraordinárias virtudes do Carmelo, reforçando deste modo a imagem que pretende transmitir. A reiteração, por sua vez, aparece mais especificamente nos textos de caráter pedagógico, com o intuito de conseguir a assimilação por parte das destinatárias, garantindo a prática posterior dos ensinamentos transmitidos.

O ritmo também está presente, de forma transversal, em toda a obra de Maria Salazar, não só nas composições poéticas como também na prosa, nomeadamente, em sequências de frases breves bem ritmadas e no modo como estas configuram frases de maior extensão, conferindo dinamismo ao discurso, com uma diversidade que o aproxima, mais uma vez, do discurso falado – talvez uma reminiscência dos seus conhecimentos da arte teatral, porque certamente assistiria a inúmeras representações durante a sua vida no século – numa estratégia pautada não tanto por uma intenção de persuadir como por uma premeditada intenção de convencer. A musicalidade no discurso desta autora Carmelita, poderá ser um indício dos conhecimentos adquiridos durante a sua permanência no palácio de Medinaceli, a julgar pela familiaridade com que são referidos alguns instrumentos e peças musicais em algumas passagens da sua obra.

«*Cantad a Yavé com la cítara, ensalzadle con el harpa de diez cuerdas*, dice el rey David. Cada una de nosotras, mis hermanas, es este instrumento de música en la presencia de Dios, y las cuerdas son las leyes de nuestra profesión. La tendencia de los mortales es ir dejando aflojar estas cuerdas, con lo cual se desafina el instrumento. Estas instrucciones sirven para apretar las clavijas y afinar las cuerdas»<sup>283</sup>.

Depois de tudo o que até aqui foi exposto, que elementos encontramos na obra de Maria Salazar que possam indicar a existência de um estilo literário Carmelitano? Para tentar responder a

---

<sup>282</sup> Op. Cit.:161.

<sup>283</sup> Op. Cit.: 635, *Instrucción de novicias*.

esta pergunta procederemos por exclusão de partes. Em primeiro lugar, devemos considerar a formação intelectual e cultural que esta religiosa recebeu no palácio de D. Luísa, assim como o nível cultural do círculo privado desta aristocrata, que terão proporcionado à jovem Maria sólidos conhecimentos sobre inúmeras matérias, como já foi referido, quer através dos livros quer mediante o contacto pessoal e a experiência. Por sua vez, isto terá contribuído para elevar os seus níveis de expressão oral e escrita para um patamar inusitado numa mulher da sua época. Significa que Maria Salazar conhecia na perfeição as regras do ambiente aristocrático em que cresceu, portanto, sabia estar, falar e escrever como o faziam as pessoas instruídas nessa altura. Deste modo, os recursos que utiliza na sua obra literária não diferem do que outros escritores faziam. Consequentemente, não poderemos nem deveremos procurar neste âmbito os indícios particulares acima referidos. Deveremos concentrar a nossa atenção num plano mais subjetivo, não tanto nos elementos teóricos propriamente ditos como na função que estes desempenham no contexto geral da obra desta carmelita e das suas congéneres escritoras. Neste sentido, a primeira característica relevante é o despojamento do supérfluo, na linha de funcionalidade referida anteriormente e entendida não como sinal de ignorância, falta de recursos ou limitação, mas como estratégia eficaz para chamar a atenção sobre o ponto essencial de interesse mediante o afastamento dos elementos secundários e ornamentais. É com esta estética minimalista e “clean” – se se nos permite o anglicismo –, que Maria Salazar consegue transmitir a essência do teresianismo, com a doutrina da Santa como baluarte e a figura da Fundadora como exemplo supremo. Daqui deriva precisamente a pequena panóplia temática dos escritos desta carmelita, concentrados à volta da figura e da obra de Santa Teresa, assim como das grandezas do Carmelo primitivo e do Carmelo descalço. Por último, um terceiro aspeto, diretamente relacionado com os anteriores: os cenários. Por um lado, os conventos do Carmelo, onde a natureza marca uma presença importante representada sob a forma de um jardim frondoso, sempre perto do rio e do mar, ou de ambos, como é o caso de S.to Alberto; por outro lado, o Carmelo descalço, no contexto conturbado em que Maria Salazar protagonizou toda uma série de conflitos históricos relacionados com as rivalidades entre “dorianos” e “teresianos”.

Neste sentido, e com os elementos até aqui extraídos, não parece possível caracterizar, ainda, um estilo literário tipicamente carmelitano. Até porque para o fazermos seria necessário também cruzar os resultados obtidos na análise da obra de um grupo de escritoras carmelitas mais numeroso, assim como de um grupo equivalente de escritores carmelitas. Em contrapartida, o que a obra de Maria Salazar revela são sedimentos teresianos, uma espécie de húmus que preserva a doutrina e o estilo de vida da Fundadora e que Maria Salazar transforma na sua obra em material orgânico suscetível de alimentar por muito tempo todas as suas seguidoras. Assim sendo, antes de



falarmos de um estilo literário carmelitano deveremos falar de uma escrita de essência teresiana presidida por uma estética funcional baseada no despojamento de tudo aquilo que não seja essencial à mensagem primordial.

#### 2.4. A poesia de Maria Salazar

É praticamente impossível falar de escritoras carmelitas sem fazer referência à produção poética que, no contexto do Carmelo Descalço, assume um papel caracterizador da atividade literária dos seus membros, quer masculinos, quer sobretudo femininos. Tornou-se quase obrigatório para estas religiosas produzir alguma obra poética em algum momento das suas vidas – por escassa que seja e com maior ou menor qualidade –, independentemente de serem autoras (ou não) de obras em prosa. Neste sentido, Maria Salazar representa um exemplo notável entre as suas congéneres, motivo que nos levou a optar por dedicar um subcapítulo à obra poética desta religiosa.

Como já foi referido, foram ao todo 23 os poemas que a priora de Lisboa escreveu entre 1562 e 1593. Considerando algumas intermitências temporais na sequência cronológica dos poemas (especialmente durante os primeiros anos de produção), parece perfeitamente plausível aceitar que tenha escrito muitos mais, tendo ficado esquecidos e perdidos no tempo. Cronologicamente, a produção poética de Maria Salazar que conhecemos pode agrupar-se em dois grandes conjuntos: a etapa pré-lisboeta, com dez poemas escritos entre 1562 e 1579 e a etapa lisboeta, com 13 poemas compostos entre 1585 e 1593, no convento de S.to Alberto. Do primeiro bloco fazem parte dois poemas escritos durante a sua adolescência, no Palácio de D. Luísa de Lacerda: *Pide a tus ojos lágrimas* (1562) e *Ansias de Amor* (1567), um poema extenso do qual nos ocuparemos adiante. *Pide a tus ojos lágrimas*, como o próprio título já sugere, está carregado de léxico elegíaco, com conotações de tristeza e sofrimento, com palavras como «llorar», «pesar», «pena», «disgusto», «llanto», «triste», «tormento», etc. A ideia principal, que aparece no início do poema, na parte central e no fim, vem expressa mediante uma antítese: «[...] porque me alegra el pesar/ y me entristece el placer». Trata-se da tomada de consciência por parte de Maria Salazar dos males do mundo terreno e da vida secular, assim como do próprio constrangimento por fazer parte dele e ter-se deixado envolver demasiado nas suas redes. Ao mesmo tempo, declara toda a alegria sentida na descoberta da sua vocação religiosa. Daí a tristeza que experimenta perante os prazeres mundanos e a alegria

pelo sofrimento que deverá suportar para limpar os (aparentes) pecados cometidos e dar início ao caminho na religião: «Por mil razones conviene,/ ojos, que sempre lloréis,/ si gozar después queréis/ del bien que el llanto previene. Después de la culpa fiera que nos causó mil enojos,/ no hay otro camino, ojos,/ para la gracia primera.» Neste sentido, o elemento aquoso das lágrimas adquire aqui uma função profilática purificadora, como preâmbulo, como uma espécie de rito iniciático que marca o fim de uma etapa mais terrenal e prenuncia o começo do caminho espiritual.

A época mais prolífica da etapa poética pré-lisboeta de Maria Salazar teve lugar no convento de Malagón, onde a religiosa professou em 11 de junho de 1571 e onde viveu o que poderíamos considerar a fase mais estável e pacífica da sua vida representando, no conjunto global da sua vida, essa calma que antecede as tempestades, como aquela que viria a sofrer depois da sua saída de Malagón, aquando da fundação do convento de Sevilha. Essa estabilidade transparece diretamente nos poemas compostos nesta altura, que refletem, por um lado, uma grande alegria e satisfação por ter seguido o caminho de Deus e por ter abraçado a vida religiosa no Carmelo: *El pensamiento en Dios, Felicidad en el Carmelo, Olvido del Mundo, Ya toda del Amado* (escritos em 1570 – 1571) e *Heridas de Amor Místico* (entre 1571 e 1574). Destes dois últimos nos ocuparemos mais tarde com maior pormenor. Antes da sua vinda para Lisboa, a religiosa escreveu ainda mais dois poemas, durante a sua permanência no convento de Sevilha: *Ansias de padecer* e *Amor a la Cruz* (escritos em 1578 – 1579). Ambos poemas parecem transmitir uma sensação premonitória relativamente aos dramáticos acontecimentos que não tardariam a surgir e, ao mesmo tempo, uma declaração de corajosa determinação para suportar com firmeza qualquer tipo de afronta. Por serem brevíssimas, reproduzimos aqui ambas as composições<sup>284</sup>.

---

<sup>284</sup> MARIA DE SAN JOSÉ, 1982: 487 – 488.

### *Ansias de padecer*

*Aquí Señor me quema, aquí me abrasa,  
Aquí con Agostino yo padezca,  
Aquí aflige e azota y no sea escasa  
Tu mano en me ofrecer en que merezca.  
Pues los bienes de arriba son sin tasa,  
séalo el padecer, porque me ofrezca  
limpia do son los bienes permanentes,  
que los de acá no son sino accidentes.*

### *Amor a la Cruz*

*Y así el que quisiere ser unido  
con Cristo, y gozar de sus favores,  
conviene que le busque do es su nido,  
en medio de tormentas y dolores,  
que a enseñar tal ciencia ha descendido  
dejando los supremos moradores;  
y no se llame suyo quien no amare  
la cruz, pena, afrenta, y la buscare.*

A produção poética lisboeta tem início em 1585, ano da fundação de S.to Alberto, acontecimento que mereceu uma homenagem por parte de Maria Salazar através dos versos que escreveu dedicados aos seus padroeiros: *San Alberto y San José*<sup>285</sup>. Do mesmo ano datam *Al Santísimo Sacramento, Fuego de Amor Eucarístico e En la toma de Hábito de la Hermana Maria de Jesus*<sup>286</sup>. Nos anos seguintes surgem as extensas *Redondillas* (1586), onde a autora lamenta profundamente os problemas surgidos após a nomeação do P. Doria como novo Provincial e as alterações que este fez, entre outras coisas, relativamente à livre escolha de confessores por parte das religiosas; *En la toma de Hábito de dos Novicias Portuguesas* (1587)<sup>287</sup>; *Ansias de padecer* (1588); *Retrato de la Verdadera Carmelita* (1589); *Esto es ser Carmelita Reformada* (1589), estes dois poemas com um notório carácter pedagógico; *A dos Religiosas Dominicanas* (1589)<sup>288</sup>; *Elegia* (1591 – 1592); *Paráfrasis Mística sobre el «Pater Noster»*; *Soneto* (ambos compostos em 1592 – 1593) e *En la Resurrección de Cristo* (1593).

---

<sup>285</sup> Maria Salazar escolheu S.to Alberto como padroeiro do convento de Lisboa em homenagem ao Cardeal vice-rei Alberto de Áustria, que tanto tinha apoiado a fundação desta casa carmelita. Porém, as religiosas do convento de San José de Ávila enviaram uma carta amorosa manifestando o seu descontentamento relativamente ao facto de São José ter sido relegado para um segundo plano. Nesse sentido, estes versos são também uma resposta aos lamentos das religiosas abulenses.

<sup>286</sup> Esta religiosa era Maria de Castelbranco, sobrinha do Conde de Sabugal, e primeira portuguesa a professar em S.to Alberto.

<sup>287</sup> Uma delas foi a Madre Alberta de la Madre de Dios, que professou em 19 de março de 1588, segundo refere o cronista português. BELCHIOR DE SANTA ANA, 1657, vol. I: 299 – 300.

<sup>288</sup> Eram elas Úrsula e Isabel, filhas do Conde de Linhares, religiosas dominicanas do convento da Anunciada. Devido à invasão das tropas inglesas, as religiosas da Anunciada foram forçadas a abandonar o convento temporariamente. Antes do regresso, as referidas freiras foram passar alguns dias em S.to Alberto. Nesse sentido, o poema de Maria Salazar foi composto para agradecer a hospitalidade recebida quando as irmãs carmelitas, por sua vez, ficaram hospedadas na Anunciada, enquanto decorriam as obras de acondicionamento prévias à fundação de S.to Alberto.

Tematicamente, a obra poética de Maria Salazar aborda essencialmente dois temas: Santa Teresa de Jesus e o Carmelo Descalço, por um lado, e o Amor e a união com Deus, por outro. Do primeiro grupo fazem parte oito poemas<sup>289</sup>, sendo o último deles o mais extenso de toda a produção. Trata-se de uma sentida *Elegia* inteiramente dedicada à Madre Fundadora, escrita após a morte desta e que representa toda uma homenagem à Santa abulense. Ao longo dos seus versos, Maria Salazar exalta o labor fundador de Teresa, o seu carácter e as suas qualidades. Ao mesmo tempo expressa a profunda dor sentida no Carmelo Descalço pela perda daquela que fora a sua guia inabalável: «¿Quién nos sacó, pastora, de tu mano?/ ¿Quién nuestra dulce suerte revolviendo,/ nos entregó a dolor tan deshumano?»<sup>290</sup>. Sentimentos de vazio e de ausência, mas também de grande incerteza em relação ao futuro do Carmelo devido aos dramáticos acontecimentos surgidos após a sucessão do Padre Gracián no provincialato. «Congrega en uno todo tu ganado;/ cese ya tal tormenta, y vuelva el cielo/ sereno, cual le habemos deseado»<sup>291</sup>. Esta belíssima *Elegia* representa também uma restrospectiva da época teresiana mais pura e autêntica, longe de qualquer rigorismo exacerbado e onde todas permaneciam fraternalmente unidas. Maria Salazar reclama pertinazmente o regresso ao *modus vivendi* instaurado pela Fundadora, lamentando profundamente as ruturas e os cismas ocorridos no seio da Ordem: «lo que salud nos era, es ya ponzoña;/ ya se pasó aquel tiempo venturoso;/ ya no suena rabel, ya no zampoña»<sup>292</sup>. O ambiente bucólico em que a *Elegia*<sup>293</sup> se desenvolve é criado com recurso aos *topoi* do ambiente pastoril, onde a Fundadora é representada na figura de uma pastora. No final do poema, o P. Gracián escreveu a seguinte nota:

« Esta Elegia compuso una compañera de Santa Teres de Jesús, en que con estilo más de hombre y no mal poeta, que de mujer, llora la ausencia de la Santa por su muerte; y aunque en obscuro para quien no sabe la Historia, llora cierto trabajo que vino a las de su casa. El estilo es digno del gran entendimiento (bien conocido y estimado de la Santa Madre) de la autora, que fue muy querida y celebrada de la Santa y de otras muchas personas: mas para acrisolar los quilates de su virtud padeció (sin el que aquí

---

<sup>289</sup> *Felicidad en el Carmelo, San Alberto y San José, En la toma de hábito (1585), En la toma de hábito (1587), Retrato de la verdadera carmelita, Esto es ser carmelita reformada, A dos religiosas e Elegia.*

<sup>290</sup> MARIA DE SAN JOSÉ (SALAZAR), 1982: 514.

<sup>291</sup> *Ibidem*: 521.

<sup>292</sup> *Ibidem*: 519.

<sup>293</sup> Na primeira página do texto autógrafo (Biblioteca Nacional de España, Ms. 2176, fs. VIII(r) – XVII(vl.)), antes do título, o P. Gracián escreveu o seguinte: «De la Madre María de S. Joseph Priora de Lisboa compañera amada de S. Theresa de Ihs». O manuscrito contém rasuras e correções da própria autora assim como do P. Gracián, que foi quem recolheu, conservou e anotou este e outros escritos da carmelita.

llora) otros grandes golpes de fortuna hasta que murió de uno, bien grande, santamente, como hija de tal Madre»<sup>294</sup>.

Para além dos poemas *Al Santísimo Sacramento* e *Fuego de Amor Eucarístico*, dedicados ao Santíssimo Sacramento e aos benefícios da Eucaristia, como os próprios títulos indicam, o segundo grupo temático integra um conjunto de poemas<sup>295</sup> centrados com maior ou menor intensidade, na exaltação do Amor Místico e nas ansias pela união total da Alma com Deus, assim como nas dificuldades inerentes ao caminho que tamanha empresa implica. É precisamente neste grupo que encontramos um pequeno núcleo de poemas que chamaram imediatamente a nossa atenção pelas interessantes semelhanças (ou influências?) que alguns dos seus fragmentos guardam com a poesia de São João da Cruz. Encontramos estas correspondências disseminadas ao longo de toda a produção poética de Maria Salazar e não apenas concentrada num determinado e limitado período temporal, um facto que deve ser tido em conta. Já se observa no segundo dos seus poemas de adolescência, *Ánsias de Amor* (1567) e posteriormente em *Ya toda del Amado* (1571), *Heridas de Amor Místico* (1571), *Al Santísimo Sacramento* (1585), *Ánsias de padecer* (1588) e *En la Resurrección de Cristo* (1593).

Sendo o amor o tema central destes poemas – e, no caso de São João da Cruz praticamente o único –, deixam perceber de imediato claras influências recebidas do *Cântico dos Cânticos*. Nesse sentido, a alma aparece personificada como Esposa apaixonada, ansiosa por alcançar, finalmente, a tão desejada união total com o Divino Esposo. O referido texto bíblico, que ambos os carmelitas conheciam muito bem<sup>296</sup>, está na base dos poemas de um e outro, o que indica que as semelhanças encontradas entre eles terão surgido, também, a partir das influências recebidas das leituras que partilharam. Assim sendo, deveremos falar em influências literárias comuns e não em influências mútuas. Em comum partilham o recurso a idênticos esquemas do conceito amoroso – tal como fizera Santa Teresa – para conseguir dar saída às respetivas vivências místicas. Conscientes do carácter inefável do Amor de Deus, Maria Salazar e, em maior grau, São João da Cruz, transformam o símbolo em alegoria, na tentativa de transmitir um reflexo, embora pálido, da realidade vivida.

---

<sup>294</sup> Biblioteca Nacional de España, Ms. 2176, f. XVII, verso.

<sup>295</sup> *Pide a sus ojos lágrimas, Ansias de amor, El pensamiento en Dios, Olvido del mundo, Ya toda del Amado, Heridas de Amor Místico, Ansias de padecer (1578-79), Amor a la cruz, Redondillas, Ansias de padecer (1588), Soneto e En la resurrección de CriS.to*

<sup>296</sup> De que modo Maria Salazar teve acesso a estes textos? Terá lido a *Vulgata* durante a sua permanência no plácio de D. Luísa de Lacerda? Essas influências foram diretas ou foram adquiridas de forma indireta? Não podemos esquecer a dificuldade implícita que a leitura do *Cântico dos Cânticos* representava, correndo o risco de assimilar uma interpretação distorcida do seu conteúdo. Não terá sido esse o caso de Maria Salazar, a julgar pelo seu notável nível intelectual.

São João da Cruz nasceu em 1542 e faleceu em 1591. Por sua vez, Maria Salazar nasceu em 1548, falecendo em 1603. Foram, por tanto, contemporâneos, sendo o primeiro seis anos mais velho que a priora de Lisboa, cuja produção poética teve início em 1562, aos 16 anos de idade, prolongando-se até 1593. Por sua vez, o carmelita de Fontiveros começou a compor poesia em 1578, quando contava já 36 anos de idade, continuando a escrever até 1591, ano em que faleceu em Úbeda (Jaén). A atividade literária de São João da Cruz prolongou-se durante os últimos 13 anos da sua vida, enquanto Maria Salazar escreveu a sua obra ao longo de 31 anos. Os dois poetas estiveram literariamente ativos em simultâneo, entre 1578 e 1591, facto que deve ser tido em conta para melhor estabelecer uma possível troca de eventuais influências literárias entre os dois carmelitas. Como terá sido a relação pessoal de ambos? Até que ponto conheciam os escritos um do outro?

Relativamente à primeira questão e segundo afirma o P. Rafael Pascual Elias, a relação entre ambos terá sido algo velada. Permitimo-nos discordar. Parece-nos que o trato entre ambos foi baseado em sentimentos recíprocos de respeito e admiração mútuas, especialmente por parte de Maria Salazar, segundo se deprende da pouquíssima correspondência que chegou até aos nossos dias, que apenas nos deixa indícios suficientes para tentar perfilar o teor do relacionamento entre ambos. O P. José Vicente Rodríguez publicou recentemente uma carta de Maria Salazar dirigida a São João da Cruz em 9 de novembro de 1590, que vem acrescentar alguns contributos interessantes neste sentido<sup>297</sup>. A missiva revela-se duplamente interessante, quer pelo conteúdo propriamente dito quer pelo estilo de escrita da sua autora. Trata-se de uma carta em que a religiosa responde a um pedido prévio, no seguimento do qual envia um extenso relato diretamente relacionado com o caso do P. Gracián, facto que a obriga também a relatar a sua própria experiência no processo, como parte integrante do sucedido. No que diz respeito ao estilo de escrita, surpreende encontrar aqui uma Maria Salazar que adota uma atitude bastante mais humilde – e até submissa –, bem diferente daquela que deixa transparecer nos seus escritos. Em alguns momentos chega a ser uma atitude quase reverente, que nos permite vislumbrar uma outra faceta, menos acessível, da personalidade desta religiosa, que mais que um trato velado parece insinuar uma relação familiar de amizade e confiança recíprocas entre emissária e recetor. Confiança que a religiosa utiliza para narrar os acontecimentos dentro da mais rigorosa verdade, apesar do natural constrangimento provocado pela dolorosa rememoração dos factos, que causaram graves problemas ao P. Gracián e a ela própria.

---

<sup>297</sup> VICENTE RODRÍGUEZ, 2018: 158 – 169.

O estilo de escrita nesta carta em particular mostra-se extremamente objetivo, muito próximo do relatório, e completamente despojado de qualquer lirismo ou incursões eruditas. É aqui que Maria Salazar se aproxima mais do que nunca do tom coloquial, com uma nuance familiar, com um discurso limpo e claro que perde, no entanto, alguma da elegância que evidencia na restante prosa ou na sua obra poética. É como se estivesse a narrar os factos diretamente a São João da Cruz, numa pacífica conversa, cara a cara. A sequência narrativa parece indicar também a possível (e bastante provável) existência de cartas anteriores a esta, desenvolvendo o mesmo assunto, na sequência das quais terá surgido o pedido já referido.

Relativamente à segunda questão colocada acima, não sabemos até que ponto estes dois carmelitas conheciam os escritos um do outro. Talvez tenham trocado impressões ou mesmo poemas, e/ou “coplas”, considerando a importância que esta prática teve entre as carmelitas descalças. A obra poética de ambos, no entanto, revela com bastante nitidez claras influências de leituras comuns, nomeadamente, as Sagradas Escrituras, que ambos os poetas conheciam muito bem, mas também influências vindas da literatura profana e da poesia italianizante. No caso que aqui nos ocupa pretendemos realçar um conjunto de semelhanças detetadas na obra poética de ambos, estreitamente relacionada com o despertar da alma para o Amor de Deus, e expressa num conjunto de versos em que as influências bíblicas são notórias, inspiradas principalmente no *Cântico dos Cânticos*, onde o binómio Alma / Esposa desempenha um papel primordial.

Dos 23 poemas compostos por Maria Salazar, quatro<sup>298</sup> apresentam algumas correspondências com a poesia do carmelita, mais particularmente com o *Cântico Espiritual*. Em *Ansias de Amor* (Toledo, 1567), a jovem exalta a alegria sentida após ter recebido a primeira chamada de Deus, que a leva a experimentar sentimentos de entrega e Amor incondicional, que ao mesmo tempo provocam nela uma profunda ansiedade por voltar a encontrar o Amado, assim como uma profunda frustração pelo insucesso da sua busca.

*«Por las calles y plazas voceando,  
buscando te he andado, Amado mio;  
mil días han pasado, y no hallando,  
con dolorosas ansias a ti envío  
mil suspiros, ya todos conjurando, cada cual me arroja y da desvio;  
vuelvo con triste llanto y cruda pena  
a soltar al dolor copiosa vena»<sup>299</sup>.*

---

<sup>298</sup> *Ansias de amor, Heridas de amor místico, Ansias de padecer*(1588) e *En la resurrección de CriS.to*

<sup>299</sup> MARÍA DE SAN JOSÉ, 1982: 476.

Anos mais tarde, em 1577, São João da Cruz vivenciara uma experiência muito semelhante, plasmada nos primeiros versos do seu *Cântico Espiritual*<sup>300</sup>.

«¿Adónde te escondiste,  
Amado, y me dejaste con gemido?  
como el ciervo huiste,  
habiéndome herido;  
salí tras ti clamando, y eras ido.

[...]

Buscando mis amores  
Iré por esos montes y riberas

[...]

Y todos cuantos vagan  
De ti me van mil gracias refiriendo,  
Y todos más me llagan,  
Y déjame muriendo»<sup>301</sup>.

Com efeito, estamos perante uma experiência semelhante: o despertar da alma, que ambos vivenciaram em diferentes momentos e circunstâncias das suas vidas. Este facto provoca em ambos os carmelitas a mesma motivação, o mesmo desejo que os impele a plasmar por escrito todo este turbilhão de emoções, utilizando para tal o mesmo meio de suporte: os versos. São João da Cruz vai i mais longe, complementando o poema com extensos comentários a cada uma das *Canciones*. Em ambos os exemplos o objetivo central reside na procurar; no caso de Maria Salazar: «buscando te he andado», e no desejo de saber onde procurar; no caso do santo: «¿Adónde te escondiste?». Neste sentido, no comentário a este verso, o seu autor esclarece o leitor acerca do lugar onde o Amado está escondido: «porque el lugar donde está escondido el Hijo de Dios es, como dice San Juan, el seno del Padre (1, 18), que es la esencia divina, la cual es ajena de todo ojo mortal y escondida de todo humano entendimiento»<sup>302</sup>. Maria Salazar, por sua vez, lamenta profundamente nos seus versos a ausência do Amado, mais ainda, depois de ter sido ferida de Amor por Ele. Um amor que assume aqui um papel impulsionador que leva a jovem alma enamorada ao abandono total de si própria e de todas as coisas criadas. Neste sentido, a

---

<sup>300</sup> Este poema não foi o fruto de um único golpe de inspiração. As primeiras 31 *Canciones* foram compostas entre 1577 e 1578, durante o seu cativeiro na prisão de Toledo; as três seguintes surgem entre 1579 e 1581, na época em que era Reitor do colégio de São Basílio, em Baeza; as cinco últimas *Canciones* foram escritas entre 1582 e 1584, altura em que era prior no convento de Granada.

<sup>301</sup> JUAN DE LA CRUZ, 2008: 45 – 46, *Canciones* 1, 3 e 7. Estas *Canciones* fazem parte da primeira unidade de ação, estrofes 1 – 12. Expressam a procura ansiosa do Amado, após o despertar inicial da alma. Utilizamos a edição revista e anotada por José Vicente Rodríguez, publicada em 2008 na sua 5ª edição pela Editorial de Espiritualidad.

<sup>302</sup> *Ibidem*: 55.



procura do Amado torna-se quase frenética porque a ausência Dele se torna insuportável, assim como a vida mortal que ainda a prende, impedindo-a do gozo do Amado na Glória Eterna.

Neste sentido, cada um dos poetas recalca o caráter agonizante inerente a uma experiência deste teor:

«¡Ay, Ay, Amado mio! ¿Qué te has hecho?  
¿No te duele el clamor de mi gemido,  
Viendo mi corazón por ti desecho, y siendo tú la causa, que has herido  
Con un terrible golpe el tierno pecho?»<sup>303</sup>.

Por sua vez, o autor de *Noche oscura* também se questiona sobre o assunto:

«¿Por qué, pues has llagado  
Aqueste corazón, no le sanaste?  
Y, pues me le has robado,  
¿Por qué así le dejaste,  
Y no tomas el robo que robaste?»<sup>304</sup>.

A ideia subjacente a ambos os trechos é o coração ferido, desfeito e sem possibilidades de cura. Neste ponto parece particularmente interessante o comentário do Santo, quando explica ao leitor o verdadeiro motivo da queixa, que não tem a ver com o facto de ter sido ferido, «porque el enamorado, cuando más herido, está más pagado». A queixa da Alma questiona porque é que o Amado, depois de ter ferido o coração, não o cura, acabando de o matar de amor. «Pues eres tú la causa de la llaga en dolencia de amor, sé tú la causa de la salud en muerte de amor»<sup>305</sup>.

Por último, citaremos aqueles excertos que deixam transparecer um dos conceitos teresianos por excelência, plasmado no seu poema mais conhecido, que se inicia precisamente com as palavras «Vivo sin vivir en mí», um conceito com o qual Maria Salazar e São João da Cruz entram em perfeita sintonia, em diversos excertos dos respetivos versos, como veremos de seguida. Em boa verdade, este conceito não se deve à originalidade de Santa Teresa de Jesus. Antes dela, outros poetas tinham tirado proveito dele em composições *a lo divino*. O tema da morte por amor não correspondido chegou à Península Ibérica através dos trovadores provençais que, por sua vez, o tinham recebido dos místicos medievais, que se inspiraram no bíblico «amore langueo» presente no *Cântico dos Cânticos* (2, 5). Esta ideia já aparece no *Cancioneiro de Constantina* (nº 178) e no *Cancioneiro Geral*

<sup>303</sup> MARÍA DE SAN JOSÉ, 1983: 479.

<sup>304</sup> JUAN DE LA CRUZ, 2008: 46, *Canción* 9.

<sup>305</sup> *Ibidem*: 104, ponto 3; 105, ponto 3, respetivamente.

de *García de Resende* (nº 180), onde D. João de Meneses escreve: «Porque es tormento tan fiero/ la vida de mí, cativo, que no vivo porque vivo/ y muero porque no muero»<sup>306</sup>. A presença deste conceito na obra dos três carmelitas constitui um claro indício do bom aproveitamento que faziam dos elementos partilhados pela lírica profana e devota.

São João da Cruz aproveita e explora este conceito no seu poema *Llama de Amor Viva*:

«¡Oh cauterio suave!  
¡Oh regalada llaga!  
¡Oh mano blanda! ¡Oh toque delicado,  
Que a vida eterna sabe,  
Y toda deuda paga!  
Matando, muerte en vida la has trocado»<sup>307</sup>.

Mas não o faz desde a perspetiva da vida que é morte, senão da morte transformada em vida. No seu *Cántico Espiritual*, o carmelita torna a utilizar o conceito, em tom de perplexidade:

«Mas ¿Cómo perseveras  
¡Oh vida!, no viviendo donde vives,  
Y haciendo porque mueras  
Las flechas que recibes  
De lo que del Amado en ti concibes?»<sup>308</sup>.

Segundo o Comentário que complementa esta *Canción*, para compreender com exatidão os dois primeiros versos é necessário saber «que el alma más vive donde ama que en el cuerpo donde anima, porque en el cuerpo ella no tiene su vida, antes ella la da al cuerpo, y ella vive por amor en lo que ama»<sup>309</sup>. A vida natural do corpo e a vida espiritual em Deus são completamente antagónicas, motivo pelo qual há uma rejeição recíproca contínua. Neste sentido valerá a pena transcrever um excerto dos comentários do carmelita, que embora extenso, é extremamente esclarecedor:

«Y como el alma ve que tiene su vida natural en Dios por el ser que en él tiene, y también su vida espiritual por el amor con que le ama, quéjase y lastímase que puede

---

<sup>306</sup> Citado in ALONSO, 1962: 235 – 238.

<sup>307</sup> MILNER, 1951: 162.

<sup>308</sup> JUAN DE LA CRUZ, 2008: 46, *Canción* 8.

<sup>309</sup> *Ibidem*: 100, ponto 3.

tanto una vida tan frágil en cuerpo mortal, que la impida gozar una vida tan fuerte, verdadera y sabrosa como vive en Dios por naturaleza y amor»<sup>310</sup>.

Vejamos agora de que forma este conceito está presente na poesia de Maria Salazar, retomado no seu poema *Heridas de Amor Místico*:

«[...]  
Con el golpe fui herida,  
Y aunque la llaga es mortal  
Y es un dolor desigual,  
Es muerte que causa vida».<sup>311</sup>

São João da Cruz perspectiva-o desde a ideia da morte, causadora de vida, e não ao contrário, aplicando o mesmo princípio não só ao morrer mas também ao sentir, estando assim em consonância, novamente, com o Doutor da Igreja.

«Está mi vida en morir,  
No puedo vivir viviendo,  
Que el bien que voy pretendiendo,  
Con morir se ha de adquirir,  
Y ando por morir muriendo.  
Peno por penar contino,  
Y gózome en el tormento,  
Y siento porque no siento  
Un no sé qué, donde el tino  
Queda a veces tremulento»<sup>312</sup>.

Estes três últimos versos entram em perfeita consonância com a sensação que São João da Cruz descreve na *Canción 7* do seu *Cântico Espiritual*, quando refere:

«[...] y todos más me llagan,  
Y déjame muriendo  
Un no sé qué que quedan balbuciendo»<sup>313</sup>.

Nenhum dos poetas sabe ao certo de que é que se trata, de modo que por vezes o «tino» fica «tremulento» e «balbuciendo».

---

<sup>310</sup> Ibidem: 101, ponto 3.

<sup>311</sup> MARÍA DE SAN JOSÉ, 1982: 485.

<sup>312</sup> Ibidem.

<sup>313</sup> Op. Cit.: 46.

Nos seus comentários, o Santo manifesta sérias dúvidas relativamente à compreensão do sentido destes versos, alegando que «Esto creo no lo acabará bien de entender el que no lo hubiere experimentado»<sup>314</sup>. Porém, a alma que o experimenta fica ainda sem compreender completamente as sensações tão elevadas que experimenta, originando a expressão «un no sé qué», porque, como explica o próprio, algo que não se consegue compreender, «así tampoco se sabe decir, aunque, como he dicho, se sabe sentir»<sup>315</sup>. É nesta sequência que a alma fica «balbuciendo» e «tremulenta», porque se dão a entender, mas sem nunca chegar a explaná-lo completamente. É um esforço para dar a entender aquilo que não é possível dizer. Apenas se consegue insinuar, porque não se consegue exprimir. O santo estabelece aqui a comparação com o falar das crianças e a dificuldade destas em exprimirem conceitos mais complexos, justificando assim a escolha do verbo «balbuciar», titubear. No caso de Maria Salazar, o sentido está relacionado com o “tino” (juízo, Razão) hesitante, que vacila e não é capaz de determinar o que acontece com a alma do sujeito. A “luz” da Razão parece querer apagar-se, como a chama *trémula* de uma vela exposta ao vento. É um indício de como ambos os poetas chegaram ao mesmo nível de experimentação de uma vivência que, de tão elevada, acaba por ser impossível de explicar, de materializar em palavras, ficando ambos num estado de permanente vacilação relativamente a esse «un no sé qué».

Em castelhano, assim como em português e francês, estes quatro monossílabos são pronunciados como se se tratasse de uma palavra só. Em São João da Cruz adquirem uma particular força expressiva, bastante sugestiva, potenciada pela segunda parte do verso: «Que quedan balbuciendo». O uso desta expressão por parte do autor mostra-se bastante recorrente, quer na poesia quer na prosa e até na linguagem oral, segundo relata o P. Jerónimo de la Cruz, seu companheiro de viagens: «Se ponía en oración y mirando los ríos, o fuentes, o cielos, o yerbas, en que decía ver un no sé qué de Dios»<sup>316</sup>. Talvez esse subtil toque de Divindade seja a expressão máxima que um mortal possa receber da Instância Divina. Nesse sentido, o «no sé qué» atua como uma espécie de luz, de guia; um sinal que confirma a autenticidade da experiência. Consequentemente, na leitura estes poemas adquirem uma espécie de função iluminadora, uma luz que – mesmo trémula e insegura – guia o caminho do leitor como recetor, e que este deverá complementar com o sentir das suas próprias experiências.

---

<sup>314</sup> Op. Cit.: 97 – 98.

<sup>315</sup> Op. Cit.: 98.

<sup>316</sup> Citado in JUAN DE LA CRUZ, 2008: 97, nota 4.

### 3. Maria de São José (Lopes Lobo, “a Loba”)

Durante as primeiras décadas do carmelo descalço era relativamente frequente encontrar religiosas que no momento da profissão optavam por adotar o nome da Madre Fundadora ou, em casos como o que aqui nos ocupa, o de Maria de São José. Era esta uma forma de prestar tributo à Santa e à sua mais fiel e incondicional seguidora e continuadora. Segundo Belchior de Santa Ana – a quem reiteramos as palavras de louvor pela diligência que teve em divulgar a vida e, em alguns casos, parte da obra de religiosas carmelitas, nas *Crónicas da Ordem em Portugal*, Maria Lopes Lobo de Sousa nasceu em Setúbal, no dia da Purificação de Nossa Senhora (2 de fevereiro). Era a filha primogénita de Luís Lopes Lobo e de Inês de Sousa<sup>317</sup>. A visão de um crucifixo ou a contemplação das chagas de Cristo contribuíam para acalmar o pranto de Maria, quando ainda era uma bebé, e motivavam-na a ingerir os alimentos quando não tinha disposição para tal. Segundo o relato do cronista, a jovem começou a mostrar desde muito cedo excelentes dotes intelectuais, assim como um raciocínio invulgarmente perspicaz. Evitava as brincadeiras com as crianças da sua idade, optando por passar o tempo em oração ou distribuindo esmola entre os mais necessitados. Era modesta e extremamente recatada, sem qualquer interesse material e nutria uma profunda devoção pelo Senhor Crucificado, ficando também muito sensibilizada com a recordação da Paixão de Cristo<sup>318</sup>. Jejuava mais do que a Regra estipulava e, sempre que o seu confessor o autorizava, usava cilício também às sextas feiras, alguns deles em folha de lata. Durante a Quaresma e o Advento trocava-os por correntes de ferro com pontas muito agudas. Durante toda a vida, depois da meia-noite, açoitava-se na sua cela ou na torre do convento, facto que manteve em segredo até ao dia da sua morte, quando o revelou ao seu confessor, Fr. Félix de Jesus.

Durante a sua juventude, continua o cronista, Maria Lobo<sup>319</sup> teve por confessores dois letrados virtuosos. O primeiro deles foi Fr. Jerónimo de São Hilarião (Provincial entre 1596 e 1597), quando a jovem contava apenas dez anos de idade<sup>320</sup>. A eles relatava todos os

---

<sup>317</sup> Descendente do barão de Alvito e aparentado com D. Henrique II de Castela e D. Fernando de Portugal. BELCHIOR DE SANTA ANA, 1626: Vol. I, Tomo III, p. 659, parágrafo 804.

<sup>318</sup> Ibidem: 662/808 (página/parágrafo).

<sup>319</sup> Para não causar equívocos, a partir deste momento referiremos sempre esta religiosa como Maria Lobo, distinguindo-a assim de Maria Salazar e de Maria Zurita.

<sup>320</sup> Assim sendo, esta carmelita terá nascido em 1586 ou 1587. Se faleceu aos 39 anos de idade, o ano da morte será 1626 ou 1627, datas que correspondem ao segundo mandato de Fr. Luís de la Madre de Dios como Provincial (1625 – 1628). Ibidem.

acontecimentos interiores e exteriores da sua vida<sup>321</sup>. Era, em suma, uma jovem com santos costumes,

«de seu sincero, & chão modo de obrar; da candidez de seus pensamentos, & e palavras, da rectidão, & bondade das suas intenções; & do temor reverencial, & filial com que vivia amando, & temendo a Deus, como a Pay, & Senhor, & atendendo a não desviar-se da sua Santa ley, & a buscar com cuidado o perfeito do seu estado»<sup>322</sup>.

Apesar de todas as suas virtudes e da grande beleza física, que o cronista faz questão de salientar, Maria Lobo tinha uma consideração muito baixa pela sua própria pessoa, não suportando todos os elogios que lhe faziam<sup>323</sup>. Nunca se defendia, nem tão pouco se escusava, «virtude magnânima ainda em os mui aproveitados em perfeição, & por tanto persuadida muito da nossa Madre S. Thereza as suas filhas nos livros, que nos deixou escritos»<sup>324</sup>. Pelo cronista também sabemos que Maria Lobo tinha várias irmãs mais novas, uma delas era D. Ângela de Noronha<sup>325</sup> e, ainda, uma outra cujo nome não nos é revelado, que professou em S.to Alberto com o nome de Teresa de Jesus.

Maria Lobo abraçou a religião quando contava apenas 12 anos de idade, após diversas e persistentes tentativas, por parte da jovem, para convencer a mãe nesse sentido. Numa primeira fase, os progenitores opunham-se radicalmente à ideia de verem professar uma filha numa Ordem com um modo de vida tão austero. Daí os inúmeros titubeios que levaram a jovem a considerar a hipótese da fuga, na companhia de uma das serviçais da casa, de modo a poder chegar até Lisboa e professar em S.to Alberto. Providencialmente, Maria Salazar e Branca de Jesus hospedaram-se durante alguns dias em casa da família Lopes Lobo, o que foi suficiente para convencer os pais da jovem e obter deles a tão aguardada bênção que lhe permitisse abraçar a vida religiosa<sup>326</sup>.

Temos aqui uma curiosa série de coincidências concatenadas. Primeiramente foi Maria Salazar quem entrou em contato com a Madre Fundadora no palácio de D. Luísa de la Cerda, onde viria a descobrir a sua vocação religiosa, em parte, graças à aguda intuição da Santa, que soube

---

<sup>321</sup> Outros confesores foram Fr. Miguel de São Jerónimo; Fr. Ângelo, que perdeu a vida em consequência de uma queda desde o alto do campanário, durante as obras que estava a supervisionar. Neste caso, Maria Lobo soube da ocorrência antes que acontecesse. Revelou-o a Fr. Félix de Jesus, que lhe administrou a extrema-unção na hora da sua morte. Segundo o cronista, este religioso teve vergonha de a absolver, porque não tinha cometido pecado algum, depois do que ele próprio se foi confessar. Ibidem: 686/833; 689/838.

<sup>322</sup> Ibidem: 660/805.

<sup>323</sup> Ibidem: 669 / 816.

<sup>324</sup> Ibidem: 668 / 815.

<sup>325</sup> Casada com D. Jorge de Mello, Mestre-sala da Rainha.

<sup>326</sup> Ibidem: 672 – 674. A Madre Francisca das Chagas (ver nº 12 do Anexo 7) refere ainda que acompanhava Maria Lobo como terceira no locutório «quando falava ao seu pay». Ibidem: 687 / 834. Este facto parece indicar o possível estado de viuvez de Lopes Lobo.

antever as qualidades extraordinárias da jovem toledana. Posteriormente seria a própria Maria Salazar a passar o testemunho, adivinhando as potencialidades de Maria Lobo e encorajando-a veementemente para a vocação religiosa, precisamente na casa paterna e nobre da jovem postulante. Estamos perante duas carmelitas descalças que, para além do nome de profissão, partilhavam a devoção ao Carmelo descalço e à sua fundadora, assim como o gosto pela escrita, se bem que, com grandes diferenças na qualidade literária dos respetivos textos, como veremos adiante.

Maria Lobo entrou em S.to Alberto – onde já se encontrava a sua amiga íntima Luísa de Jesus<sup>327</sup> –, durante o priorado da Madre Antónia da Cruz, tendo por confessor o P. Fr. Félix de Jesus. Antes de considerar o Carmelo descalço como Ordem definitiva para ingressar em religião, ponderou outras hipóteses, nomeadamente, franciscanas e dominicanas, até que uma aparição de S.to Elias, acompanhado de um mensageiro pedindo esmola, contribuiu definitivamente para lhe esclarecer as dúvidas e motivar a eleição final. Tomou o hábito em dezembro de 1604, com 18 anos e 10 meses de idade, adotando o nome de Maria de São José, em memória de Maria Salazar, entretanto já falecida, a quem tinha conhecido em Évora e que reconheceu rapidamente na jovem as virtudes adequadas para ingressar no Carmelo descalço<sup>328</sup>. Estando ainda muito viva a lembrança de Maria Salazar nos espíritos da comunidade de S.to Alberto – mais ainda, depois dos terríveis acontecimentos que provocaram o desterro da priora toledana – e para evitar equívocos desnecessários, as religiosas passaram a referir Maria Lobo com a alcunha de “a Loba”, por razões evidentes relacionadas com o seu apelido familiar<sup>329</sup>. Professou um ano depois, em 11 de dezembro de 1605, a mãos da priora Antónia da Cruz<sup>330</sup>, recebendo o véu do P. Vigário Provincial Fr. Bernardo da Conceição. Foi a sua Mestre de noviças a Madre Isabel de São Francisco<sup>331</sup>.

---

<sup>327</sup> Com bastante probabilidade trata-se de Luísa de Jesus Maria (nº 24, anexo 7), que fazia parte do segundo grupo de religiosas fundadoras.

<sup>328</sup> *Ibidem*. Nessas mesmas páginas, o cronista relata duas situações contraditórias. Primeiro refere a estadia de Maria Salazar em casa da família Lopes Lobo, graças à qual a jovem postulante obteve a bênção para ingressar no Carmelo. Porém, depois o cronista revela-nos Évora como sendo o local onde ambas as Marias se encontraram pela primeira vez. Se o cronista aponta Setúbal como o local de nascimento de Maria Lobo, podemos inferir que a casa familiar se encontraria nesta cidade. Será que a família também possuía propriedades em Évora?

<sup>329</sup> Na época era recorrente aplicar o feminino ao apelido familiar nas mulheres: Lobo – Loba; Carvalho – Carvalha; Cardoso – Cardosa, etc.

<sup>330</sup> Durante as primeiras décadas de atividade de S.to Alberto, e depois do mandato de Maria Salazar, ocuparam o cargo de priora as seguintes religiosas: Antónia da Cruz, 1604 (Anexo 5, nº 7), Isabel de São Francisco, 1607 (nº 15), Inês da Madre de Deus, 1610 (nº 12), Jerónima de Jesus, 1612 (nº 20), Antónia da Cruz, 1615 (nº 7), Isabel de São Francisco, 1615 (nº 15), Inês da Madre de Deus, 1618 (nº 12), [Nesta altura, Maria Lobo ocupava o cargo de subpriora], Jerónima de Jesus, 1621 (nº 20). Isabel de São Francisco e Antónia da Cruz foram também Mestras de noviças de Maria Lobo.

<sup>331</sup> *Ibidem*: 675 – 676. Veja-se também o nº 15 do Anexo 7 deste trabalho.

Maria Lobo era uma grande apreciadora da solidão e do silêncio, de maneira que, para continuar calada, colocava uma pedra dentro da boca<sup>332</sup>. Também era extremamente caridosa, sobretudo com aqueles que lhe causavam mal, e tinha uma grande habilidade para consolar os doentes e os afligidos, facto pelo qual ganhou ainda uma outra alcunha entre as suas companheiras. Lamentavelmente, o cronista não a refere<sup>333</sup>. A humildade era um dos seus atributos mais notáveis. Segundo relata Belchior de Santa Ana, beijava os pés das suas companheiras; comia no chão com uma corda atada ao pescoço; andava sem véu, com uma mordança na boca ou com uma venda nos olhos, assumindo as suas culpas publicamente nos momentos do refeitório, carregando uma albarda às costas<sup>334</sup>. Em 1612 “a Loba” foi nomeada para ocupar o cargo de subprioresa, no entanto, sentindo-se agravada, pediu encarecidamente para ser dispensada das funções, que acabariam por ser assumidas pela Madre Maria de Jesus<sup>335</sup>. O mesmo aconteceu em 1618 com o cargo de prioresa, para o qual Maria Lobo deu o seu voto à Madre Inês da Madre de Deus<sup>336</sup>, que ocupou o cargo até 1620, muito apesar das insistências das religiosas para que fosse “a Loba” a governar a casa. Micaela Margarida de Santa Ana (nº 27, Anexo 7), amiga íntima de Maria Lobo, relata numa carta a visão que esta teve do *Ecce Homo*, consideravelmente chagado. Aconselhando-a a aceitar o cargo de subprioresa por amor a Ele, na altura em que fora incumbida novamente de assumir esta responsabilidade, o argumento mostrou-se tão poderoso que Maria acabaria por aceitar<sup>337</sup>.

A humildade e o comportamento virtuoso desta religiosa despertaram fortes invejas por parte de algumas das suas companheiras de claustro, por considerá-la hipócrita, fingida, pretensiosa e ávida de honras e aplausos. Os problemas derivados desta situação agravaram-se com os ataques de que foi alvo, por parte de uma prioresa excessivamente cruel «que com ser grande serva de Deus fez excessos em mortificá-la»<sup>338</sup>. Antes da eleição desta prelada, Deus já tinha mostrado a Maria Lobo «quanto da sua mão havia de padecer, como ella nos deixou escrito em hũa Relação feita por mandato do seu confessor [...]». Contudo, e para tornar as coisas ainda mais difíceis,

---

<sup>332</sup> Ibidem.

<sup>333</sup> Ibidem.

<sup>334</sup> Ibidem: 678/ 825.

<sup>335</sup> Trata-se, na verdade, da Madre Jerónima de Jesus (nº 20, Anexo 7).

<sup>336</sup> Esta religiosa professou em S.to Alberto em 13 de setembro de 1587. Foi eleita prioresa em 31 de março de 1610 e destituída dois anos depois, pelo excesso de celo no cumprimento da Regra. Veja-se o nº 12 do Anexo 5 deste trabalho.

<sup>337</sup> Ibidem: 679 / 826.

<sup>338</sup> Ibidem: 680 / 828. Muito provavelmente trata-se de Inês da Madre de Deus (nº 12, Anexo 7). Esta religiosa foi destituída em 1612 por excesso de celo no cumprimento da Regra.



durante o mandato desta prelada, o P. Provincial obrigou Maria Lobo a aceitar o cargo de Mestra de noviças, bem contra a vontade da priora e das suas acólitas<sup>339</sup>.

Para além do dom da profecia, “a Loba” experimentou alguns raptos e visões, «na qual sempre tinha comunicações divinas mui levantadas por semelhanças infusas.[...] Em estes raptos era mui regalada de Deus com altíssimas notícias das suas divinas perfeições, e também daquelas novilíssimas substâncias creadas no Céu»<sup>340</sup>. Em contra partida, tinha alturas em que padecia grandes securas interiores. Cultivava pertinazmente a Fé e a Esperança e nutria uma grande devoção pelo Santíssimo Sacramento e pela Virgem Maria. Desta última, conservava na sua cela uma pequena imagem pintada num pedaço de porcelana encontrado na horta do convento. Em algumas ocasiões desmaiava, ficando sem sentido, o que acontecia sempre depois da comunhão, altura em que sentia arrebatamentos e grandes calores no peito. Eram os chamados incêndios de amor.

Relativamente ao dom da profecia, Belchior de Santa Ana relata algumas ocorrências<sup>341</sup> verificadas, sobretudo, no contexto quotidiano de S.to Alberto, mas não só. A modo de exemplo ilustrativo referiremos o roubo que teve lugar naquela época no convento dos carmelitas do Porto. O motivo aparente do furto estava relacionado com o considerável valor do objeto, alegadamente feito de ouro e pedras preciosas. Porém, na visão que dele teve “a Loba” tratava-se apenas de um humilde vaso com uma cruz em cima. Posteriormente, um clérigo que tinha tido o objeto nas suas mãos, veio confirmar a simplicidade do mesmo<sup>342</sup>.

Devido à sua habilidade natural para cuidar dos doentes, Maria Lobo foi incumbida de cuidar de uma religiosa tísica, curiosamente, também chamada Maria de São José, distinguida com a alcunha de “a Silva”, devido ao seu apelido familiar no século (nº 42, Anexo 7). Infelizmente, “a Loba” acabaria também por contrair a doença<sup>343</sup>, sucumbindo a ela em 6 de agosto de 1626 ou 1627, quando contava 39 anos de idade. No dia seguinte foi sepultada em S.to Alberto. Posteriormente, as relíquias desta carmelita ainda foram responsáveis por inúmeros milagres, especialmente através da água benta, onde eram lançados pequenos ossos da defunta<sup>344</sup>.

---

<sup>339</sup> Ibidem: 683 / 831.

<sup>340</sup> Ibidem: 688.

<sup>341</sup> Ibidem: 706; 707 / 858.

<sup>342</sup> Ibidem: 705 / 856.

<sup>343</sup> Supostamente, segundo o cronista, devido ao hábito que Maria Lobo tinha de aquecer os pés da doente debaixo do seu saial, no calor do seu peito, o que terá contribuído para a transmissão da doença.

<sup>344</sup> Ibidem.

Este esboço biográfico de María Lobo, que Belchior de Santa Ana nos transmitiu através das suas *Crónicas*, apesar de breve, deixa em evidência algumas características comuns partilhadas por religiosas escritoras durante o século XVII. A maioria delas sentiu a chamada para a vocação religiosa extremamente cedo, ainda durante a infância, sob a forma de visão ou sonho revelador. A personalidade introvertida e recatada e o gosto pela solidão e o silêncio também constituem traços comuns, acompanhados por outras virtudes como a humildade e a caridade, assim como uma preocupação latente com os mais frágeis e desfavorecidos, que as leva a cuidar dos doentes com extrema dedicação ou a oferecer generosas esmolas aos indigentes. Dentro do claustro, todas elas tiveram problemas, de maior ou menor gravidade, com algumas das companheiras de religião, relacionados com alegadas invejas e comentários mal-intencionados, situação que piorava quando assumiam funções de responsabilidade como Mestra de noviças ou Priora. Visões, êxtases, arrebatamentos, revelações e, em alguns casos, capacidades proféticas, são também, em maior ou menor medida, experiências comuns à maioria destas mulheres, fenómenos que, no caso das visões, aconteciam sempre no momento da comunhão.

### **3.1. Escritora por obediência**

Relativamente à formação intelectual de Maria Lobo, pouco ou nada sabemos, a não ser as escassas referências que Belchior de Santa Ana deixou nas *Crónicas* e alguns indícios que a própria autora refere nos seus escritos. Considerando o estatuto social da família Lopes Lobo, podemos depreender que Maria, tal como os seus irmãos, terá recebido uma formação intelectual superior às jovens da sua época. Sabia ler e escrever e era leitora assídua das *Vidas de Santos*, segundo refere o cronista<sup>345</sup>. Do mesmo modo que Santa Teresa de Jesus, a jovem carmelita nunca leu a Bíblia, limitando-se a absorver o conteúdo dos Textos Sagrados a partir do breviário que, recorde-se, também estava em latim. Provavelmente a religiosa terá adquirido conhecimentos bíblicos de forma indireta, através dos pais, dos confessores e das suas próprias companheiras de religião, especialmente das prioras e das mestras de noviças, sem esquecer a sermãoária. Neste sentido, o cronista faz referência a um breviário luxuosamente encadernado que Maria

---

<sup>345</sup> Ibidem: 695 / 845.

recebera das mãos do seu pai. No entanto, em sinal de humildade, a jovem foi rapidamente pedir à Mestra de noviças que lho trocasse por um outro, muito velho e gasto<sup>346</sup>.

Nos excertos dos seus escritos não encontramos alusões que possam indicar possíveis leituras. Apenas refere «como diz o Apostol»<sup>347</sup>. Num outro fragmento encontramos uma referência a um confessor «letrado e espiritual»<sup>348</sup>, facto que poderá sugerir os confessores como potenciais fontes complementares de aprendizagem da jovem, sobretudo depois do seu ingresso na vida religiosa. Por extensão, podemos presumir também a sermónia como possível via de transmissão de conhecimentos bíblicos e teológicos, com os quais a jovem carmelita terá ampliado e completado a sua formação intelectual e religiosa.

Para proceder à apreciação dos escritos de Maria Lobo, apenas dispomos de 12 fragmentos que Belchior de Santa Ana publicou nas suas *Crónicas*, intercalados com bastantes dados biográficos sobre esta religiosa<sup>349</sup>. Estes excertos correspondem à *Relação*, uma autobiografia escrita por mandado de um dos seus confessores<sup>350</sup>, o que justifica, à partida, a ausência quase total de nomes, locais e datas concretas, assim como referências aos cargos de responsabilidade que assumiu durante a sua vida claustral. Apenas indica que a certa altura foi provisora. Que critérios terão levado o cronista a escolher a publicação destes fragmentos em detrimento de outros? A resposta está diretamente relacionada com o conteúdo dos excertos selecionados o que, à partida, constitui um critério de seleção. Os temas centrais são as mortificações e penitências, as visões e as premonições que Maria Lobo foi experimentando ao longo da sua vida. Relativamente ao primeiro aspeto, verificamos uma diferença de intensidade bastante notória, entre o relato excessivamente superlativo do cronista e o relato mais comedido e menos pormenorizado de Maria Lobo. Colocar uma pedra na boca para não falar, comer no chão ou utilizar continuamente cilícios com pontas e folhas de lata, como relata Belchior de Santa Ana, não foram mortificações praticadas exclusivamente por esta religiosa portuguesa. Aparecem referidas de maneira muito semelhante nos relatos biográficos de outras carmelitas de S.to Alberto. Por sua vez, nestes fragmentos Maria Lobo expressa o seu fervor em relação à prática das penitências, lamentando não poder fazê-las mais intensas e frequentes devido à proibição dos seus superiores, admitindo que, apesar de tudo «licença para a fazer jamais deixei de pedir, ainda que sabia ma não havião de dar»<sup>351</sup>. Curiosamente, o cronista português fala com mais rigor das mortificações desta religiosa nos

---

<sup>346</sup> Ibidem: 712 / 865.

<sup>347</sup> Ibidem: 683 -684 / 831. Anexo 8, excerto nº 5. Neste caso trata-se de São Paulo.

<sup>348</sup> Ibidem: 709 – 710 / 862. Anexo 8, excerto nº 10.

<sup>349</sup> BELCHIOR DE SANTA ANA, 1657: Tomo I, vol. III, pp. 659 – 718.

<sup>350</sup> Com bastante probabilidade trata-se de Fr. Félix de Jesus.

<sup>351</sup> Ibidem: 681, parágr. 829. Anexo 8, nº 2.

capítulos em que tal não seria de esperar, atendendo ao título que os precede<sup>352</sup>. Talvez a insistência do cronista neste aspeto da vida religiosa de Maria Lobo encontre a sua explicação numa vontade premeditada para realçar uma determinada perspetiva, neste caso, o fervor excessivo de uma religiosa exemplar, que poderá servir como exemplo não tanto da capacidade de sacrifício para a mortificação mas antes da necessidade de praticá-las com moderação, como de facto recomendava a própria Madre Fundadora nas suas *Constituciones*: «Las disciplinas que se han de tomar, manda el Ordinario algunas, que son: quando se reza feria, y en cuaresma y en Adviento cada día que se rezáre feria y en el outro tiempo [...]. Ninguna tome más [penitencia] sin licencia, ni haga cosa de penitencia sin ella<sup>353</sup>». Outro dos critérios de seleção seguidos por Belchior de Santa Ana terá sido escolher excertos do texto desta religiosa onde ficam evidentes as suas experiências visionárias e as suas capacidades proféticas, o que despertaria a inveja e as murmurações de que Maria Lobo foi objeto por parte de algumas das suas companheiras de religião devido, precisamente, ao caráter extraordinário das suas vivências espirituais. Experiências que são ilustradas pelo cronista com diversos excertos onde a autora refere o assunto de forma mais ou menos clara e direta. Neste sentido, segundo o cronista, Maria Lobo ultrapassava os limites da Regra e do que era considerado moderado por parte dos seus superiores, excedendo inclusivamente os limites da sua própria resistência física, quando passou a vida inteira a açoitar-se diariamente, em segredo e durante a noite<sup>354</sup>. Este parágrafo apresenta algumas discrepâncias. Nos seus escritos, a religiosa manifesta a dificuldade que tinha em cumprir a proibição das disciplinas, o que nos leva a pensar que durante esse período teria desistido dos referidos açoites noturnos. Por outro lado, o relato do cronista parece aqui demasiado exagerado, provavelmente, com o intuito de exaltar a abnegação desta religiosa na hora de se autoaplicar os rigores das disciplinas. Tenha-se em conta que um regime de flagelações diárias numa jovem fisicamente frágil, sujeita aos rigores da Regra carmelitana teriam provocado feridas graves e complicações derivadas de eventuais infeções que, para continuar a manter o segredo, ela própria seria incapaz de tratar, especialmente, se os

---

<sup>352</sup> Os títulos dos capítulos das *Chronicas de Carmelitas Descalços particular do reyno de Portugal e Provincia de São Filipe* dedicados a Maria Lopes Lobo incluídos no vol. I, tomo III são os seguintes: “Da rara perfeição a que sobio a Madre Maria de São Joseph dos doze até os dezoito anos” (Cap. XXXIV: p. 664, parágr. 811); “De como a Madre Maria de São Joseph fez voto de ser Religiosa, e vencidas muitas contradicções tomou o hábito do Carmelo Descalço” (XXXV: 670,817); “ (XXXVI: 676, 824; Da continua e subida oração da Madre Maria de São Joseph e das muitas mercês que Deus nella lhe fez, alternandoas com trabalhos” (XXXVII: 686, 833); “Do encendido amor de Deus, que teve a Madre Maria de São Joseph e de sua grande caridade com os próximos” ( XXXVIII: 691, 840); “Das notáveis penitências e raras mortificações com que a Madre Maria de São Joseph afligiu seu corpo e do heróico grau em que teve a virtude da temperança” (XXXIX: 697, 847); “Da viva fé e grande esperança que Deus deu à Madre Maria de São Joseph, e da encendida devoção ao Santíssimo Sacramento e do dom de profecia que teve” (XL: 702, 853); “Da rara perfeição com que a Madre Maria de São Joseph guardou os três votos de Obediências, Castidade e Pobreza” (XLI: 709, 861); “Da gloriosa morte que teve a Madre Maria de São Joseph e dos muitos milagres que Deus fez por meio de cousas suas” (XLII: 712, 866).

<sup>353</sup> Capítulo XVIII, ponto 3 da edição Silveriana.

<sup>354</sup> *Ibidem*: 662, parágr. 808.

açoites eram aplicados nas costas. Vejamos o que a própria Maria Lobo refere a este respeito: «No que toca à penitênciative sempre grandes desejos dela; posto que nunca chegaram as minhas obras aos meus desejos<sup>355</sup> [...] Amava mais o padecer, que a vida [...]»<sup>356</sup>. «Nunca chegaram as minhas obras aos meus desejos». Estas palavras dão a entender contenção na prática das penitências, muito provavelmente mediante o controlo dos seus superiores e da priorisa. Um controlo que provavelmente só lhe foi aplicado numa fase mais avançada da sua vida no claustro. Quando Maria Lobo tomou o hábito, em 1604, era priorisa a Madre Antónia da Cruz. Posteriormente, em 31 de março de 1610, a Madre Inês da Madre de Deus<sup>357</sup> assumiu o cargo, tendo sido destituída dois anos depois por excesso de rigor no cumprimento da Regra. Esta religiosa era seguidora do rigorismo do P. Doria? Talvez tenha sido este um fator que, aliado ao entusiasmo dos primeiros anos de Maria Lobo como freira e ao fervor por imitar Cristo tenha contribuído para o excesso algo desmedido na prática das penitências.

Em qualquer caso, fica em evidência um enorme desejo de padecer por Cristo e como Cristo e, ao mesmo tempo, uma desolada constatação da própria fragilidade física, que torna quase impossível suportar todas as penitências que a vontade a impele a fazer: «[...] que em todas as ocasiões, que têm sido muitas, me tem favorecido Deus como Pai piedoso, porque vê em minha fraqueza e pouca virtude que não pudera eu sair bem de ações tão contínuas senão fora a sua contínua assistência [...]»<sup>358</sup>. E continua «[...] na Quaresma e no Advento sempre trazia cilício e fazia outras mortificaçõeszinhas que deviam de ser todas de mui pouco valor, como são todas minhas obras [...]»<sup>359</sup>. Também vemos nestas palavras uma notória autodesvalorização, recorrente ao longo dos excertos com expressões como «minha baixeza»; «meus pecados»; «minha indignidade» e «eu pecadora», enfatizada ainda, no caso particular citado acima, pelo sufixo diminutivo, que reforça assim o sentimento de fraqueza, que não lhe permite suportar maiores disciplinas do que umas «morificaçõeszinhas». Foi precisamente esta vontade exacerbada na prática

---

<sup>355</sup> Ibidem: 681, parágr. 829. Ver também o Anexo 7, nº 2 deste trabalho. No anexo 8 transcrevemos todos os excertos de Maria Lobo publicados por Belchior de Santa Ana mantendo a grafia da fonte. Nas citações no entanto, atualizamos a ortografia, de modo a facilitar a sua leitura.

<sup>356</sup> Ibidem: 709 – 710, paágr. 862. Anexo 8, nº 10.

<sup>357</sup> Sendo esta religiosa priorisa mandou a Maria Lobo beber um caldo quando esta se encontrava doente. Segundo a Madre Micaela Margarida «tomando um trago do caldo, o deixou, parecendo-lhe, que seu mal não era tanto, que necessitasse de tal remedio. E porque a Prelada lhe disse depois que fizera mal em não o tomar todo pediu licença e fez uma mortificação extraordinária com as insígnias acostumadas, e levando uma caveira na mão com o caldo dentro. Tanto que com muitas lágrimas disse sua culpa, poz a caveira à boca e bebeo para refazer a falta de obediência que a seu parecer tinha cometido. Toda a comunidade venerou a obra por heroica e ficaram todas admiradas e em estremo edificadas [...]». Ibidem: 697, parágr. 847.

<sup>358</sup> Ibidem: 680 – 681, parágr. 828. Anexo 8, nº 1.

<sup>359</sup> Ibidem: 682 – 683, parágr. 683. Anexo 8, nº 3.

das flagelações a causadora de alguns mal-entendidos por parte das suas companheiras de claustro:

« Algumas servas de Deus, que melhor me conheciam, tomavam a mal, fazer eu algumas penitências, e outros actos de mortificação a que Deus sempre me estava despertando; porque lhes parecia que o fazia, por me terem por melhor que as demais Freiras, e porque os nossos Padres soubessem, e me fizessem Prelada [...]. E eu dava graças a Deus, que sabia a causa, e minha intenção, e com estes ditos me animava mais; porque sempre tive por mercê de Deus o ser maljulgada»<sup>360</sup>.

Nestas circunstâncias, Maria Lobo acabaria por ser proibida de praticar qualquer tipo de penitência, o que resultou, paradoxalmente, num motivo de mortificação por si só, como ela relata: «no tempo que acima digo, que me não deixavam fazer penitências, tendo eu grandes ânsias de fazê-las sentia muitas vezes a aspereza do cilício e da cadea, como se realmente os trouxera; e passava pela dor da disciplina, ainda que a não tomava»<sup>361</sup>. A pesar de tudo «licença para a fazer jamais deixei de pedir, ainda que sabia ma não havião de dar»<sup>362</sup>. No entanto, perante a proibição de uma prática tão desejada, Maria Lobo parece ter mantido uma atitude positiva, porque «já que não fazia penitência oferecia a Deus este género dela, que não era para mim pequeno», o que não parece ter tido a mesma apreciação positiva na forma como tal comportamento foi acolhido por parte de algumas companheiras pouco compreensivas: «E algumas respostas recebia tão agrias, que se houvera de tratar destas matérias, fizera um grande volume [...]»<sup>363</sup>. Apesar de tudo, as mortificações físicas não foram a única via de autopunição de Maria Lobo que «não só abraçou a mortificação corporal exterior, com que se mortificão os sentidos exteriores, mas também e principalmente a interior, espiritual, com a qual se mortificão o próprio amor, a própria vontade, as paixões e affectos desordenados, que sendo rebeldes frãqueão a entrada ao inimigo no reino da alma»<sup>364</sup>.

Outro dos aspetos relevantes que ficam em evidência nos excertos de Maria Lobo são as suas capacidades visionárias e premonitórias. No primeiro caso, as visões aconteciam sempre «depois da primeira Hóstia», no Coro ou durante os momentos de oração. Carecendo do texto completo das *Relaciones* que esta carmelita escreveu, torna-se impossível precisar quantas visões – ou «invenções», segundo alguns dos seus confessores – terá experimentado Maria Lobo. Nos escassos excertos que o cronista deixou publicados podemos vislumbrar aquela que terá sido,

---

<sup>360</sup> Ibidem: 700, parágr. 850. Anexo 8, nº 9.

<sup>361</sup> Ibidem: 682 – 683, parágr. 683. Anexo 8, nº 3.

<sup>362</sup> Ibidem: 681, parágr. 829. Anexo 8, nº 2.

<sup>363</sup> Ibidem.

<sup>364</sup> Ibidem: 699, parágr. 849.

provavelmente, a mais recorrente e motivo para merecer a atenção de Belchior de Santa Ana para a incluir na sua crónica. Trata-se da aparição de

«Cristo Senhor nosso muito formoso, vestido ao modo de Nazareno, e com o cabelo da mesma maneira, a túnica que trazia, chegava aos pés, e deixava descobertas as chagas deles de que saía grandíssimo resplendor. A alvura, e beleza deles não tinha comparação com nenhuma cousa desta vida; e as mãos da mesma maneira. Na cabeça trazia uma coroa de espinhos, de que saía um excessivo resplendor. Trazia na mão direita uma Cruz grande, que lhe servia de bordão, e vi entre a notável luz, que despedia de si, que era de madeira»<sup>365</sup>.

A própria Maria Lobo vem corroborar a frequência desta visão: «[...] só vi junto a mim a Cristo Nosso Senhor em pé a modo de Nazareno, mostrando-me particular favor [...]; e esteve comigo mais devagar do que outras vezes»<sup>366</sup>. Assim sendo, podemos inferir que este tipo de visões seria bastante frequente. A coroa também fazia parte do universo visionário de Maria Lobo, com um marcado carácter simbólico, representativa dos seus progressos espirituais, mas também como uma espécie de prémio ou troféu por ter suportado com paciência as diversas vicissitudes por que se via obrigada a passar: «[...] me mostrou o Senhor uma coroa de fermossíssimo ouro e pedras preciosas; era de deleitosa vista, mas não estava de todo acabada, que bem via eu que lhe faltavam alguns remates. Em isto entendi mais do que saberei dizer »<sup>367</sup>. Mais tarde, depois de ter passado «muitos trabalhos», durante a meia-noite da véspera do dia de Nossa Senhora do Carmo, Maria Lobo voltou a contemplar «a mesma coroa, muito mais aperfeiçoada e com grandíssimo resplendor, muito avantajada da primeira»<sup>368</sup>. No mesmo excerto, a autora declara ainda: «As vezes que o Senhor me mostrou esta coroa, vendome eu indigna dela, lha renunciava em suas mãos, pedindo-lhe em lugar dela a sua de espinhos, e viver e morrer na sua cruz, que em verdade isto tenho pelo maior prémio que pode ser»<sup>369</sup>. Talvez, as capacidades literárias de Maria Lobo não cheguem ao nível de Maria Salazar ou Maria Zurita. Porém, neste excerto, a carmelita consegue deixar em evidência a abnegação e a determinação próprias de uma verdadeira carmelita descalça, disposta a suportar as maiores vicissitudes com corajosa paciência e temperança: «Tenho também ansiosos desejos de padecer pelo Senhor enquanto estiver nesta vida, que só para isto é ela boa»<sup>370</sup>.

A pomba, cuja simbologia está estreitamente ligada ao universo teresiano, também é referida num dos excertos de Maria Lobo. Segundo nos relata a religiosa, a visão teve lugar «estando um

---

<sup>365</sup> Ibidem: 684 – 685, parágr. 832. Anexo 8, nº 6. Corresponde ao excerto mais extenso de todos.

<sup>366</sup> Ibidem: 683, parágr. 831. Anexo 8, nº 4.

<sup>367</sup> Ibidem; 683 – 684, parágr. 831. Anexo 8, nº 5.

<sup>368</sup> Ibidem.

<sup>369</sup> Ibidem.

<sup>370</sup> Ibidem: 691, parágr. 839. Anexo 8, nº7.

dia no Coro dando graças a Deus [...]. Aqui vi uma pomba que ia levantar-se para voar com as asas abertas, e em meio delas lhe punham uma grande pedra branca, como de moinho, que lhe detinha o voo»<sup>371</sup>. Neste caso concreto, a pedra simboliza a obediência, segundo a explicação que lhe foi dada por um dos seus confessores: «Isto tratei depois com um confessor letrado, e espiritual, e disse-me, que lhe parecia que aquela pedra que detinha o voo era a obediência, que de preferir-me tinha em grande aperto»<sup>372</sup>.

A Virgem e o Menino Jesus também foram protagonistas de algumas das visões de Maria Lobo. Numa dessas visões, a Virgem aparece com o Menino Jesus nos braços «coberta de uma nuvem branquíssima, e de grande beleza»<sup>373</sup>. O propósito desta visão, que denota um certo caráter pedagógico, era fazer entender à religiosa «que daquela grande glória gozavam no céu as almas, que nesta vida amavam a virtude da pureza, e castidade, e guardavam na alma e no corpo»<sup>374</sup>. Deste modo, a carmelita dá-nos a conhecer um dos motivos que a levaram a optar pela vida religiosa. «Entendi que eu sempre amei muito a esta virtude, e foi uma das cousas que me trouxeram à religião. Desde este dia adiante a amei e estimei muito mais sem poder fazer outra cousa, e quisera que todos tiveram dela a mesma estima»<sup>375</sup>. Fica evidente, também, o motivo que terá levado Belchior de Santa Ana a selecionar este excerto: fazer uma apologia do valor da castidade, utilizando Maria Lobo como exemplo e autoridade qualificada.

Relativamente ao dom de profecia, o cronista apenas refere o tema num fragmento em que a religiosa nos fala da morte do seu irmão. Em boa verdade, um único caso – desconhecemos se houve mais – não será suficiente para confirmar efetivamente esta capacidade, até porque se trata do próprio irmão. Considerando as circunstâncias, poderá ter sido uma experiência mais próxima da intuição do que da premonição. Ainda assim, o cronista parece valorizar o evento, numa lógica bastante comum na literatura de cariz hagiográfico. Para além de ter pressentido a morte do irmão, Maria Lobo manifesta sentimentos de culpa por não o ter avisado atempadamente: «Quando Deus levou o meu irmão, andava eu com muita pena, de alguns escrúpulos, que tinha de o não avisar no dia antes, que não saísse fora aquela noite [...]»<sup>376</sup>. Depois da confirmação da morte do jovem, Maria Lobo foi logo procurar a sua irmã Teresa, também professa em S.to Alberto, «e fomos perdoar quem o matou»<sup>377</sup>. Eis aqui uma atitude que vai diretamente ao encontro do objetivo

---

<sup>371</sup> Ibidem: 709 – 710, parágr. 862. Anexo 8, nº 10.

<sup>372</sup> Ibidem.

<sup>373</sup> Ibidem: 711, parágr. 863. Anexo 8, nº 12.

<sup>374</sup> Ibidem.

<sup>375</sup> Ibidem.

<sup>376</sup> Ibidem: 696, parágr. 846. Anexo 8, nº 8.

<sup>377</sup> Ibidem.



supremo preconizado por Santa Teresa, estreitamente relacionado com o perdão, que deveria permitir, em última instância, amar o inimigo. Ainda relacionada com estes aspetos, encontramos uma clara referência à fidelidade incondicional à verdade, expressa da mesma forma que o fazia a Madre Fundadora: «sempre procurei andar em verdade diante de Deus e de seus prelados»<sup>378</sup>. Poderá ser este um indício de possíveis leituras da obra teresiana por parte de Maria Lobo. Numa das suas visões, a carmelita recebeu esta mensagem do Senhor: «Filha, não te aflijas, que nunca a verdade padeceu tanto, como no tempo da minha Paixão, porém, não perece»<sup>379</sup>. Este conceito da verdade, que padece mas nunca perece, é recorrente na obra de Maria Salazar de quem Maria Lobo, provavelmente, o terá absorvido. Tematicamente, o Carmelo é o grande ausente neste excerto da religiosa portuguesa. Queremos acreditar que estaria presente, em maior ou menor medida, ao longo da sua *Relação*; porém, o cronista não terá considerado necessária a sua publicação, sendo ele próprio o responsável por enaltecer as virtudes da história e dos membros desta Ordem descalça<sup>380</sup>.

O estilo de escrita de Maria Lobo é simples e bastante claro, com frases bem construídas e sem qualquer alarde de virtuosismo, não utilizando nunca citações ou frases em latim. As descrições são bastante pormenorizadas quando se refere às visões ou a aspetos da sua evolução espiritual, e mais breves quando descreve situações pessoais relativas à sua vida exterior. Neste sentido, como já foi referido, omite nomes, locais e datas, concentrando-se apenas nos eventos que pretende relatar, pontuados por fórmulas de autodesvalorização: «minha fraqueza e pouca virtude», «minha baixeza», «meus pecados», «minha indignidade», «eu pecadora». A concentração de pormenores descritivos em torno das visões que experimentou resulta de uma discreta mas adequada adjectivação, assim como do uso da comparação ou da metáfora a partir de elementos da natureza – sobretudo animais, como a pomba – ou do quotidiano. Essa preferência descritiva, concentrada no pormenor concreto de determinada visão, vai ao encontro daquela funcionalidade apontada anteriormente na obra de Maria Salazar? Essa falta de pormenor nas ocorrências da vida exterior não é uma forma de despojamento para desviar as atenções deste ponto e direcioná-las e concentrá-las nos fenómenos extraordinários da sua vivência espiritual? Considerando que a *Relação* foi escrita por mandado, parece uma hipótese bastante plausível, na medida em que o pedido (ou o convite?) visava avaliar a veracidade das experiências espirituais vivenciadas pela

---

<sup>378</sup> Ibidem: 680 – 681, parágr. 830. Anexo 8, nº 1. A expressão «andar em verdade» aparece, por exemplo, nas *Moradas (Castillo Interior)*, de Santa Teresa de Jesus (VI, 10, 7), quando a Fundadora se debruça amplamente em torno do tema da humildade e da verdade.

<sup>379</sup> Ibidem: 682 – 683, parágr. 830. Anexo 8, nº 3.

<sup>380</sup> A este respeito é importante lembrar que as pequenas autobiografias incluídas nos textos cronísticos eram, na maior parte dos casos, enviadas ao historiador da Ordem por algum dos religiosos ou, neste caso, religiosas do convento onde a biografada era professa.

autora. Por outro lado, neste caso concreto, essa funcionalidade está apenas ao serviço de um recetor: o confessor, e o que transmite não são conceitos doutrinários ou pedagógico-formativos, como no caso de Maria Salazar, mas apenas experiências pessoais. Contribuirá, isso sim, para engrossar o *corpus* de autobiografias escritas por mandado, já explorado por Sonja Herpoel, por reunir uma série de características comuns a todas elas já expostas acima<sup>381</sup>. Outros recursos de escrita utilizados por Maria Lobo, comuns na época em textos deste teor, são as fórmulas de louvor ao Altíssimo, nomeadamente, «seja o Senhor bendito», «seja Ele para sempre bendito» ou « seja Ele bendito». São estes elementos suficientes para falar de despojamento funcional na escrita de Maria Lobo? Ou são apenas indicadores de uma competência literária modesta e limitada, sem grandes pretensões? A falta de investimento retórico neste tipo de textos poderá estar relacionada, em muitos casos, com uma manifestação intencional de fidelidade a uma verdade que se pretende “nua” e sem qualquer tipo de “enfeites”, pretendendo as autoras reduzir-se ao máximo a uma espécie de não-existência ao longo de todo o relato, de modo a poderem realçar ainda mais a misericórdia do Senhor.

Relativamente ao pano de fundo espacial, ao cenário onde se desenvolvem as vivências desta carmelita, ele fica circunscrito ao convento de S.to Alberto e às suas dependências, especialmente, o Coro, onde experimenta a maioria das visões; à cela, ao refeitório e à despensa, que refere na altura em que foi provisora. Por sua vez, o eixo temporal revela-se, na maioria das vezes, impreciso, sem datas concretas, a não ser aquelas que se deduzem a partir do calendário litúrgico ou associadas aos diferentes momentos dos ofícios religiosos, como por exemplo, «dia do nosso Padre São Gerardo Martyr» ou « véspera de Nossa Senhora do Carmo», para o primeiro caso; «na missa», «depois da comunhão», «em Matinas», para o segundo caso. Tal como sucede no *Libro de Recreaciones*, de Maria Salazar, em que os diálogos são interrompidos pelo tanger dos sinos,

---

<sup>381</sup> Este *corpus* inicial elaborado por Sonja Herpoel em 1999 tem sido enriquecido com interessantes contributos durante as últimas décadas, com especial incidência no contexto latino-americano. Uma década antes de Herpoel, Electa Arenal e Stacey Schlaw já se tinham debruçado sobre o tema com um trabalho dedicado à escrita conventual intitulado *Untold Sisters. Hispanic Nuns in their own Works* (1989, University of New México). Outros trabalhos posteriores mais recentes que merecem destaque são: BIENKO PERALTA, Doris, 2004, “Voces del Claustro. Dos Autobiografias de Monjas Novohispanas del siglo XVII” publicada na revista mexicana *Relaciones*, nº 139, pp. 157 – 194; DAVIS, J.C. / BURDIÉL, Isabel (Ed.), 2005, *El otro, el mismo. Biografía y Autobiografía en Europa (siglos XVII- XX)*, publicada pelo servio de Publicaciones de la Universidad de Valencia; GARCÍA AGUILAR, Minerva Olimpia, 2005, *Escribir por Mandato: un estudio introductorio a la “Autobiografía” de Joseph del Castillo*. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Nacional Autónoma de México. Este trabalho chamou particularmente a nossa atenção por se tatar de um dos poquíssimos casos de escrita por mandado em contexto masculino. LAURIN, Asunción, 2006, *Diálogos Espirituales. Manuscritos Femeninos Hispanoamericanos, siglos XVI – XIX*. Puebla, Universidad Autónoma, Universidad de las Américas; ROCHA OLIVEIRA, Karine da, 2014, *Escrita conventual: raízes da Literatura de Autoria Feminina na América Hispánica*. Tese de Doutoramento apresentada ao Centro de Artes e Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco; PEREIRA LAGE, Ana Cristina / OLIVEIRA, Terezinha, 2019, “Folhas para colher Frutos: escrita biográfica e autobiográfica nos conventos femininos portugueses (séc. XVII – XVIII)” in *Revista História da Educação*, vol. 23, pp. 1 – 32. Acessível em <http://dx.doi.org/10.1590/2236-3459/81492>

nesta *Relação*, de Maria Lobo, as visões chegam ao fim, precisamente no momento em que os sinos começam a tanger, chamando à oração.

De modo geral, a escrita de Maria Lobo é clara, com uma simplicidade que em muitos momentos parece bastante despreocupada, talvez porque era dirigida, à partida, a um único recetor: o confessor, como já foi referido. Para além da ausência de ornamentos ou recursos estilísticos pretensiosos ou sobrecarregados, esta simplicidade aparentemente despreocupada é determinada, também, por um tom humilde e respeitoso, muito próximo da linguagem oralizante, porque, no fundo, quando Maria Lobo escreve tem em mente a figura do seu confessor. Assim sendo, parece ir ao encontro da máxima valdesiana «escribo como hablo», estabelecendo correspondência, nesse sentido, com o tom coloquial e dialogante presente nas obras de Maria Salazar e Santa Teresa de Jesus, o que constitui uma característica comum nas três escritoras. Essa simplicidade, diretamente relacionada com a humildade, remete-nos novamente para as palavras de Fr. Heitor Pinto que reflete sobre o assunto nos seguintes termos:

«No Deuterónimo diz a Escritura, falando de Deus: Os que se lançam a seus pés, receberão de sua doutrina. Quão longe disto estão os soberbos, enfunados na fantasia de seu vão saber: que cuidam que tudo o seu é fina seda, e o dos outros grosso cadarço. Tristes deles que, cuidando que vêem, são cegos, e, tendo-se por sabedores são ignorantes. Tais foram aqueles filósofos que, vivendo e morrendo em sua idolatria, não quiseram amar nem honrar o verdadeiro Deus: dos quais diz S. Paulo que se esvaeceram em seus pensamentos, e que foi escurecido seu insipiente coração, porque, chamando-se sábios, eram néscios»<sup>382</sup>.

O conceito teresiano por excelência, expressado no famoso poema *Vivo sin vivir en mi*, expressão máxima das ânsias do encontro final com o Amado e das angústias da vida terrena, enquanto a morte libertadora não acontece, também está presente na obra poética de Maria Salazar, como vimos já em capítulo à parte: «Está mi vida en morir, / no puedo vivir viviendo, / que el bien que voy pretendiendo, / com morir se há de adquirir, / y ando por morir muriendo»<sup>383</sup>. Uma reminiscência muito subtil poderá encontrar-se também na *Relação*, de Maria Lobo, se bem que bastante diluída, perceptível quando refere, por exemplo, estar «espantada de haver, quem gostasse de viver nesta vida»<sup>384</sup> ou ainda, de forma algo mais explícita, quando declara «Tenho

---

<sup>382</sup> PINTO, 1940:III, 30.

<sup>383</sup> MARÍA DE SAN JOSÉ SALAZAR, 1982: 503, *Ansias de padecer*, poema escrito em Lisboa em 1678.

<sup>384</sup> *Ibidem*:710 / 862 e Anexo 8, excerto nº11.

também ansiosos desejos de padecer pelo Senhor enquanto estiver nesta vida, que só para isto é ela boa»<sup>385</sup>.

Tendo em conta todas estas considerações, não poderemos aceitar este conceito como caracterizador do estilo literário carmelitano e, muito menos, como característica do estilo particular de Maria Lobo - até porque contamos apenas com fragmentos da sua obra – nem encontramos uma funcionalidade específica do mesmo nos textos desta carmelita. Será apenas uma reminiscência de influências recebidas através de Maria Salazar, a quem muito admirava, e de possíveis leituras das obras, ou parte delas, da Madre Fundadora. Por outro lado, não se pode deixar de salientar o facto de ser uma característica comum aos escritos autobiográficos de teor espiritual de autoria feminina em contexto conventual, como já salientou a seu tempo Sonja Herpoel, passando a engrossar o *corpus* que a investigadora constituiu na altura em que desenvolveu o seu projeto.

Relativamente ao “*desasimiento*” transmitido por Santa Teresa de Jesus às suas filhas de religião, como aspeto essencial para a vida no Carmelo Descalço, também está presente na escrita das religiosas de S.to Alberto, como elemento caracterizador dos seus textos. Em Maria Lobo, porém, verifica-se em resultado de duas circunstâncias distintas. Por um lado, as limitações intelectuais, com recursos mais modestos se comparados com os das suas congéneres. Por outro, a simplicidade e o recato, fruto de uma humildade genuinamente carmelitana, o que nos leva a concluir este capítulo com as palavras certeiras de Fr. Heitor Pinto:

«Falando o real profeta com Deus, dizia: A declaração de vossas palavras alumia, e dá entendimento aos pequenos, que são humildes. Não diz que dá entendimento aos que se têm por grandes, mas aos que se têm por pequenos, os quais, sendo baixos em sua reputação, são altos aos olhos de Deus: porque ele mesmo diz: O que se humilda será levantado: e Santiago na sua Canónica: Humildai-vos debaixo da poderosa mão de Deus, e ele vos exalçará. Assim como as espigas, quanto mais gradas e carregadas estão, tanto mais se endireitam, e levantam para cima: assim, quanto mais cheios estão os homens de virtude e bom saber, tanto mais se humilham e abatem, e, quanto mais vazios disto estão, tanto se mais empinam e ensoberbecem. Por esta causa diz Salomão nos Provérbios: «Onde houver humildade, aí haverá sabedoria»<sup>386</sup>.

---

<sup>385</sup> Ibidem: 691 / 839. Anexo 8, excerto nº 7.

<sup>386</sup> PINTO, 1940: III, 32–33.

#### 4. Soror Teresa de Jesus Maria (Maria Pineda Zurita)

Maria Pineda Zurita nasceu em Toledo, no primeiro dia de outubro de 1592, segundo ela própria nos relata na sua breve autobiografia, escrita por mandado<sup>387</sup>. Era filha de Juan de Pineda e Gabriela Zurita e tinha dois irmãos. O mais velho também professou na Ordem do Carmo, adoutando o nome de Fr. Pedro de Jesus. Por sua vez, Ambrosio de Pineda viria a professar na Companhia de Jesus. Maria considerava-se muito abençoada por ter tido «unos padres muy santos»<sup>388</sup>, cheios de virtudes, tal como os seus irmãos.

Pouco ou nada se sabe acerca da sua infância, a não ser o que ela própria nos revela nos seus escritos. Sentiu a chamada do carmelito descalço quando ainda era uma criança de curta idade, «siendo como de três años, y aún pienso que no los tenía»<sup>389</sup>, e nutria uma profunda devoção pelo Menino Jesus, cuja pequena estampa venerava fervorosamente «pidiéndole me iriese el corazón com sus setas»<sup>390</sup>. Recusou uma proposta de casamento por parte de um dos seus parentes, alegando que «no había de tener outro esposo sino Cristo»<sup>391</sup>. Maria Pineda apreciava bastante a solidão, no entanto, a residência familiar não oferecia as condições necessárias para o recolhimento e a introspeção. Como veremos mais à frente, o nível cultural desta carmelita, muito superior àquele que detinha a maioria das suas contemporâneas, denota uma possível origem nobre. Assim sendo, a casa paterna devia ser um lugar bastante movimentado e não isento de reboliço, com constantes entradas e saídas de empregados, trabalhadores e serviçais, até, muito provavelmente, mestres encarregados da instrução académica dos irmãos e, talvez, da própria Maria, também. Naturalmente, toda esta agitação tornava mais difícil a vida em solidão que a jovem pretendia, sem esquecer as traquinices que os irmãos causariam à sua volta em mais do que uma ocasião. Porém, acabaria por encontrar um pequeno casebre, afastado da vivenda principal, onde se retirava com bastante frequência para permanecer em silêncio e solidão «com grandísimo consuelo»<sup>392</sup>.

Sendo ainda uma criança era natural que participasse nos jogos e traquinices próprias da sua idade, algo que a jovem lamentava profundamente, por considerá-lo uma forma pouco adequada de aproveitar tudo o que Deus estava a obrar nela, já naquela época. «[...] Cometía hartas culpas de

---

<sup>387</sup> *Tratado de una breve relación de su vida que cuenta una monja descalza*. Esta obra faz parte de *Las obras de la sublime escritora del Amor Divino* editada e anotada por Manuel Serrano y Sanz e publicada pela Editorial Gil Blas em 1921. Edição que seguiremos daqui em diante para citações e referências.

<sup>388</sup> TERESA DE JESUS MARIA, 1921: 3.

<sup>389</sup> *Ibidem*.

<sup>390</sup> *Ibidem*: 3 – 4.

<sup>391</sup> *Ibidem*: 4.

<sup>392</sup> *Ibidem*.

las que podía hacer en aquella edad, y luego tornaba nuestro Señor a enamorarme de sí interiormente»<sup>393</sup>. Eis aqui um dos aspetos em que Maria Pineda entra em sincronia com Santa Teresa de Jesus: num ato de excessiva culpabilização pelas faltas cometidas, que considera sempre atozes, assim como na constante alusão à sua fraqueza, como ser humano e como mulher. A diferença reside no efeito que produz essa desvalorização. No caso de Maria Pineda trata-se apenas de declarar humildemente o conceito que tem em relação à sua própria pessoa, sendo conseqüente com o seu autoconhecimento e com a sua condição exterior. Em contrapartida, na Madre Fundadora essa desvalorização adquire, em muitos momentos – especialmente durante os últimos anos da sua vida, quando já tinha alcançado o ponto culminante do seu caminho espiritual -, um caráter hiperbólico, utilizado com frequência como recurso irónico. Ambas as carmelitas nutrem, também, um profundo sentimento de admiração e gratidão em relação a Deus, pela sua inconmensurável persistência no chamamento de almas pecadoras (aparentemente) tão imperfeitas e reincidentes.

Maria Pineda manifestava uma enorme admiração e uma veneração incondicional por Santa Teresa de Jesus, o que se reflete em diversas sintonias e pontos em comum entre ambas, quer a nível humano quer no contexto religioso e doutrinal se bem que, neste último, de uma forma muito subtil e bastante esbatida. Por este motivo, quando professou no convento de Cuerva (em 13 de maio de 1609), com 16 anos de idade, adotou o nome de soror Teresa de Jesus Maria, «por devoción de nuestra Madre Santa Teresa»<sup>394</sup>, mas também porque Teresa «quiere decir tres veces, esa que de tres maneras está unida con Dios»<sup>395</sup>. Se Maria Pineda ingressou no convento de Cuerva com nove anos de idade, como ela própria nos relata e, considerando ter nascido em 1592, significa que chegou a este convento toledano em 1601 ou 1602, o que indica que poderá ter conhecido Maria de São José Salazar, aquando do seu exílio em 1602, resultante dos graves conflitos surgidos entre “teresianos” e “dorianos”, já acima referidos. Como terá sido a relação pessoal entre estas duas religiosas? Até que ponto Maria Salazar terá influenciado à jovem Maria Pineda? Conheceu esta os escritos daquela?

Desde a sua infância, Maria Pineda padeceu diversas doenças de considerável gravidade. Por sua vez, também fora objeto de incompreensão por parte dos seus confessores que «se hallaban muy atajados y confusos»<sup>396</sup> devido às experiências místicas e às visões que entre tanto a

---

<sup>393</sup> Ibidem.

<sup>394</sup> Ibidem: 9.

<sup>395</sup> Ibidem: 36. Encontramos aqui uma prova dos conhecimentos de latim de Maria Pineda, já que /ter/, raiz da palavra *Teresa*, é um numeral multiplicador que significa *três*.

<sup>396</sup> Ibidem: 10.

jovem começara a experimentar. A sua notável obra literária é fruto da obediência a três dos seus confessores – como, aliás, na grande maioria dos casos de escrita autobiográfica em contexto conventual, embora «con notable repugnancia y sentimiento mio»<sup>397</sup>.

Ao longo dos seis capítulos da sua autobiografia, a carmelita vai revelando outras informações interessantes em relação à sua pessoa. Deste modo sabemos que a saída da residência paterna para ingressar no convento «no me costó ningún trabajo ni sentimiento natural»<sup>398</sup>. Sabemos também que ocupou diversos cargos de responsabilidade: foi sacristã, mestra de noviças e priora, este último, desempenhado em duas ocasiões. As circunstâncias que rodeiam o segundo mandato, que ficou inconcluso, são bastante obscuras. Este priorato inacabado ter-lhe-á sido vaticinado por um religioso franciscano, cujo nome se desconhece, através de diversas cartas que este terá enviado a Maria Pineda. Por outro lado, uma referência nas Crónicas da Ordem em Portugal, da autoria de Fr. João do Sacramento<sup>399</sup>, situa esta religiosa no convento de S.to Alberto em 1633, referida pelo visitador da Ordem, P. Estevão de São José, aquando da sua estadia no referido convento, após a qual dedicou grandes elogios às religiosas, assim como à perfeição com que cumpriam a observância. Maria Pineda, porém, repudiava o cargo de priora, porque «pasaba hartos trabajos interiores y exteriores»<sup>400</sup>. Talvez tenha sido esta a causa que a levou ao abandono do cargo antes de completar os três anos estipulados; ou então, o motivo pode estar relacionado com os constantes problemas de saúde que sofreu durante toda a vida.

A ausência de dados concretos ao longo da obra desta escritora, nomeadamente, datas, locais e nomes, não nos permite ainda confirmar categoricamente a presença desta religiosa no convento lisboeta, apesar da coincidência de datas. Por outro lado, também não encontramos provas conclusivas que indiquem o contrário. Na documentação relativa ao convento de S.to Alberto, conservada no Arquivo Nacional da Torres do Tombo<sup>401</sup>, não encontramos nenhuma referência concreta a esta religiosa, nem no Archivo Provincial de Toledo, onde apenas se conservam expedientes do leilão relativos à desamortização do convento de Cuerva, datados de 1842<sup>402</sup>. Outra pista é a fornecida pela própria Maria Pineda, que não queria de maneira nenhuma conviver, no mesmo convento com membros da sua própria família «de manera que si se diese el caso yo había de procurar con todas veras me llevasen a mí a otra casa»<sup>403</sup>. Terá sido este o motivo

---

<sup>397</sup> Ibidem: 28.

<sup>398</sup> Ibidem: 6.

<sup>399</sup> SACRAMENTO, 1721: Tomo V, p. 422, parágrafo 587.

<sup>400</sup> Ibidem: 28.

<sup>401</sup> ANTT/CSALL/MF/Caixas C1 – C5/ Pastas P01 – P59.

<sup>402</sup> Archivo Histórico Provincial de Toledo: 33699/006.

<sup>403</sup> Ibidem: 8-9.

da sua vinda para Lisboa? Uma outra possibilidade aponta para a irmã de Maria Lopes Lobo, que também professou em S.to Alberto com o nome de Teresa de Jesus, porém, isto aconteceu três décadas antes e não existe informação alguma que revele a existência de algum tipo de produção literária por parte desta religiosa, que por sinal, era portuguesa e não toledana<sup>404</sup>. Assim sendo, não existindo provas conclusivas que contrariem a presença de Maria Pineda em S.to Alberto, considerando também a importância da sua produção literária e, por último, tendo em conta o carácter ibérico das religiosas que habitaram o convento – pelo menos desde a sua fundação até bem avançado o século XVII, optamos por incluir Maria Pineda no nosso *corpus* de estudo.

#### 4.1. Obra literária: considerações preliminares

Para além do texto autobiográfico que nos permitiu perfilar a vida desta carmelita – *Tratado de una breve relación de su vida, que cuenta una carmelita descalza*, Maria Pineda foi autora de outros textos: *Comentarios sobre algunos pasajes de la Sagrada Escritura*, a obra mais extensa de todas<sup>405</sup>; *Explicación a lo místico de los trenos de Jeremías*; *Segundos comentarios sobre pasajes de la Sagrada Escritura*. O manuscrito de 574 páginas, encadernado em 8º, conserva-se no fundo antigo da Biblioteca Nacional de España<sup>406</sup> e a sua redação foi concluída em 1639, três anos antes da morte da sua autora. Existe ainda uma outra cópia parcial, datada de 1601<sup>407</sup>. O facto de encontrar-se já encadernado poderá indicar uma intenção prévia de preparação destes textos para a sua posterior publicação. Se assim for, a letra poderá não corresponder à mão de Maria Pineda e sim à de um/uma copista, embora esta hipótese pareça algo remota, tendo em conta que a carmelita ainda era viva. Quanto à cópia anterior, também encadernada, poderá tratar-se apenas de uma cópia realizada por uma das religiosas do convento, não sabemos se com o intuito de uma posterior publicação. A caligrafia de cada um dos manuscritos é diferente. Depois da morte de Maria

---

<sup>404</sup> Durante as primeiras décadas do século XVII era relativamente frequente as religiosas adotarem como nome de profissão Teresa de Jesus e, em menor medida, Maria de São José, como forma de prestar homenagem a quem tanto admiravam. Este facto torna a tarefa do investigador algo crítica no que diz respeito à identificação rigorosa de algumas religiosas, como acontece no caso que aqui nos ocupa.

<sup>405</sup> Ocupa 332 páginas das 441 de que consta a edição de Serrano y Sanz.

<sup>406</sup> Biblioteca Nacional de España, Mss. 8482. Catalogado sob o título *Autobiografía y relación de las mercedes recibidas e ilustraciones místicas*.

<sup>407</sup> Biblioteca Nacional de España, Mss. 8476, formato microfilme, com 108 fotogramas. Contem apenas a *Explicación a lo místico de los trenos de Jeremías*.



Pineda, em data incerta de 1642, a Madre Manuela de la Madre de Dios<sup>408</sup> enviou uma carta ao Prelado – datada de 3 de outubro de 1642 – onde, entre outras coisas, o informava do seguinte: «Tocante a lo que pide de nuestra venerable Madre Teresa de Jesus Maria que ha poco murió, [...] yo enviaré a vuestra reverencia un tratado de su vida que escribió por obediencia, hay grandes papeles de cosas altísimas, que piden libro de por sí andando el tiempo»<sup>409</sup>.

Foram necessários 321 anos para que o insigne historiador calahorrano Manuel Serrano y Sanz (re)descobrisse a obra desta notável e esquecida carmelita, transcrevendo impecavelmente o manuscrito encadernado com todos os escritos e publicando o seu conteúdo em 1921, acompanhado de um prólogo introdutório onde revela, entre outras coisas, a profunda e sincera admiração que professava pela obra desta religiosa. Entretanto, o mestre já tinha publicado extensos fragmentos na sua premiada e monumental obra *Apuntes para una biblioteca de escritoras españolas* (p. 604 e seguintes), acompanhados de extensas notas bibliográficas sobre a sua autora. Desde então, um século depois, a obra de Soror Teresa de Jesus Maria nunca foi objeto de reedição nem de estudos mais aprofundados, aparecendo apenas referida de forma secundária ou fragmentária nos diversos trabalhos dedicados à escrita conventual feminina, que foram surgindo a partir da década de 1990. Baste como exemplo o excelente estudo de Sonja Herpoel, sobre as autobiografias por mandado: *A la zaga de Santa Teresa: autobiografias por mandato* (1999, Amsterdão, Edições Rodopi). Quais terão sido as causas deste esquecimento?

Ao longo de toda a obra de Maria Pineda vislumbra-se uma atitude bastante recatada e discreta no que a dados concretos se refere, com frequentes substituições das referências diretas por expressões de caráter mais ambíguo como: «en este convento», «aquellas religiosas», «al día siguiente de aquello», etc.. Fazia isto por temor? Provavelmente. Um temor cuja origem poderia estar relacionada com os acontecimentos que envolveram Maria Salazar e cujas consequências motivaram o fatídico desterro para o convento de Cuerva. Apesar de ter falecido em circunstâncias pouco esclarecidas pouco tempo depois da sua chegada, os dramáticos conflitos que desencadearam o exílio da fundadora do convento de Lisboa, terão ficado gravados na memória das religiosas de Cuerva, especialmente nas mais veteranas, como por exemplo, a já referida Madre Manuela de la Madre de Dios. Muito provavelmente, a jovem Maria Pineda tomou conhecimento deste assunto aquando da sua chegada ao convento toledano, onde a priora que o governava, Ana de los Ángeles, era assumidamente “doriana”. Por outro lado, se Maria Pineda

---

<sup>408</sup> Esta religiosa foi a mesma que informou sobre a morte de Maria de São José Salazar, ocorrida no convento de Cuerva em 19 de outubro de 1603.

<sup>409</sup> A carta, conservada na Biblioteca Nacional de España: Mss. 18668/41, consta de duas folhas e contém notas marginais.

permaneceu em S.to Alberto em 1633, exercendo funções de priora<sup>410</sup>, como relata o cronista português, provavelmente conheceu com maior pormenor o desenrolar de todos aqueles acontecimentos. Talvez seja este um dos motivos, e não o único, da sua contenção na hora de escrever, especialmente, tendo em conta que parece ter escrito a sua obra durante os últimos anos de vida, depois de ter estado em Lisboa (se é que realmente esteve), concluindo a sua redação três anos antes da morte, ocorrida em 1639, como já foi referido.

Outra das causas poderá estar relacionada com a grande incredulidade (talvez excessiva) que esta religiosa mostrava em relação aos seus escritos: «porque cuando escribo aquellas cosas no quería se supiese de quien eran [...]. Ahora lo he hecho por obediencia de tres confesores míos y con notable repugnancia y sentimiento mío, pareciéndome que no es esta vida para escrita»<sup>411</sup>. Um temor provavelmente baseado num receio exacerbado de professar sem querer, aquilo que se combatia, como destaca Serrano y Sanz no prólogo da sua edição<sup>412</sup>. Segundo os argumentos do mestre calahorrano, este terá sido também o motivo do processo que a seu tempo fora instaurado contra Fr. Luís de León ou do atraso na publicação dos *Conceptos del Amor de Dios* e dos *Comentarios al Cantar de los Cantares*, de Santa Teresa de Jesus, citando dois exemplos significativos. Terá sido também esta a causa pela qual as obras de Maria Pineda não foram publicadas no seu tempo?

Contudo, o verdadeiro motivo que poderá ter contribuído para o esquecimento destes textos talvez esteja relacionado com o conteúdo propriamente dito. Mais concretamente com o léxico utilizado em alguns fragmentos dos *Comentarios sobre pasajes de la Sagrada Escritura*. A descrição que Maria Pineda faz dos diferentes estados da união extática foi considerada por Serrano y Sanz como «un conjunto de expresiones algo atrevidas y poco usuales»<sup>413</sup>, pelo que recomenda aos leitores uma abordagem prudente e com algumas reservas na hora de lerem estes excertos, chegando mesmo a especificar o número exato das páginas onde se encontram: 69, 73, 74, 90, 121, 126, 246, 255 e 261. Depois de diversas leituras realizadas à obra desta carmelita, que nos permitiram desvendar o *modus operandi* dos seus métodos argumentativos e estilísticos, as advertências do mestre parecem ser infundadas, porém perfeitamente compreensíveis num leitor masculino, cem anos atrás, mesmo tratando-se de um leitor com o alcance intelectual de Serrano y Sanz.

---

<sup>410</sup> Se esta religiosa exerceu funções de priora significa que terá permanecido em S.to Alberto tempo suficiente para ganhar a estima das suas companheiras e ser eleita.

<sup>411</sup> Ibidem: 28.

<sup>412</sup> Ibidem: XI.

<sup>413</sup> Ibidem: XXVIII.

Por último, devemos destacar uma condicionante devida ao próprio Serrano y Sanz, que editou as obras de Maria Pineda sob o apelativo título de *Las obras de la sublime escritora del Amor Divino*. Este título leva imediatamente a pensar em Santa Teresa de Jesus. O nome da autora aparece na capa como *Sor Teresa de Jesus* – omitindo *Maria* –, aparecendo *Sor* em cima do nome próprio, ambos centrados e ligeiramente em relevo, de maneira que à primeira vista, o potencial leitor apenas vê *Teresa de Jesus*. Só depois de aberto o livro é possível verificar na folha de rosto o nome completo da autora (Sor Teresa de Jesus Maria) assim como o século em que foi escrita (século XVII), o que exclui imediatamente a hipótese da autoria da Madre Fundadora. Porque terá escolhido Serrano y Sanz este título? Em última instância, não podemos deixar de ponderar uma hipótese mais simples e perfeitamente plausível, atribuindo a decisão ao impressor, que terá optado pelo arranjo da capa acima descrito na expectativa de atrair mais compradores<sup>414</sup>.

#### **4.2. Obra literária: características e estilo**

Como já foi referido acima, é muito provável que Maria Pineda tenha pertencido a uma das famílias da nobreza toledana, o que lhe terá proporcionado uma educação superior àquela que na época recebiam as jovens da sua idade. Referimos também como uma parte dessa instrução, nomeadamente, as primeiras letras, terá sido também um benefício, talvez indireto, da instrução ministrada aos seus irmãos. Porém, devemos ter em conta a entrada prematura desta jovem no convento carmelita de Cuerva, segundo a própria revela, com apenas nove anos de idade. Significa isto que o aprofundamento e a consolidação dos conhecimentos da postulante – que incluem o domínio do latim – terão tido continuidade no próprio espaço conventual, a cargo da mestra de noviças, naturalmente e, talvez, ao cuidado de outras religiosas com formação também elevada, ou mesmo da própria priora. Não seria invulgar encontrar neste convento outras freiras provenientes da nobreza e com instrução superior à média, tratando-se de um convento carmelita que apesar de isolado não estava muito longe da cidade Imperial. Deste modo, este modesto cenóbio perfilar-se-ia como parte integrante desse universo claustral onde as mulheres, para além de serem detentoras de um certo poder que fora dos muros não tinham, encontravam um espaço que, em maior ou

---

<sup>414</sup> O exemplar que utilizamos contém uma marca de posse manuscrita: José Luis Fernández. Encontra-se praticamente intacto e sem sinais de manuseamento. Provavelmente nunca foi lido, a julgar pelas diversas páginas unidas por erros de corte que encontramos durante a nossa primeira leitura da obra.

menor medida, lhes oferecia a possibilidade de se cultivarem intelectualmente, abrindo-lhes caminho para novas vias de expressão, nomeadamente, a escrita, nas suas mais variadas formas.

Para tentar esboçar aquele que terá sido o possível universo de leitura de Maria Pineda apenas podemos contar, por enquanto, com os próprios escritos da carmelita e com os indícios, por vezes bastante subtis, que vamos vislumbrando ao longo suas páginas. Em primeiro lugar, de forma bastante relevante, destacam-se as Sagradas Escrituras, quer o Antigo quer o Novo Testamento, com preferência pelo primeiro. Quase desde o primeiro momento, o leitor depara-se com a extraordinária erudição bíblica desta religiosa, que impressionou o próprio Serrano y Sanz, para quem Maria Pineda «más que una humilde monja parece un doctor encanecido en el estudio de la Sagrada Escritura»<sup>415</sup>. Seguindo o exemplo do P. Rafael Pascual Elias, que contabilizou as referências bíblicas contidas na obra de Maria Salazar, efetuamos um cômputo semelhante com a obra de Maria Pineda. O recurso às Sagradas Escrituras, que sustenta as reflexões e os comentários da escritora, citando os respetivos textos sempre em latim, fica distribuído da seguinte maneira, por ordem decrescente de frequência. Antigo Testamento: Salmos de David, 119 citações, Cântico dos Cânticos, 65, Isaías, 41, Jeremias, 26, Ezequiel, 13, Eclesiástico, 7, Job, 6, Joel, 6, Oseias, 6, Habacuc, 5, Sabedoria, 4, Zacarias, 3, Génesis, 2 Provérbios, 2. Novo Testamento: São Paulo, 58 citações, Apocalipse, 29, João, 35, Lucase e Tiago, 1.

A erudição desta notável carmelita não se concentra unicamente nos Textos Sagrados. Ao longo da sua obra encontramos diversas referências a filósofos do calibre de Aristóteles ou Dionísio Areopagita, a quem refere como «aquele gran filósofo»<sup>416</sup>. Para além das constantes citações bíblicas em latim – evidência do seu notável conhecimento desta língua –, Maria Pineda permite vislumbrar também possíveis leituras da obra de Santa Teresa de Jesus e São João da Cruz se bem que, neste último caso, de forma bastante subtil e velada. A Madre Fundadora é referida diretamente apenas duas vezes. A primeira, quando a escritora explica o motivo que a levou a adotar o nome de Teresa de Jesus aquando da sua profissão, sinal da grande veneração que nutria por ela. A segunda, numa das passagens mais belas desta escritora, quando estabelece uma comparação entre a Fundadora e o voo da águia: « la Santa se podía llamar águila, que con las alas de amor de Dios y del prójimo voló altísimo y puso su nido tan cerca de Dios, adonde está ya sin pestañear, mirando la luz inaccesible [...]»<sup>417</sup>.

---

<sup>415</sup> Ibidem: XXIII.

<sup>416</sup> Ibidem: 275.

<sup>417</sup> Ibidem: 192.

Esta reverência pela grande Reformadora do carmelito encontra-se disseminada em duas vertentes diferentes ao longo de toda a obra que, no fim de contas acabam por confluir num mesmo ponto: a transmissão do teresianismo, embora, no caso desta carmelita, seja uma transmissão reformulada com base nos conhecimentos de Maria Pineda, impregnada também com as reflexões derivadas da sua própria experiência mística, o que confere a alguns dos conceitos presentes na obra da Santa um impulso revigorado e uma nova consistência. Na primeira vertente, o que a obra de Maria Pineda permite verificar relativamente à sua conexão com a obra teresiana é precisamente o objetivo de prestar-lhe homenagem. Um dos exemplos mais significativos encontra-se no início do capítulo VII dos seus *Comentarios sobre algunos pasajes de la Sagrada Escritura*:

«[...] oyendo ler un capítulo de las Fundaciones de nuestra madre Santa Teresa, me causó gran sentimiento de lo mal que yo me aprovecho de los grandes trabajos que a esta Santa le costó el fundar estas casas y levantar la perfección y rigor de nuestra Regla, que estaba caído. Y parecíame que la Santa tendría mucha queja de mí por esto y que no me conocería por hija suya; y considerábame delante de ella con gran encogimiento y pedíale con mucho afecto que hiciese conmigo oficio de madre piadosa y me alcanzase de Nuestro Señor todo lo que había menester para ser verdadera hija suya, y sentía particular afecto y amor de esta Santa y mucho deseo de imitarla y seguirla»<sup>418</sup>.

Na sua segunda vertente a presença teresiana é mais subtil e indireta, filtrada pelo conhecimento e a experiência de Maria Pineda e assumida e transmutada, muitas vezes, com o próprio contributo reflexivo desta religiosa, sustentado em diversas passagens bíblicas. Os exemplos são numerosos: Referiremos apenas um a modo ilustrativo, diretamente relacionado com o conceito de Deus como fonte de todo o conhecimento. Como é sabido, Santa Teresa de Jesus recebera este conceito diretamente de instâncias divinas, como declara no seu *Libro de la Vida*, quando o Senhor lhe comunica «Yo soy libro abierto»<sup>419</sup>. Maria Pineda por sua vez via crescer

«las ansias que yo tenía de que esta pasión se imprimiese en mí y el sentimiento de ella fuese muy grande. [...]. Estando en esta duda y deseo, se me dio a entender que el alma de Cristo sería mi ejemplar y dechado, que el principal objeto de mi conocimiento y amor había de ser siempre su divinidad»<sup>420</sup>.

A presença de São João da Cruz revela-se muito mais subtil e velada, circunscrita a referências que podem indiciar uma possível leitura da *Noche oscura* – cuja primeira edição viu a

---

<sup>418</sup> Ibidem: 101 – 102.

<sup>419</sup> TERESA DE JESUS, 1982: 25, 18 - 19.

<sup>420</sup> Op. Cit.: 43.

luz em 1618 – e um conhecimento da teoria dos “Nadas”, desenvolvida pelo carmelita. As evidências são bastante claras, embora, pouco categóricas, por falta de outros elementos, quando a escritora nos relata uma das etapas da sua evolução espiritual: «Luego se quedó mi alma en gran paz y silencio sintiendo íntima amistad con Dios, y un amor que le comunicaba el Espíritu Santo para que con él amase. Todo esto en fe y vista oscura»<sup>421</sup>. A teoria dos “Nadas”, por sua vez, parece encontrar subtilíssimas reminiscências sanjoanistas quando a escritora reflete em relação aos fundamentos da terra, onde a natureza encontra o seu alicerce precisamente no Nada<sup>422</sup>. São apenas pinceladas difusas, insuficientes para provar algo conclusivo, até porque, neste último exemplo, a carmelita vem desenvolvendo as suas reflexões com base nos salmos do rei David e no livro de Job.

Outra leitura possível desta escritora terá sido a obra do franciscano Francisco de Osuna, mais concretamente o seu *Tercer abecedario*, a julgar pelo amplo desenvolvimento que apresenta sobre a teoria dos afetos<sup>423</sup>, ao longo do qual não inclui nenhuma referência bíblica, a não ser uma brevíssima alusão a Zacarias. O universo cavaleiresco também está presente nos escritos desta carmelita, com diversas referências, sobretudo alegóricas, ao ambiente dos castelos medievais, acompanhadas de repetidas incursões no léxico castrense e o uso de comparações associadas ao contexto militar. Esta facto poderá indicar uma possível aproximação à leitura de livros de cavalaria – se bem que na época em que Maria Pineda viveu, a sua circulação já se encontrasse em declínio – e, provavelmente, uma reminiscência do *Castillo interior (Moradas)*, de Santa Teresa de Jesus.

Para além deste conjunto de possíveis leituras, Maria Pineda evidencia conhecimentos apreciáveis de outras tantas áreas do saber, como por exemplo, a matéria e a energia do universo (p. 255), astronomia (p. 104), o fenómeno do eclipse (pp. 274 e 303), que utiliza em diversas metáforas e comparações; conhecimentos de geologia, tal como Maria Salazar, quando utiliza as propriedades das Pedras Preciosas em comparações diversas (p. 7 e 397), da transformação de metais puros (p. 306), assim como a utilização de léxico de teor técnico, com palavras como «circuito».

Esteticamente, dois dos aspetos que mais chamam a atenção na escrita de Maria Pineda são a elegância sóbria do seu discurso – fruto de um equilíbrio expressivo quase perfeito – e a densidade textual com que desenvolve o seu raciocínio, resultado, entre outros fatores, do seu elevado nível cultural. Relativamente ao primeiro aspeto, essa sobriedade do discurso resulta da confluência de

---

<sup>421</sup> Op. Cit.: 45.

<sup>422</sup> Op. Cit.: 316.

<sup>423</sup> Op. Cit.: 74 – 76.

diversos elementos. Em primeiro lugar, o temor em tornar públicos os seus comentários e reflexões, somado a um evidente recato e comedimento expressivo, derivado da firme convicção que a escritora manifesta em relação às suas escassas capacidades, assim como a inutilidade de relatar a sua vida íntima espiritual, como a própria religiosa refere repetidas vezes em frases como esta que se transcreve, a título de exemplo:

«Estando un día pensando que no debía ser Dios quien me comunicaba estas declaraciones, pues para ninguna cosa parecía necesario que yo gastase tanto tiempo en esto, ni que a mí se me diesen a entender estas cosas, y sintiendo con extremo que la obediencia me obligase a escribirlas, temiendo si en algún tiempo las había de poder ver alguna persona, que es la cosa de mayor sentimiento y pena que me parece podía tener [...]»<sup>424</sup>.

Em segundo lugar, o equilíbrio quase perfeito que consegue estabelecer entre um nível de escrita bastante próximo do discurso oral – que não coloquial – e um desenvolvimento significativamente mais erudito, que a leva à utilização de cultismos e à incorporação de constantes citações em latim, língua que, obviamente, dominava. Deste modo, os escritos desta carmelita, apesar de densos pelo conteúdo, revelam-se fluentes em termos expressivos, sem nunca parecerem afetados ou desnecessariamente sobrecarregados, o que constitui, por si só, um facto notável.

Relativamente à densidade textual<sup>425</sup> verificamos dois graus distintos de intensidade, diretamente relacionados com o teor do discurso e com a importância que pretende conferir-lhe como parte integrante de um todo. Deste modo, os parágrafos com menor espessura temática correspondem a um discurso de caráter autobiográfico, doméstico ou logístico, em que a escritora refere acontecimentos concretos da vida diária no convento, vicissitudes com algum confessor ou prelado, complicações derivadas dos diversos cargos de responsabilidade que ocupou ou, até, os seus quase constantes e pouco benignos problemas de saúde. Nestes casos, as citações em latim são escassas e muito breves e os recursos estilísticos, como a comparação, o símil ou a metáfora são construídos com base nos elementos da natureza ou do quotidiano conventual, ambos, ambientes de conhecimento comum. A escassa densidade textual é também evidente quando Maria Pineda alude à sua hipotética baixa condição como mulher e como ser humano pecador, assim como à sua incapacidade para compreender os desígnios divinos e, ainda, à sua aparente falta de

---

<sup>424</sup> Op. Cit.: 296.

<sup>425</sup> Ao utilizar o termo *densidade textual* queremos aludir ao maior ou menor grau de investimento retórico na elaboração de um texto. Isto implica ter em consideração a quantidade de recursos estilísticos utilizados, o grau de seleção lexical e o registo linguístico, que poderá estar mais ou menos em concordância com o que era considerado um nível de instrução médio-alto, na época.

recursos para elaborar a relação escrita da sua vida, que a obediência aos seus confessores lhe impôs.

Em contrapartida, os capítulos com maior densidade textual são todos aqueles dedicados a narrar os avanços e recuos da sua alma, durante o tortuoso caminho que a levaria até à consumação da união espiritual com o Divino Esposo. É aqui que encontramos uma maior profusão de recursos expressivos, sempre num tom marcadamente alegórico. É aqui também que a escritora evidencia de forma considerável o seu extraordinário conhecimento das Sagradas Escrituras, assim como também sobre as mais diversas áreas do saber, como já foi referido acima. E é aqui também que esta escritora exhibe os seus notáveis dotes argumentativos, com um método expositivo constante sustentado pela incorporação no discurso de inúmeras referências textuais, sobretudo bíblicas, quer isoladas quer em sequência, dependendo do tema abordado e da ênfase pretendida.

A obra de Maria Pineda é sobremaneira autobiográfico–espiritual, com um marcado carácter alegórico, fruto, em muitos momentos, de um (re)aproveitamento da simbologia bíblica, complementado e/ou adaptado de maneira a tentar transmitir da forma mais clara possível os conceitos e as experiências narradas. Como complementos, reforços ou auxiliares da alegoria a escritora utiliza com bastante frequência o símil, a comparação e a metáfora. Neste último caso, e a modo de exemplo, citaremos uma das passagens mais belas desta escritora, onde a alma que inicia o caminho espiritual é considerada como um bebé lactante:

«[...] Dios nuestro Señor muestra [...] por Isaias, el amor que tiene a los justos, que aún están como niños en el castillejo del cuerpo, [...]. Y aplicándome a mí estas palabras es como si me dijera: Teresa, mientras estas en carne mortal, como a hija tierna y delicada te miro y con amor tiernísimo te amo; bien puedes venir a mamar de mis pechos , que yo haré contigo lo que las madres amorosas hacen con sus criaturas pequeñitas, que es gorjearlas sobre sus rodillas, besarlas y darles el pecho. Así haré yo contigo [...] y darte el beso que pides y también mis divinos pechos, que son mis atributos y perfecciones divinas [...]»<sup>426</sup>.

A metáfora não é original. Neste caso, a escritora retoma a ideia de Isaias para depois lhe imprimir um cunho mais pessoal. Se García de la Concha observou em Santa Teresa de Jesus uma escassa fixação das imagens que recriava mediante a escrita, com recurso a imagens do domínio comum e a metáforas praticamente lexicalizadas, na escrita de Maria Pineda essa fixação da imagem é muito mais significativa, em consequência da reelaboração que delas faz, motivada por

---

<sup>426</sup> Op. Cit.: 97 – 98.



uma vontade firme de retratar com a maior definição possível os acontecimentos do seu íntimo. Outros recursos estilísticos desta carmelita são o anacoluto, a anáfora, a reiteração e a personificação, que resulta especialmente expressiva quando retoma a ideia da Jerusalém que desce dos céus na forma de uma belíssima e ricamente enfeitada mulher. Neste caso, e em outros semelhantes utiliza comparações sucessivas, como por exemplo, durante a longa descrição que faz do Divino Amado, onde « Sus ojos son como palomas sobre los arroyos de las aguas»; «Sus mejillas son como heras o huertecitos plantados de cosas olorosas»; «Sus labios son como lirios que destilan mirra preciosa» ou «Sus piernas son como columnas en basa doradas», expressões que encabeçam sempre o início de um novo parágrafo<sup>427</sup>.

O caráter autobiográfico dos escritos de Maria Pineda adquire em muitos momentos conotações fortemente egocêntricas, na medida em que a escritora carmelita parece procurar fundamentos consistentes que confirmem a correção e a certeza dos seus passos no caminho espiritual. É o relato da sua ascensão espiritual, conseqüentemente, consciente dos possíveis recetores da sua narração – para além dos confesores, pretende deixar clara a validade de cada um dos seus passos ou, em caso de defeito, atribuir o possível erro à ingénuia ignorância de uma frágil mulher. Deste modo, o tema principal dos seus textos, já não se centra tanto nos comentários bíblicos propriamente ditos, mas no facto de os utilizar comparativamente, de modo a confirmar o cumprimento, por parte da religiosa, de alguns dos preceitos preconizados na Sagrada Escritura. Deste modo, o texto dos comentários passa a ser um pretexto para a autobiografia, atuando como escudo protetor.

#### **4.3. Outros recursos de composição textual**

O método para a sequência argumentativa é sempre o mesmo, na grande maioria das vezes. Começa com uma fórmula de abertura, que oscila entre expressões como: «Otro día se me ofrecieron a la memoria»; «Después de esto se me ofrecieron a la memoria»; «Dióseme a entender»; «Poco después de esto parecía que me decían»; «Otro día antes de comulgar se me ofrecieron a la memoria», onde o conceito que se repete é «ofrecieron a la memoria». Mais um mecanismo de proteção com o qual pretende atribuir todo o mérito do desenvolvimento subsequente à inspiração divina, afastando assim qualquer indício que outorgasse o mérito ao

---

<sup>427</sup> Op. Cit.: 114 – 115.

próprio conhecimento e habilidade. Depois da abertura indica a fonte que servirá de base ao seu comentário, citando sempre em latim o excerto selecionado, para dar início ao desenvolvimento do comentário propriamente dito, sempre antecedido da fórmula «como si dijera», expressão que contém traços de ambiguidade suficientes para enquadrar o que se seguirá no âmbito do possível, sem excluir outras interpretações e, sobretudo, sem nunca fazer afirmações categóricas. Em alguns casos, o excerto citado adquire funcionalidades de conceito predicável, especialmente quando pretende conferir ao comentário um caráter mais pedagógico em que ela própria se posiciona como exemplo do que deve ou não ser feito. Em outros casos, trata-se da primeira referência a uma série encadeada – em alguns casos com quatro ou cinco citações do mesmo livro/autor ou de fontes diversas – que lhe permite sustentar e reforçar a conclusão de forma consistente. Este método torna-se especialmente interessante quando invoca diversas fontes para um mesmo assunto, permitindo-lhe estabelecer comparações a partir de diversas abordagens, completando argumentos e unificando o resultado final com a sua própria intervenção. Um dos exemplos mais significativos encontra-se no terceiro capítulo dos *Segundos Comentarios*, onde a autora aborda o tema do Cordeiro Divino, invocando alternadamente o Evangelho segundo São João e as palavras do profeta Ezequiel, intercalando, sempre que necessário, os seus próprios comentários, com intenção de clarificar e matizar determinados aspetos<sup>428</sup>. O resultado final é um texto coeso e coerente, que acaba por ganhar contornos pedagógicos e de *exemplum*, quando Maria Pineda integra a sua própria vivência pessoal no âmbito do comentário que foi expoS.to Perante este facto é impossível não mostrar admiração pelas capacidades expositivas e argumentativas desta notável escritora carmelita, mais ainda, quando a base dos comentários se concentra nas Sagradas Escrituras. Por fim, embora em pouquíssimas ocasiões, a escritora utiliza uma fórmula de louvor como encerramento do capítulo. Fórmula de gratidão por Deus por ter contribuído para a salvação de determinadas almas (antes referenciadas nos comentários), mas também e muito especialmente, por ter sido ele o artífice da inspiração da própria religiosa.

Um outro aspeto que ganha bastante importância na obra literária de Maria Pineda é o que diz respeito aos cenários e aos espaços que atuam como panos de fundo no desenrolar da sua narrativa. A natureza é o espaço principal por excelência, declinado em diversos cenários, mais ou menos reais, que a escritora utiliza em função dos conteúdos que pretende desenvolver. Assim, encontramos em primeiro termo e de forma transversal a natureza, como representante do poder e da grandiosidade do seu criador, presente em todas e cada uma das suas criaturas. Montanhas fabulosas, a imensidão do mar, os rios caudalosos e uma flora e fauna abundantes e exóticas são

---

<sup>428</sup> Op.Cit.: 413 – 416.

os elementos que vão configurando o imaginário desta escritora carmelita, onde a água ocupa um papel especialmente relevante. A natureza fornece a Maria Pineda um considerável repertório de imagens ilustrativas facilmente assimiláveis, cumprindo assim uma função que García de la Concha denomina como «función reveladora teofánica»<sup>429</sup>. Se bem que o insigne investigador aplique o termo ao caso particular de Santa Teresa de Jesus, é perfeitamente aplicável à escrita de Maria Pineda e poderia constituir um dos elementos caracterizadores do estilo literário carmelitano, como tentaremos verificar mais adiante.

Sem abandonar a natureza, a escritora recorre com bastante frequência a um espaço de caráter mais rural: a horta, apresentada com base em diversas alegorias cheias de simbolismo. A inspiração poderá ter chegado a Maria Pineda através da obra de Santa Teresa, nomeadamente, *El libro de la vida*, onde a Fundadora desenvolve com amplitude este recurso, na tentativa de explanar o mais claramente possível os quatro graus da oração, o que acontece nos capítulos 11 a 22. Mas também a partir, simplesmente da visão da própria horta conventual, que as religiosas de Cuerva e de S.to Alberto cultivaram, certamente, como uma das fontes do seu sustento.

Um terceiro espaço, também parte integrante da natureza, apresenta um caráter mais bucólico e poético, com prados férteis, veados, rios, flores e árvores frondosas, que proporcionam sombras idílicas. A escritora utiliza este cenário quando apresenta Deus como caçador da sua alma, uma imagem já presente, por exemplo, na *Subida del monte Sión*, e que encontrou inúmeras variações na lírica amorosa profana e, de modo mais particular, na poesia *a lo divino*. No entanto, a retoma desta imagem também pode ter origem no *Tercer abecedario*, de Francisco de Osuna. Considerando que a leitura desta obra era recomendada nas *Constituciones* pela Madre Fundadora, parece perfeitamente possível que Maria Pineda tenha tido acesso a ela em algum momento da sua vida.

Por último, devemos referir os cenários bíblicos, atemporais, sem espaços concretos, sumptuosos, cheios de magnificência, com criaturas extraordinárias, edifícios de ouro e pedras preciosas e templos indestrutíveis. Neste caso, a escritora carmelita recorre repetidas vezes a comparações sucessivas, acompanhadas de uma profusa adjetivação, de modo a enfatizar ainda mais a grandiosidade destes cenários porque, obviamente, trata-se de espaços do Sagrado. O mesmo acontece quando se trata de descrever a Corte Celestial e os seus querubins, serafins, anjos e arcanjos e, ainda, nas poucas ocasiões em que ralça as virtudes do Carmelo.

---

<sup>429</sup> GARCÍA DE LA CONCHA, 1978: 171.

Tudo o que até aqui foi sucintamente esboçado permite verificar também no estilo literário de Maria Pineda marcados contornos de plasticidade, que contribuem para imprimir no leitor um sem número de imagens, perfeitamente nítidas, onde a cor desempenha também um papel bastante relevante, com uma marcada presença do branco e do vermelho, seguidos do preto e, mais em segundo plano, do verde, relacionado sempre com a Natureza, e do azul, associado ao céu e ao mar.

## 5. Um elemento masculino: Jerónimo Gracián de la Madre de Dios

Antes de prosseguir devemos insistir mais uma vez na desigualdade dos níveis de instrução das escritoras aqui contempladas, o que dificulta uma análise meramente teórica dos seus escritos. Este facto, somado às especificidades próprias do Carmelo descalço, acabou por orientar a nossa procura por vias mais subjetivas, diretamente relacionadas com uma poética integradora, em que as vivências religiosas, a experiência pessoal e os próprios factos históricos que rodearam estas mulheres não só parecem indissociáveis como constituem a fonte motivadora que alimenta a sua expressão literária.

Para estabelecer um outro ponto de comparação que pudesse ajudar a clarificar ou direcionar os resultados para níveis mais conclusivos, optamos por considerar um elemento externo ao *corpus* feminino até aqui analisado, um elemento masculino, estreitamente relacionado com a Reforma do Carmelo e com a fundação do convento de S.to Alberto. Trata-se do P. Jerónimo Gracián de la Madre de Dios (Dantisco). Este defensor incondicional da causa teresiana, que também sofreu na própria pele as dramáticas consequências derivadas dos fortes desentendimentos surgidos com o seu sucessor no Provincialato, o P. Doria, foi autor de uma considerável obra literária, parte dela, dedicada exclusivamente a divulgar, comentar e explicar a obra teresiana. Para além de tudo isto, como é sabido, o P. Gracián foi confessor, amigo e confidente da Madre Fundadora, o que o enquadra perfeitamente na nossa análise. Para tal, consideraremos apenas uma das obras deste Carmelita: *Josephina. Sumario de las excelencias de glorioso S. Joseph. Esposo de la Virgen María*<sup>430</sup>. Para o P. Segundo de Jesus, «después de los dos Santos Reformadores, aunque muy por debajo de ellos, quizá sea el P. Gracián de la Madre de Dios el que ocupe el primer sitial en la Escuela Carmelitana»<sup>431</sup>. Concordamos com este venerável Carmelita, embora matizando dois aspectos. O primeiro é que, em nossa modesta opinião, o P. Gracián não estará tão abaixo dos Reformadores do Carmelo, menos ainda, considerando as circunstâncias adversas em que desenvolveu o seu labor. O segundo, a necessidade de incluir também um «sitial» para Maria de São José Salazar, merecido com legítimo direito pelas razões que já foram apontadas acima.

Em relação ao P. Gracián, as atenções dos estudiosos parecem ter estado sempre concentradas quase exclusivamente na época em que começou a relacionar-se com a Madre Fundadora, e a sua figura tem sido apenas contemplada desde a perspectiva do seu papel na

---

<sup>430</sup> Utilizamos um exemplar da edição impressa em Bruxelas em 1609, na Oficina de Ivan Momarte.

<sup>431</sup> SEGUNDO DE JESUS, 1962: 481.

Reforma teresiana, esquecendo outros aspetos da sua vida tão ou mais importantes, nomeadamente, a sua juventude e a sua formação intelectual. Estamos perante um jovem que frequentou a Universidade de Alcalá durante 12 anos, precisamente durante um dos seus períodos mais florescentes. Depois de obter a sua graduação como Mestre em Artes – com apenas 19 anos de idade e a classificação máxima –, Gracián exerceu como professor passante e substituto de catedráticos como Mendoza ou Juan Cantero<sup>432</sup>. Foi esta excelente formação humanista que lhe permitiu elaborar ao longo da vida a sua extensa produção literária, na qual se debruça sobre as mais variadas matérias e ramos do saber do seu tempo, como escritor polifacético que foi. Alguns catálogos, redigidos poucos anos depois da sua morte (1614), enumeram mais de 140 títulos<sup>433</sup>, entre obras e folhetos, grande parte deles perdidos para sempre. Algo surpreendente, como afirma Llamas Martínez, considerando «la amplíssima y también variada actividad que desplegó de por vida»<sup>434</sup>.

Para além da influência que a Madre Fundadora sempre exerceu sobre ele – quase desde o instante em que se conheceram –, devemos fazer notar a importância da sua primeira formação carmelitana, recebida no convento de Pastrana, das mãos de São João da Cruz, que na altura desempenhava funções de Mestre de noviços<sup>435</sup>. Ter presente este facto é de extrema importância, na medida em que permite ter uma noção clara do grau de influências que o P. Gracián terá recebido da parte dos dois Reformadores, do mesmo modo que nos ajuda a compreender a origem dessa fidelidade incondicional que o carmelita sempre professou em relação ao teresianismo. Outro aspeto a salientar prende-se com a sua renúncia ao grau de Doutor em Teologia, preferindo optar pelo ingresso no Carmelo. Eis aqui um admirável gesto de despojamento. Os seus excelentes dotes intelectuais, assim como todos os conhecimentos adquiridos durante o processo de formação filosófico-teológica em Alcalá, fizeram deste carmelita um autêntico humanista do seu tempo, capaz de desenvolver temas teológicos, comentar obras antigas, narrar episódios históricos e apologéticos ou, sobretudo, transformar-se num carmelita descalço e num teresianista profundamente convicto. «A través de sus escritos Gracián se nos revela como un auténtico maestro conocedor de todos los

---

<sup>432</sup> Sobre estes aspetos da vida do P. Gracián veja-se: SEGUNDO DE JESUS, 1962, “El padre Gracián, maestro de oración y de vida interior” in *Revista de Espiritualidad*, vol. 21, nº 85, pp. 481 - 505; LLAMAS MARTÍNEZ, Enrique, 1975, “Jerónimo Gracián de la Madre de Dios, escritor místico, compañero y confesor de Santa Teresa” in *Revista de Espiritualidad*, vol. 34, nº 136, pp. 379 – 395. Neste artigo, o autor debruça-se sobre alguns documentos relativos à ascendência genealógica do carmelita.

<sup>433</sup> O P. Segundo de Jesus aponta para mais de 500 escritos (!). *Ibidem*: 482.

<sup>434</sup> Op. Cit.: 379.

<sup>435</sup> Dois anos antes de ingressar no Carmelo descalço, em 1570, o P. Gracián fora ordenado sacerdote.

recursos de la filosofía, de la teología, de la historia y, principalmente, de la literatura mística»<sup>436</sup>. Significa isto que, tal como Maria Salazar, a obra de Gracián contém um forte cunho didático – pedagógico, que não encontramos em Maria Lobo nem nos escritos de Maria Zurita.

No caso particular da *Josephina*<sup>437</sup>, ficam em evidência, logo à partida, três aspetos relevantes. Primeiro: trata-se de uma obra escrita por convite ou mandado amigável, facto que partilha com as suas companheiras de religião, se bem que com as devidas diferenças, como veremos de seguida. Segundo: a influência teresiana é bastante evidente e é transversal a toda a obra. Terceiro: o notório despojamento de recursos estilísticos e de sinais de erudição, que dão lugar a uma escrita clara e fluente, concisa, bem estruturada e cheia de simplicidade.

Como até aqui se verificou, e com base no estudo pioneiro de Sonja Herpoel, a escrita por mandado parece ter sido uma prerrogativa quase exclusivamente do domínio feminino, sendo muito raros ou escassos os casos de escrita por mandado em contexto masculino. Por este motivo, surpreende o facto de encontrarmos um escritor com uma das suas obras, que não todas, elaborada na sequência de um mandado – que, neste caso constitui mais num convite, mais ainda quando esse escritor faz parte do grupo forte da Reforma do Carmelo Descalço. A diferença em relação às suas congéneres reside na origem e no teor do mandado. No caso particular que aqui nos ocupa, *Josephina* é o resultado de um encontro do P. Gracián com o Mestre do Palácio Sacro, em Roma, em 1596, e da conversa que ambos tiveram com dois carpinteiros, mordomos da Confraria de São José. Pretendiam obter licença do Mestre «para imprimir un libro pequeño de oraciones y alabanzas de su Santo»<sup>438</sup>. O Mestre negou-lhes a licença, o que deixou os carpinteiros profundamente desolados. Sensibilizado com esta atitude, o Mestre acabou por pedir ao P. Gracián que lesse aquele livrinho e que percorresse as inúmeras livrarias de Roma à procura de outros livros dedicados ao esposo de Maria, de modo a poder escrever depois um livro sobre São José, bem documentado e fundamentado, destinado aos Confrades<sup>439</sup>. O resultado foi uma obra apologética, que enaltece sobremaneira a figura do Santo – por quem Santa Teresa nutria uma grande devoção, ao ponto de escolher a sua invocação aquando da fundação do seu primeiro convento reformado, em Ávila – revelando-se, ao mesmo tempo, como uma espécie de Estado da Arte em torno da figura

---

<sup>436</sup> LLAMAS MARTÍNEZ, 1975: 380. Em contrapartida, o teólogo burgalês José María Moliner, autor de *Historia de la Espiritualidad*, considera Jerónimo Gracián um escritor sem grandes dotes literários, embora com uma sólida e coerente doutrina. MOLINER, 1972: 424.

<sup>437</sup> Obra dedicada «A la Serenissima Infanta de España, doña Isabel Clara Eugénia, Señora de todos los Estados de Flandes».

<sup>438</sup> GRACIÁN DE LA MADRE DE DIOS, 1609: Prólogo “Al lector”. O autor omite o nome do Mestre do Palácio Sacro.

<sup>439</sup> Em boa verdade, neste caso trata-se mais de uma encomenda do que de um “mandado”, considerando que o P. Gracián não devia obediência a quem lhe sugeriu a elaboração da obra. Em todo caso, o resultado final não surgiu pela própria iniciativa do carmelita e sim por indicação de terceiros.

do carpinteiro, em que Gracián recupera e compila aquelas informações que considera mais fidedignas, desde as fontes mais primitivas até alguns dos autores seus contemporâneos.

Relativamente ao segundo aspeto apontado anteriormente, a referida influência teresiana manifesta-se de forma transversal ao longo de toda a *Josephina*, com nuances diversas. Para começar, logo no *Prólogo al lector*, Gracián faz questão de salientar o gosto que lhe provoca a escrita desta obra, entre outras coisas, por ter sido um dos Santos da devoção de Santa Teresa de Jesus, ao ponto de ter fundado alguns dos seus conventos com esta invocação. Porém, a influência mais notória encontra-se no próprio estilo de escrita de Gracián, homem letrado, aluno e professor em Alcalá que, nestas páginas, parece despojar-se de toda a erudição supérflua, deixando em evidência uma admirável simplicidade do discurso, num tom por vezes ingénuo e sempre fluido, quase espontâneo, fruto do entusiasmo que manifesta relativamente ao conteúdo da obra e ao carácter apologético da mesma. Um estilo fluido e familiar, muito próximo da leveza da escrita teresiana e próximo também da máxima valdesiana «escribo como hablo», se bem que com um maior grau de refinamento, com pinceladas de um subtil, delicado e, por vezes irónico sentido de humor. O próprio Gracián nos dá conta da sua intenção no *Prólogo “Los libros”*<sup>440</sup>: «El estilo que pienso guardar será breve, compendioso, llano, y el más claro, que yo pudiere». «Claro» e «llano», eis aqui uma manifestação do princípio da funcionalidade, fruto de uma vontade consciente de transmitir a essência da mensagem, tendo perfeita noção dos recetores do texto: os carpinteiros da Confraria. Assim sendo, Gracián entra aqui em sintonia com Maria Salazar, com um discurso claro e funcional que adquire contornos pedagógico-didáticos porque destinado a um público leitor com modestos recursos intelectuais. Neste sentido, as frequente comparações utilizadas para exemplificar constituem o recurso mais frequente do carmelita.

Ao ler a *Josephina*, em muitos momentos encontramos passagens que poderiam muito bem ter sido escritas pela própria Santa Teresa, pela candura, pela humildade com que escreve, mas também por algumas expressões utilizadas por Gracián e que são recorrentes e caracterizadoras dos textos da Fundadora, como por exemplo: «yo no me atrevo a declararlos»; «que no sé como decillo de otra manera»; «No sabré yo decir como es esto, mas bien sé que me entendiera quien por algo dello huviere pasado»<sup>441</sup>. Se este tipo de expressões era recorrente na escrita teresiana, especialmente quando sentia maiores dificuldades para fazer-se entender, na escrita do carmelita constituem manifestações de humildade e de manifesto e consciente despojamento. Ainda neste

---

<sup>440</sup> A edição facsimilada que seguimos não contém paginação, apenas o número dos respetivos fólhos, a partir do *Libro primero*, daí a nossa referência indireta.

<sup>441</sup> GRACIÁN DE LA MADRE DE DIOS, 1609: fólhos 9, 36 e 91, respetivamente.



âmbito vale a pena citar uma frase onde essa humildade vem acompanhada de um subtil e apurado sentido de humor: «Fáltame el espíritu, emmudece mi lengua y valdría más acogerme al seguro puerto del santo silencio, que engolfarme más en el abismo de los misterios, que en este nombre de padre de Jesús (impuesto a Ioseph) se descubren» (fólio 26). Esta humildade literária, este despojar-se de recursos supérfluos utilizando apenas os necessários à transmissão da mensagem, podem ser interpretados como uma descida dos céus da erudição para o âmbito “terreno” dos menos instruídos? Santa Teresa, Maria Salazar e o próprio Gracián fizeram questão de salientar, em diversos momentos das suas obras, a importância do Deus humanado, do filho de Deus feito homem, que abandona o seu estatuto celestial para descer ao mundo terreno e salvar a Humanidade. É nesse sentido que a Fundadora preconiza o despojamento, como símbolo e máximo expoente da humildade. Consequentemente, torna-se quase natural para um carmelita aplicar esse princípio também à escrita, contribuindo para configurar a já referida poética unitária, em que a pessoa, a sua vida religiosa, o contexto histórico em que vive e a própria escrita formam um bloco indissolúvel.

Outro pequeno mas significativo exemplo da influência teresiana encontra-se na expressão hiperbólica «padecer mil muertes» (fólio 67), também presente nos escritos de Maria Salazar e Maria Pineda. Por último, citaremos aquele que é o exemplo mais notório e utilizado por Gracián quase *ipsis verbis*: «Si va algo torcida la petición la enderezará él para más bien mio» (fólio 121). Por sua vez, Santa Teresa escrevia em *El Libro de la Vida*: «Si va algo torcida la petición él la endereza para más bien mio» (VI, 7, p. 55)<sup>442</sup>.

Apesar de *Josephina* ser uma obra inteiramente dedicada à figura de São José, Gracián aproveita, sempre que possível, para fazer também a apologia da figura e da doutrina da Madre Fundadora, nomeadamente, quando aborda o tema da oração ou o conflito entre ação e contemplação. Este facto adquire no carmelita contornos bastante pronunciados, equiparáveis ao carácter apologético que Maria Salazar imprime aos seus escritos. Em ambos os casos trata-se de uma manifestação de teresianismo profundamente convicta. Outras sintonias com a obra teresiana encontram-se num âmbito mais prático, diretamente relacionadas com os recursos de escrita. Assim, encontramos hipérbolos apenas quando é preciso e utilizadas com bastante contenção; diminutivos como «chiquitito» e alguns com sufixo *-ico*, como «mayorcico» (fólio 37). De modo geral, como reflexo da sua formação escolástica, Gracián apresenta um discurso coerente e perfeitamente organizado, indicando sempre a sequência temática do assunto a tratar: «Hablo aquí de...» (fólio 8) ou esclarecendo o leitor relativamente àquilo que não irá ser tratado: «Tampoco escribo en este

---

<sup>442</sup> Que corresponde à edição do P. Silvério, utilizada sempre nas nossas referências.

capítulo...» (fólio 8). Delimita sempre o objeto da sua atenção e, sempre que possível, recapitula o assunto tratado. No final de capítulo ou de livro o carmelita utiliza fórmulas de encerramento, como por exemplo: «Y con esta última y suprema de todas las bendiciones del benditíssimo Ioseph, damos fin a este capítulo» (fólio 40). Em todos estes aspetos, Gracián parece estar em sintonia com Maria Pineda, embora, no caso da religiosa, estes recursos apareçam com maior frequência e densidade, como ficou patente no respetivo capítulo dedicado à escritora. As alegorias são escassíssimas na *Josephina*, abundando mais o símil, as metáforas e comparações e os paralelismos. Deste último tipo, citaremos um belo exemplo para concluir este capítulo:

«Es tan frágil, y quebradiza la barquilla de mi ingenio, que con haber llevado la pala y remo por tierra, sin atreverme a navegar a lo largo en el golfo de las excelencias, amor, y bendiciones, que redundan en Ioseph [...] queda tan destrozada, que de necesidad habré de buscar carpintero, que me la aconche, y adrece [...]» (fólio 40).

## V – Conclusões

O Convento das Carmelitas Descalças de S.to Alberto polariza, numa mesma entidade, dois aspetos fundamentais: o carácter póstumo da sua fundação e o facto de ter sido o primeiro Carmelo reformado feminino a ser fundado em Portugal, o que o transforma em pioneiro do teresianismo em terras lusas, uma espécie de baluarte, considerando que o segundo Carmelo feminino só viria a ser fundado meio século depois. Como tivemos oportunidade de realçar no capítulo dedicado ao perfil histórico desta casa carmelita, as primeiras décadas de funcionamento foram bastante conturbadas devido, sobretudo, aos problemas surgidos em Sevilha - antes da vinda das fundadoras para Lisboa – na sequência das falsas acusações levantadas contra a futura prioresa de S.to Alberto, Maria Salazar, que atingiram o ponto mais dramático com a chegada ao provincialato do rigorista P. Nicolau Doria, como sucessor no cargo do P. Jerónimo Gracián. Este facto provocou uma cesura entre os carmelitas descalços, ficando assim divididos entre teresianistas e dorianos. Apesar de tudo, e pela influência do espírito teresiano que as religiosas fundadoras faziam questão de manter, a vida religiosa e espiritual deste convento carmelita foi pautada desde o início pelas diretrizes concebidas por Santa Teresa de Jesus para os seus Carmelos reformados. Um modo de vida que, no entanto, se foi diluindo paulatinamente ao longo dos anos, em resultado, entre outras razões, da evolução social e cultural dos tempos, mas também e sobretudo, da intervenção do P. Nicolau Doria e dos seus numerosos seguidores, o que acabaria por enquistar o teresianismo num período limitado de espaço e tempo, transformando S.ta Teresa e os seus fiéis seguidores no fruto de uma política que visava a criação de mártires.

A prática das virtudes, assim como o rigoroso cumprimento da observância da Regra, parecem ter sido as principais motivações que transformaram S.to Alberto num dos conventos mais afamados de Lisboa durante a centúria de Setecentos, atraindo jovens postulantes de diversos estratos sociais, com destaque para as provenientes da nobreza lisboeta, cujos progenitores contribuíam generosamente como benfeitores do convento. Apesar de tudo, em alguns casos também se verificou o incumprimento das responsabilidades assumidas, contribuindo assim, a par de outros fatores, para a sua instabilidade financeira, que foi constante praticamente ao longo de toda a vida ativa desta casa carmelita, como se pode verificar, por exemplo, nos processos de penhora ou na documentação relacionada com diversas dívidas contraídas. Temos, por tanto, uma evolução inversamente proporcional, com uma vida religiosa e espiritual que experimentou uma melhoria crescente, com uma certa consolidação, e uma vida administrativa e financeira instável,

com um percurso irregular – talvez difícil de evitar, tratando-se de uma Ordem mendicante –, e em alguns casos bastante precária.

A leitura parece ter sido uma atividade recorrente, a julgar pelo espólio bibliográfico que as religiosas custodiavam. O catálogo pombalino aqui transcrito foi a chave que nos permitiu aceder a esta biblioteca conventual e analisar o seu conteúdo a partir de diversas perspetivas, numa abordagem que poderíamos considerar horizontal, focada nos aspetos classificativos e de catalogação propriamente ditos, e vertical, centrada na importância das obras, nos seus autores e autoras e, em última instância, dando atenção, também, às escritoras de S.to Alberto e aos seus textos. Deste modo, o Catálogo transformou-se na base de uma espécie de reconstituição tridimensional daquilo que poderá ter sido o universo de leitura e de escrita destas religiosas carmelitas. A partir daqui, conseguimos apurar alguns dados relacionados com a caracterização da livraria, assim como com os possíveis hábitos de leitura e de escrita intramuros que, não sendo manifestamente conclusivos, ajudam na reconstituição do ambiente cultural em que a vida conventual se inseria e, ao mesmo tempo, propõem novas possibilidades de abordagem e estudo.

No contexto geral das livrarias conventuais, a de S.to Alberto enquadra-se no grupo das pequenas livrarias, com pouco mais de 500 espécies bibliográficas. Porém, no contexto particular das livrarias femininas, representa uma das mais volumosas, situação que se manteve até à data de extinção do convento, momento em que o respetivo inventário, em comparação com o espólio discriminado no nosso Catálogo, nos permitiu verificar uma evolução crescente que chegou a ultrapassar o dobro dos exemplares existentes em 1770. Neste sentido, e considerando as especificidades da vida conventual feminina, propomos uma classificação também específica, destinada a calibrar neste contexto a envergadura das livrarias conventuais femininas *per se* redefinindo os matizes daquilo que se poderia considerar um espólio “volumoso” em contexto feminino.

A análise estatística do espólio, partindo dos dados fornecidos pelo Catálogo permitiu verificar diversos aspetos caracterizadores desta biblioteca conventual carmelita. Assim, atendendo às áreas de conhecimento, verificamos tratar-se de um conjunto eminentemente teológico, com  $\frac{3}{4}$  partes das existências dedicadas a esta área do saber. Uma abordagem mais apurada a este conjunto conduziu à verificação de que aí se encontravam alguns dos títulos mais lidos na época em matéria de espiritualidade, assim como uma parte daqueles que Santa Teresa recomendava vivamente às suas filhas de religião e que considerava «buenos libros». Numa abordagem mais apurada e específica, tentamos perceber de que modo a influência teresiana poderá estar presente neste

espólio bibliográfico. Para tal, fomos verificar se o Catálogo de S.to Alberto continha aquelas obras – ou pelo menos algumas, que estiveram na base da formação religiosa e espiritual da Madre Fundadora, de modo a perceber em que medida as religiosas de S.to Alberto teriam recebido, também, esse conjunto de influências por via literária. Neste sentido, constatámos apenas vestígios, talvez em resultado duma falta de planificação prévia na formação desta livraria conventual, constituída mais ao sabor do acaso e de um conjunto de circunstâncias aleatórias e, ao mesmo tempo, condicionada pela evolução dos tempos. Ainda dentro da área de Teologia, foi possível delimitar alguns núcleos temáticos, nomeadamente, Cartas Pastorais, diversos métodos e tratados de oração e meditação, exercícios espirituais, Epístolas, sermonária e um significativo número de novenas, o que revela algumas das preferências de leitura das religiosas, assim como diversas vias de orientação dessas leituras.

Os livros de História também ocupavam um lugar importante na livraria das Albertas, embora em número bastante inferior aos de cariz teológico, com obras dedicadas, sobretudo, ao relato das crónicas da Ordem, assim como à fundação de outros conventos carmelitas, e não só, dentro do contexto ibérico. Numa outra área do saber, as Belas Letras, constatamos uma escassa representação, com apenas 34 espécies bibliográficas, e uma modestíssima presença da Jurisprudência, com apenas um título, de autor anónimo. Os grandes ausentes – como seria expectável tratando-se de um convento feminino – são os livros científicos, sem qualquer registo em áreas como a Medicina, a Matemática ou a Filosofia, se bem que, neste último caso, tenha existido um título “camuflado” entre os livros de Teologia.

Em termos linguísticos, estamos perante uma livraria de contornos ibéricos, onde a maioria do espólio é composto por obras editadas em castelhano e em português, praticamente na mesma proporção, embora com uma ligeira supremacia da língua portuguesa. O latim, por sua vez, tem uma presença quase insignificante, com apenas três títulos discriminados no Catálogo. Esta situação parece bastante normal se tivermos em consideração a origem castelhana da maioria das religiosas fundadoras, e a origem portuguesa da maioria das jovens postulantes que entraram posteriormente em S.to Alberto, sem esquecermos a diglossia linguística existente, na época, em praticamente todo o território da Península Ibérica. Esta ibericidade verifica-se também no que diz respeito aos locais de impressão dos livros que existiram neste convento lisboeta, na sua grande maioria impressos nos prelos de Lisboa (284 títulos) e Madrid (83 títulos). Por sua vez, enquanto Portugal regista um maior número de edições (310), impressas em apenas quatro cidades (Lisboa, Coimbra, Évora e Porto), Espanha contabiliza um maior número de cidades de impressão (17), frente a um número proporcionalmente menor de títulos publicados (152). Contabilizamos também

19 obras impressas em nove cidades europeias, assim como um curioso livro sobre os «pañuelos» de Santa Teresa, editado no México em 1675.

A existência de uma livraria implica sempre uma certa logística – em função da envergadura do espólio, quer para gerir a catalogação e o armazenamento dos livros quer para disponibilizar um acesso adequado aos utilizadores/leitores. No caso particular de S.to Alberto, os leitores eram mulheres a quem a Observância impunha o silêncio e o isolamento, condições refletidas no formato dos livros, uma vez que as religiosas teriam de transportar os exemplares com facilidade até às suas celas ou até outros locais onde a leitura fosse possível e permitida, como por exemplo, o quintal, o Coro, o pátio, a cerca ou as pequenas ermidas que existiram nos terrenos de S.to Alberto. Neste sentido, a maior parte do espólio desta livraria conventual tinha um carácter portátil, com volumes de pequenas dimensões, em formatos 4º e 8º, o que permitia às religiosas usufruir de bastante liberdade na hora de escolherem o potencial local de leitura. Paralelamente, embora em menor número, existiram também nesta livraria conventual exemplares em grande formato, cujo conteúdo estaria destinado às leituras em comunidade, preferencialmente durante as horas passadas no refeitório. Trata-se, portanto, de uma livraria ibérica, com predomínio dum carácter português, com mais de 90% das espécies em pequenos formatos facilmente transportáveis e praticamente toda ela composta por edições setecentistas, o que poderia indicar um esforço de atualização do espólio durante esse período ou, o que neste caso concreto nos parece mais provável, uma renovação de títulos já existentes, como por exemplo, as obras de Santa Teresa de Jesus ou de Fr. Luís de León, por se considerar a sua leitura ainda essencial para as religiosas.

Relativamente à análise do conjunto de autores presentes no Catálogo de S.to Alberto, aplicamos duas abordagens distintas. Por um lado, no sentido de podermos determinar a importância dos mesmos no contexto geral da literatura de espiritualidade; por outro, para avaliarmos o peso da presença dos autores carmelitas frente aos autores de outras Ordens religiosas. No primeiro caso, verificamos a presença de um considerável número de autores cuja importância é inquestionável em matéria de espiritualidade nas respetivas épocas, quer dentro do contexto ibérico quer fora dele. Exemplos notórios são Fr. Luís de Granada, Fr. Luís de León, Francisco de Osuna, João Eusébio Nierenberg ou São Pedro de Alcântara, para citarmos alguns dos mais relevantes que, por sinal, são também alguns dos mais representados no Catálogo, no que diz respeito ao número de obras discriminadas. Em contrapartida, constatamos também algumas ausências importantes, como por exemplo, Bernardino de Laredo. Relativamente aos autores carmelitas, destacam-se imediatamente Santa Teresa de Jesus e São João da Cruz, neste

caso com apenas duas edições da sua biografia e nenhuma das suas obras que, entretanto, já tinham sido objeto de diversas edições.

O cômputo total de autores por Ordem religiosa de pertença permitiu extrair alguns dados significativos, situando em primeiro lugar o grupo dos autores carmelitas, seguidos de perto pelos autores jesuítas e franciscanos, numa proporção muito semelhante e, a maior distância, os autores da Ordem dos Pregadores. Porém, como já foi referido no capítulo a eles dedicado, esta contagem deve ser considerada com bastantes reservas, não sendo totalmente conclusiva, devido ao número de autores cuja filiação religiosa ainda não nos foi possível determinar, pelas diversas razões aí apontadas. No entanto, é bastante provável que estes resultados representem já um esboço credível do que poderá ser o resultado final, em termos de valores proporcionais.

O mesmo procedimento foi aplicado ao grupo feminino, com um número de autoras drasticamente menor. Neste caso, a preponderância carmelita é notória e conclusiva, encabeçada, como seria de esperar, pela própria Santa Teresa de Jesus. Trata-se sobretudo de religiosas que escreviam para os seus confessores ou diretores espirituais, mas também para outras mulheres, dando assim continuidade a um fenómeno de escrita feminina de espiritualidade que encontra os seus primórdios na Idade Média e que parece ter experimentado uma certa consolidação durante os séculos XVI e XVII. Um fenómeno que terá sido impulsionado pelo exemplo da Madre Fundadora e pela proliferação das autobiografias por mandado, assim como as biografias de companheiras de religião, e onde o Carmelo Descalço ocupa um lugar de destaque.

Em estreita relação com as autoras representadas no Catálogo de S.to Alberto encontram-se as escritoras que elaboraram a sua obra, ou parte dela, dentro dos muros deste convento lisboeta. Com efeito, Maria Salazar, Maria Lopes Lobo e Maria Pineda Zurita, para além do nome de profissão, partilhavam também a prática da escrita, como confirmam os textos que nos deixaram. Outras religiosas, como Ludovica de Jesus – e provavelmente muitas outras – elaboraram os seus escritos no convento de S.to Alberto; porém, ainda não foram recuperados, existindo mesmo a possibilidade da sua perda irreparável. O estudo e a análise das obras das escritoras seleccionadas para o nosso *corpus* de estudo permitiram apurar alguns traços comuns a todas elas. Os textos, na sua maioria autobiográficos, surgem na sequência de um mandado que parte de uma figura masculina: o confessor ou o diretor espiritual. Os textos não relatam factos concretos da vida terrena, com datas, locais ou pormenores familiares ou domésticos, nem acontecimentos concretos da infância ou da juventude da autora. Relatam factos de uma vida mais íntima, assumindo contornos de uma biografia espiritual. Revelam o percurso da alma no caminho que a levará até à

consumação do matrimónio espiritual com Deus, detendo-se no relato de todas as dificuldades e lutas interiores que esse caminho implica, e no registo do intangível, o que representa mais um desafio para a religiosa que tenta, às vezes desesperadamente, materializar o imaterial com palavras. Neste sentido, a alegoria, as metáforas, as comparações e os símiles constituem auxiliares de grande utilidade, assim como o recurso às Sagradas Escrituras, com especial preponderância para o *Cântico dos Cânticos*, onde o papel da Esposa ganha contornos especialmente relevantes<sup>443</sup>.

Numa primeira instância, a formação do *corpus* de estudo foi o resultado de diversas pesquisas nas fontes, nomeadamente, nas Crónicas da Ordem em Portugal e em diversa documentação encontrada, sobretudo, no Arquivo Nacional da Torre do Tombo o que, por sua vez, deu origem à listagem de algumas das religiosas que habitaram em S.to Alberto, apresentada no anexo 5 deste trabalho. Deste grupo de 53 religiosas apenas cinco se revelaram como autoras confirmadas de diversos textos: Maria de São José (Salazar), Maria de São José (Lopes Lobo), Soror Teresa de Jesus Maria (Maria Pineda Zurita), Ludovica de Jesus e uma religiosa anónima. Nestes dois últimos casos não foi possível encontrar nenhuma cópia integral ou fragmentária dos escritos, ficando assim o *corpus* de estudo composto pelas três primeiras religiosas referidas, duas castelhanas e uma portuguesa. Três mulheres escritoras que conviveram de perto em algum momento da sua vida no claustro, com diferentes origens familiares e níveis culturais algo díspares. Todas elas, porém, partilham o facto de terem visto publicada a sua obra, total ou parcialmente, postumamente.

A análise e o estudo da vida e da obra de Maria Salazar revelou uma personalidade de inteligência notável, com uma formação intelectual e cultural bastante superior àquela que recebiam as suas contemporâneas. A sua produtiva obra literária, em prosa e em verso, revela um perfeito domínio da língua castelhana, com um estilo sóbrio e elegante, não isento de ironia e sentido de humor, utilizados sempre com ponderação e equilíbrio. A figura desta carmelita, assim como parte da sua obra, já foram objeto de diversos estudos parcelares, mas nunca inseridos no contexto da sua vida em S.to Alberto, lugar onde escreveu praticamente a totalidade da sua obra. Outra das particularidades de Maria Salazar como escritora reside no facto de ser a primeira autora espanhola a utilizar a forma dialogada numa das suas obras: *Libro de Recreaciones*, o que lhe oferece uma margem bastante ampla para fazer uso das suas extraordinárias capacidades argumentativas e do

---

<sup>443</sup> No caso das autoras que não tinham conhecimentos de latim, como Maria Lobo, o acesso aos textos sagrados terá sido facilitado principalmente pela leitura do breviário, sem descartar a sermónia e os ensinamentos recebidos dos próprios confessores e diretores espirituais assim como através de companheiras de religião mais avantajadas no conhecimento bíblico.



seu apurado raciocínio. Todos os seus escritos revelam um forte caráter autobiográfico, mesmo na sua inspirada obra poética, onde encontramos algumas semelhanças dignas de nota com a obra poética de São João da Cruz, o que nos levou a dedicar-lhe um capítulo à parte. O caráter pedagógico e didático também é notório na obra desta carmelita, utilizado sempre com o intuito de transmitir a essência do espírito teresiano, com a ajuda das alegorias e de inúmeras comparações e metáforas do âmbito do quotidiano que, a modo de *exemplum*, permitem aos recetores da mensagem apreender corretamente o conteúdo da mesma. Os temas principais nos textos de Maria Salazar são Deus, Santa Teresa e o Carmelo Descalço e a sua vivência religiosa e espiritual como freira, e mais concretamente como carmelita descalça, o que implica a prática de dois aspetos essenciais: a fidelidade incondicional à verdade e uma vida pautada pelo despojamento de todo o desnecessário e supérfluo. Um despojamento que no Carmelo Descalço se manifesta na funcionalidade arquitetónica dos seus conventos, na frugalidade da alimentação, nos rigores da Regra e, de modo geral, na rejeição sistemática de todo e qualquer elemento supérfluo ou desnecessário que desvie as atenções do aspeto essencial: Deus. Um despojamento que também está patente em alguns textos do P. Jerónimo Gracián, outro grande defensor do Carmelo Descalço, motivo que nos levou a dedicar-lhe um capítulo à parte. No caso particular de Maria Salazar este despojamento literário evita qualquer tipo de discurso afetado, qualquer excesso de ornamentações literárias, para concentrar-se única e exclusivamente na essência da mensagem, na verdade do narrado.

Este despojamento literário também se observa nos textos autobiográficos de Maria Lopes Lobo, embora seja mais difícil de detetar porque apenas dispomos dos 12 fragmentos da sua autobiografia espiritual que o cronista português, Belchior de Santa Ana, nos deixou publicados nas suas Crónicas da Ordem em Portugal. Apesar de tudo, são suficientes para captar certas características definidoras do estilo de escrita desta religiosa, onde a simplicidade salta logo à vista. Uma simplicidade fruto de um nível intelectual inferior ao das suas congéneres, que não impede, no entanto, um bom conhecimento da língua portuguesa, sem flutuações ortográficas, com um léxico relativamente reduzido e descrições claras, embora pouco pormenorizadas. Quando escreve, Maria Lobo tem em mente a verdade, como ela própria faz questão de realçar, o que a leva a narrar os factos de forma simples e clara, sem deixar que elementos supérfluos desviem a atenção do leitor, o que acaba por ir ao encontro do princípio da funcionalidade e do despojamento, também observados na escrita de Maria Salazar.

Por último, fomos analisar a obra de Maria Pineda Zurita, também natural de Toledo, tal como Maria Salazar, com um profundo conhecimento das Sagradas Escrituras – que terá adquirido

através da leitura do texto latino da Vulgata, a julgar pelas frequentes citações latinas que encontramos na sua obra - e uma escrita cheia de elegância e musicalidade poética que, em muitos momentos, supera a da sua conterrânea. Nos seus escritos, de caráter autobiográfico, a religiosa narra todo o seu percurso espiritual, desde a primeira chamada do Divino Amado até à união final da alma com Deus. O seu raciocínio é concreto e claro, com uma excelente organização expositiva, porém, com uma atitude bastante recatada, não chegando nunca à audácia expositiva de Maria Salazar. Praticamente desde o início dos seus escritos, Maria Pineda faz questão de atribuir os seus logros literários à intervenção divina. Neste sentido, e de modo a evitar autoatribuir-se qualquer resquício de talento para a escrita, observamos um cuidado sistemático em sustentar todas as suas reflexões com base nas Sagradas Escrituras, citando passagens quer do Antigo quer do Novo Testamento, com uma marcada preferência pelo *Cântico dos Cânticos*. Uma grande maioria das citações são referidas em latim para depois facilitar a tradução/interpretação para castelhano (em alguns casos bastante livre), passando de imediato à explicação do seu conteúdo desde o próprio ponto de vista. Uma das características argumentativas desta carmelita reside na concatenação dos exemplos e das citações para reforçar e corroborar um mesmo argumento, assegurando assim a perfeita compreensão do mesmo por parte dos potenciais leitores. À partida, este *modus operandi*, revelador de um elevado nível cultural e intelectual, estaria longe do despojamento de recursos detetado em Maria Salazar e em Maria Lopes Lobo, porém, um olhar mais atento revelou o contrário. Em Maria Pineda essa concatenação de exemplos e o recurso constante aos seus conhecimentos bíblicos e não só, não constituem uma exibição vaidosa das suas capacidades, porque estas lhe são concedidas por instâncias divinas. Paradoxalmente, este aparente excesso de sapiência tem como objetivo funcional revelar de forma consistente e bem fundamentada a verdade dos conceitos que pretende transmitir, com uma intenção de fundo que é também didática. Nesta escritora o despojamento manifesta-se como um gesto de humildade carmelitana que coloca o seu saber ao serviço da verdade.

Se a livraria de S.to Alberto contém apenas vestígios do teresianismo e da influência da Madre Fundadora, será provavelmente na escrita que as carmelitas deste convento lisboeta terão mantido e, de algum modo transmitido, o âmago do universo teresiano (que poderá implicar, também, a escrita por mandado, imitando o que aconteceu com Santa Teresa), através da aplicação do princípio da funcionalidade que mantém uma estreita relação com uma latente atitude de despojamento destinada a eliminar o superficial, concentrando-se apenas no essencial. Esta característica, inerente ao modo de vida do Carmelo Descalço, reflete-se também no estilo literário de algumas das suas escritoras, transformando-se assim num elemento identificador único, que

prima pelo «sencillo» e espontâneo, muito longe de ser um estilo de «ermitañas», derivado da incultura e da ignorância. Surge, isso sim, da beleza conseguida com o mínimo possível de elementos e da espontaneidade de um espírito cultivado intelectualmente, mas sobretudo, espiritualmente o que, no fim de contas, acaba por ir ao encontro da plenitude e da perfeição almejadas.

## FONTES DOCUMENTAIS

### BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL

**MSS 2, Nº 3** - *Catalogo dos livros que há no Convento das Religiozas Carmelitas Descalças de S. Alberto nesta cid. De Lisboa.*

### ARQUIVO NACIONAL DA TORRE DO TOMBO

#### CSALL – Convento de S.to Alberto de Lisboa:

Ministério das Finanças (MF)<sup>444</sup>, caixa 1, Pasta 4: Inquirições de *genere vitae et moribus*, para entrarem no convento várias pretendentes de véu branco e preto.

MF. Caixa 1, Pasta 5: Certidões de óbitos.

MF. Caixa 1, Pasta 7: Memórias e apontamentos.

MF. Caixa 2, Pasta 22: Correspondência enviada e recebida.

MF. Caixa 3, Pasta 34: Escrituras de dote.

MF. Caixa 3, Pasta 35: Escrituras de desistência.

MF. Caixa 5, Pasta 51: Folhas das religiosas e juros reais.

MF. Caixa 5, Pasta 52: Apontamentos diversos.

MF. Caixa 5, Pasta 53: Testamento de Francisca da Conceição<sup>445</sup>.

MF. Caixa 5, Pasta 54: Memórias.

### BIBLIOTECA NACIONAL DE ESPAÑA

**Mss / 2176** – María de San José (Salazar) – *Resumptas de la Historia de la Fundación de los Descalzos y Descalzas Carmelitas.*

**Mss / 8476** – Soror Teresa de Jesus María – Explicación a lo Místico de los *Trenos de Jeremias.*

**Mss / 8482** - Soror Teresa de Jesus María – *Autobiografía y relación de las mercedes divinas recibidas e ilustraciones místicas*

---

<sup>444</sup> A documentação relativa ao convento de S.to Alberto (em boa verdade, o que resta dela) foi incorporada no Arquivo Nacional da Torre do Tombo depois de ter estado ao cuidado do Ministério das Finanças, como resultado do processo de extinção do cenóbio. De aí a sigla MF associada à cota actual.

<sup>445</sup> Neste documento, redigido numa estreita tira de papel, em momento algum é referido o convento de S.to Alberto.

**Mss 13482 – 13483** – Andrés de la Encarnación – *Memórias Historiales*.

**Mss 18668/41** – Manuela de la Madre de Dios – Carta de la Madre Manuela de la Madre de Dios a un Prelado. Escrita en Cuerva el 3 de octubre de 1642. (Duas folhas com notas marginais).

#### **ARCHIVO HISTÓRICO PROVINCIAL DE TOLEDO**

**33699 / 006** – Convento de las Carmelitas Descalzas de Cuerva (Toledo) - *Expedientes de Subasta relativos a la Desamortización (1842)*.

#### **BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL DE ÉVORA**

Convento das Carmelitas Descalças de Évora – Documento de Contribuição ao Governo.  
Ordens Monásticas, Livro 15, doc. 9.

## FONTES BIBLIOGRÁFICAS

**ANA de San Bartolomé** [1969] *Autobiografia*. Madrid, Ediciones Fortunato Antolin.

**BARBOSA MACHADO, Diogo** [1965] *Biblioteca Lusitana Histórica Crítica e Cronológica*. 4 tomos. Coimbra, Arlântida Editora.

**BERNARDES, Manuel** [1724] *Luz y Calor*. Lisboa, Oficina de Francisco Xavier de Andrade, 2ª impressão.

**BIESES** - Base de dados de escritoras ibéricas acessível em: <<http://www.bieses.net/>>

**CALAHORRA, Manuel Garcia** [1766] *Breve Compendio del Origen, y Antigüedad de la Sagrada Religion del Carmen com la Razon Individual de la continuada sucesión de los Generales, sus Santos (más principales), Sentenciarios, Escritores, y Privilegios; y com la de sus Provincias y conventos*. Madrid, Imprenta de Manuel Martin.

**CARAYON, Auguste** [1970] *Bibliographie Historique de la Compaignie de Jesus*. Geneve, Slatkines Reprints.

**CARDOSO, Jorge** [1652] *Agiologio Lusitano dos Santos, e Varões Ilustres em Virtude do Reino de Portugal, e suas Conquistas. Consagrado aos Gloriosos S. Vicente e S. António, insignes Patronos desta ínclita cidade de Lisboa [...], pelo Licenciado Jorge Cardoso, natural da mesma cidade de Lisboa*. Lisboa, Oficina Craesbeekiana. Tomo I e III.

**CARDOSO, Jorge** [1657] *Agiologio Lusitano dos Santos, e Varões Ilustres em Virtude do Reino de Portugal, e suas Conquistas. Consagrado aos Gloriosos S. Vicente e S. António, insignes Patronos desta ínclita cidade de Lisboa [...], pelo Licenciado Jorge Cardoso, natural da mesma cidade de Lisboa*. Lisboa, Henrique Valente de Oliveira. Tomo II.

**CARDOSO, Jorge** [2002] *Agiologio Lusitano dos Santos, e Varões Ilustres em Virtude do Reino de Portugal, e suas Conquistas. Consagrado aos Gloriosos S. Vicente e S. António, insignes Patronos desta ínclita cidade de Lisboa [...], pelo Licenciado Jorge Cardoso, natural da mesma cidade de Lisboa*. Reedição de Maria de Lurdes Correia Fernandes. Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

**CASTELO BRANCO, Antónia Margarida** [1983] *Autobiografia, 1652 – 1717*. Transcrição e prefácio de João Palma Ferreira. Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

CCPB - Catálogo Colectivo del Patrimonio Bibliográfico Español: [Catálogo Colectivo de Patrimonio Bibliográfico Español CCPB \(mecd.es\)](http://www.mecd.es)

**CORREIA, Salvador** [1748] *Serman na Solemnidade com que tomou o veu de professa a Madre Maria Gracia do Sacramento no Convento das Carmelitas Descalças de S.to Alberto de Lisboa, filha dos Viscondes de Asseca, assistindo àquele acto a Rainha Nossa Senhora, e a Sereníssima Princesa do Brasil...*Lisboa Occidental, na Officina de Miguel Rodriguez

**Diccionario Bibliográfico Português. Estudos aplicáveis a Portugal e ao Brasil** [1858 - 1923]. Estudos de Inocêncio Francisco da Silva. Lisboa, Imprensa Nacional.

**FREEDMAN, D.N.** (Ed.) [2000] *Dictionary of the Bible*. Grand Rapids, Michigan, Wn, B. Erdmanns.

**GRACIÁN DE LA MADRE DE DIOS, Jerónimo** [2001] *Peregrinación de Anastasio*. Roma, Monumenta Historica Carmeli Teresiani.

**GRACIÁN DE LA MADRE DE DIOS, Jerónimo** [1609] *Josefina. Sumário de la excelencias del glorioso S. Joseph esposo de la Virgen María*. Brusselas, en casa de Ivan Momarte.

**INGLÊS FONTES, João Luís et alli** [2010] *Inventário dos Fundos Monástico-Conventuais da Biblioteca Pública de Évora*. Lisboa, Edições Colibri.

**JESUS MARIA, Fr. José de** [1753] *Chronica dos Carmelitas Descalços [...]*. Lisboa, Bernardo António de Oliveira.

**JUAN DE LA CRUZ** [2008] 15ª edição. *Cântico Espiritual*. Madrid, Editorial de Espiritualidad. Colección Logos, nº 37.

**LÁZARO, Alice** [2014] *A Escada de Jacob. Cartas íntimas de Soror Clara do SSº Sacramento (Antónia Margarida de Castelo Branco) para D. João de Sousa e outras afins (1677 – 1714)*. Lisboa, Chiado Editora.

**MARÍA DE SAN JOSÉ** [1982] 2ª Ed. *Obras Completas*. Coleção Humor y Espiritualidade en la Escuela Teresiana Primitiva, nº 20. Archivo Silveriano de Historia y Espiritualidad Carmelitana. Burgos, Editorial El Monte Carmelo. Edición de Simeón de la Sagrada Família.

**OLIVEIRA, Filipe** [1746] *Discurso Panegírico que no dia 17 d outubro deste ano de 1745 pregou o Reverendo Doutor Filippe de Oliveira*. Lisboa, Nova Officina Sylviana.

**OSUNA, Francisco de** [2017] *Terceiro Abecedário Espiritual*. Edição de Saturnino López Santidrián. Madrid, Biblioteca de Autores Cristãos BAC.

**PEREIRA, José de Santa Ana (O. Carm.)** [1745 - 1751] *Chronica dos Carmelitas da Antiga e Regular Observância nestes Reynos de Portugal, Algarve e seus Dominios*. Lisboa, na Officina dos Herdeiros de António Pedrozo Galram, 2 vol.

***Processos de beatificação e canonização de Santa Teresa de Jesus***. [1934 - 1935] Edição de Silvério de Santa Teresa. Burgos, Ediciones El Monte Carmelo, 3 vol.

**RIBERA, Francisco de** [1590] *La Vida de la Madre Teresa de Jesus, Fundadora de las Descalzas Carmelitas....* Salamanca, Casa de Pedro Lasso.

**SÁ, Manuel de** (O.Carm.) [1727] *Memórias Históricas da Ordem de Nossa Senhora do Carmo da Província de Portugal*. Lisboa Occidental, na oficina de Joseph Antonio da Sylva.

**SÁ, Manuel de** (O.Carm.) [1724] *Memórias Históricas dos Illustrísimos arcebispos, bispos et escritores portuguezes da Ordem de Nossa Senhora do Carmo*. Lisboa, editor não identificado.

**SACRAMENTO, Fr. João do** [1721] *Chronica dos Carmelitas Desalços particular da provincia de S. Filippe do Reyno de Portugal & suas conquistas*. Lisboa Occidental, na oficina Ferreyrenciana.

**SANTA ANNA, Belchior** [1657] *Chronica de carmelitas descalços particular do reyno de Portugal e provincia de San Felippe*. Lisboa, Officina de Henrique Valente de Oliveira.

**SERRANO Y SANZ, Manuel** [1903] *Apuntes para una Biblioteca de Escritoras Españolas. Desde el año 1401 al 1833*. Madrid, Establecimiento tipográfico «Sucesores de Ribadeneira». Impresores de la Casa Real.

**TERESA DE JESUS (Santa)** [1793] *Cartas*. Com notas de Juan de Palafox y Mendoza (vol.1) e de Antonio de San José (vol. 2 - 4). Madrid, 4 vol.

**TERESA DE JESUS MARIA (soror)** [1921] *Las Obras de la Sublime Escritora del Amor Divino*. Estudio crítico de Manuel Serrano y Sanz. Madrid, Biblioteca Renacimiento, Colección "Gil Blas".

**VENCIMENTO, Fr. Caetano do** [1747] *Fragments da Prodigiosa Vida da Muito Favorecida e Amada Esposa de Jesus Cristo, a Venerável Madre Mariana da Purificação*. Lisboa, oficina de António da Silva.



## BIBLIOGRAFIA

**AA.VV.** [2011] *Vivir en Ávila cuando Santa Teresa escribe el Libro de su Vida*. Burgos / Ávila, Monte Carmelo / CITES.

**AA.VV.** [2002] *Las Mujeres Escritoras en la Historia de la Literatura Española*. Coordinada por Lucía Montejo Gurruchaga. Madrid, Ediciones UNED.

**AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel** [1986] *Teoria da Literatura*. Coimbra, Edições Almedina.

**ALBERTO de la Virgen del Carmen** [1968] *Historia de la Reforma Teresiana (1562 – 1962)*. Madrid, editor não identificado.

**ALONSO, Dámaso** [1962] “El misterio técnico de la poesía de San Juan de la Cruz” in *Poesía Española*. Madrid, Editorial Gredos.

**ALVAR MARÍN, L.** [1998] *El Maestro Interior. Vivir Guiados por el Espíritu*. Málaga, Editorial Manantial de Comunicaciones.

**ÁLVAREZ PELLITERO, Ana María** [1984] “Cancionero del carmelito de Medina del Campo” in **EGIDO, Teófanos / GARCÍA DE LA CONCHA, Víctor / GONZÁLES DE CARDEDAL, Olegario** (Edit.) *Actas del Congreso Internacional Teresiano. IV centenario de Santa Teresa de Jesus*. Salamanca, Ediciones de la Universidad de Salamanca / Ministerio de Cultura, pp. 525 – 543.

**ÁLVAREZ, Tomás** [2006] *Cultura de Mujer en el Siglo XVI. El caso de Santa Teresa*. Burgos, Editorial Monte Carmelo.

**AMADO, Maria Teresa** [1997] “A Ideia de Saber na Constituição da Modernidade: os livros e a sua ordem” in: *Leituras*, Revista da Biblioteca Nacional. 3ª Série, nº 2 (outubro 97 – abril 98), pp. 35 – 53.

**AMELANG, Jane S. / NASH, Mary** [1990] *Historia y Género: las mujeres en la Europa Moderna y Contemporánea*. Valencia, Edicions Alfons El Magnanim.

**ANASTÁSIO, Vanda** (Org.) [2013] *Uma Antologia Improvável. A Escrita das Mulheres (séculos XVI a XVIII)*. Lisboa, Relógio d'Água Editores.

**ANDRADE, António Alberto Banha de** [1980-83] *Diccionario de História da Igreja em Portugal*. Lisboa, Editorial Resistência, 2 vol.

**ANDRÉS, Martín, M.** [1976 – 1977] *La Teología Española en el Siglo XVI*. Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos (BAC), 2 vol.

**ANDRÉS, Martim M.** [1976] *Los Recogidos. Nueva Visión de la Mística Española, 1500 – 1700*. Madrid, Fundación Universitaria Española.

**ANDRÉS, Melquiades** [1996] *Los Místicos de la Edad de Oro en España y América. Antología*. Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos BAC.

**ANSELMO, António Joaquim** [1926] *Bibliografia das Obras Impressas em Portugal no Século XVI*. Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal.

**ANSELMO, António Joaquim** [1916] “A livraria de Varatojo” in *Anais das Bibliotecas e Arquivos de Portugal*, vol. II, nº 6, p. 19-25.

**ANSELMO, Artur** [1981] *Origens da Imprensa em Portugal*. Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

**ARIÈS, Philippe / DUBY, George** (Dir.) [1990] *História da Vida Privada*. vol. 3. Porto, Edições Afrontamento.

**ASÍN PALACIOS, M.** [1946] “El símil de los castillos y moradas del alma en la mística islámica y en Santa Teresa” in *Revista Al – Andalus*, nº 11, pp.263 – 274.

**ASTIGARRAGA, Juan Luis** [1978] Páginas de María de San José (Salazar). Hallazgo del original de una «Instrucción de Novicias» ” in *Ephemerides Carmelitae*, nº 29, pp. 469 – 506.

**AZEVEDO, Carlos Moreira** (Dir.) [2000-2001] *História Religiosa de Portugal*. Lisboa, Círculo de Leitores, 3 vol.

**BARANDA LETÚRIO, Nieves / MARÍN PINA, María del Carmen** [2014] *Letras en la Celda. Cultura Escrita de los Conventos Femeninos en la España Moderna*. Madrid, Editorial Iberoamericana.

**BARANDA LETURIO, Nieves / ZARRI, Gabriela** [2011] *Memoria y Comunidades Femeninas, España e Itália, Siglos XV – XVII*. Firenze University Press / UNED.

**BARANDA LETÚRIO, Nieves** [2005a] *Cortejo a lo Prohibido. Lecturas y Escritoras en la España Moderna*. Madrid, Arco Livros.

**BARANDA LETÚRIO, Nieves** [2005b] “Escritoras sin Fronteras entre Portugal y España en el Siglo de Oro (con unas notas sobre poemas femeninos del siglo XVI)” in *Península, Revista de Estudios Ibéricos*, nº 2, pp. 219 – 236.

**BARANDA LETÚRIO, Nieves** [2003] “Mujer, Escritura y Fama: *La Hespaña Libertada* (1618) de Doña Bernarda Ferreira de Lacerda” in *Península – Revista de Estudios Ibéricos*, nº 0, pp. 225 – 239.

**BARATA, Paulo J. S.** [2011] «As livrarias dos mosteiros e conventos femininos portugueses após a sua extinção: uma aproximação a uma história por fazer» in: *Revista Lusitânia Sacra*, nº 24, julho – dezembro, pp. 125-152.

**BARATA, Paulo J. S.** [2003] *Os livros e o liberalismo. Da livraria conventual à biblioteca pública*. Lisboa, Biblioteca Nacional.

**BARBEITO CARNEIRO, María Isabel** [2007] *Mujeres y Literatura del Siglo de Oro*. Madrid, Editorial Safekat.

**BARBETO CARNEIRO, Maria Isabel** [2000] “Maestras Ilustradas” in *Revista Via Spiritus*, nº 7, pp. 203 – 225.

**BARBOSA, Ignácio de Vilhena** [1874] “Bibliotecas. Sua origem e progressos em Portugal até ao fim do século XVIII” in: *Estudos Históricos e Arqueológicos*. Lisboa, Typographia Castro irmão, tomo 1, pp. 85 – 117.

**BARBOSA, José de Abreu** [1989] “Um rol de uma biblioteca portuguesa do século XVI”. *Revista da Universidade de Coimbra*, nº 35, pp. 437 – 462.

**BATAILLON, M.** [1995] *Erasmus y España. Estudios sobre la historia espiritual del siglo XVI*. México, Fondo de Cultura Económica.

**BATAILLON, M.** [1964] “Santa Teresa, lectora de libros de caballería” in *Varia*, Colección de Clásicos Españoles. Madrid, Editorial Gredos, pp. 21 – 23.

**BEIRANTE, Maria Ângela** [2000] “Eremitismo” in: **AZEVEDO, Carlos Moreira**, (Dir.) – *Dicionário de história religiosa de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores, vol. II, p.149-154.

**BELLINI, Lígia** [2006 – 2007] *Vida Monástica e Práticas de Escrita entre Mulheres em Portugal no Antigo Regime*. *Campus Social*, 3/4, pp. 209 – 218.

**BENNASSAR, Bartolomé** [1993] *La España del Siglo de Oro*. Barcelona, Editorial Crítica.

«**Bibliotecas Portuguesas**» in: *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* [1982]. Lisboa – Rio de Janeiro, Editorial Enciclopedia, vol.4, pp. 649 – 677.

**BELL, David N.** [1999] “Monastic libraries: 1400-1557” in **HELLINGA, Lotte / TRAPP, J.B.** (Dir.) *The Cambridge History of the Book in Britain*. Cambridge: Cambridge University Press, vol. 3: 1400-1557, p.229-254.

**BLECUA, José Manuel** [1972] “Mudarra y la poesía del Renacimiento: una lección sencilla” in *Studia Hispanica in Honorem R. Lapesa*. Madrid, Editorial Gredos. Vol. I, pp. 173 – 179.

**BOUZA ÁLVAREZ, Fernando** [1992] *Del Escribano a la Biblioteca. La Civilización Escrita Europea en la Alta Edad Moderna (Siglos XV – XVII)*. Madrid, Editorial Síntesis.

**BRIESEMEISTER, Dietrich** [1983] “Die Autobiographie im Spanien im 15. Jahr hunter” in *Biographie und Autobiographie in der Renaissance* (Arbeitsgespräch in der Herzog August Bibliothek Wolfenbüttel von 1. Bis 3. November 1982). August Buck (Ed.). Weisbaden, Otto Harrassowitz, pp. 45 – 56.

**BRUNI, Mauricio**, [1956] *Mariana da Purificação (1623 – 1695), un fenómeno religioso de Portugal seiscentista*. Roma, 2 vol. Dactilografado.

**CABRAL, Maria Luísa Rosendo** [2013] *Património Bibliográfico e Bibliotecas na Construção da Identidade Coletiva: entre um conceito e o seu desenvolvimento, 1750 – 1800*. Tese de Doutoramento em História Moderna apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

**CAMPOS, Fernanda Maria Guedes de** [2015] *Para se Achar Facilmente o que se Busca. Bibliotecas, Catálogos e Leitores no Ambiente Religioso (século XVIII)*. Lisboa, Editora Caleidoscópio.

**CAMPOS, Fernanda Maria Guedes de** [2014] “E uza delle em qto a obediência lho permitir’: as marcas de posse como testemunho de práticas de leitura nas bibliotecas de ordens e congregações religiosas portuguesas” in: **FRANCO, José Eduardo / ABREU, Luís Machado de / SILVA, Cristiana Lucas da (Coord.)** [2014] *Para a História das Ordens e Congregações Religiosas Portuguesas na Europa e no Mundo*, 2 vol. Prior Velho, Paulinas Editora, pp. 97 – 113.

**CAMPOS, Fernanda Maria Guedes de** [2013a] “O paradigma organizativo das bibliotecas monásticas e conventuais no século XVIII” in: **SALDANHA, Sandra Costa** (Coord.) [2013] “As bibliotecas e o livro em instituições eclesiais” in: *Actas do II e III Encontro Nacional*. Moscavide, Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja, pp. 77-98.

**CAMPOS, Fernanda Maria Guedes de** [2013b] *Bibliotecas de História: Aspetos da Pose e Uso de Livros em Instituições Religiosas de Lisboa nos finais do século XVIII*. Tese de Doutoramento em História Moderna apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

**CAMPOS, Fernanda Maria Guedes de** [2013c] “*Vidas exemplares femininas nas leituras do Convento de Santo Alberto, Lisboa (Século XVIII)*” in *Atas das Jornadas de Estudo – Vozes e Silêncios Femininos na Vida Religiosa, Lisboa, Universidade Católica de Lisboa*.

**CAMPOS, Fernanda Maria Guedes de** [2012a] “Espólios das extintas livrarias religiosas nas colecções da Biblioteca Nacional de Portugal: um (re) encontro” in **MEDEIROS, Filipa, et al.** (coord.) *Acervos patrimoniais: novas perspectivas e abordagens. Acta do Encontro Científico, Mértola, Campo Arqueológico de Mértola*, p. 59-75.

**CAMPOS, Fernanda Maria Guedes de** [2011b] “O uso do livro em conventos e mosteiros femininos portugueses visto através das marcas de posse”, Comunicação apresentada ao Seminário *Os livros de horas do Palácio Nacional de Mafra e a cultura artística do século XV*. Mafra 25 de Novembro de 2011.

**CAMPOS, Fernanda Maria Guedes de** [2011a] “Um património a descobrir: doações e legados em antigas bibliotecas religiosas” in: *Invenire, Revista Bens Culturais da Igreja*, nº 2, (janeiro – junho 2011), pp. 13 – 15.

**CARAYON, Auguste** [1970] *Bibliographie Historique de la Compagnie de Jesus*. Genebra, Slatkines Reprints.

**CARBALLAR, Carlos Ros** [2008] *La Hija Predilecta de Teresa de Jesus. María de San José*. Madrid, Cultivalibros.

**CARDOSO, António Manuel de Barros** [2013] “Livrarias e Bibliotecas na Europa dos Tempos Modernos” in: *The Overarching Issues of the European Space*. Porto, Edições da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp. 361-373.

**CARDOSO, António Manuel de Barros** [2010] “ Os livros e a vida cultural portuguesa anterior à reforma da Universidade (1772). Alguns aspetos” in: *Perspetivas XXI*. Maia, Instituto Superior da Maia, pp. 11 - 23.

**CARMELO de la Cruz** [1964] “Gracián y Segra frente a frente” in *El Monte Carmelo* nº 72, pp. 365 – 422.

**CARO BAROJA, Júlio** [1985] *Las Formas Complejas de la Vida Religiosa (religión, sociedad y carácter en la España de los siglos XVI y XVII)*. Madrid, Sarpe Editora.

**CARVALHO, Joaquim Martins Teixeira de** [1921] *A Livraria do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra*. Coimbra, Imprensa da Universidade.

**CARVALHO, José Adriano de Freitas** [2013] “Espiritualidade Portátil. Um Mundo a Reconhecer? In *Revista Via Spiritus*, nº 20, pp. 135 – 161.

**CARVALHO, José Adriano de Freitas** [2007] *Lectura Espiritual en la Península Ibérica (siglos XVI-XVII). Programas, recomendaciones, lectores, tiempos y lugares*. Salamanca, Seminario de Estudios Medievales y Renacentistas / Centro Interuniversitário de História da Espiritualidade da Universidade do Porto.

**CARVALHO, José Adriano de Freitas** [2002a] *Da Memória dos Livros às Bibliotecas da Memória: Inventário da Livraria de Santo António de Caminha*. Porto, Edição do Centro Interuniversitário de História da Espiritualidade e do Instituto da Cultura Portuguesa da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

**CARVALHO, José Adriano de Freitas** [2002b] *Da Memória dos Livros às Bibliotecas da Memória: Inventário da Livraria de Santo António de Ponte de Lima*. Porto, Edição do Centro Interuniversitário de História da Espiritualidade e do Instituto da Cultura Portuguesa – Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

**CARVALHO, José Adriano de Freitas** [1995] «*Nobres leteras...fermosos volumes*» *Inventários de Bibliotecas dos Franciscanos Observantes em Portugal no Século XV: os traços de união das reformas peninsulares*. Porto, Centro Interuniversitário de História da Espiritualidade / Instituto de Cultura Portuguesa da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

**CARVALHO, José Adriano de Freitas** (Dir.) [1988] *Bibliografia Cronológica da Literatura de Espiritualidade, 1500 – 1700*. Porto, Instituto de Cultura Portuguesa.

**CARVALHO, José Adriano de Freitas** [1990] “O Contexto da Espiritualidade Portuguesa no tempo de Fr. Bartolomeu dos Mártires” in *Revista Bracara Augusta*, XLII, pp. 101 – 131.

**CARVALHO, José Adriano de Freitas** [1981] *Gertrudes de Helfta e Espanha. Contribuição para o Estudo da História da Espiritualidade peninsular nos séculos XVI e XVII*. Porto, INIC / Centro de Literatura da Universidade do Porto.

**CARVALHO, José Adriano de Freitas** [1974] “Pauperismo e Sensibilidade Social em Espanha nos fins do Século XVI” in *Separata da Revista da Faculdade de Letras*. Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

**CASEY, James** [2001] *España en la Edad Moderna. Una Historia Social*. Madrid, Editorial Biblioteca Nueva, S.L. / Universitat de Valencia.

**CASTILLO GÓMEZ, Antonio** [2014] “Cartas desde el Convento. Modelos Epistolares Femeninos en la España de la Contrarreforma” in *Cuadernos de Historia Moderna*, Anejo XIII, pp. 141 – 168.

**CASTILLO GÓMEZ, António** [2003] *Libro y lectura en la Península Ibérica y América, siglos XIII a XVIII*. Valladolid: Consejería de Cultura y Turismo.

**CASTILLO GÓMEZ, António** [2000a] “Leer en comunidad: libro y espiritualidad en la España del barroco” in *Via Spiritus*, vol. 7, p. 99-122.

**CASTILLO GÓMEZ, António** (Dir.) [2000b] *Escribir y leer en el siglo de Cervantes*. Barcelona, Gedisa.

**CASTRO, Zília Osório de** [2001] “Bibliotecas Femininas” in *Actas do Congresso O Marquês de Pombal e a sua Época*. Oeiras, Câmara Municipal / Pombal, Câmara Municipal, pp. 474 – 484.

**CÁTEDRA, Pedro M.** [2003] “«Bibliotecas» y libros «de mujeres» en el Siglo XVI” in *Península. Revista de Estudios Ibéricos*, nº 0, pp. 13 – 27.

**CÁTEDRA, Pedro M.** [1999] “Lectura femenina en el claustro (España, siglos XIV-XVI)” in *Des femmes et des livres, France et Espagnes, XVe-XVVe siècle: actes de la journée d'étude organisée par l'École normale supérieure de Fontenay/Saint Cloud (Paris 30 avril 1998)*. Ed. lit. Dominique de Courcelles, Carmen Val Julián. Paris: École des chartes, p. 7-53.

**CÁTEDRA, Pedro M. / LÓPEZ-VIDRIERO, María Luísa** (Dir.) [2002] *De libros, librerías, imprentas y lectores*. Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca, Seminario de Estudios Medievales y Renacentistas.

**CÁTEDRA, Pedro M. / REDONDO, A. / LÓPEZ-VIDRIERO, María Luísa** (Dir.) [1999] *El escrito en el Siglo de Oro: prácticas y representaciones*. Salamanca, Universidad de Salamanca / Madrid: Sociedad Española de Historia del Libro.

**CÁTEDRA, Pedro / VEJA, Anastasio Rojo** [2004] *Bibliotecas y Lecturas de Mujeres. Siglo XVI*. Madrid, Fundación Germán Sánchez Ruperez.

**CAVALLO, Guglielmo / CHARTIER, Roger** (Dir.) [1999] *Storia della lettura nel mondo occidentale*. Roma: Laterza.

**CHARTIER, Roger** (Coord.) [1998] *As utilizações do objecto impresso*. Algés, Editora Difel 82.

**CHARTIER, Roger** [1994] *Libros, Lecturas y Lectores en la Edad Moderna*. Madrid, Alianza Editorial.

**CHARTIER, Roger** [1988] *A História Cultural. Entre Práticas e Representações*. Lisboa, Difel Editores.

**CHEVALIER, Maxime** [1976] *Lectura y Lectores en la España de los Siglos XVI y XVII*. Madrid, Ediciones Turner.

**CHRISTIAN, W.** [1991] *Religiosidad Local en la España de Felipe II*. Madrid, Editorial Nerea.

**CICCONETTI, Carlo** [1973] "La Regola del Carmelo: origine, natura, significato" in *Textus et Studia Historica Carmelitana*, vol. 12.

**CLARKE, H. / EDWARDS, B.** [1973] *The Rule of Saint Albert*. London, Aylesford and Kensington.

**CORAÇÃO DE JESUS, David** [1962] *A Reforma Teresiana em Portugal*. Lisboa, Oficina de S. José.

**COSSIO, Francisco Gonzales de** [1952] *La Imprenta de México, 1594 – 1820*. México, Universidad Nacional de México.



**COSTA, Susana Goulart** [2009] A reforma tridentina em Portugal: balanço historiográfico. *Lusitania Sacra*, 2ª Série, vol. 21, p. 237-248.

**CRISTINO, Luciano Coelho** [1988] “A Biblioteca Mariana dos Oratorianos de Lisboa (Século XVIII)” in *De cultu mariano saeculis XVII – XVIII: acta congressus mariologici-mariani internationalis in republica melitense anno 1983 celebrati*. Romae, Pontificia Academia Mariana Internationalis, vol. VII, pp. 111 – 128.

**CUNHA, Mafalda Ferin** [1998] “A Infância e a Juventude das Religiosas Portuguesas do Século XVII: um relato convencional” in *Revista Brotéria*, nº 147, pp. 327 – 339.

**DADSON, T.J.** [1998] *Libros, Lectores y Lecturas. Estudios sobre Bibliotecas Particulares Españolas del Siglo de Oro*. Madrid, Editorial Arco – Libros.

**DAVIS, Natalie Zenon / FARGE, Arlette** (Dir.) [1993 – 1995] *História das Mulheres no Ocidente. Do Renascimento à Idade Moderna*. Porto, Edições Afrontamento, 5 vol.

**DELUMEAU, Jean** [2004] *A Civilização do Renascimento*. Lisboa, Edições 70.

**DE MAIO, Romeo** [1988] *Mujer y Renacimiento*. Madrid, Mondadori España, S.A.

**DESLANDES, Venâncio** [1953] “Portugal e a Cultura Europeia (S. XVI – XVIII)” in *Separata da Revista Biblos*, vol. XXVIII, Coimbra.

**DESLANDES, Venâncio** [1888] *Documentos para a História da Tipografia Portuguesa nos Séculos XVI e XVII*. Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

**DILTS, R.** [2003] *El Poder de la Palabra*. Barcelona, Ediciones Urano.

**DILTS, R. / McDONALD, R.** [1999] *Herramientas del Espíritu*. Barcelona, Ediciones Urano.

**DOMINGOS, Manuela D.** [2002] *Estudos sobre história do Livro e da Leitura em Portugal*. Lisboa, Biblioteca Nacional.

**DOMINGOS, Manuela D.** [1992] “Para a história da biblioteca da Real Mesa Censória” in *Revista da Biblioteca Nacional*, Série. 2, vol. 7, n.º 1, p. 137-158.

**DUBY, Georges / PERROT, Michelle** (Dir.) [1993] *História das Mulheres no Occidente*. Porto, Edições Afrontamento, vol. I e II.

**DUQUE, María Jesús Mancho** (Ed.) [1990] *La Espiritualidad Española del Siglo XVI. Aspectos literarios y lingüísticos*. Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca.

**DURÁN LÓPEZ, Fernando** [2007] *Um Cielo abreviado. Introducción Crítica a una Historia de la Autobiografía religiosa en España*. Madrid, Fundación Universitaria Española / Universidad Pontificia de Salamanca.

**EFREN de la Madre de Dios / STEGGINK, Otger** [1968] *Tiempo y Vida de Santa Teresa*. Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos BAC.

**EFREN de la Madre de Dios** [1963] “El Ideal de Santa Teresa en la Fundación de San José” in *Revista Carmelus* nº 10, pp. 2016 – 230.

**EGIDO, Aurora** [1983] “La configuración alegórica de *El castillo interior*” in *El Águila y la Tela: Estudios sobre Santa Teresa de Jesús y San Juan de la Cruz*. Barcelona / Palma de Mallorca, José J. de Olañeta / Ediciones UIB.

**EGIDO, Teófanos** [1973] “La novedad teresiana de Américo Castro” in *Revista de Espiritualidad*, nº 32, pp. 82 – 94.

**EGIDO, Teófanos / GARCÍA DE LA CONCHA, Víctor / GONZÁLES DE CARDEDAL, Olegario** (Edit.) *Actas del Congreso Internacional Teresiano. IV centenario de Santa Teresa de Jesus*. Salamanca, Ediciones de la Universidad de Salamanca / Ministerio de Cultura.

**FARIA, Maria Isabel; PERICÃO, Maria da Graça** [2008] *Dicionário do Livro: da escrita ao livro electrónico*. Coimbra, Editorial Almedina.

**FEBVRE, Lucien / MARTIN, Henri-Jean** [2000] *O Aparecimento do Livro*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

**FERNANDES, Maria de Lurdes Correia** [2002] *A biblioteca de Jorge Cardoso (1669) autor do Agiológio Lusitano: cultura, erudição e sentimento religioso no Portugal Moderno*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

**FERNANDES, Maria de Lurdes Correia** [1994] “Recordar os «santos vivos»: leituras e práticas devotas nas primeiras décadas do século XVII português” in *Revista Via Spiritus*, nº 1, pp. 133 – 157.

**FERRÃO, António** [1951] “Repertório das bibliotecas de Lisboa: guia do estudioso” in *Separata de Anais das Bibliotecas e Arquivos*, vol. 21. Lisboa, [s.n.].

**FERRÃO, António** [1923] *A Censura Literária durante o Governo Pombalino – subsídios para a História do Pensamento em Portugal*. Boletim da Segunda Classe, vol. 17. Lisboa, Academia das Ciências.

**FERRÃO, António** [1920] *Os arquivos e as bibliotecas em Portugal*. Coimbra, Imprensa da Universidade.

**FERREIRA, Jorge M. Rodrigues** [2011] *História da Biblioteconomia em Portugal (c. 1740-1926)*. Casal de Cambra, Editora Caleidoscópio.

**FERREIRA, Sílvia** [2010] “Carmelitas Descalças” in: **FRANCO, José Eduardo**, (Dir.) *Dicionário Histórico das Ordens, institutos religiosos e outras formas de vida consagrada católica em Portugal*. Lisboa: Gradiva, p. 349-352.

**FLAISCHE, Hana** [1960] “Syntaktische Untersuchungen zu Santa Teresa de Jesus” in *Spanische Forschungen der Görresgesellschaft*. Gesammelte Aufsätze zur Kulturgeschichte Spaniens, XV, pp. 51 – 174.

**FLORISOONE, Michel** [1959] *Esthétique et Mystique d’après Sainte Thérèse d’Avila et Saint Jean de la Croix*. Paria, Editions du Seuil.

**FONSECA, Martinho A. Ferreira da** [1913] “Catálogos: sua importância bibliográfica” in *Boletim da Sociedade de Bibliófilos Barbosa Machado*. Lisboa, Imprensa Libanio da Silva, pp. 89 – 184.

**FORTES RODRIGUEZ, Antonio** [1975] “Bibliografía del Padre Gerónimo Gracián de la Madre de Dios” in *Archivum Bibliographicum Carmelitanum* nº 15, pp. 173 – 203.

**FRANKL, Vítor** [1988] *La Presencia Ignorada de Dios*. Barcelona, Editorial Herder.

**FURTADO, José Afonso** [1995] *O livro*. Lisboa, Difusão Cultural.

**FURET, François** [1965 - 1970] *Livre et société dans la France du XVIIIe siècle*. Paris, Mouton.

**GABRIEL de la Cruz** [1966] “Elecciones hechas en los Primeros Capítulos de la Reforma Teresiana (1581 – 1622 y 1634)” in *El Monte Carmelo* nº 74. Pp. 241 – 279.

**GAMA, Ângela Maria Barcelos da** [1977 – 1978] *Catálogo da biblioteca do Real Colégio de São Pedro*. Coimbra, Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. 2 vol.

**GANHO, Maria de Lourdes Sirgado** [1994] “Bibliotecas Monásticas e Cultura” in *Didaskalia*, nº 24, pp. 139 – 144.

**GARCIA, Alfredo Isasi** [1963] *Santa Teresa de Jesús*. Madrid, Publicaciones Españolas, nº 127, 2º edición.

**GARCÍA CARCEL, Ricardo** [2009] *La Inquisición*. Madrid Editorial Anaya.

**GARCÍA DE LA CONCHA, Víctor** [1978] *El Arte Literario de Santa Teresa*. Barcelona, Editorial Ariel. Colección Letras e Ideas.

**GARCÍA LUENGOS, Germán Vega** [2006] *Santa Teresa de Jesús ante la Crítica Literaria del Siglo XX*. Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes. [www.biblioteca.org.ar](http://www.biblioteca.org.ar)

**GARRIDO, Pablo** [1971] “El Magisterio Espiritual de Santa Teresa de Jesus entre los Carmelitas Españoles” in *Carmelus* nº 18, pp. 64 – 121.

**GARROSA RESINA, Antonio** [1982] “Santa Teresa y la cultura literaria de su tiempo: referencias literarias profanas en la obra teresiana” in *Revista Castilla*, nº 4, pp. 83 – 117.

**GIURGEVICH, Luana / LEITÃO, Henrique** [2016] *Clavis Bibliothecarum*. Lisboa, Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja. Coleção Fontes para o estudo dos Bens Culturais da Igreja, nº 1.

**GIURGEVICH, Luana / LEITÃO, Henrique** [2013] “O livro científico nas bibliotecas monástico-conventuais: tentativa de uma caracterização à escala nacional” in **SALDANHA, Sandra Costa** (Coord.) [2013] “As bibliotecas e o livro em instituições eclesiais” in *Actas do II e III Encontro Nacional*. Moscavide, Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja, pp. 170-183.

**GIURGEVICH, Luana** [2012] “Bibliotecas Antigas. Um Elemento para a Historia da Ciência” in *Revista Âgora*. Estudos Clássicos em Debate, nº 14, janeiro de 2012.

**GÓMEZ, Antonio Castillo** [2000] “Leer en comunidade: libro y espiritualidad en la España del Barroco” in: *Revista Via Spiritus*, nº 7, pp. 99-122.

**GONÇALVES, Paula / CURTO, Diogo Ramada** [2003] *Bibliografia da História do Livro em Portugal: séculos XV a XIX*. Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal. Coleção Estudos.

**GOODIER, Alban** [1936] "Saint Teresa and the Society of Jesus" in *The Month* nº 168, pp. 395 – 405.

**GOODIER, Alban** [1936] "Saint Teresa and the Dominicans" in *The Month* nº 168, pp. 247 – 256.

**GRACIÁN, Jerónimo** [1932 - 1935] *Obras*. Edição do P. Silverio de Santa Teresa. Burgos, Ediciones Monte Carmelo.

**GRANADA, Luis de** [1989] *Introducción del Símbolo de la Fe*. Edición de José Maria Balcells. Madrid, Ediciones Cátedra, Colección Letras Hispánicas, nº296.

**GRAÑA CID, María del Mar** [2002] "¿Leer con el Alma y escribir con el Cuerpo? Reflexiones sobre Mujeres y Cultura Escrita" in **CASTILLO GÓMEZ, António** (Coord.) *Historia de la Cultura Escrita. Del Próximo Oriente Antiguo a la Sociedad Informatizada*. Madrid, Ediciones Trea, pp. 385 – 452.

**HATZFELD, Helmut** [s/d] "El Estilo Nacional en los Símbolos de los Místicos Españoles y Franceses" in *Estudios Literarios sobre Mística Española*, p. 121. *Sine loco*.

**HATZFELD, Helmut** [1976] *Estudios Literarios sobre Mística Española*. 3ª edición, corregida y aumentada. Madrid, Editorial Gredos.

**HAZARD, P.** [1975] *La Crisis de la Conciencia Europea, 1680 – 1715*. Madrid, Editorial Pegaso.

**HERANN, Christian / MARCADÉ, Jacques** [2002] *A Península Ibérica no Século XVII*. Mem Martins, Publicações Europa América. Coleção Forum da História.

**HERMIDA, Jacobo Sanz** [1997] "Libros y Lecturas en el Convento de las Madres Agustinas Recoletas de Salamanca" in *Revista Via Spiritus*, nº 4, pp. 133-235.

**HERPOEL, Sonja** [1999] *A la Zaga de Santa Teresa: autobiografías por mandato*. Amsterdão, Edições Rodopi.

**HUERGA, Álvaro** [1994] *Historia de los Alumbrados*, "Temas y Personajes, 1570 – 1630", vol. V. Madrid, Fundación Universitaria Española.

**HUERGA, Álvaro** [1969] “La Vida Cristiana a los siglos XV – XVI” in *História de la Espiritualidad. Espiritualidades del Renacimiento, Barroca e Ilustrada, Romántica y Contemporánea*, vol. II. Barcelona, Juan Flors.

**HUERGA, Álvaro** [1966] *Humor y Espiritualidad en la Escuela Teresiana Primitiva*. Burgos, Ediciones El Monte Carmelo.

**INFANTES, Vítor** [1997] “Las ausencias en los inventários de libros y de bibliotecas” in *Bulletin Hispanique*, vol. 99, n.º 1, p. 281-292.

**IHRIE, Maureen / PÉREZ, Janet** [1993] *Dictionary of the literature of the Iberian Peninsula*, 2 vol. Ed. German Bleiberg. Westport, Connecticut, Greenwood Press.

**JACQUINET, Maria Luísa / GARCIA, J.M.** [2014] “Os Conventos Femininos de Clausura em Lisboa” In: *Sigila Revue Transdisciplinaire Franco Portugaise sur le Secret*, nº 34.

**LEÓN, Luis de** [1997] *De los Nombres de CriS.to* Edición de Cristóbal Cuevas. Madrid, Ediciones Cátedra, Colección Letras Hispánicas, nº 59.

**Libro de Romances y Coplas del Carmelo de Valladolid (c. 1590 – 1609)** [1982] Edición, introducción y notas de Víctor Garcia de la Concha y Ana María Álvarez Pellitero. Burgos, Consejo General de Castilla y León.

**LIMA, Durval Pires de**, [1950 – 1972] *História dos mosteiros, conventos e casas religiosas de Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. 2 vol.

**LISBOA, João Luís** [1997] “Sobre a investigação actual em História do Livro e da Leitura” in *Leituras: revista da Biblioteca Nacional*, n.º 1, p. 105-112.

**LISBOA, João Luís** [1991] *Ciência e política: ler nos finais do Antigo Regime*. Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica – Centro de História da Cultura da Universidade Nova de Lisboa. Coleção Cultura Moderna e Contemporâneas, nº 7.

**LISBOA, João Luís** [1989] “A Leitura em Portugal: os finais do Antigo Regime” in **COSTA, Fernando Márques da / DOMINGOS, Francisco Contente / MONTEIRO, Nuno Gonçalo** (Org.) *Do Antigo Regime ao Liberalismo 1750 – 1850*. Lisboa, Edições Vega, pp. 78 – 81.

**LISBOA, João Luís / MIRANDA, Tiago C.P. dos Reis** [2011] “A Escrita nos Espaços Privados” in **MATTOSO, José**, *Hstória da Vida Privada. A Idade Moderna* (Nuno Gonçalo Monteiro, Coord.). Lisboa, Círculo de Leitores, pp. 334 – 392.

**LLAMAS MARTÍNEZ, Enrique** [1975] “Jerónimo Gracián de la Madre de Dios, escritor místico, compañero y confesor de Santa Teresa” in *Revista de Espiritualidad*, vol. 34, nº 136, pp. 379 – 395.

**LLAMAS MARTÍNEZ, Enrique** [1972] *Santa Teresa de Jesús y la Inquisición Española*. Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Instituto Francisco Suárez.

**LOPES, Fernando Félix** [1997] “Lembranças avulsas da livraria do convento de S. Francisco de Xabregas” in *Colectânea de Estudos de História e Literatura*. Lisboa: Academia Portuguesa da História, vol. I, p. 317-369.

**LÓPEZ, T. Egido** [1991] *Las Claves de la Reforma y de la Contrarreforma*. Madrid, Editorial Gredos.

**LÓPEZ, T. Egido** [1986] *El Linaje Judeo Converso de Santa Teresa*. Madrid, Editorial de Espiritualidad.

**LOTMAN, Iuri** [1978] *A Estrutura do Texto Artístico*. Lisboa, Editorial Estampa.

**LOUREIRO, Olimpia Maria da Cunha** [1999] “Ler no Feminino: memórias” in *Publicação do Centro de Estudos D. Domingos de Pinho Brandão*, nº 7-8, pp. 87 – 92. Poligrafia.

**LOUREIRO, Olimpia Maria da Cunha** [1997] “Os Livros das Monjas do Convento de S. Bento da Ave – Maria do Porto (finais do século XVIII)” in *Revista de Ciências Históricas*, nº 12, pp. 227 – 237.

**MACEDO, Jorge Borges de** [1975] *Livros Impressos em Portugal no Século XVI: interesses e formas de mentalidade*. Arquivos do Centro Cultural Português, vol. 9, pp. 183-221.

**MACEDO, Jorge Borges de** [1966] “Vias de expressão da cultura e da sociedade portuguesas nos séculos XVII e XVIII” in *Boletim – Academia Internacional da Cultura Portuguesa*, n.º 1, p. 119-133.

**MAIA, Cristina Maria Ferreira da Costa Ribeiro** [1996] *A livraria da Congregação do Oratório do Porto (1765)*. Dissertação de Mestrado em História Moderna apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

**MANCHO DUQUE, María Jesús** (Ed.) [1990] *La Espiritualidad Española del Siglo XVI. Aspectos Literarios y Lingüísticos*. Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca.

**MANERO SOROLLA, María Pilar** [2005] “María de San José y Luisa de la Cerda: género, poder y espiritualidad en el inicio de la Reforma Teresiana” in **PIÑERO RAMÍREZ, M.** (Ed.) *Dejar Hablar a los Textos: Homenaje a Francisco Márquez Villanueva*, vol. I. Sevilla, Ediciones de la Universidad de Sevilla, pp. 441 – 459.

**MANERO SOROLLA, María Pilar** [2000] “Ana de Jesús y las biografías del Carmen descalzo” in **SEVILLA, Florencio / ALVAR, Carlos** (Edit.), *Actas del XII Congreso de la Asociación Internacional de Hispanistas*. Madrid, AIH / Ediciones Castalia / Fundación Duques de Soria, vol. IV, pp. 145 – 153.

**MANERO SOROLLA, María Pilar** [1993] “Ana de Jesús: cronista de la fundación del primer Carmen descalzo en París” in *Bulletin Hispanique*, vol 95, nº 2, pp. 647 – 672.

**MANERO SOROLLA, María Pilar** [1992a] “La Poesía de María de San José (Salazar)” in *Estudios sobre Escritoras Hispánicas en Honor de Georgina Sabat – Rivers*. Edición e introducción de Lou Charnon – Deutsch. Madrid, Ediciones Castalia, pp. 187 – 222.

**MANERO SOROLLA, María Pilar** [1992b] “Ana de Jesús: cronista de la fundación del Carmen de Granada” in *AIH Irvine 92, Actas XI*, Centro Virtual Miguel de Cervantes. [www.biblioteca.org.ar](http://www.biblioteca.org.ar)

**MANERO SOROLLA, María Pilar** [1989] “Diálogo de Carmelitas: Libro de Recreaciones de María de San José” in *Actas del X Congreso de la Asociación Internacional de Hispanistas*. Barcelona, Ediciones de la Universidad de Barcelona, pp. 501 – 515.

**MANERO SOROLLA, María Pilar** [1988] “Exilios y Destierros en la Vida y en la Obra de María de Salazar” in *Actas del VII Simposio de la Sociedad Española de Literatura General y Comparada*. Madrid, pp. 51 – 59.

**MARÍA DEL PUERTO DE JESÚS** [s. d.] “Ana de Jesús, Profeta de Ayer y Hoy” in *Revista de Espiritualidad*, nº 251 – 252, pp. 251 – 299.

**MARÍA DE SAN JOSÉ (SALAZAR)** [1979] *Escritos Espirituales*. Roma, Postulación General OCD.



**MARÍA DE SAN JOSÉ (SALAZAR)** [1978] *Instrucción de Novicias*. Roma, Institutum Historicum Teresianum. Edición preparada y anotada por Juan Luis Astigarraga.

**MARÍA DE SAN JOSÉ (SALAZAR)** [1977] *Avisos para el Gobierno de las Religiosas*. Roma, Institutum Historicum Teresianum. Edición preparada y anotada por Juan Luis Astigarraga.

**MARÍA DE SAN JOSÉ (SALAZAR)** [1913] *Libro de Recreaciones, Ramillete de Mirra, Avisos, Máximas y Poesías*. Burgos, Editorial Monte Carmelo.

**MARÍA DE SAN JOSÉ (SALAZAR)** [s.d.] “Libro de Recreaciones”. Edición de Simeón de la Sagrada Familia, O.C.D. in *Humor y Espiritualidad*. Burgos, Ediciones El Monte Carmelo, pp. 153 – 351.

**MARÍN PINA, María del Carmen** [1991a] “La mujer y los libros de caballerías. Notas para el estudio de la recepción del género caballeresco entre el público femenino” in *Revista de Literatura Medieval*, nº 3, pp. 129 – 148.

**MAROTO, Daniel de Pablo** [2015] *El Teresianismo. Teología, Espiritualidad y Moral*. Burgos, Editorial Monte Carmelo.

**MAROTO, Daniel de Pablo** [2011] *Ser y Misión del Carisma Teresiano. Historia de un Carisma*. Madrid, Editorial de Espiritualidad.

**MAROTO, Daniel de Pablo** [2004] “María de San José (Salazar), heredera del espíritu de Santa Teresa y escritora de espiritualidad in *Revista de Espiritualidad*, nº 63, pp. 213 – 250.

**MAROTO, Daniel de Pablo** [1982] “Oración Teresiana. Balance y Nuevas Perspectivas” in *Teresianum*, nº 33, pp. 233 – 281.

**MÁRQUEZ, A.** [1980] *Literatura e Inquisición en España, 1478 – 1834*. Madrid, Editorial Taurus.

**MARQUES, Maria Adelaide Salvador** [1963] *A Real Mesa Censória e a Cultura Nacional: aspectos da geografia cultural portuguesa no século XVIII*. Coimbra, Coimbra Editora, Lda.

**MÁRQUEZ VILLANUEVA, Francisco** [1983] “La vocación literaria de Santa Teresa” in *Nueva Revista de Filología Hispánica*, nº 132, pp. 355 - 379.

**MÁRQUEZ VILLANUEVA, Francisco** [1968] *Espiritualidad y Literatura en el Siglo XVI*. Madrid, Ediciones Alfaguara. Colección Hombres, Hechos e Ideas, XVI.

**MARTÍN DEL CASTILLO** [2014] “Un centenario detrás de otro. El Greco y Santa Teresa” in Revista *Panacea*. Texto accesível em: <http://www.revistapanacea.com/el-greco-y-santa-teresa/>

**MARTÍN VELASCO, J.** [1999] *El Fenómeno Místico*. Madrid, Trotta Ediciones.

**MARTINS, Maria Teresa Esteves Payan** [2001] *A Censura Literária em Portugal nos Séculos XVII e XVIII*. Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

**MEDIAVILLA, Fidel** [s. d.] *Teresa de Jesús, objeto de la Literatura*. Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes. [www. biblioteca.org.ar](http://www.biblioteca.org.ar)

**MELO, Arnaldo Faria de Ataíde e** [1938] “Documentos Relativos à Recolha e Distribuição dos Quadros e Livros após a Extinção dos Conventos: 1ª e 2ª partes” in *Boletim da Academia Nacional das Belas Artes*, nº 3 e 4.

**MELO, Arnaldo Faria de Ataíde e** [1926] *O Papel como Elemento de Identificação*. Lisboa, Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional.

**MELQUIADES, Andrés** [1996] *Los Místicos de la Edad de Oro en España y América. Antología*. Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos BAC.

**MENDES, Paula Almeida** [2017] *Paradigmas de Papel: a Escrita e a Edição de «Vidas» de Santos e de «Vidas» Devotas em Portugal (séculos XVI – XVIII)*. Porto, Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória (CITCEM).

**MENÉNDEZ Y PELAYO, Marcelino** [1941] “De la poesia mística” in **SÁNCHEZ REYES, Henrique** (Edit.), *Estudios y Discursos de Crítica Histórica y Literaria*. Santander, Ediciones Aldus, vol. II, pp. 69 – 110.

**MERENCIANO, Francisco Marco** [1958] “Psicoanálisis y melancolía en Santa Teresa” in *Ensayos Médicos y Literarios*. Madrid, Cultura Hispánica, pp. 497 – 535.

**MINER, Max** [1951] *Poesie et vie mystique chez Saint Jean de la Croix*. Paris, Editions du Seuil.

**MODICA VASTA, Marilena** [1992] *Esprienza Religiosa e Scritore Femannile tra Medioevo al Etá Moderna*. Acideale, Editore Bonanno.

**MOLINER, José Maria** [1972] *Historia de la Espiritualidad*. Burgos, Editorial Monte Carmelo.

**MOLL, J.** [1994] *De la Imprenta al Lector. Estudios sobre el libro español en los siglos XVI al XVIII*. Madrid, Editorial Arco.

**MOREIRA DE SÁ, Artur** [1983] *Índices dos Livros Proibidos em Portugal no Século XVI*. Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica.

**MORIONES, Ildfonso** [2017] *El P. Dória (1539 – 1594) y el Carisma Teresiano*. Formato digital: <https://delarucaalapluma.files.wordpress.com/2017/01/doria-y-el-carisma-teresiano.pdf>  
Consultado em 17 de janeiro de 2018.

**MORIONES, Ildfonso** [2017b] *O Carmelo Teresiano*. Tradução portuguesa realizada pelas Carmelitas do Mosteiro de S. José de Jundiá, SP – Brasil, a partir da edição impressa em Vitória, Ediciones El Carmen. Unicamente disponível online em: [www.oed.pcn.net/hp\\_1.htm#1](http://www.oed.pcn.net/hp_1.htm#1) Consultado em 17 de janeiro de 2018.

**MORIONES, Ildfonso** [1997] *El Carmelo Teresiano y sus Problemas de Memória Histórica*. Vitória, Ediciones El Carmen.

**MORIONES, Ildfonso** [1988] “Jerónimo Gracián: Religiosos maduro” in *Revista de Espiritualidad*, nº 47, pp. 703 – 711.

**MORIONES, Ildfonso** [1968] *Ana de Jesús y la Herencia Teresiana. Humanismo Cristiano o Rigor Primitivo?* Roma, Edizioni del Teresianum.

**MORUJÃO, Isabel** [2013] *Por Trás da Grade. Poesia Conventual Feminina em Portugal (séculos XVI - XVIII)*. Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

**MORUJÃO, Isabel** [2011] “Entre a Voz e o Silêncio: Literatura e Espiritualidade nos Mosteiros Femininos” in *Revista Rever*, nº 1 (Ano 11, Janeiro / Junho), pp. 35 – 54.

**MORUJÃO, Isabel** [2009a] “Sinais de Fogo. Entre a Voz e o Silêncio: Literatura e Espiritualidade nos Mosteiros Femininos” in *Mulher, Espírito e Norma, IV Encontro Cultural de S. Cristóvão de Lafões*. S. Cristóvão de Lafões, pp. 51 – 66.

**MORUJÃO, Isabel** [2009b] “Academias Literárias e Conventos Femininos: panorâmica e Close-up” in *Formas e Espaços de Sociabilidade: Contributo para uma História da Cultura em Portugal*. Lisboa, Universidade Aberta.

**MORUJÃO, Isabel** [2003a] “Entre duas memórias: Maria de San José (Salazar) (O.C.D.) fundadora do primeiro Carmelo descalço em Portugal “ in *Península, Revista de Estudos Ibéricos*, nº 0, pp. 241-260.

**MORUJÃO, Isabel** [2003b] “No Deserto Espiritual: entre a Cruz e a Grade” in *Revista Portuguesa de Psicanálise*, nº 24, pp. 49 – 73.

**MORUJÃO, Isabel** [2002] “Livros e leituras na clausura feminina de Setecentos” in *Revista da Faculdade de Letras. Línguas e Literaturas*, Serie 2, vol. 19, pp. 111-170.

**MORUJÃO, Isabel** [1995] *Contributo para uma bibliografia cronológica da literatura monástica feminina portuguesa dos séculos XVII e XVIII*. Lisboa, Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa.

**MURIEL TAPIA, María Cruz** [1991] *Antifeminismo y Subestimación de la Mujer en la Literatura Castellana*. Cáceres, Editorial Guadiloba.

**MURILLO AGÓS, J. Jesús** [1982] *La Comunidad en Teresa de Jesus. Introducción al estudio de la comunidad teresiana*. Burgos, Ediciones El Carmen.

**NAZARIO DE SANTA TERESA, Ruano** [1955] 2ª edición. *La Psicología de Santa Teresa: posturas, feminismo, elegância*. México, Ediciones Jus.

**NAUDÉ, Gabriel** [1644 / 2008 reprod.] *Advis pour Dresser une Bibliothèque*. Deuxième edition revre, corrigée et augmentée. Paris, chez Rolet Le Duc. Edição integral facsimilada.

**NAVARRO BONILLA, Diego** [2003] “Las huellas de la lectura: marcas y anotaciones manuscritas en impresos de los siglos XVI a XVIII” in **CASTILLO GÓMEZ, Antonio** (Dir.) *Libro y lectura en la Península Ibérica y América, siglos XIII a XVIII*. Valladolid, Consejería de Cultura y Turismo, pp. 127- 143.

**OLIVARES, Julián / BOYCE, Elizabeth** (Edit.) [2012] *Tras el Espejo de la Musa escribe: Lírica femenina de los Siglos de Oro*. Madrid, Siglo XXI / Akal.

**O’NEILL, Charles E. / DOMÍNGUEZ, Joaquín María** (Dir.) [2001] *Diccionario Histórico de la Compañía de Jesús. Biográfico – temático*. Roma, Institutum Historicum, S.I. / Madrid, Universidad Pontificia Comillas, 4 vol.

**OROZCO, Emilio** [1975] “La Literatura Religiosa y el Barroco” in *Manierismo y Barroco*. Madrid, Ediciones Cátedra.

**OROZCO, Emilio** [1959] “Poesía tradicional carmelitana” in *Poesía y Mística. Introducción a la Lírica de San Juan de la Cruz*. Madrid, Ediciones Guadarrama, pp. 113 – 170.

**PAIVA, José Pedro** [2014] (Coord.) *O Concílio de Trento em Portugal e nas suas Conquistas. Olhares Novos*. Lisboa, Centro de Estudos de História Religiosa, Universidade Católica Portuguesa.

**PAIVA, José Pedro** [2014] “A receção e aplicação do Concílio de Trento em Portugal: novos problemas, novas perspetivas” in **PAIVA, José Pedro** (Coord.) *O Concílio de Trento em Portugal e nas suas Conquistas. Olhares Novos*. Lisboa, Centro de Estudos de História Religiosa, Universidade Católica Portuguesa, pp. 13 – 40.

**PAIVA, José Pedro** [2000] “A Igreja e o poder” in: **AZEVEDO, Carlos Moreira**, (Dir.) [2000] *História Religiosa de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores.

**PALOMO, Federico** [2013] “Cultura Religiosa, Comunicación y Escrita en el Mundo Ibérico de la Edad Moderna” in **MARTÍN, Eliseo Serrano** (Coord.) *De la Tierra al Cielo. Líneas Recientes de Investigación en Historia Moderna*. Actas del I Encuentro de Jóvenes Investigadores en Historia Moderna. Zaragoza: Institución «Fernando el Católico».

**PALOMO, Federico** [1995] *A Contra Reforma em Portugal (1540 – 1700)*. Lisboa, Livros Horizonte.

**PASCUA SÁNCHEZ, María José de la** [2000 – 2001] “Escritura y Experiencia Femenina: la memoria de las descalzas en «El Libro de Recreaciones» de Sor María de San José” in *Trocadero, Revista de Historia Moderna y Contemporánea*, nº 12 – 13, pp. 295 – 313.

**PASCUAL ELIAS, Rafael** [2014] *María de San José (Salazar): heredera y transmisora del carisma teresiano*. Burgos, Ediciones Monte Carmelo.

**PEDRO HERRERA, María Josefa** [s /d] *Mujer «Sujeto» / Mujer «Objeto» en la Literatura Española del Siglo de Oro*. Málaga, Universidad de Málaga.

**PEERS, E. Allison** [1954] *Handbook to the life and times of St. Teresa and St. John of the Cross*. Westminster, Md.

**PEREIRA MARTINS, Henrique Manuel Lopes Escudeiro** [2014] *O Museu Nacional de Arte Antiga, o Edifício e a sua História: contributo para um projeto de comunicação*. Dissertação de Mestrado em Museologia apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

**PÉREZ GARCÍA, María de la Cruz** [2009] *María de San José, Salazar. La Humanista Colaboradora de Santa Teresa*. Burgos, Editorial Monte Carmelo.

**PÉREZ GARCÍA, Rafael Maurício** [2005] *Sociología y Lectura Espiritual en la Castilla del Renacimiento, 1470 – 1560*. Madrid, Fundación Universitaria Española.

**PETERSON, Herman A.** [2010] “The genesis of monastic libraries” in *Libraries and the cultural record*. Vol. 45, nº 3, p. 320-332.

**PETERSON, Robert T.** [1970] *The Art of Ecstasy: Teresa, Bernini and Graham*. London, Routledge & Kegan Paul Books.

**PIDAL, Ramón Menéndez** [1942] *La Lengua de Cristobal Colón. El Estilo de Santa Teresa y otros Estudios sobre el Siglo XVI*. Madrid, Espasa –Calpe, S. A., Colección Austral nº 280, Serie Verde.

**PIMENTEL, António Filipe** [1989] “Bibliotecas” in **PEREIRA, José Fernandes**, (Dir.) *Diccionario da Arte Barroca em Portugal*. Lisboa, Presença, p. 88-92.

**PINTO, Heitor** [1940] *Imagem da Vida Cristã*. Porto, Edições Sá da CoS.ta

**POLÓNIA, Amélia** [2014] “A Recepção do Concílio de Trento em Portugal” in **PAIVA, José Pedro** (Coord.) *O Concílio de Trento em Portugal e nas suas Conquistas. Olhares Novos*. Lisboa, Centro de Estudos de História Religiosa, Universidade Católica Portuguesa, pp. 41 – 58.

**POPE, Randolph D.** [1974] *La Autobiografía Española hasta Torres Villarroel*. Franckfurt, Peter Lang.

**POUTRIN, Isabel** [1987] “L´apprentissage de la sainteté dans l´Espagne Moderne” in *Mélanges de la Casa de Velázquez*, XXIII.

**PRIETO BERNABÉ, José Manuel** [1999] “Prácticas de la Lectura Erudita en los siglos XVI y XVII” in **CASTILLO GÓMEZ, Antonio** (Coord.) *Escribir y Leer en el Siglo de Cervantes*. Barcelona, Gedisa, pp. 313 – 343.

**PROSPERI, Adriano** [2001] *Il Concilio di Trento: una introduzione Storica*. Torino, Einaudi Edizioni.

**PROUST, Marcel** [1998] 2ª Edição. *Sobre a Leitura*. Lisboa, Editorial Vega, Coleção Passagens. Prefácio de José Augusto Morão.

**RENÉ DE NANTES** [1903] “Saint Pierre d’Alcantara et Sainte Thérèse” in *Revista Études franciscaines*, nº 10, pp. 162 – 168; 384 – 394.

**RIBEIRO, Fernanda** [2008] *Para o estudo do paradigma patrimonialista e custodial. A Inspeção das Bibliotecas e Arquivos e o contributo de António Ferrão (1887-1965)*. Porto, Edições Afrontamento.

**RIBERA, Francisco de** [1908] *Vida de Santa Teresa de Jesus*. Edición de Jaime Pons. Barcelona, Gustavo Gil, Imprenta Moderna de Guinart y Pujolar.

**RICARD, Robert** [1964b] “Aportaciones a la Historia del «exemplum» en la Literatura Religiosa Moderna” in *Estudios de Literatura Religiosa Española*. Madrid, Ediciones Gredos.

**RICARD, Robert** [1964a] *Estudios de Literatura Religiosa Española*. Madrid, Editorial Gredos. Traducción castellana de Manuel Muñoz Cortés.

**RISCO, Alberto** [s /d] “Una Opinión sobre los tres Confesores de Santa Teresa de Jesus (Cetina, Prádanos, B. Álvarez)” in *Boletín de la Real Academia de la Historia*, nº 5. Madrid, pp. 462 – 469.

**ROCHA, Ilídio** [1994] *Catálogo da livraria do convento da Arrábida e do acervo que lhe estava anexo*. Lisboa, Fundação Oriente.

**RODRIGUES, Graça Almeida** [1980] *Breve História da Censura Literária em Portugal*. Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa. Biblioteca Breve nº 54.

**RODRIGUES, María Idalina Resina** [1987] *Estudos Ibéricos. Da Cultura à Literatura. Séculos XIII a XVIII*. Lisboa, ICALP.

**RODRIGUEZ, María / PEREIRA, C.** [1976] *Frei Luís de Granada e a Literatura de Espiritualidade em Portugal (1554 – 1632)*. Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal, 2 vol.

**RODRIGUEZ, Otilio** [1979] “El Testamento Teresiano” in *Revista El Monte Carmelo*, nº 78, pp. 11 – 83.

**ROSA, Maria de Lurdes** [2000] “Hagiografia e santidade” in **AZEVEDO, Carlos Moreira** (Dir.) *Dicionário de história religiosa de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores, vol. II, pp. 326-361.

**ROSILLO LUQUE, Araceli** [2014] “La biblioteca antigua del Monasterio de Dominicas de Nuestra Señora del Angels i Santa Clara de Manresa (siglos XVII – XIX): notas para su estudio a partir del inventario” in **BARANDA LETÚRIO, Nieves / MARÍN PINA, María del Carmen** [2014] *Letras en la Celda. Cultura Escrita de los Conventos Femeninos en la España Moderna*. Madrid, Editorial Iberoamericana, pp. 237 – 252.

**ROYO MARIA, Antonio** [1990] *Los Grandes Maestros de la Vida Espiritual*. Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos BAC.

**RUSSELL, Peter** [1978] “El Concilio de Trento y la literatura profana” in *Temas de la Celestina y otros Estudios*. Barcelona, Ediciones Ariel, pp. 442 – 478.

**SÁ, Isabel dos Guimarães** [2011] “Os espaços de reclusão e a vida nas margens” in **MATTOSO, José** (Dir.) *História da vida privada. A Idade Moderna*. (Nuno Gonçalo Monteiro, Coord.). Lisboa, Círculo de Leitores, pp. 276-299.

**SACRAMENTO, Crisógono de Jesus** [1936] *Santa Teresa de Jesus: su vida y su doctrina*. Barcelona, Editorial Labor, S.A..

**SAGGI, Ludovico** [1972] *Santi del Carmelo*. Biografie da Vari Dizionari. Roma, Institutum Carmelitanum.

**SAGGI, Ludovico** [1965] “Santa Teresa, il prior generale Rossi e le cattive informazioni” in *Revista Carmelus*, nº 12, pp. 173 – 222.

**SAGGI, Ludovico** [1958] “La Mitigazione del 1432 della Regola carmelitana: tempo e persone” in *Revista Carmelus*, Nº 5, pp. 3 – 29.

**SAINZ RODRÍGUEZ, Pedro** [1984] *Introducción a la Historia de la Literatura Mística en España*. Madrid, Espasa – Calpe.

**SALDANHA, Sandra Costa** (Coord.) [2013] “As bibliotecas e o livro em instituições eclesiais” in *Actas do II e III Encontro Nacional*. Moscovide, Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja.



**SALVADOR MARQUES, Maria Adelaide** [1982] “Pombalismo e cultura média: meios para um diagnóstico através da Real Mesa Censória” in *Brotéria*, vol. 115, n.º 2, 3 e 4, p. 181-208.

**SÁNCHEZ LORA, José Luis** [1988] *Mujeres, Conventos y Formas de la Religiosidad Barroca*. Madrid, Fundación Universitaria Española.

**SÁNCHEZ ROMERALO, António** [1969] *El Villancico. Estudios sobre la Lírica Popular en los Siglos XV y XVI*. Madrid, Editorial Gredos.

**SÁNCHEZ SÁNCHEZ, Rosa Maria** [2020] “O espólio bibliográfico das Carmelitas Descalças de S.to Alberto (Século XVIII)” in *Lusitânia Sacra*, nº 41, janeiro- junho 2020, pp. 141 – 155.

**SAN JOSÉ, Fr. Luís de** [1965] *Concordancias de las Obras y Escritos de Santa Teresa de Jesus*. Burgos, Tipografía de la Editorial Monte Carmelo.

**SANTA TERESA DE JESUS** [1997] *El libro de la vida*. Edición de Dámaso Chicharro. Madrid, Ediciones Cátedra, Colección Letras Hispánicas, nº 98.

**SANTA TERESA DE JESUS** [1986] *Libro de la Vida*. Edición de Otger Steggink. Madrid, Editorial Castália. Colección Clásicos Castália, nº 154.

**SANTA TERESA DE JESUS** [1986] *Obras Completas*. Introducción y notas de Efrén de la Madre de Dios y Otger Steggink. Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos (BAC).

**SANTA TERESA DE JESUS** [1982] *Libro de la Vida*. Estudio preliminar, edición y notas de Guido Mancini. Colección Temas de España, nº 126. Madrid, Taurus Ediciones.

**SANTA TERESA DE JESUS** [1982] *Libro de la Vida*. Introducción, revisión del texto, notas e índices por José López Navarro. Madrid, Ediciones Rialp.

**SANTA TERESA DE JESUS** [1981] 3ª Edición. *Libro de la Vida*. Revisión textual, introducción y notas por el P. Enrique Llamas Martínez, (O.C.D.). Madrid, Editorial de Espiritualidad.

**SANTA TERESA DE JESUS**, [1986] 8ª edição *Obras Completas*. Transcripción, introducciones y notas de Efrén de la Madre de Dios y Otger Steggink. Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos (BAC).

**SANTA TERESA DE JESUS** [1974] 4ª edição. *Obras Completas*. Edición del P. Efrén de la Madre de Dios e Otger Steggink. Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos (BAC), 3 vol.

**SANTA TERESA DE JESUS** [1954] 5ª edición. *Obras Completas*. Edición y notas del P. Silverio de Santa Teresa. Burgos, Editorial de “El Monte Carmelo”.

**SANTA TERESA DE JESUS** [1915 - 1924] *Obras*. Edición del P. Silverio de Santa Teresa. Burgos, Ediciones El Monte Carmelo, 9 vol.

**SANTOS, Maria José Ferreira dos** [2015] *Marcas d'Água: séculos XIV – XIX*. Santa Maria da Feira, Tecnicelpa.

**SANTOS, Piedade Braga** [1983] *Actividade da Real Mesa Censória: uma sondagem*. Lisboa, Centro de História da Cultura da Universidade Nova.

**SANTOS, Zulmira** [2015] “Escrita conventual feminina: un arquipélago submerso. Apenas algumas notas” in **FONTES, João Luís / ANDRADE, Maria Filomena / MARQUES, Tiago Pires** (Coord.) *Vozes da Vida Religiosa Feminina. Experiências, Textualidades e Silêncios (séculos XV – XXI)*. Lisboa, Centro de Estudos de História Religiosa / Universidade Católica Portuguesa, pp. 23 – 29.

**SANZ VALDIVIESO, Rafael** [1996] *Vida y Escritos de San Pedro de Alcántara*. Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos BAC.

**SARAIVA, António José** [2000] *História da Cultura em Portugal*. Lisboa, Editorial Gradiva, 3 vol.

**SAURÍN DE LA IGLESIA, M. R.** [1984] “Una sociedad de bienaventurados. La utopia criatiana en tiempo de Santa Teresa” in **CRiado DEL VAL, M.** (Dir.) *Santa Teresa y la Literatura Mística Hispánica*. Madrid, Edi – 6, pp. 591 – 600.

**SEDEÑO RODRÍGUEZ, Francisco Javier** [2004] “El Epistolario Teresiano: para una hipótesis desde la intelectualidad” in *eHumanista*, vol. 4, pp. 158 – 193.

**SEGUNDO DE JESUS** [1962] “El Padre Gracián, maestro de oración y de vida interior” in *Revista de Espiritualidad*, vol. 21, nº 85, pp. 481- 505.

**SERAFIM, João Carlos Gonçalves** [2011] *Um Diálogo Epistolar: D. Vicente Nogueira e o Marquês de Niza (1615 – 1654)*. Porto CITCEM / Edições Afrontamento. Supervisão científica de José Adriano de Freitas Carvalho.

**SERANO PINA, Agustina** [2005] “La Racionalidad Apasionada. Acercamiento a la Relación Razón y Amor en la Obra «Camino de Perfección» de Santa Teresa de Ávila (1515 – 1582)” in *Teología y Vida*, vol. XLVI, pp. 439 – 483.

**SERRAI, Alfredo** [1997] *Storia della Bibliografia*. Roma, Bulzoni editore.

**SERRAI, Alfredo** [1977] *Le Classificazioni, idee e materiali per una teoria e per una historia*. Firenze, Edizioni Leon Olschki.

**SEVILLA, Florencio / ALVAR, Carlos** (Edit.), *Actas del XII Congreso de la Asociación Internacional de Hispanistas*. Madrid, AIH / Ediciones Castalia / Fundación Duques de Soria.

**SHERMAN, Alvin F.** [1996] “The Lover and the Captive: Sor Gregoria Francisca de Santa Teresa’s mystical search for the feminine self” in *El pajarillo, Diciocho*, nº 19, 2, pp. 191 – 201.

**SILVERIO DE SANTA TERESA** [1935-49] *Historia del Carmen Descalzo en España, Portugal y América*. Burgos, Ediciones Monte Carmelo.

**SEQUEIRA, Gustavo de Matos** [1981] *Lisboa Antiga: bairros orientais*. Por Júlio de Castilho, revista e anotada por Gustavo de Matos Sequeira. 4ª edição. Lisboa, Sociedade Tipográfica.

**SEQUEIRA, Gustavo de Matos** [1967] *Depois do Terramoto: subsidios para a história dos bairros occidentais de Lisboa*. Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa.

**SILVA BASTOS, José Timoteo da** [1983] 2ª edição. *História da Censura Intelectual em Portugal. Ensaio sobre a Compreensão do Pensamento Português*. Lisboa, Moraes Editora.

**SILVA DIAS, José Sebastião da** [2006] *Portugal e a Cultura Europeia (séculos XVI – XVIII)*. Porto, Campo das Letras, Editores, S.A. Coleção Cultura Portuguesa, 11.

**SILVA DIAS, José Sebastião da** [1960] *Correntes de Sentimento Religioso em Portugal (séculos XVI – XVIII)*. Coimbra, Universidade de Coimbra – Instituto de Estudos Filosóficos. Série de Cultura Portuguesa.

**SMET, Joaquim** [1991] *Los Carmelitas. Historia de la Orden del Carmen*, vol. II: “Las Reformas. En busca de Autenticidad (1563 – 1750)”. Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos BAC.

**SMET, Joaquim** [1991] *Los Carmelitas. Historia de la Orden del Carmen*, vol. III: “Las Reformas. Personas. Literatura, Arte (1563 – 1750)”. Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos BAC.

**SMET, Joaquin** [1972] “Carmelite Libraries of Spain and Portugal at the End of the Sixteenth Century” in *Carmelus*, nº 19, pp. 251 – 301.

**SOARES, Elisa Celeste Pires de Carvalho** [2007] *A publicidade na Gazeta de Lisboa: 1715-1760*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Vol. II, 2007. Disponível *online*: 22491\_ulfl062037\_tm\_vol\_2.pdf

**SPIAZZI, Raimondo** [1963] “Riforma Domenicana e Riforma Teresiana nel Secolo 16” in *Memorie Dominicane*, nº 80, pp. 152 – 170.

**STARING, Adrianus** [1959] *Der Karmelitengeneral Nikolaus Audet und die Katolische Reform des 16. Jahrhunderts*. Roma, Textus et Studia Carmelitana, vol. 3.

**STEGGINK, Otger** [1994] *La Reforma del Carmelo Español*. Ávila, Diputación Provincial de Ávila / Institución Gran Duque de Alba.

**STEGGINK, Ottger** [1982] “Santa Teresa, mujer y mística, ante la teología y los teólogos” in: *Revista Carmelus*, nº 29, pp. 111-129.

**STEGGINK, Ottger** [1974] *Experiencia y Realismo en Santa Teresa y San Juan de la Cruz*. Madrid, Editorial de Espiritualidad.

**STEGGINK, Ottger** [1965] *La Reforma del Carmelo Español: la visita conónica del General Rubeo y su encuentro con Santa Teresa (1566 – 1567)*. Roma, Institutum Carmelitanum.

**TAPIA, Serafín de** [2011] “La Sociedad Abulense del Siglo XVI” in **AA.VV. Burgos / Ávila** *Vivir en Ávila cuando Santa Teresa escribe El Libro de su Vida*. Ediciones Monte Carmelo / CITES.

**TODOROV, Tzvetlan** [1978] *Os Géneros do Discurso*. Lisboa, Edições 70.

**TORRES SÁNCHEZ, Concha** [1991] *La Clausura Femenina en la Salamanca del Siglo XVII. Dominicas y Carmelitas Descalzas*. Salamanca, Ediciones de la Universidad de Salamanca.

**URBANO, Luis D.** [1923 – 1924] *Las Analogías Predilectas de Santa Teresa*. CT, XXVIII, pp. 364 – 383; XXIX, pp. 350 – 370. *Sine loco*.

**URKIZA, Julen** [2009] “La «libertad de confesores»: una de las claves para el entendimiento de la Madre Teresa y de su herencia (en testimonios y vida de Ana de San Bartolomé)” in **ZUAZUA, Dámaso** (Dir.) *Historiografía del Carmelo Teresiano*. Roma, Institutum Historicum Teresianum.

**VÁSQUEZ CUESTA, Pilar** [1988] *A Língua e a Cultura Portuguesas no Tempo dos Filipes*. Mem Martins, Edições Europa – América.

**VICENTE RODRÍGUEZ, José** [2018] *María de San José (Salazar)*. Madrid, Ediciones San Pablo.

**VIGIL, Mariló** [1986] *La Vida de las Mujeres en los Siglos XVI y XVII*. Madrid, Siglo XXI de España Editores

**VILLANUEVA, Francisco Márquez** [1968] “Santa Teresa y el Linaje” in **VILLANUEVA, Francisco Márquez** [1968] *Espiritualidad y Literatura en el Siglo XVI*. Madrid, Ediciones Alfaguara. Colección Hombres, Hechos e Ideas, XVI.

**WERMERS, Manuel Maria** (O. Carm.) [1963] *A Ordem Carmelita e o Carmo em Portugal*. Lisboa, União Gráfica.

**WILKINSON, S.** (Ed.) [2010] *Iberian books. Books published in Spain or Portugal or on the Iberian Peninsula before 1601*. Leiden, Boston, Ed. Brill.

**YEPES, Diego de** [1887] *Vida de Santa Teresa de Jesus*. Barcelona, Biblioteca Clásica Española.



## **ANEXOS**





## **ANEXO 1**

**Descrição física do documento**

**Critérios de transcrição**

**Transcrição do Catálogo**



## Descrição física do documento.

O *Catálogo dos Livros que há no Convento das Religiosas Carmelitas Descalças de S. Alberto desta Cidade de Lisboa*, elaborado em 1769 – 1770, faz parte do acervo de manuscritos da Biblioteca Nacional de Portugal. O documento (Fig.4) consta de 24 fólios cosidos no seu lado esquerdo em três pontos equidistantes. O seu conteúdo ocupa apenas 46 das 48 páginas existentes, tendo ficado as duas últimas em branco. O Catálogo foi elaborado em páginas frente e verso, em fólio completo, o que não se verifica, por exemplo, no Catálogo do Convento das Carmelitas Descalças de São Filipe, que também foi elaborado em frente e verso, mas apenas preenchendo uma coluna vertical de meia página na respetiva margem esquerda, de modo a evitar sombras e transferências de tinta que tornariam ilegíveis ou de difícil leitura as informações nele contidas.

Os dois últimos fólios em branco permitem apreciar com bastante nitidez, embora algo esbatida em alguns momentos, a respetiva marca d'água do fabricante de papel (Fig. 2). Trata-se de uma figura pertencente à classe Céu-Terra-Água; subclasse Sol, Subgrupo Sol, disco com raios, sem rosto. No interior do disco, dividido em quartos, aparecem as letras D, b, Z, A. O símbolo está encimado pelas iniciais BB, que correspondem, provavelmente, às iniciais do nome do fabricante de papel. Não fazendo parte das marcas d'água portuguesas registadas por Maria José Ferreira dos Santos<sup>446</sup>, baseados nas indicações que a própria autora aponta, poderemos estar em condições de admitir tratar-se de papel fabricado na Itália, o maior fornecedor de Portugal, na época.

De forma geral, o documento encontra-se em excelente estado de conservação. Apresenta um desgaste geral em todos os extremos dos fólios, com especial incidência no canto inferior direito, indício de um certo grau de manipulação, o que poderia confirmar a hipótese de Fernanda Campos quando afirma tratar-se de uma cópia do Catálogo que foi remetido à Real Mesa Censória.

A caligrafia é bastante cuidada, não apresentando grandes dificuldades na leitura e dispensando qualquer recurso à paleografia. O único problema de ilegibilidade que apresentou deriva do excesso de tinta em algumas palavras, com o conseguinte esbatimento das letras, o que tornou ilegível apenas uma abreviatura no *corpus* total do texto. As sombras de tinta no verso das respetivas páginas também não constituíram dificuldade acrescida, embora em alguns momentos

---

<sup>446</sup> SANTOS, Maria José Ferreira dos, 2015, *Marcas d'Água: séculos XIV – XIX*. Santa Maria da Feira, Tecnicelipa.

tenha sido necessário utilizar algumas das ferramentas digitais disponíveis no Word (zoom, luminosidade, cor e/ou resolução), de modo a confirmar, ou não, a leitura feita inicialmente.

4<sup>a</sup> 55  
B.4, 63

Mss. 2  
n.º 3

Caixa 2  
140 24

1109  
CA, 1, 24

1

~~345-11~~

Catálogo dos Livros que há no Convento das Religiosas Carmelitas Descalças de St. Alberto desta cid.ª de Lisboa.



A.



Livros de Theologia em quatro.

- Anno Veruziano, por Fr. Antonio de St. Joaquin Carmelita Descalça. 1. tom. Madrid. an. 1735.
- Anno Espirituales de St. Corona de Jesus Comendador por Alonso de Andrade. 1. tom. Barcelona. an. 1677.
- St. Antonio de Rozario. Festa Mystica. 1. tom. Lisboa. an. 1691.
- Abiol = St. Antonio de Abiol. Doze parvos Mysticos. 2. tom. Madrid. an. 1727. impregnao 4.ª
- Ormesmo = Religioza instruida = 1. tom. Madrid. an. 1727.
- St. Antonio de St. Elizabeth. Sermons. 2. tom. Lisboa. an. 1735.
- Anno Virgines. por D. Estuao Does de Castillas. 2. tom. Madrid. an. 1742.
- Antorcha Espiritual por Jose de W. Helen. 1. tom. Madrid. an. 1673.
- Avila = Off.º Joas de Avila = as suas obras 1. tom. Madrid. an. 1516.
- Ormesmo: Egittalaris Espiritual. 1. tom. Madrid. an. 1518.
- Avila = O.º Juliao de Avila = Tratado das muitas Lenguas do Mundo, Carne, y Diabolo 1. tom. Lisboa. an. 1589.

Agre.

Fig. 4 – Catálogo de Sto. Alberto. BNP: Mss, 2, nº 3.



## 5. Critérios de transcrição.

A informação contida em cada entrada foi transcrita numa única linha ou em duas, quando a sua extensão assim o justifica.

Nas entradas múltiplas utilizamos uma linha para cada título/ edição.

As entradas do Catálogo foram complementadas com numeração artificial, de modo a facilitar a sua localização e posterior referência.

O reclamo<sup>447</sup> é indicado junto ao número artificial correspondente à primeira entrada da nova página / fólio.

As palavras incompletas ou mal escritas foram completadas corretamente entre parênteses retos.

No caso das abreviaturas, decidimos escrever por extenso aquelas que são menos frequentes ou já caíram em desuso, mantendo outras como S.to ou S.ta, por serem do conhecimento geral e ainda utilizadas na atualidade.

As abreviaturas alusivas ao ano de impressão (na.) e aos tomos (tom.) foram mantidas.

Em casos como Espírito Santo (E.S.) ou Nossa Senhora (N.S.), escrevemos sempre por extenso, sem parênteses retos, quando faz parte do título da obra referenciada, evitando possíveis confusões com o nome dos respetivos autores que, em muitos casos, tratando-se de religiosos, ostentam estes vocábulos nos respetivos nomes de profissão.

Nos casos comprovados de falta de exatidão na data de impressão, optamos por indicar o ano correto entre parênteses retos, a seguir à data referida no documento.

Quando se trata de uma edição *princeps*, colocamos um asterisco junto à data de impressão.

De modo a evitar um eventual excesso de notas de rodapé no anexo da transcrição, as informações adicionais julgadas necessárias indicar-se-ão no final da respetiva entrada, em itálico e entre parênteses retos.

---

<sup>447</sup> Reclamo: indicação, no canto inferior externo, do início da palavra que se segue na página seguinte. «Esta prática, inicialmente pensada para permitir ordenar os cadernos que compunham um livro, colocando-se a primeira palavra do caderno seguinte no final do anterior, cedo passou a ser aplicada a todos os fólhos, pois não era útil apenas para garantir a sua ordenação correta mas constituía também um auxiliar importante para o leitor que, ao mudar de folha, sabia de antemão a palavra que ia encontrar». Citado in MORUJÃO, 2014; 62.

Decidimos regularizar o uso de maiúsculas e minúsculas, assim como a acentuação, em conformidade com as atuais regras ortográficas.

Nos dois casos em que as palavras são ilegíveis, indicamos entre parênteses retos [ilegível].

Todas as palavras que aparecem unidas, como se se tratasse de uma palavra só, foram transcritas separadamente, de modo a facilitar a sua leitura.

Os títulos das obras são transcritos em itálico.

Foram suprimidos todos os pontos e vírgulas que aparecem junto das letras maiúsculas da ordem alfabética, depois do nome das áreas temáticas e depois da indicação do número de tomos.



## Catalogo dos livros que há no Convento das Religiozas Carmelitas Descalças de S. Alberto desta cidade de Lisboa

### A

#### Livros de Theologia em quarto

[1] Fólio 1, frente

*Anno Tereziano* por Fr. António de São Joaquim Carmelita Descalço. 1 tom. Madrid. an. 1735.

[2] *Avizos Espirituaes de S. Tereza de Jesus* Comentados por Alonso de Andrade. 1 tom. Barcelona. an. 1644.

[3] Fr. António do Rozario. *Feyra Mystica*. 1 tom. Lisboa. an. 1691.

[4] Arbiol = Fr. António de Arbiol. *Dezenganos Mysticos*. 2 tom. Madrid. an. 1724. Impressão 4ª.

[5] O Mesmo = *Religioza instruída* = 1 tom. Madrid. an. 1724\*

[6] Fr. António de Santo Elizeu: *Sermoens*. 2 tom. Lisboa. an. 1735\*.

[7] *Anno Virgineo*: por D. Estevão Does de Castillar: 2 tom. Madrid. an. 1742.

[8] *Antorcha Espiritual* por Joze de Villalva. 1 tom. Madrid. an. 1673\*.

[9] Avila = O Mestre João de Ávila = *as suas obras* 1 tom. Madrid. an. 1516.

[10] O mesmo = *Epistolario Espiritual*. 1 tom. Madrid. an. 1518.

[11] Avila = o P. Juliaõ de Avila = *Tratado de las malas Lenguages del Mundo, Carne, y Diablo* 1 tom. Lisboa. an. 1589.

[12] Fólio 1, verso / Agre-

Agreda = Soror María de Jezus [Jesus] de Ágreda = *Altisimos documentos, e exercicios para la buena muerte*. 1 tom. Valencia. an. 1713.

### **Livros de Theologia em Oitavo**

[13] S. Agostinho: *Sus Confesiones*, traduzidas em Castellano por Fr. Sebastião Toscano 1 tom. Colonia. an. 1556.

O mesmo traduzido pelo P. Pedro de Riba da Neyra. 1 tom. Madrid. an. 1628.

[14] *Arte para Servir a Deus* por Fr. Alonso de Madrid 1 tom. Sevilla. an. 1587.

O mesmo. Barcelona. an. 1625.

[15] Ahumada = D. Agustin de Ahumada y Ribas = *Breve modo para desponer las horas del dia, y de la noche*. 1 tom. Lisboa. an. 1727.

[16] Azevedo = Braz de Azevedo = *Luz para visitar as Estações da via Sacra*. 1 tom. Lisboa. an. 1673.

[17] Arias = Francisco de Arias = *Tratado do Rozario*. 1 tom. Lisboa. an. 1624.

[18] Fr. Andre de Santa Tereza: *Oração Panegírica a la Concepción Pura de María Santissima* Madrid. an. 1686.

[19] Abeu = Braz de Abreu [tradutor] = *Estações da via Sacra* 1 tom. Lisboa. an. 1681.

### **Anónimos**

[20] *Amor Sagrado*. 1 tom. Evora. an. 1673\*. [Autor . Luís Álvarez, S.J.]

[21] Fólio 2, frente / Arv.

*Arvore da vida, a Santissima Cruz*. 1 tom. Lisboa. Anno. 1740.

[22] *Avizos para la muerte*. 1 tom. Lisboa. an. 1659. Edição 2ª

[23] *Affectos pios expressados em varias Novenas*. 1 tom. Lisboa. an. 1754\*.

### **Livro de Direito em folha**

[24] *Allegação pratica, e jurídica Sobre a posse e successão da Caza da Feyra*. 1 tom. Lisboa. an. 1720.

### **Livros de História em folha**

[25] *Agiologio Dominicano* por Fr. Manoel de Lima [tradutor]. 4 tom. Lisboa. an. 1730

### **Livros de História em quarto**

[26] Almeyda = Dorotheo de Almeyda = *Elogio da Baroneza D. Anna Xavier de Assis, e Mascaranhas*. 1 tom. Lisboa. an. 1758\*.

### **Livros de Bellas Letras em quarto**

[27] Aguirre = Antonio Mathias de Aguirre = *Consolacion de pobres, remedio de ricos*, 1 tom. Huesca. an. 1664\*.

[28] Ayres = Mathias Ayres = *Reflexões sobre a vaidade dos Homens*. 1 tom. Lisboa. an. 1752\*.

[29] Fólio 2, verso / In

Araujo = João Ferreira de Araújo = *Sentimentos Metricos, pela morte da Serenissima Infanta D. Francisca*. 1 tom. Lisboa. an. 1734.

### **Livros de Bellas Letras em oitavo**

[30] Azevedo = P. Pedro de Azevedo = *Recreación del Alma*. 1 tom. Sevilla an. 1574.

## **B**

### **Livros de Theologia em quarto**

[31] S. Boaventura: *Estimolo de Amor*. 1 tom. Não Consta da impressão nem da era.

[32] Bernardes = P. Manoel Bernardes = *Sermoens* 1 tom. Lisboa. an. 1710.

[33] O mesmo, *Luz e Calor*. 1 tom. Lisboa. an. 1696\*.

[34] O mesmo: *Exercicios Espirituas, e Meditacoens* 1 tom. Lisboa. an. 1760.

[35] Belem = Fr. Jeronimo de Belem = *Cruz Serafica*. 1 tom. Lisboa. an. 1740.

[36] [llegível = Divus] Bonaventura: *Piissima erga Dei Genetricem devotio*. 1 tom. Lisboa. an. 1620.

### **Livros de Theologia em oitavo**

[37] *Biblia Sacra*. 4 tom. Lugduni. an. 1742.

- [38] [Illegível = Divus] Bonaventura: *Psalterium B. M. Virg.* 1 tom. Lisboa. Não consta do anno.
- [39] Fólio 3, frente / D.Fr.
- D. Fr. Bartholomeu dos Mártires: *Compendio de Espiritual doutrina.* 1 tom. Lisboa. an. 1753.
- [40] Fr. Bernardo de S. Miguel: *Espelho de Oração.* 1 tom. Lisboa. an. 1688.
- [41] D. Fr. Bartholomeu dos Mártires: *Modo de Rezar o Rozario.* 1 tom. Lisboa. an. 1751.
- [42] Barreto = P. Constantino Barreto = *Exercícios espirituaes de S. Ignacio.* 1 tom. Lisboa. an. 1726.
- [43] Bremudes = Francisco Bremudes de Castro = *Meditações de S Brizida.* 1 tom. Lisboa. an. 1662.
- [44] Bellarmino = Cardeal Roberto Bellarmino = *Declaração do Símbolo*, traduzido em Português por Amaro Roboredo. 1 tom. Lisboa. an. 1614.
- [45] O mesmo: *Declaração Copioza da Doutrina Christam*, traduzido por Luiz de Vera. 1 tom. Lisboa. an. 1631.
- [46] Bremudes = Francisco Bremudes de Castro = *Tratado do Santíssimo Sacramento do Altar.* 1 tom. Lisboa. an. 1652.
- [47] Belem = Fr. Jeronimo de Belem = *Coração de Jezus Communicado aos Corações dos fieis.* 1 tom. Lisboa. an. 1731.
- [48] Bernardes = P. Manoel Bernardes = *Direcção para os nove dias de exercícios espirituaes.* 1 tom. Lisboa. an. 1725\*.
- [49] O mesmo: *Meditações dos principaes Misterios de Nossa Senhora* 1 tom. Lisboa. an. 1706\*.
- [50] O mesmo. *Estudo do Amor Divino:* 1 tom. Lisboa. an. 1758. Edição 3ª.

### **Anónimos**

- [51] Fólio 3, verso / Ano
- S. Bento: *vizita que este S. Patriarca Costuma fazer aos seus devotos.* 1 tom. Lisboa. Naó tem era.
- [52] *Banquete espiritual a favor das Almas do Purgatorio.* 1 tom. Lisboa. an. 1747.

### **Livros de História em quarto**

- [53] Barboza = D. Joze Barboza = *História da Fundação do Mosteyro do Cruzifixo.* 1 tomo. Lisboa. an. 1748.

[54] Baptista = Soror Maria Baptista = *Fundação do Mosteyro do Salvador da cidade de Lisboa*. 1 tom. Lisboa. an. 1618<sup>448</sup>.

#### **Livro de Bellas Letras em oitavo**

[55] Bracman = Fr. Andres Bracman – *Compendio del dezeozo*. 1 tom. Lisboa. an. 1718.

## C

#### **Livros de Theologia em folha**

[56] *Carta Pastoral de Fr. Fernando de São João Baptista da Ordem dos Carmelitas Descalços aos Religiozos da mesma ordem*. 1 tom. Madrid. an. 1737\*.

[57] *Cadena Mystica Carmelitana*, por Fr. Joze do Espirito Santo. 1 tom. Madrid. an. 1678\*.

#### **Livros de Theologia em quarto**

[58] Fólio 4, frente / Li-

*Carta Pastoral de Fr. Antonio da Assumpção Carmelita Descalço, aos Religiozos da mesma ordem*. 1 tom. Madrid. an. 1731\*.

[59] *Carta Pastoral de Fr. Alonso da Madre de Dios Carmelita Descalço aos Religiozos da mesma ordem*. 1 tom. Madrid. Naó tem an.

[60] Chagas = Fr. António das Chagas = *as suas obras Espirituaes e Cartas*. 3 tom. Lisboa. an. 1697.

[61] Castillo = Fr. Antonio de Castillo = *o Devoto Peregrino*. 1 tom. Madrid. an. 1655.

[62] Cardona = Balthazar Bosch Centellas e Cardona = *Grinalda Mystica*. 2 tom. Madrid. an. 1724\*.

[63] *Carta Pastoral de Fr. João da Conceição Carmelita Descalço aos Religiosos da mesma ordem*. 1 tom. Naó tem lugar de impressaó.

[64] *Concilheiro fiel*, por Fr. Manoel Guilherme 2 tom. Lisboa. an. 1726.

[65] *Cartas Directivas* do mesmo. 1 tom. Lisboa. Anno. 1727.

---

<sup>448</sup> 1ª edição em 1618, in-8º. Lisboa, na oficina de Pedro Craesbeek

[66] *Carta Pastoral* por Fr. Paulo da Conceição aos Religiosos Carmelitas Descalços. 1 tom. Madrid. an. 1726\*.

[67] Croyset = P. Joáo Croyset. *Epítome Mariano*, que das obras do mesmo P. deduzio, e traduzio D. Magdalena de Alencastro. 1 tom. Lisboa. an. 1760.

[68] *Carta Pastoral* de Fr. Sebastião da Conceição Carmelita Descalço aos Religiosos da mesma ordem. 1 tom. Madrid. an. 1713.

[69] Camera = Fr. Jozé da Camera = *Arte de perfeição Christam*. 1 tom. Lisboa. an. 1739\*.

[70] Fólio 4, verso / Croy-

Croyset = P. João Croyset = *Devocion al Sagrado Coracion de Jezus* traduzido por el P. Pedro Peñalosa. 1 tom. Barcelona. an. 1641. Impressão 5ª.

[71] *Carta Pastoral* do P. Fr. João do Espírito Sancto Carmelita Descalço aos Religiosos da mesma ordem. 1 tom. Toledo. an. 1627.

[72] Canto = Jacome Carvalho do Canto = *Manual de Oração*. 1 tom. Lisboa. an. 1663.

[73] Carvalho = P. Jozé de Carvalho = *Devotas Consideraçoens sobre os principaes motivos da pena, e dor de Maria Santíssima*. 1 tom. Lisboa. an. 1739.

[74] *Coroa triplicada* por Fr. Luiz Cezar. 1 tom. Lisboa. an. 1710.

[75] *Combate Espiritual* por D. Lourenço Scupoli, traduzido por D. Camillo S. Severino. 1 tom. Pariz. an. 1666\*. Outro em Lisboa. an. 1674. Outro traduzido por D. Tomaz Bochman Lisboa. an 1707.

[76] *Catholico no Templo*, por Fr. Manoel de Deus. 1 tom. Lisboa. an. 1730.

[77] Conciência = P. Manoel Conciência = *Obzequios a S. Joze*. 1 tom. Lisboa. an 1717.

[78] O mesmo *Coroa Angelica*. 1 tom. Lisboa. an 1731.

[79] O mesmo *Obzequios a Maria Santíssima*. 1 tom. Lisboa. an. 1732.

[80] *Carta Pastoral* de Fr. Matheus de Santa María Carmelita Descalço aos Religiosos da mesma Ordem. 1 tom. Madrid. an. 1744.

[81] Colares = P. Nicolaó Fernandes Colares= *Cabo da Enganoza Esperança* 2 tom. Lisboa. an. 1719\*.

### **Livros de Theologia em oitavo**

[82] Fólio 5, frente / The

*Carta Pastoral* de Fr. Alonso de Jezus Maria Carmelita Decalço aos Religiosos da mesma ordem. 1 tom. Madrid. an. 1612.

- [83] Outra as Religiozas da mesma ordem. 1 tom. Alcalá. an. 1621.
- [84] *Caminhante Christão* por Fr. Agostinho de Santa. Maria. 1 tom. Naó tem lugar de impressáo nem era.
- [85] Crosco = Alonso Crosco [Alonso de Orozco] = *Arte de amar a Dios, y al proximo*. 1 tom. Alcalá. an. 1585.
- [86] Chagas = Fr. António das Chagas = *Lagrimas, e Faiscas do Amor Divino*. 1 tom. Lisboa. an. 1683\*.
- [87] O mesmo: *Espelho em que deve verse, e comporse a Alma*. 1 tom. Lisboa. an. 1733.
- [88] *Combate Espiritual* por Caetano Alberto. 1 tom. Lisboa. an. 1738.
- [89] Cezilia de São Francisco. *Devoção ao Santíssimo Nome de Maria*. 1 tom. Lisboa. an. 1748\*.
- [90] Castro = P. Estevão de Castro = *Breve aparelho, e modo facil para ajudar a bem morrer*. 1 tom. Lisboa. an. 1627.
- [91] *Carta Pastoral de Fr. Estevão de São Joze Carmelita Descalço aos Religiozos da mesma ordem*. 1. tom. Madrid. an. 1634.
- [92] S. Carlos Borromeu: *Testamento da Alma* traduzido pelo P. António Luíz Coitinho. 1 tom. Lisboa. an. 1731.
- [93] Castro = P. Francisco de Castro = *Christiana Reformacion*. 1 tom. Lisboa. an. 1656. E no de 1666.
- [94] Cantero = Fr. Thomaz Cantéro = *Hymno de la Gloria de Dios*. 1 tom. Madrid. an. 1721.
- [95] Fólio 5, verso / Com-  
*Contemptus Mundi*, por Thomaz de Kempis traduzido por Fr. Luiz de Granada. 1 tom. Lisboa. an. 1629; e no de 1623; e no de 1649; e no de 1631; e no de 1739; e no de 1743.
- [96] Calataud = P. Pedro Calataud = *Pratica de la vida dulce y racional del Christiano*. 1 tom. Coimbra. an. 1743. Impressáo 4ª.
- [97] *Corte Celeste*, por Antonio Marques Gómez. 1 tom. Lisboa. an. 1757.
- [98] Carneiro = P. António Carneiro = *Meditações para as Domingas do anno*. 1 tom. Lisboa. anno. 1725\*.
- [99] Cardoso = João Cardozo da Costa = *Clamor do Arrependimento*. 1 tom. Lisboa. an. 1742\*.
- [100] Conciência = P. Manuel consciência = *Obzequios de Maria Santíssima*. 1 tom. Lisboa. an. 1746.
- [101] O mesmo: *Obzequios de S. Jozé*. 1 tom. Lisboa. an. 1760.

- [102] O mesmo: *Exercício Afectuozo em Obzequio de ChriS.to* 1. tom. Lisboa. an. 1730.
- [103] O mesmo: *Aljava de Sagradas Settas*. 1 tom. Lisboa. an. 1745.
- [104] *Clamores feitos ao Ceo*, por Fr. Miguel das Almas 1 tom. Lisboa. an. 1755\*.
- [105] *Corte Santa*, pelo P. Nicolaó Causino. 1 tom. Lisboa. an. 1652.
- [106] Calataud = P. Pedro Calataud = *Incendios de Amor Sagrado*. 1 tom. Coimbra. an. 1744.
- [107] *Carta Pastoral*, de Fr. Paulo da conceição Carmelita Descalço aos Religiozos da mesma ordem. 1 tom. Madrid. an. 1726\*.

### **Anónimos**

- [108] *Cartilla para lerem Christo*. 1 tom. Lisboa. an. 1638.
- [109] Fólio 6, frente / Carta  
*Carta, y Colloquio interior de Christo, al Anima devota*. 1 tom. Alcalá. an. 1609. [Autor: Juan Justo Lanspergio]
- [110] *Cuida-o bem, com a filosofia do verdadeiro Christão, e hum exercicio quotodiano*. 1 tom. Evora. an. 1674.
- [111] *Coroa Mariana, Como se Reza, e contempla*. 1 tom. Lisboa. an. 1752.
- [112] *Circolo de todos os mezes: particular devoção a N. S<sup>ra</sup>*. 1 tom. Lisboa. an. 1736. E no de 1745. E no de 1741.

### **Livros de História em folha**

- [113] *Chronica dos Carmelitas Descalços de Portugal* por Fr. Belchior de S. Anna da mesma ordem. 1.tom. Lisboa. an. 1667.
- [114] Outro por Fr. João do Sacramento. Lisboa. an. 1719.
- [115] Outro por Fr. Jozé de Jezus Maria. Lisboa. an. 1752.
- [116] *Chronica Geral dos Carmelitas Descalços* por Fr. Francisco de S. Maria da mesma ordem 2 tom. Madrid. an. 1629.
- [117] Outros dois tomos por Fr. Joze de Santa Tereza. Madrid. an. 1689.
- [118] *Chronica da Religião de S. Domingos particular deste Reyno*, por Luiz de Soiza. 1 tom. Lisboa. an. 1662.
- [119] *Chronica dos Religiosos Menores* por Fr. Luiz dos Anjos. 1 tom. Lisboa. an. 1710.



[120] *Compendio das Chronicas de N. S<sup>a</sup>. Do Carmo*, por Fr. Simão Coelho. 1 tom. Lisboa. an. 1572\*.

#### **Livros de História em quarto**

[121] Fólio 6, verso / Carri-

Carrillo = Fr. Juan de Carrillo = *Relacion Historica de la Real Fundacion de las Descalças de Madrid*. 1 tom. Madrid. an. 1616. \*

[122] Coimbra = Manoel de Coimbra [Tradutor] = *Historia dos Milagres da Sagrada Imagem de Nossa Sra. do Monte Agudo*. 1 tom. Lisboa. an. 1604.

[123] *Conquistas na India en Apostolicas Misiones* pelo P. Joze Krening. 1 tom. Lisboa. an. 1750.

[124] Cartagena = Fr. Joaó de Cartagena = *Tratado de la antiguidad de la Orden de Nuestra Señora del Carmen* traduzido por Fr. Jerónimo Pancorvo. 1 tom. Sevilla. an. 1622.

#### **Livro de História em oitavo.**

[125] Cruz = Fr. Manoel da Cruz = *Tratado de quão proveitosos são na India os PP. Carmelitas Descalços ao Serviço de Deus e de El Rey*. 1 tom. Lisboa. an. 1639.

#### **Livros de Bellas Letras em quarto**

[126] *Canonização de S. Andre Corsino: Festas que nella se fizerão no Convento do Carmo de Lisboa*; por Fr. Manoel das Chagas. 1 tom. Lisboa. an. 1632\*.

[127] Caldeyron = D. Pedro Calderon = *Actos Sacramentales*. 1 tom. Madrid. an. 1670.

[128] Conciência = P. Manoel Conciencia = *Velhice instruída, e destruída*. 1 tom. Lisboa. an. 1742\*.

## **D**

#### **Livros de Theologia em quarto**

[129] Fólio 7, frente / D.

*David. Penitente*, por Christoval Lozano: 1 tom. Madrid. an. 1667.

[130] *David Perseguido* por Christoval Lozano: 2 tom. Madrid. an. 1669.

[131] *El Higo de David mas perseguido*. 2 tom. Madrid. an. 1761. [Cristobal Lozano]

[132] *Despertador Christiano*, por D. Joze de Barzia. 2 tom. Granada. an. 1680.

[133] *Descuidado Combatido* por Fr. Manoel da conceição 1 tom. Lisboa. an. 1740\*.

### **Livros de Theologia em oitavo**

[134] *Doutrina Christam* pelo P. Marcos Jorge, acrescentada pelo P. Ignacio Martin. 1 tom. Coimbra. an. 1624.

[135] *Delicias da Alma Afectuoza*, por Victorino Jozé. 1 tom. Lisboa. an. 1740.

[136] Fr. Domingos de São Francisco: *Avizos importantes para a confissão ser bem feita*. 1 tom. Lisboa. an. 1702.

### **Anónimos**

[137] *El Dezeozo y por outro Nombre Espejo de Religiozas*. 1 tom. Lisboa. an. 1588\*.

[138] *Devoção que a Virgem Maria Senhora Nossa ensinou a seu devoto S. Thomaz de Cantuaria*. 1 tom. Lisboa. an. 1753.

[139] Fólio 7, verso / Devo-

*Devoçáo a S. Judas Thadeo, e a S. Dimaz*. 1 tom. Lisboa. Não tem era.

[140] *Devoçáo a S.ta Maria Magdalena*. 1 tom. Lisboa. Não tem era.

## **E**

### **Livros de Theologia em quarto**

[141] *Excelências da Misericórdia, e frutos da Esmola* por Fr. Luiz da Apresentação 1 tom. Lisboa. an. 1625.

[142] *Estações da V[irgem] Madre Maria de la Antigua*, por Fr. Manoel dos Anjos. 1 tom. Lisboa. an. 1713.

### **Livros de Theologia em oitavo**

[143] Esteves = P. Antonio Esteves = *Metodo pratico da oraçáo mental*. 1 tom. Lisboa. an. 1761.

- [144] Espínola = P. Fabio Ambrozio Espinola = *Meditações*. 1 tom. Lisboa. an. 1661.
- [145] *Escravidão e filial integra a Maria Santíssima* pelo P. Francisco Xavier. 1 tom. Lisboa. an. 1715.
- [146] Espínola = Fr. Fedrique Espínola = *Directorio de Religiozas*. 1 tom. Lisboa. an. 1666.
- [147] *Escola Angélica*, por Fernando Pereyra. 1 tom. Coimbra. an. 1749.
- [148] *Escola de Oração* por Fr. João de Jezus Maria. 1 tom. Lisboa. an. 1616.
- [149] *Escada Mystica de Jacob*, por Paulo Cardozo. 1 tom. Lisboa. an. 1721\*.
- [150] Fólio 8, frente / Esti-  
*Estimulos do Amor Divino*, por Theodozio Manoel de Lima. 1 tom. Lisboa. an. 1763

### Anónimos

- [151] *Exercicio de grande merecimento, e pacto, que com Deus se há de fazer*. 1 tom. Lisboa. an. 1716. [Autor: Filipe Rovenio; tradutor: Fr. João da Soledade]
- [152] *Exercicio particular para os Filhos, e Devotos da Senhora Do Carmo*. 1 tom. Lisboa. an. 1752.
- [153] *Exercicio utilíssimo para todo o Christão*. 1 tom. Lisboa. an. 1679.
- [154] *Exercicio Santo para todos os dias da Semana*. 1 tom. Lisboa. Não tem era.

## F

### Livros de Theologia em quarto

- [155] Francisco Xavier: *Sermoens*. 2 tom. Lisboa. an. 1751
- [156] S. Francisco de Sales, *Introdução a vida devota*. 1 tom. Lisboa. an. 1734.
- [157] Franco = Fr. João Franco = *Mestre da vida*. 1 tom. Lisboa. an. 1759.
- [158] O mesmo; *Mestre da virtude*. 1 tom. Lisboa an. 1755.
- [159] Froes = Luiz Botelho Froes de Figueiredo = *Modo efficacíssimo de orar, para conseguir a poderosa protecção das onze mil virgens*. 1 tom. Lisboa. an. 1745.

## **Livros de Theologia em oitavo**

[160] Fólio 8, verso / Li-

S. Francisco de Sales, *Introdución a la vida devota*. 1 tom. Pariz. an. 1713.

[161] Fr. Felipe da Luz: *Tractado do dezejo que huma Alma teve de hir viver ao dezerto para servir a Deus* 1 tom. Lisboa. an. 1631.

[162] Fr. Francisco da Anunciação: *Meditaçõens, e oraçoens de S. Brizida*. 1 tom. Lisboa. an. 1660.

[163] Falconi = Fr. Francisco Falconi = *Rozario do Santíssimo Sacramento*. 1 tom. Lisboa. an. 1662\*.

[164] S. Francisco de Sales: *Directorio de Religiozas* 1 tom. Saragoça. an. 1666.

[165] Freyre = P. Joze Freyre = *Tractado do Santíssimo Sacramento* 1 tom. Lisboa. an. 1630.

[166] Fermo = D. Serafino de Fermo = *Sus obras espirituales*, traduzidas por Bonaventura de Morales. 1 tom. Ambers. an. 1656.

[167] Ferreira = António Simõens Ferreira = *Doutrinas Celestiaes dadas pela virgem Nossa Senhora* 1 tom. Coimbra. an. 1733.

[168] Fr. Francisco Xavier: *Sermão de S. Manoel*. 1 [tom] Lisboa. an. 1763.

[169] Fr. Francisco Xavier do Serafins: *Elogio as Chagas de S. Francisco*. 1 tom. Lisboa. an. 1745.

[170] D. Fernando da Cruz: *Despertador do Amor Divino*. 1 tom. Lisboa. an. 1695\*.

[171] O mesmo: *Joia Riquissima de Coracoens limpos*. 1 tom. Lisboa. an. 1724.

[172] O mesmo: *Divina Filomena a Christo Crucificado*. 1 tom. Lisboa. an. 1713.

[173] Fr. Feliciano da Conceição: *Oração Panegírica a S. João Baptista*. Coimbra. an. 1746.

[174] Fólio 9, frente / Figuey-

Figueira = Gaspar de la Figueyra = *Summa espiritual*. 1 tom. Madrid. an. 1642.

[175] Falconi = Fr. João Falconi = *El pan necessario de cada dia*. 1 tom. Madrid. an. 1657.

## **Anónimos**

[176] S. Felipe Nere: *Preparação para a sua feS.ta* 1 tom. Lisboa. an. 1739.

[177] S. Francisco Xavier: *Devoção das Suas Sestas feiras* 1 tom. Lisboa. an. 1660.

[178] S. Felipe Nere: *Seus Dictames, e Documentos Espirituaes, e Moraes*. 1 tom. Coimbra. an. 1759.

#### **Livros de História em folha**

[179] *Flores del Carmelo*, por Fr. Jozé de Santa Teresa. 1 tom. Madrid. an. 1638.

[180] *Flos Sanctorum*, pelo P. Pedro de Riba de Neyra. 3 tom. 2 em Toledo. an. 1688. E o 3º em Barcelona an. 1623.

#### **Livro de História em quarto.**

[181] Ferreira = Fr. Manoel Ferreira = *Vidas dos Santos da Ordem do Carmo*. 1 tom. Lisboa. an. 1645.

#### **Livros de Bellas Letras em quarto**

[182] Fr. Francisco da Anunciação: *Consulta sobre o Habito das Religiozas de S. Clara*. 1 tom. Coimbra. an. 1716\*.

[183] Fólio 9, verso / Figuey-

Figueiredo = Fr. Manoel de Figueiredo = *Festivo dia que a toda a Igreja deu. S. Agostinho* 1 tom Lisboa. an. 1728\*.

#### **Livro de Bellas Letras em 8º**

##### **Anónimo**

[184] S. Francisco de Borja: *Relação, e noticia dos Reynos, e cidades da Christandade que o tomado por Patrono*. 1 tom. Lisboa. an. 1756. [Autor: João de Santa Maria de Jesus]

## **G**

#### **Livros de Theologia em quarto**

[185] *Gratidão desempenhada*, pelo P. Fr. Ignacio de S. Caetano. 1 tom. Lisboa. an. 1762\*.

[186] Granada = Fr. Luiz de Granada = *Suas obras*. 8. tom. Madrid. an. 1736.

[187] Granada = Fr. Leandro de Granada [Tradutor] = *Insinuacion de la Divina Piedad*. 1 tom. Salamanca. an. 1603.

[188] Graciano = Fr. Jeronimo Graciano de la Madre de Diós = *Lampara accendida*. 1 tom. Lisboa. an. 1586\*.

[189] Guiroge = Fr. Joze Guiroge = *Tractado de la oracion vocal*. 1 tom. Granada. an. 1673.

[190] Granada = Fr. Luíz de Granada = *Guia de Pecadores*. 1 tom. Ambers. an. 1509.

[191] Guadalaxára = Fr. Marcos de Guadalaxara Xavier = *Tezouro espiritual de la Religión del Carmen*. 1. tom. Saragoza. an. 1616.

[192] Fólho 10, frente / Garro-

Garro = Fr. Lourenço Garro = *Isagoge Moral*. 1 tom. Lisboa. an. 1695.

[193] Galo = P. Manoel de Souza Galo = *Rozario do Santíssimo Sacramento*. 1 tom. Lisboa. an. 1691.

### **Livros de Theologia em oitavo**

[194] Guevara = D. António de Guevara = *Monte Calvario* 2 tom. Ambers. an. 1573.

[195] O mesmo: *Oratorio de Religiozos*. 1 tom Ambers. an. 1579.

[196] Gil = Bento Gil = *Tractado da oração do Padre nosso, e da Avemaria*. 2 tom. Lisboa. Anno. 1616.

[197] Graciano = Fr. Jerónimo Graciano da Madre de Deus = *Mystica Theologia*. 1 tom. traduzido pelo P. António Esteves. Lisboa. an. 1731.

[198] Gracia = Balthazar Gracia = *El comulgatorio*. 1 tom. Saragoça. an. 1645\*.

[199] *Gritos das Almas del Purgatorio*, por D. Jozé Bonete. 1 tom. Saragoça. an. 1702. Impressão 2ª.

[200] Gracia = Jacob de Gracia = *Exercicios espirituales*. 1 tom. Madrid. an. 1620.

[201] Gallifet = P. Joze Gallifet = *Devoção, e culto do sacrossanto Coração de Jezus*. 1 tom. Lisboa. an. 1725.

[202] *Gemidos da May de Deus aflita*, por Dorotheo de Almeyda. 1 tom. Porto. an. 1763\*.

[203] Gualter = João Gualter = *Exercicios devotos para a noite de quinta feira em memoria da instituição do Santissimo Sacramento*. 1 tom. Porto. an. 1757.

[204] Gusmão = Fr. Joaó Alveres de Gusmão = *Discurso sobre a trezena de São Francisco de Paula*. 1 tom. Lisboa. an. 1762\*.

[205] Fólio 10, verso / Grana-

Granada = Fr. Luíz de Granada = *Tractado da Oração*. 1 tom. Lisboa. Não tem era.

[206] Giraldo Fr. Pedro Giraldo = *Fragoa do Amor Divino*. 1 tom. Coimbra. an. 1730.

#### **Anónimo**

[207] S. *Gonçalo: a sua devoção*. 1 tom. Lisboa. an. 1699.

#### **Livros de História em quarto**

[208] Guerreiro = Fernando Guerreiro = *Relação das coizas que fizerão os PP. da Companhia na Índia Oriental*. 1 tom. Lisboa. an. 1680.

#### **Livro de Bellas Letras em quarto**

[209] Gusmão = Alexandre de Gusmão = *Escola de Belem*. 1 tom. Lisboa. an. 1674.

## **H**

#### **Livros de Theologia em folha**

[210] Hortencio Feliz: *Sermones de las fiestas de Christo, y de María Santísima*. 1 tom. Madrid. an. 1638.

#### **Livros de Theologia em quarto**

[211] Fólio 11, frente / Livros-

Hernandes = Francisco Hernandez = *Universal Redención, Pacion, e Muerte de Jezu ChriS.to* 1 tom. Sevilla. an. 1628\*.

#### **Livros de Theologia em oitavo**

[212] D. Henrique Infante de Portugal: *Homelias sobre alguns Misterios da vida de Christo, e lugares do Evangello*. 1 tom. Lisboa. an. 1574\*.

[213] Hortis = Fr. Francisco Hortiz Arias = *Segunda parte de los Mistérios de la Sacrosanta Passion*. 1 tom. Alcalá de Henares. an. 1578.

#### **Livros de História em folha**

[214] *Historia Profética*, por Fr. Francisco de Santa Maria Carmelita Descalço. 2 tom. Madrid. an. 1629\*.

#### **Livro de Bellas Letras em quarto**

[215] *Huerto del Celestial Espozo*, por D. Constanca Ozorio. 1 tom. Sevilla. an. 1680.

#### **Anónimo**

[216] *Hymno que em obzequio de Maria Santíssima Rezava S. Cazimiro*. 1 tom. Lisboa. an. 1746.

## **J**

#### **Livros de Theologia em folha**

[217] Fólio 11, verso / Li-

S. João da Cruz: *Suas obras*. 1 tom. Sevilla. an. 1703. Impressão 12ª.

[218] Ignacio Aleman [Impressor]: *Excelencias de S. Joze*. 1 tom. Sevilla. an. 1760. [Autor: Pedro de Torres, S.J.]

#### **Livros de Theologia em quarto**

[219] *Jozefina Panegírica* por Fr. António da Expectação. 2 tom. Lisboa. an. 1723.

[220] S. João da Cruz: *Suas Obras*. 2 tom. Madrid. an. 1649.

[221] Ignacio de Guinta Duenas: *Espago Grande de los Trabajos de Jezus Crucificado*. 2 tom. Valladolid. an. 1656. [222] S. Jerónimo: *Sus Epistolas Selectas*. 1 tom. Madrid. an. 1617.

[223] Fr. João de Santa Tereza: *Finezas de Jezus Sacramentado*. 1 tom. Lisboa. an. 1726. E no de 1765.

[224] S. João Climaco: *Escala Espiritual*, traduzida por Fr. Luiz de Granada. 1 tom. Valladolid. an. 1583. E no de 1564.



[225] P João Baptista: *Obzequio Saudozo a Maria Santíssima no dia do seu Tranzito*. 1 tom. Lisboa an. 1762.

#### **Livros de Theologia em oitavo**

[226] Fr. Jozé de S. António: *Devoção aos Santíssimos Nomes de Jesus Maria Jose* 1 tom. Lisboa. an. 1720.

[227] Fólio 12, frente / Fr

Fr. Jozé de Santa Maria: *Acto de Contrição*. 1 tom. Lisboa. an. 1742.

#### **Anónimos**

[228] *Instrução para se oferecer, viver e morrer escravo de Maria Santíssima* 1 tom. Lisboa. an.. 1659.

[229] *Introdução para Penitentes*. 1 tom. Lisboa. Anno. 1742.

[230] *Jubileo do Anno Santo Como Se há de ganhar*. 1 tom. Lisboa. Não traz anno.

[231] *Jubileo: Como se há de visitar a Igreja em que se ganha*. 1 tom. Lisboa. an. 1741.

[232] *Indulgencias Concedidas aos Confrades do Rozario*. 1 tom. Évora. an. 1681.

[233] *Recopilação das mesmas Indulgencias*. 1 tom. Lisboa. an. 1698.

[234] *Indulgências Concedidas as Contas das Sete Dores de N. S<sup>ra</sup>*. 1 tom. Lisboa. an. 1749.

[235] *Indulgências Concedidas aos Confrades de N. S<sup>ra</sup>. do Carmo*. 1 tom. Lisboa. an. 1710.

#### **Livro de História em folha**

[236] *Itinerario Historial*, por Alonso de Andrade. 1 tom. Lisboa. an. 1678.

#### **Livros de História em quarto**

[237] Ignacio Xavier da Silva: *Discricção Laudatoria dos Quadros, que Contem os Misterios do S<sup>mo</sup> Rozario*. 1 tom. Lisboa. an. 1751

#### **Livro de Bellas Letras em quarto**

[238] Fólio 12, verso / Li-

Fr. Juan de los Ángles: *Dialogos de la conquista espiritual*. 1 tom. Madrid. an. 1595\*.

## L

### Livros de Theologia em quarto

[239] Fr. Luiz de León: *De los Nombres de ChriS.to* 1 tom. Salamanca. an. 1583.

[240] *Luta espiritual, y amorosa entre Dios, y la Alma* por Fr. Juan de los Ángles. 1 tom. Madrid. an. 1600.

[241] Lopes = Geraldo Lopes = *Luz para visitar as Estaçoens da Via Sacra*. 1 tom. Lisboa. an. 1673.

[242] Lanspergio = João Lanspergio = *Setas do Amor de Deus*. 1. tom. Traduzido por João Paulo. Evora. an. 1678.

[243] Lozano = Christoval de Lozana = *Soledades de la vida y Soledades del mundo*. 1 tom. Madrid an. 1662.

### Livros de Theologia em oitavo

[244] Ledesma = P. Diogo de Ledesma = *Cathecismo, e declaração da Doutrina Christam* 1 tom. Lisboa. an. 1608.

### Anónimos

[245] Fólho 13, frente / Affe-

*Lucha, y combate espiritual del Alma con sus Afectos desordenados*. 1 tom. Pamplona 1. tom. an. 1624.

[246] *Loteria feliz*. 1 tom. Lisboa. an. 1725.

### Livro de História em quarto

[247] Loate = P. Gaspar Loate = *Consuelo de los affligidos*. 1 tom. Lisboa. an. 1627\*.

# M

## Livros de Theologia em quarto

- [248] Molina = D. Antonio de Molina = *Exercicios espirituales*. 1 tom. Saragoça. an. 1630.
- [249] Moreno = Fr. Christovão Moreno = *Jornadas para el cielo*. 2 tom. Madrid. an. 1614.
- [250] Monteyro = Diogo Monteyro = *Arte de Orar*. 1 tom. Coimbra. an. 1628\*.
- [251] *Medula Mystica*, por Fr. Francisco de S. Thomaz 1 tom. Madrid. an. 1695\*.
- [252] *Mystica Ciudad de Diós*, por María de Jezus de Ágrede. hum iogo. Madrid. an. 1667.
- [253] *Rezumo das suas obras*. 1 tom. Lisboa. anno 1741.
- [254] Magnanti = João Baptista Magnanti = *Pecador Convencido*. 1 tom. Lisboa. an. 1743.
- [255] Malon = Fr. Pedro Malon = *Livro de la conversión de la Magdalena*. 1 tom. Lisboa. an. 1607.
- [256] Fólio 13, verso / Fr-  
Fr. Manoel da Ascenção, *Compendio de Exercicios espirituales*. 1 tom. Coimbra. an. 1654\*.
- [257] María de Jezus de Ágrede: *Altisimos documentos, e exercicios por la buena muerte* 1 tom. Valencia. an. 1713<sup>449</sup>.
- [258] Monteyro = P. Manoel Monteyro = *Compendio de meditaçoens*. 2.º tom. Lisboa. an. 1650\*.
- [259] Macilon = João Baptista Macilon = *Sermões* traduzidos em Português. 1 tom. Lisboa an. 1747.
- [260] Marchiceli = Fr. Jozé António Marchiceli = *o Mundano constrangido*. 1 tom. Lisboa. an. 1735.
- [261] Fr. Manoel de Deus: *Luz, e Methodo fácil para os que quizerem ter o importante exerci[ç]o da oração*. 1 tom. Lisboa. an. 1746.

## Livros de Theologia em oitavo

- [262] *Monte de Piedade*, por Fr. Domingos de Jezus Maria. 1 tom. Lisboa. an. 1741.
- [263] *Motivos espirituais*, por Fr. Rodrigo de Deus 1 tom. Lisboa. an. 1723.

---

<sup>449</sup> Trata-se da mesma obra referenciada de forma idêntica na entrada 12.

## **Anónimos**

[264] *Miserere vertido em Português*. 1 tom. Lisboa. an. 1754.

[265] *Motivos para exercitar com frequência as vezitas do Santíssimo Sacramento* 1 tom. Lisboa. an. 1764.

[266] S.ta Maria Magdalena, *Sua devoção*. 1 tom. Não tras lugar da impressão, nem era.

## **Livros de História em quarto**

[267] Fólio 14, frente / Li-

Matos = P. Gabriel de Matos = *Relação de perseguição que teve a christandade do Japão desde Maio de 1612. ate Novembro de 1614. [ilegível]* tom. an. 1696

## **Livro de História em oitavo anonimo**

[268] *Maravillas auténticas que Diós obra con los panielos de S. Tereza de Jezus*. 1 tom. Mexico. an. 1675.

## **Livros de Bellas Letras em oitavo**

[269] Magnanti = P. João Baptista Magnanti = *Fiel Amigo*. 1 tom. Lisboa. an. 1733.

[270] Magnanti = Bento Magnanti = *Relação panegirica das exequias que a Irmandade de N. S<sup>ra</sup>. May dos Homens fez ao seu Instituidor o P. Fr. João de Nossa Senhora*, 1 tom. Lisboa. an. 1758.

[271] Maciel = Boaventura Maciel Aranha = *Consolação de atribulados*. 1 tom. Lisboa. an. 1720.

[272] Menezes = D. Francisco Xavier de Menezes = *Templo de Neptuno*. 1 tom. Lisboa an. 1731.

[273] Mendonça = Fr. Manoel de Mendonça = *Fiesta que el Convento del Carmen de Valencia hizo a S.ta Tereza de Jezus*. 1 tom. valencia. an. 1622.

# **N**

## **Livros de Theologia em quarto**

[274] Fólio 14, verso / N.

Nere-emberg = Joáo Nere-emberg = *Diferença entre o temporal, e eterno*. 1 tom. Lisboa. an. 1676.

[275] O mesmo: *Cathecismo Romano* traduzido por Joze Hortis de Ayala. 1 tom. Lisboa. an. 1622.

[276] O mesmo: *Aprecio, y estima de la Divina gracia*. 1 tom. Barcelona. an. 1644\*.

### **Livros de Theologia em Oitavo**

[277] *Novena de S. João da Cruz*, pelo P. Manoel Conciencia. 1 tom. Lisboa. an. 1732.

[278] *Novena, e Coroa Angelica de S. Miguel* pelo P. Manoel Conciencia. 1 tom. Lisboa. an. 1731.

[279] *Novena de N. S<sup>ra</sup>. da Graça* por Manoel da Silva, e Moyra. 1 tom. Lisboa. an. 1737.

[280] *Novena do Grande Baptista* pelo P. Martinho da Conceição. 1 tom. Coimbra. an. 1754.

[281] *Novena das Almas* por Manoel Borges. 1 tom. Lisboa. an. 1680.

[282] *Novena de Christo no dolorozo passo do Ecce homo*; pelo P. Manoel Monteyro. 1 tom. Lisboa. an. 1728.

[283] *Novena da Inmaculada Conceição*, por D. Joanna Tereza de Noronha, e Napoles. 1 tom. Lisboa. an. 1746.

[284] *Novena de N. S<sup>ra</sup>. de Nazareth*, pelo P. Joze Turiano. 1 tom. Lisboa. an. 1749.

[285] Fólío 15, frente / Nere-

Nere-emberg = o P. João Euzebio Nere-emberg = *Hermozura de Diós*. 1 tom. Lisboa. an. 1660.

[286] *Novena do Santíssimo Sacramento*, por Jozé de Seixas Vasconcellos. 1 tom. Lisboa. an. 1758.

[287] Nere-emberg = o P. João Euzebio Nere-emberg = *Afición a Maria Santíssima* 1 tom. Lisboa. an. 1660\*.

[288] *Novenas para os principaes Misterios de Maria Santíssima* pelo P. Manoel Conciencia. 1 tom. Lisboa. an. 1744.

[289] *Novena de S. Mónica*, pelo P. Fr. Manoel da Trindade 1 tom. Lisboa. an. 1759\*.

[290] *Novena de S. Felipe Neri*, pelo P. Matheus Gomes. 1 tom. Lisboa. an. 1675.

[291] *Novena de S. Rita*, pelo P. Fr. Simão da Piedade. 1 tom. Lisboa. an. 1752.

[292] *Novena da Conceição, e do Carmo*, por Roberto Farnezio. 1 tom. Lisboa. an. 1726.

## **Anónimos**

- [293] *Novena de S.ta Tereza de Jezus*. 1 tom. Lisboa. an. 1732.
- [294] *Novena do Santíssimo Coração de Jezus*. 1 tom. Lisboa. an. 1763.
- [295] *Novena do Santo Anjo Custodio do Reyno*. 1 tom. Lisboa. an. 1755.
- [296] *Novena dos Despozorios de N. S<sup>ra</sup>*. 1 tom. Lisboa. an. 1753.
- [297] *Novena da Madre de Deus Com o titulo da S<sup>ra</sup> das Necessid[ad]es*. 1 tom. Lisboa. an. 1755.
- [298] *Novena da transfixão do coração de S. Tereza de Jezus*. 1 tom. Lisboa. an. 1759.
- [299] *Novena de N. S<sup>ra</sup> em obzequio das suas immagens que no mundo estão sem serem veneradas*. 1 tom. Lisboa. an. 1750.
- [300] Fólio 15, verso / Nove-  
*Novena de S. João Marcos*. 1 tom. Lisboa. anno 1721.
- [301] *Novena de S. Jozé*. 1 tom. Não tem lugar de impressão nem era.

## **O**

### **Livros de Theologia em quarto**

- [302] Ossuna = Fr. Francisco de Ossuna = *Abcedario espiritual*. 3 tom. Burgos. an. 1554.

### **Livros de Theologia em oitavo**

- [303] *Oficio particular de S. Miguel*, por Fr. António Freyre. 1 tom. Lisboa. an. 1659.
- [304] Olmo = Lucas del Olmo = *Romance al Niño Jezus*. 1 tom. Sevilla. não tem anno.
- [305] Oliveira = Pedro de Oliveira = *Meditações das Sinco Chagas do Senhor Jezus dos Perdoens*. 1 tom. Lisboa. an. 1758.

## **Anónimos**

- [306] *Oraçoens devotas, que Rezava o Santissimo P. Benedito 13*. 1 tom. Lisboa. an. 1741.
- [307] *Oração do Papa Alexandre 7º*. 1 tom. Lisboa. an. 1765.

[308] *Obzequio de um Pecador amante ao coração de Maria Santissima* 1 tom. Lisboa. an. 1726.

## P

### Livros de Theologia em quarto

[309] Fólio 16, frente / por-

*Peligros, y Reparos de la perfeccion, y paz Religioza*, por Fr. Alonso de Jesus María. 2 tom. Barcelona. an. 1644.

[310] Palafoz = D. João de Palafoz e Mendoza = *El Varón de Dezeos*. 1 tom. Madrid. an. 1652.

[311] Parra = P. João Martins Parra = *Luz de verdades catholicas*; traduzido por Fr. Simão António de S. Catharina. 2 tom. Lisboa. an. 1622.

[312] Puente = D. Luiz de la Puente = *Guia espiritual*. 1 tom. Valladolid. an. 1609\*.

[313] O mesmo: *Meditaciones de los Misterios de nuestra Santa Fé*. 1 tom Madrid. an. 1718.

[314] *Praticas espirituaes*, pelo P. Fr. Manoel Guillerme. 1 tom. Lisboa. an. 1732.

[315] Padilla = Fr. Pedro de Padilla = *Jardim espiritual*. 1 tom. Madrid. an. 1585\*.

[316] Palma = Francisco da Palma = *Convento del Alma*. 1 tom. Lisboa. an. 1624.

[317] Pade copio = P. Gabriel Pade copio = *Soliloquios amorosos de un Alma a Diós*. 1 tom. Lisboa. an. 1644\*.

[318] Palafoz = D. Juan de Palafoz y Mendoza = *el Pastor de la Noche buena*. 1 tom. Placencia. an. 1648.

[319] O mesmo: *Peregrinación de la Filotea al Santo Templo, y Monte de la Cruz*. 1. tom. Valencia. an. a. 164.

[320] O mesmo: *Carta Pastoral, y conocimiento de la Divina Gracia*. 1 tom. Brucelas. an. 1653.

[321] Posa = João Baptista Posa = *Prática de Ajudar a bien morir*. 1 tom. Barcelona. an. 1647.

[322] Pavia = Fr. Jozé Pavia = *Resgate piedozo, y libertad Religiosa de las Almas del Purgatorio*. 1 tom. Valencia. an. 1666\*.

[323] Fólio 16, verso / Pina-

Pinamonte = P. João Pedro Pinamonte = *Compendio doutrinal*, augmentado pelo P. Pedro Catalaud, traduzido em português. 1 tom. Lisboa. an. 1744.

[324] Pego = Luíz António da Costa Pego = *Diretorio para os sabados da Madre de D[eu]s* 1 tom. Lisboa. an. 1744.

[325] Pinhelo = P. Lucas Pinhelo = *Tratado de perfeição Religioza*. 1 tom. traduzido por Paulo Jozé Arriaga. Barcelona. an. 1609.

[326] O mesmo: *Confessionario geral*. 1 tom. Lisboa. an. 1619\*.

[327] Palma = P. Luiz da Palma = *Pratica, breve declaracion del camino espiritual*. 1 tom. Madrid. an. 1629\*.

[328] Pinto = Manoel Pinto = *Exercicios de des dias de Recolhimento interior as chagas de ChriS.to* 1 tom. Lisboa. an. 1730.

### **Anónimos**

[329] *Práticas, oraçoens, e Preces, que se fazem todos os Domingos de tarde na Igreja de S. Roque*. 1 tom. Lisboa. an. 1681.

[330] *Passio duorum*. 1 tom. Medina del campo. an. 1673.

### **Livros de Theologia em oitavo.**

[331] Plas = Fr. Alonso Plas = *Triumfo del Baptismo*. 1 tom. valladolid. an. 1604.

[332] Pimentel = P. António Pimentel = *Manual da Alma, e Arte de bem morrer*. 1 tom. Lisboa an. 1644\*.

[333] Fólio 17, frente / Pen-

*Pensamientos Christianos*, pelo P. Domingos Bohurs. 1 tom. Sevilla. an. 1705.

[334] Peres = Jerónimo Peres = *Misterios de Nuestra Santa Fé* 1 tom. Lisboa. an. 1732.

[335] Planis = Bernardino de Planis = *Concordancia Mystica*. 1. Barcelona. an. 1667\*.

[336] Pinamonte = o P. João Pedro Pinamonte = *Religioza em solidão*. 1 tom. traduzido por Martinho Peres da Cunha. Coimbra. an. 1746\*.

[337] Prola = João Baptista Prola = *Tributo de vários obzequios a S. Jozé*. 1 tom. Lisboa. an. 1723.

[338] S. Pedro de Alcântara: *Tratado da Oração, e Meditação*. 1 tom. traduzido em português por Antonio de Araujo. Coimbra. an 1760\*. [1ª edição em português]

[339] Pires = Vasco Pires = *Lição espiritual do Nascimento de Nosso Senhor Jezus ChriS.to* 1 tom. Roma. an. 1675\*.



## **Anónimos**

[340] *Práticas, Orações, e preces que se fazem todos os Domingos de tarde na Igreja de S. Roque.* 1 tom. Lisboa. an. 1681.

[341] *Pão partido em pequeninos.* 1 tom. Coimbra. an. 1698.

[342] *Pensamentos Christãos, para todos os dias do mez.* 1 tom. Lisboa. an. 1721.

## **Livros de Bellas Letras em quarto**

[343] Pinho = Manoel de Pinho = *Vellancicos, e Romances.* 1 tom. Lisboa. an. 1615\*.

[344] Fólio 17, verso / Perey-

Pereyra= Antonio Pereyra= *Elogio do P. Francisco Manoel.* 1 tom. Lisboa. an. 1764\*.

## **Livros de Bellas Letras em oitavo.**

[345] Peres = Antonio Peres = *Obras e Relaciones.* 1 tom. Genebra. an. 1598.

[346] Pereyra = P. Bento Pereyra = *Regras Geraes da melhor Ortografia.* 1 tom. Lisboa. an. 1666.

# Q

## **Livros de Theologia em oitavo**

[347] Quental = P. Bartholomeu do Quental = *Meditações.* 4 tom. Lisboa. nos annos de 1682. e de 1696.

## **Livro de Bellas Letras em oitavo**

[348] Quita = Domingos dos Reis Quita = *Obras Poéticas.* 2 tom. Lisboa. an. 1766\*.

# R

## Livros de Theologia em quarto

[349] *Relogio da Paixão*, por D. Manoel Caetano de Souza. 1 tom. Lisboa. an. 1738\*.

[350] Roberto Justiniano. *Sermão da Canonização de S. João da Cruz*. Lisboa. an 1732\*. [1731]

[351] Roberto Bellarmino = *Declaração copioza da Doutrina Christam*, traduzido, por Feliz Tomaz Correa. 1 tom. Lisboa. an. 1726.

## Livros de Theologia em oitavo

[352] Fólio 18, frente / Li-

Roxas = Antonio de Roxas = *vida del Espirito, para tener oración*. 1 tom. Lisboa. an. 1645.

[353] Reis = P. António dos Reis = *Motivos para acompanhar o Santissimo Sacramento*. 1 tom. Lisboa. an. 1721.

[354] Roxas = Fr. Simão de Roxas = *Modo de Rezar o Terço de Nossa Senhora* 1 tom. Lisboa. an. 1752.

[355] Rego = Francisco Xavier Rego = *Avizos importantes para a salvação*. 1 tom. Lisboa. an. 1741.

[356] *Remedio de pecadores*, por Francisco Leytão. 1 tom. Evora. an. 1687.

[357] Roa = Martinho Roa = *Beneficios del Santo Angle de nuestra guarda*. 1 tom. Lisboa. an. 1634.

[358] Roberto de Nossa Senhora do Rozario, *Colecção de Devoções de S. Domingos*. 1 tom. Lisboa. an. 1763.

## Anónimos

[359] *Ramillete de flores spirituaes*. 1 tom. Lisboa. an. 1700.

[360] *Relogio Santo*. 1 tom. Não tem anno nem lugar de impressão.

[361] *Rozario de N. S<sup>ra</sup> Como se Reza em Roma*, na Minerva. 1 tom. Lisboa. an.1638\*.

### **Livros de Bellas Letras em quarto**

[362] Roxas = Fr. Juan de Roxas = *Representación de la verdad vestida*. 1 tom. Madrid. anno. 1670\*. 1ª edição. e no de 1679. edição. 2ª.

[363] *Relación de las fiestas que em la ciudad de Barcelona se hizieron en la canonizacion de S. Raymundo de Penafort*. por Fr. Jayme Rebolosa. 1 tom. an. 1602.

### **Livros de Bellas Letras em oitavo**

[364] Fólio 18, verso / por.

Rozales = Jerónimo de Rozales = *Catón Christiano*. 1 tom. Sevilla. an. 1708

## **S**

### **Livros de Theologia em quarto**

[365] Serpe = Fr. Dimas Serpe = *Tratado contra Lutero*. 1 tom Lisboa. an 1617\*.

[366] Sene = Fr. Jerónimo de Sene = *Exercicios espirituaes*. 1 tom. Lisboa. an. 1698.

[367] *Subida del Alma a Diós*, por Fr. Jozé de Santa Maria 1 tom. Madrid. an. 1656.

[368] *Solitario Contemplativo*, por Fr Jorge de S. Joze. 1 tom. Madrid. an.1617\*.

[369] O mesmo traduzido pelo P. António de Araújo 1 tom. Lisboa. an. 1678\*.

[370] Semana Santa, ou *Soledades do Bussaco*, por Fr. António da Expectação. 1 tom. Lisboa. an 1734.

[371] Fr. Salvador Correa: *Sermão da Profiçãõ, ou veo da Madre Maria Gracia do Santíssimo Sacramento*. Lisboa. an. 1738.

### **Livros de Theologia em oitavo**

[372] Sequeira = P. Angelo de Sequeira = *Estrada Seguida pelo caminho da cruz*. 1 tom. Lisboa. an. 1754.

[373] Fólio 19, frente / Serai-

Serai [Sierra] = Bernardo Serai [Sierra] = *Ramillete de Divinas Flores*. 1 tom. Lisboa. an 1689.

[374] Soares = Bernardino Soares = *Escravo da V[irgem] Senhora N[ossa]*. 1 tom. Evora. an. 1659.

[375] Salas = P. Pedro Salas = *Afectos Divinos*. 1 tom. Valladolid. an. 1658\*.

[376] Señeri = P. Pablo Señeri = *Espejo que no engaña*. 1 tom. Mallorca. an. 1699.

[377] Salazar = P. Francisco Salazar = *Afectos, considerações devotas, sobre os Exercícios de S. Ignacio*. 1. tom. Lisboa. an. 1716 e em Coimbra no de 1750.

[378] Señeri = P. Pablo Señeri = *Inferno aberto*, 1 tom. traduzido por Fr. Agostinho de Santa Maria. Lisboa. an. 1724.

### **Anónimos**

[379] *Semana de amor*, ao Portento de milagres S. António. 1 tom. Não tem edição, nem era.

[380] *Suspiros do Peccador na agonia da morte*. 1 tom. Não tem edição, nem era.

### **Livro de História em quarto**

[381] Soto = Fr. Juan de Soto = *Margaritas preciosas de la Eglezia*. 1 tom. Alcalá. an. 1617\*.

### **Livros de Bellas Letras em quarto**

[382] Santoro = Juan Bazilio Santoro = *Discurso delos cinco lugares, onde han ido, y van las Animas, de pues que parten desta vida*. 1 tom. Pamplona. an. 1586\*.

[383] Fólio 19, verso / Fr.

Fr. Simão António de Santa Catharina: *Relação. Métrica das festas da canonização de S. João da Cruz*. 1. tom. Lisboa. an. 1727.

### **Livro de Bellas Letras em oitavo**

[384] *Soledades do Bussaco*, por D. Bernarda Ferreira de Lacerda. 1 tom. Lisboa. an. 1634\*.

## **T**

### **Livros de Theologia em quarto**

[385] Santa Tereza de Jezus: *As Suas obras*. 4 tom. Madrid. an. 1747; e em Barcelona. anno de 1724; mais 3 tom. Madrid. an. 1611; e no 1678.

[386] mais o livro das *Fundações*. Ambers. an. 1679.

[387] Fr. Thome de Jezus: *Trabalhos de Jezus*. 1.tom. Lisboa. an. 1660.

[388] Fr. Thomaz de Jezus: *Suma, y Compendio de los grados de Oración*. 1 tom. Roma. anno 1610.

[389] S. Tereza de Jezus: *Informação que o Ilustríssimo e Reverendíssimo Patriarcha de Jerusalem vicelegado de Sua Santidade tomou nesta cidade de Lisboa sobre a vida, e obras da Santa*. 1 tom. Lisboa. an. 1596.

### **Livros de Theologia em oitavo**

[390] Tavares = Francisco de Soiza Tavares = *Doutrina espiritual*. 1 tom. Lisboa. an. 1764.

[391] Fólio 20, frente / Fr.

Fr. Thomaz de Jezus: *Suma, y compendio de los grados de la oración*. 1 tom. Madrid. an. 1665.

[392] *Trabajos de Jezus*, por Fr. Thome de Jezus. 1 tom. Lisboa. an. 1620.

[393] Taveira = Fr. Gregorio Taveira = *Fugida do mundo para Deus pella escada da penitencia*. 1 tom. Lisboa. an. 1635.

[394] *Trezenna de S. António*, por D. Joanna de Noronha, e Nápoles. 1 tom. Lisboa. an. 1746.

[395] Theodoro Franco: *Preparação para o Nascimento do Menino Deus* 1. tom. Lisboa. an. 1758.

[396] Theodozio Manoel de Lima: *Estimulos do Amor de Deus* 1 tom. Lisboa. an. 1763.

### **Anónimos**

[397] *Trezenna de S. António*. 1 tom. Lisboa. anno de 1730.

[398] *Thezouro quazi desconhecido, Suma das principaes Indulgencias Concedidas aos Irmãos do. Rozario*. 1 tom. Lisboa. an. 1756.

### **Livro de Bellas Letras em quarto**

[399] Tavares = Manoel Tavares de Carvalho = *Relação da notavel procissão, com que foi levado a Cidade do Porto o Senhor de Boiçãõ*. 1 tom. Coimbra. an. 1645.

# V

## Livros de Theologia em folha

[400] Fólio 20, verso / Vi-

Villegas = Alonso de Villegas = *Sermones de las Domingas del año, y Férias de la quaresma*. 1 tom. Lisboa. an. 1688.

[401] *Vita Christi*, por Carthuziano. 4 tom. Não traz lugar da impressão nem era<sup>450</sup>.

## Livros de Theologia em oitavo

[402] Vasconcelos = Manoel Gomez de Vasconcelos, *Caminho espiritual*. 1 tom. Lisboa. an. 1612.

[403] Vasconcelos = Fr. Paulo de vasconcelos = *Arte espiritual*. 1 tom. Lisboa. an. 1649\*.

[404] Vilalobos = Fr. Pedro de Vilalobos = *Escuela espiritual*. 1 tom. Madrid. an 1633.

[405] Vivas = Juan Luiz Vivas [Juan Luis Vives] = *Comentários para despertamiento del ánimo a Dios*. 1 tom Ambers. an. 1537\*.

[406] VilaRuel = Fr. Matheus de Vilaruel = *Regras mui importantes para o exercicio da fé*. 1 tom. Lisboa. an. 1635.

[407] Vilacastim = Thomaz de Vilacastim = *Manual de Exercicios espirituaes*. 1 tom. Lisboa. an. 1672. E em Barcelona. an. 1742.

[408] Villegas = Bernadino de villegas = *Soliloquios Divinos*. 1 tom. Barcelona. an. 1643\*.

[409] *Vindicias da virtude*, por Fr. Francisco da Anunciação. 2 tom. Lisboa. an. 1725\*.

[410] Vasconcelos = Francisco Jozé Ignácio de Vasconcelos, *Preparação util para Celebrar a festa de S. Catharina Martir*. 1 tom. Lisboa. an. 1732.

[411] Varela = Joaó Nunes Varela = *Colecção espiritual de varias obras da Mystica Doutora S. Tereza de Jezus*. 1 tom. Lisboa. an. 1737\*.

[412] Fólio 21, frente / Ve-

Veloso = Joze Pereira Veloso = *Dezejos piedozos de huma Alma Saudoza de seu Divino Espozo* 1 tom. Lisboa. an. 1688\*.

---

<sup>450</sup> Esta obra foi traducida por Fr. Ambrosio de Montesinos, franciscano de San Juan de los Reyes, e publicada em Alcalá de Henares em 1502 – 1503. Era esta a edição que possuíam as religiosas de S.to Alberto?

[413] *Via-Sacra*, Explicada, e ilustrada, por Lionardo de Porto Mauricio. 1 tom. Lisboa. an. 1737; edição. 3ª.

### **Livros de História em folha**

[414] *Vida de la venerable Madre Marianna Francisca de los Angles*, por Fr. Alonço de la Madre de Dios. 1 tom. Madrid. an. 1736. [Na imprenta de Manuel Fernández]

[415] *Vida del venerable D. Juan de Palafoz, y Mendoza*, por Antonio Gonzalvez de Rozendo. 1 tom. Madrid. an. 1666.

[416] *Vida e Martírio do veneravel P. João de Brito* por Fernando Pereira de Brito. 1 tom. Coimbra. an. 1722.

[417] *Vida e virtudes de S. Juan de la Cruz*, por Fr. Jozeph de Santa María. 1 tom. Malaga. anno. 1717.

[418] *Vida de la venerable D. Marinha de Escobar*, por Luiz de la Puente. 1 tom. Madrid. an. 1662. [Trata-se de Marina Escobar Montaña, da Ordem de S.ta Brízida]

[419] *Vida de S. Vicente de Paula*, por D. Jozé Barboza. 1 tom. Lisboa. an. 1738.

[420] *Vida do P. João de Almeida*, por Simão de Vasconcelos. 1 tom. Lisboa. an. 1658\*.

[421] *Vida, y vertudes de la prodigioza D. Antonia Jacinta de Navarra, y de la Cueva*, por Fr. Jozé Moreno Curiel [Tradutor]. 1 tom. Nuevamente reimpresso, y añadido. Burgos. an. 1736. [Autor: Juan de Saracho]

### **Livros de História em quarto**

[422] *Vida de S. Gertrudes Magna*, por Fr. Alonço de Andrade. 1 tom. traduzido. Lisboa. an. 1708. [Na oficina de António Pedroso Galvão]

[423] Fólio 21, verso / Vida-

*Vida, y Trabajos de Fr. Gerónimo Gracian de la Madre de Diós*, por Fr. Andreas de Marmol. 1 tom. Valladolid. an. 1619\*.

[424] *Vida del P. Fr. Domingos de Santa Maria* por Fr. António de S. Agostin. 1 tom. Saragoça. an. 1669.

[425] *Vida, virtudes, y Milagros de la venerable Madre Ana de Sao Agustín*, por Fr. Alonço de S. Gerónimo. 1 tom. Madrid. an. 1668. [Editio Princeps. Na oficina de Francisco Nieto]

[426] *Vida de Fr. António de S. Pedro*, por Fr. Andeas de S. Agustin. 1 tom. Sevilla. an. 1688.

- [427] *Vida, muerte, y milagros de San Juan de Dios*, por Fr. Antonio de Gouvea. 1 tom. Madrid. an. 1624\*. Outro em Lisboa an. 1658.
- [428] *Vida de São Marcos: o Peregrino Curiozo*, pelo P. Antonio de Mariz. 1 tom. Lisboa. an. 1721\*.
- [429] *Vida, virtudes, y milagros de la venerable Anna de São Bartholome*, por Chrizostomo Henriques 1 tom. Bruxelas. an 1632\*.
- [430] *Vida, e morte do Servo de Deus Fr. Simão Roxas*, por Fr. Balthazar Paes. 1 tom. Lisboa an. 1625.
- [431] *Vida, y obras maravillozas de la venerable Águada de la Cruz*, por Fr. Antonio de los Martires 1 tom. Madrid. an. 1624. Edicion 2ª. [Na imprenta da viuva de Alonso Martin]
- [432] *Vida del venerable P. Vicencio Carafa*, por Daniel Bartoli, traduzida em castillano, por Alonço de Andrade. 1 tom. Madrid. an. 1658.
- [433] *Vida, de S. Thomaz de Vilanova*, por Fr. Duarte Pacheco. 1 tom. Lisboa. an. 1629\*.
- [434] *Vida de S. Tereza de Jezuz*, por Francisco de Ribera. 1 tom. Salamanca. an. 1690.
- [435] *Vida da venerável Madre Tereza Julianna de S. Boaventura*, pelo P. Francisco Xavier. 1 tom. Lisboa. an. 1751.
- [436] Fólio 22, frente / Vida-  
*Vida da venerable Madre Maria de Jezus*, por Fr. Francisco da CoS.ta 1 tom. Madrid. an. 1648.
- [437] *Vida da venerable Madre Juanna de Santa Maria*, por Fr Francisco de Ameyugo. 1 tom. Madrid. anno. 1624.
- [438] *Vida de S. Juan de la Cruz*, por Fr. José de Santa María 1 tom. Burcelas. an. 1632.
- [439] *Vida del venerable Fr. Francisco del Niño Jezus* por Fr. Jozé de Santa María 1 tom. Veles. an. 1627.
- [440] *Vida del Venerable Fr. Diego de Jezus*, por Fr. Jozé de S.ta Tereza. 1 tom. Cuenca. an. 1671.
- [441] *Vida de S. Pedro da Alcântara*, por Fr. João de São Bernardino. 1 tom. Napoles. an. 1667.
- [442] *Vida de S. Maria Magdalena de Pazis*, por Fr. João Baptista Lezana. 1 tom. Roma. an. 1647.
- [443] *Vida del Venerable Francisco de Hyepes*, por Fr. Jozé de Velasco. 1 tom. Barcelona. an. 1624.
- [444] *Vida de la Venerable Madre Marianna de Jezus*, por Fr. João da Apresentação. 1 tom. Madrid. Anno. 1677.
- [445] *Vida da Beata Verónica*, por Fr. João Freyre, 1 tom. Lisboa. an. 1671\*.



- [446] *Vida da Venerável Madre Roza Maria Serio*, por Jozé Gentil 1 tom. Traduzido em português, por Jerónimo Contador de Argoti: 1 tom. Lisboa. an. 1744\*.
- [447] *Vida da Imperatriz Leonor*, por D. João Leopoldo [Tradutor]. 1 tom. Lisboa. an. 1726.
- [448] *Vida de S. Roza de S.ta Maria*, por Fr. Jacinto de Parra. 1 tom. Madrid. an. 1668.
- [449] *Vida de la Reyna de Escocia Maria Estuarda* por Lopo de la Vega Carpio. 1 tom. Madrid. an. 1627\*.
- [450] *Vida da V[enerable] D. Luiza do Carvajal, y Mendoza*, por Luiz de Munhos. 1 tom. Madrid. an. 1691.
- [451] Fólio 22, verso / Vida-  
*Vida do P. Fr. Estevão da Purificação*, por Fr. Luiz da Apresentação. 1 tom. Lisboa. an. 1521\*.
- [452] *Vida do Venerável Fr. António das Chagas*, por Manoel Godinho. 1 tom. Lisboa. an. 1728.
- [453] *Vida de la V[enerable] Madre Francisca del Sacramento*, por D. Miguel Baptista de Lanuza. 1 tom. Madrid. an. 1659.
- [454] *Vida de la V[enerable] Madre Felecianna de S. Joze*, por D. Miguel Baptista de Lanuza. 1 tom. Saragoça. an. 1654\*.
- [455] *Vida de S. Roza de Viterbo*, por Manoel do Sepulcro. 1 tom. Lisboa. an. 1673\*.
- [456] *Vida de S. Felipe Nere*, por Pedro Jayme, traduzida por D. Luiz Serpe de Borja. 1 tom. Valença. an. 1673.
- [457] *Vida de S. João Baptista*, por Fr. Pedro Carvajal 1 tom. Salamanca. Naó tem era.
- [458] *Vida do V[enerável] Francisco de la Cruz*, por D. Sebastian Munhós. 1 tom. Madrid. an. 1637\*.
- [459] *Vida de S. Luiz Gonzaga*, pelo P. Joze Casanei. 1 tom. Madrid. an. 1726.
- [460] *Vida do Beato Henrique Suzo*, por Fr. Luíz de Souza 1 tom. Lisboa. an. 1742.
- [461] *Vida do V[enerável] Fr. Bartholomeo dos Mártires*, por Fr. Luiz de Souza. 2 tom. Lisboa. an. 1703.
- [462] *Vida de S. João Evangelista*, por Soror Maria Magdalena. 1 tom. Lisboa. an. 1628\*.
- [463] *Vida de S. Francisco de Assis*, por Fr. Martim do Rozario. 1 tom. Lisboa. an. 1650.
- [464] *Vida de Fr. João de S. São*, por Fr. Manoel das Chagas. 1 tom. Lisboa. an. 1662.
- [465] *Vida do V[enerável] P. Fr. Lourenço de Brindeze*, por Fr. Mariano do Piano. 1 tom. Lisboa. Anno de 1752.

[466] Fólio 23, frente / Vida-

*Vida de S. Rita*, por Fr. Manoel de Figueiredo. 1 tom. Lisboa. an. 1728.

### **Anónimo**

[467] *Vida da Madre Marianna do Rozario*. 1 tom. an. 1658. Não tem lugar da impressão.

### **Livros de Historia em oitavo**

[468] *Vida de S. Catharina de Sena*, por Antonio de la Peña. 1 tom. Salamanca. an. 1689.

[469] *Vida de S. Quiteria*, pelo P. António Álvaro de Carvalho. 1 tom. Lisboa. na. 1712\*.

[470] *Vida, y Excelências de S. Anna*, por Fr. Andres de Soto. 1 tom. Brusselas. an. 1607\*.

[471] *Vida do P. Nicolaz Fator*, por Christoval Moreno; 1 tom. Alcalá de Enares. an. 1588.

[472] *Vida de S. Genoveva*, por D. Jozé Ximenes traduzida em português, pelo P. Manoel de Coimbra 1. tom. Lisboa. an. 1712\*.

[473] *Vida de Nossa Senhora* 2ª. Parte del libro intitulado *Regina Coeli*; por Fr. Diego de Velasques. 1 tom. Toledo. an. 1583.

[474] *Vida dos Sinco Mártires de Marrocos*, por Francisco Lopes. 1 tom. Lisboa. an. 1701.

[475] *Vida de S. Rita de Cassia*, por Fr. Francisco de Brito. 1 tom. Lisboa. an. 1726.

[476] *Vida de S. Anna*, por Fr. Francisco de Lezana. 1 tom. Lisboa. an. 1716\*.

[477] *Vida do Servo de Deus Gregorio Lopes*, pelo P. Francisco Loza. 1 tom. Lisboa. an. 1616.

[478] *Vida de Fr. Simão Roxas*. Por Fr. Bernardino de S.<sup>to</sup> António 1 tom. Lisboa. an. 1625.

[479] *Vida da Madre Marianna da Purificação*, por Fr. Caetano do vencimento. 1 tom. Lisboa. an. 1747\*.

[480] Fólio 23, verso / Vida-

*Vida de S. Caetano*, por Jerónimo Contador de Argote. 1 tom. Lisboa. an. 1727.

[481] *Vida de S. João da Cruz*, por Jozé Pereira Bayão. 1 tom. Lisboa. an. 1724.

[482] *Vida do Beato Henrique Suzo*, por Fr. Luiz de Souza. 1 tom. Lisboa. an. 1744.

[483] *Vida da V[enerável] Soror Joanna Luíza do Carmelo*, por Fr. António do Sacramento 1 tom. Lisboa. an. 1751. [Na oficina dos herdeiros de António Pedroso Galvão]

## Anónimos

[484] *Vida de Fr. António da Conceição*. 1 tom. Lisboa. an. 1758.

[485] *Vida do Cardeal Vicente Maria Ursini*. 1 tom. Não tem lugar de impressão, nem era.

[486] *Vida do P. Antonio Jozé Português, e Tristão de Atemis Italiano, sua prisão, e martirio*. 1 tom. Lisboa. an. 1757.

## X

### Livros de Theologia em quarto

[487] Ximenes = Fernando Ximenes = *Restauração, ou Renovação do homem*. 1 tom. Lisboa. an. 1668.

[488] Ximenes = Fr. Valerio Ximenes = *Estímulos del Orden del Carmen*. 1 tom. Saragoça. an. 1604\*.

## Z

### Livro de Bellas Letras em Oitavo

[489] Zuzarte = Fr. Pedro de la Cruz Zuzarte = *Trasladação do V[enerável] P. Fr. Estevan de la Purificación*. 1 tom. Lisboa. an. 1662.

Fólio 24, frente e verso, em branco.



**ANEXO 2**  
**Índice dos autores representados no Catálogo**

**Agostinho**, Santo [13]  
 Agostinho de Santa Maria, O.S.A.D. [84, 378]  
 Agustín de Ahumada y Ribas [15]  
 Alexandre de Gusmão, C. Orat. [209]  
 Alonso de la Madre de Dios, O.C.D. [414]  
 Alonso Crosco [85]  
 Alonso de Andrade, S.J. [2, 236, 422, 432]  
 Alonso de Jesus Maria, O.C.D. [309]  
 Alonso de Madrid, O.F.M. [14]  
 Alonso de Maria de Deus, O.C.D. [59]  
 Alonso de São Gerónimo, O.F.M. [425]  
 Alonso de Villegas, S.J. [400]  
 Alonso Plas, [331]  
 Amaro Toboredo [44]  
 Andreas de San Agustín [426]  
 Andre de Santa Teresa [18]  
 Andre de Veneza []  
 Andrés Bracman [55]  
 Andreas de Marmol [423]  
 Andrés de Soto, O.F.M. [470]  
 Ângelo Sequeira [372]  
 António Álvares de Carvalho [469]  
 António Carneiro, S.J. [98]  
 António da Asunção, O.C.D. [58]  
 António da Expectação, O.C.D. [219,370]  
 António das Chagas, O.F.M. [60, 86, 87]  
 António de Araújo [338, 369]  
 António de Arbiol, O.F.M. [4, 5]  
 António de Gouveia, E.S.A. [427]  
 António de Guevara, O.F.M. [194, 195]  
 António de la Peña [468]  
 António de los Mártires [431]  
 António de Mariz [428]  
 António de Molina, Cartuxo [248]  
 António de Roxas [352]  
 Antonio de San Agustín, O.A.D. [424]  
 António de São Eliseu, O.C.D. [6]  
 António de São Joaquim, O.C.D. [1]  
 Antonio del Castillo [61]  
 António do Sacramento [483]  
 António dos Reis [353]  
 António Esteves, O.C.D. [143, 197]  
 António Freyre [303]  
 António Gonçalves de Rosendo [415]  
 António Luís Coutinho [92]  
 Antonio Márquez Gómez [97]  
 Antonio Matias de Aguirre [27]  
 António Pereira [344]  
 António Peres [345]  
 António Pimentel, S.J. [332]  
 António Simões Ferreira [167]  
 António do Rosário, O.S.A.D. [3]  
**Baltasar Borges Centellas y Cardona** [62]  
 Baltasar Gracia, S.J. [198]  
 Baltasar Paes, O.S.S.T. [430]  
 Bartolomeu de Quental, Congr. Orat. [347]  
 Bartolomeu dos Mártires, O.P. [39, 41]  
 Belchior de Santa Ana, O.C.D. [113]  
 Bento Gil (Becerra), O.F.M. [196]  
 Bento Magnanti [270]  
 Bento Pereira [346]  
 Bernardo de Planis, Cartuxo [335]  
 Bernardino de Sto. António [478]  
 Bernardino Soares [374]  
 Bernardo de Miguel [40]  
 Bernardo de Villegas, S.J. [408]  
 Bernarda Ferreira de Lacerda [384]  
 Bernardo Serai [373]  
 Boaventura, São, O.F.M. [31, 36, 38]  
 Boaventura Maciel Aranha [271]  
 Bonaventura de Morales [166]  
 Braz de Abreu, Clero Regular [19]  
 Braz de Azevedo [16]  
**Caetano Alberto** [88]  
 Caetano do Vencimento [479]  
 Camilo S. Servino [75]  
 Carlos Borromeu, São [92]  
 Cartuxiano (Ludolfo de Saxonia), Cartuxo [401]  
 Cezilia de São Francisco [89]  
 Constância Osório [215]  
 Constantino Barreto [42]  
 Crisóstomo Henriques [429]  
 Cristobal Lozana [129, 130, 131, 243]  
 Cristobal Moreno [249, 471]  
**Daniel Bartolo** [432]  
 Diego de Velasques [473]  
 Dimas Serpe [365]  
 Diogo de Ledesma [244]  
 Diogo Monteiro [250]  
 Domingos Bohurs, Ordem de Cristo [333]  
 Domingos de Jesus Maria [262]  
 Domingos de São Francisco, O.P. [136]  
 Domingos dos Reis Quita [348]  
 Doroteo de Almeida [26, 202]  
 Duarte Pacheco [433]  
**Esteban Does de Castillar** [7]  
 Estevão de Castro, S.J. [90]  
 Estevão de São José, O.C.D. [91]

**Fabio Ambrosio Espínola**, O.Cister [144]  
 Fedrique Espínola, O.Cister [146]  
 Feliciano da Conceição [173]  
 Félix Tomás Correa [351]  
 Felipe Neri [178]  
 Fernando da Cruz, C.R.S.A. [170, 171, 172]  
 Fernando de São João Baptista, O.C.D. [56]  
 Fernando Guerreiro [208]  
 Fernando Pereira [147]  
 Fernando Pereira de Brito [416]  
 Fernando Ximenes [487]  
 Filipe da Luz, E.S.A. [161]  
 Francisco Bermudes de Castro [43, 46]  
 Francisco da Anunciação, E.S.A. [162, 182, 409]  
 Francisco da Costa [436]  
 Francisco de Ameguyo, O.F.M. [437]  
 Francisco de Arias [17]  
 Francisco de Borja [184]  
 Francisco de Brito [475]  
 Francisco de Castro, S.J. [93]  
 Francisco de Lezana [476]  
 Francisco de Ribera, S.J. [434]  
 Francisco de Sales, Clero Regular [156, 160, 164]  
 Francisco de San Tomás, O.C.D. [251]  
 Francisco de Santa Maria, O.C.D. [116, 214]  
 Francisco de Sousa Tavares [390]  
 Francisco Falconi [163]  
 Francisco Hernandez [211]  
 Francisco Hortiz Arias [2139]  
 Francisco José Ignácio de Vasconcelos [410]  
 Francisco Lopes, S.J. [474]  
 Francisco Losa, Clero Regular [477]  
 Francisco da Palma [316]  
 Francisco Leitão [356]  
 Francisco Salazar, S.J. [377]  
 Francisco Xavier, S.J. [145, 155, 168, 435]  
 Francisco Xavier de Meneses [272]  
 Francisco Xavier do Serafino [169]  
 Francisco Xavier Rego [355]  
 Francisco de Osuna, O.F.M. [302]  
**Gabriel de Matos [267]**  
 Gabriel Padecopio [317]  
 Gaspar de la Figueira [174]  
 Gaspar Loarte, S.J. [247]  
 Geraldo Lopes [241]  
 Gerónimo Gracian de la Madre de Dios, O.C.D. [188, 197]  
 Gregório Taveira, OCristo [393]  
 Henrique, Infante de Portugal [212]  
 Hortoricis Feliz [210]  
**Ignácio Aleman [218]**  
 Ignácio de Quinta Dueñas [221]  
 Ignácio de São Caetano, O.C.D. [185]  
 Ignácio Martino [134]  
 Ignácio Xavier da Silva [237]  
**Jacinto de Parra [448]**  
 Jacob de Gracia [200]  
 Jacome Carvalho do Canto [72]  
 Jaime Rebolosa [363]  
 Jerónimo Contador de Argoti, Teatino [446, 480]  
 Jerónimo de Belém, O.F.M. [35, 47]  
 Jerónimo de Sene [366]  
 Jerónimo Pancorvo [124]  
 Jerónimo Peres [334]  
 Jerónimo, São [222]  
 Jerónimo de Rozales [364]  
 Joana Teresa de Noronha e Nápoles [283, 394]  
 João Álvares de Gusmão [204]  
 João Baptista Lezona [442]  
 João Baptista Magnanti [225, 254, 269]  
 João Baptista Macilon [259]  
 João Baptista Prola, S.J. [321, 337]  
 João Cardoso da Costa [99]  
 João Clímaco, Santo [224]  
 João Croyset, S.J. [67, 70]  
 João da Apresentação, C.S.J.E [444]  
 João da Conceição, O.C.D. [63]  
 João da Cruz, O.C.D. [217, 220]  
 João de Cartagena, O.F.M. [124]  
 João de Jesus Maria, O.SS.T.D. [148]  
 João de Palafox y Mendoza [310, 318, 319, 320]  
 João de Santa Teresa, O.C.D. [223]  
 João de São Bernardino [441]  
 João do Espírito Santo, O.C.D. [71]  
 João do Sacramento, O.C.D. [114]  
 João Eusébio Nierenberg, S.J. [274, 275, 276, 285, 287]  
 João Falconi [175]  
 João Ferreira de Araújo [29]  
 João Franco, O.P. [157, 158]  
 João Freyre [445]  
 João Gualter [203]  
 João Lanspergio [242]  
 João Leopoldo [447]  
 João Martins Parra, S.J. [311]  
 João Nunes Varela [411]  
 João Pedro Pinamonte, S.J. [323, 336]  
 Jorge de São José [368, 369]  
 José António Marchicheli [260]  
 José Barbosa [53, 419]  
 José Bonete, Clero Regular [199]  
 José Cavanei [459]  
 José da Camera, O.P. [69]  
 José de Bárzia, Clero Regular [132]  
 José de Carvalho [73]  
 José de Jesus Maria, O.C.D. [115]

José de Santa Maria, O.F.M. [227, 367, 438, 439]  
 José de Santa Teresa, O.C.D. [117, 179, 440]  
 José de Seixas Vasconcelos [286]  
 José Ferreira de Araújo [29]  
 José de Santo António, E.S.A. [226]  
 José de Velasco [443]  
 José de Villalva [8]  
 José do Espírito Santo, O.C.D. [57]  
 José Freyre, Congr. Orat. [165]  
 José Galliflet [201]  
 José Gentil [446]  
 José Guiroque [189]  
 José Krening [123]  
 José Moreno Curiel [421]  
 José de Paiva, OCister [322]  
 José Pereira Bayão [481]  
 José Pereira Veloso [412]  
 José Turiano [284]  
 José Ximenes [472]  
 Joseph de Santa Maria, O.S.B. [417]  
 Juan Basilio Santoro [382]  
 Juan de Carrillo, O.C.D. [121]  
 Juan de los Angeles, O.F.M. [238, 240]  
 Juan de Roxas [362]  
 Juan de Soto [381]  
 Juan Luis Vives [405]  
 Julião de Ávila [11]  
 João de Ávila [9, 10]  
**Leandro de Granada [187]**  
 Leonardo de Porto Mauricio [413]  
 Lope de Veja y Carpio [449]  
 Lorenço Garro, OCristo [192]  
 Lorenço Scupoli, Teatino [75]  
 Lucas del Olmo [304]  
 Lucas Pinheiro, S.J. [325, 326]  
 Luís António da Costa Pego [324]  
 Luís Botelho Froes de Figueiredo [159]  
 Luís Cezar [74]  
 Luís da Apresentação, O.C.D. [141, 451]  
 Luís de la Puente, S.J. [312, 313, 418]  
 Luís de Granada, O.P. [95, 186, 190, 205, 224]  
 Luís de León [239]  
 Luís de Muñoz [450]  
 Luís de Palma [327]  
 Luís de Sousa, S.J. [118, 460, 461, 482]  
 Luís de Vera [45]  
 Luís Serpe de Borja [456]  
 Luís dos Anjos, O.F.M. [119]  
**Madalena de Alencastro [67]**  
 Manuel Bernardes, Congr. Orat. [32, 33, 34, 48, 49, 50]  
 Manuel Conciência, Congr. Orat. [77, 78, 79, 100, 101, 102, 103, 128, 277, 278, 288]  
 Manuel das Chagas [126]  
 Manuel de Lima, O.P. [25]  
 Manuel de la Cruz, O.F.M. [125]  
 Manuel Guilherme, O.P. [314]  
 Manuel Borges [281]  
 Manuel Caetano de Sousa, Clero Regular [349]  
 Manuel da Conceição, O.F.M. [133]  
 Manuel da Ascensão [256]  
 Manuel da Silva e Moyra [279]  
 Manuel da Trindade [289]  
 Manuel das Chagas [464]  
 Manuel de Coimbra [122, 472]  
 Manuel de Deus, O.F.M. [76, 261]  
 Manuel de Figueiredo, E.S.A. [183, 466]  
 Manuel de Mendonça, OCister [273]  
 Manuel de Pinho [343]  
 Manuel de Sousa Galo [193]  
 Manuel do Sepulcro, O.F.M. [455]  
 Manuel dos Anjos, O.F.M. [142]  
 Manuel Ferreira, O.C. [181]  
 Manuel Godinho, S.J. [452]  
 Manuel Gomez de Vasconcelos [402]  
 Manuel Guilherme [64, 65]  
 Manuel Monteiro [258, 282]  
 Manuel Pinto [328]  
 Manuel Tavares de Carvalho [399]  
 Marcos de Guadalajara Xavier [191]  
 Marcos Jorge [134]  
 Maria Baptista, Soror [54]  
 Maria de Jesus de Ágreda, Concecionista [12, 252, 253, 257]  
 Maria Magdalena, Soror [462]  
 Mariano do Piano [465]  
 Martim do Rosário [463]  
 Martinho da Conceição [280]  
 Martinho Peres da Cunha [336]  
 Mateus de Santa Maria [80]  
 Mateus de Vilaruel [406]  
 Mateus Gomes [290]  
 Mathias Ayres Ramos da Silva d'Eça [28]  
 Martinho Roa [357]  
 Miguel Baptista Lanuza [453, 454]  
 Miguel das Almas [104]  
**Nicolás Fernandes Colares, S.J. [81]**  
 Nicolau Cusino, S.J. [105]  
**Pablo Señeri, S.J. [376, 378]**  
 Paulo Cardoso, O.P. [149]  
 Paulo da Conceição, O.C.D. [66, 107]  
 Paulo de Vasconcelos [403]  
 Pedro Calderón de la Barca [127]  
 Pedro Carvajal [457]  
 Pedro Catalayud, S.J. [96, 106, 323]  
 Pedro de Alcântara, Santo [338]



Pedro de Azevedo [30]  
Pedro de la Cruz Zuzarte [489]  
Pedro de Oliveira [305]  
Pedro de Padilla, O.C. [315]  
Pedro de Ribadeneyra, S.J. [13, 180]  
Pedro de Villalobos [404]  
Pedro Giraldo [206]  
Pedro Jaime [456]  
Pedro Malón [255]  
Pedro Penhaloza [70]  
Pedro Salas [375]  
**Roberto Bellarmino, Cardeal, S.J. [44, 45, 351]**  
Roberto de Nossa Senhora do Rosário [358]  
Roberto Farnezio [292]  
Roberto Justiniano [350]  
Rodrigo de Diós, O.F.M. [263]  
**Salvador Correa [371]**  
Sebastião da Conceição, O.C.D. [68]  
Sebastião Muñoz Toscano [13, 458]  
Serafino de Fermo [166]  
Simão António de Santa Catarina [383]  
Simão Coelho, O.C.D. [120]  
Simão da Piedade [291]  
Simão de Roxas [354]  
**Teodosio Manuel de Lima, O.P. [150, 396]**  
Teodosio Franco [395]  
Teresa de Jesus, O.C.D. [385, 386, 389]  
Tomás Backmann [75]  
Tomas Cantero [94]  
Tomás de Jesus, O.S.A. [388, 391]  
Tomás de Vilacatim, S.J. [407]  
Tomás Kempis, Irmãos da Vida Comum [95]  
Tomé de Jesus [387, 392]  
**Valerio Ximenes [488]**  
Vasco Pires [339]  
Vitorino José, O.A.D. [135]



## **ANEXO 3**

### **Índice das obras discriminadas no Catálogo<sup>451</sup>**

---

<sup>451</sup> Para facilitar a localização das obras no índice, optamos por reproduzir os títulos com a ortografia actual. O número entre parênteses retos indica a respectiva entrada no Catálogo. O primeiro título de cada letra aparece destacado em *bold* para facilitar a localização de cada série alfabética.



**Abecedário espiritual** [302]

Acto de contrição [227]

Afectos, consideraciones devotas, sobre os exercícios de São Ignácio [377]

Afectos divinos [375]

Afectos peor expressados en várias novenas [23]

Afição a Maria Santíssima [287]

Agiologio dominicano [25]

Alegação prática e jurídica sobre a pose e sucessão da Casa da Feira [24]

Aljava de sagradas setas [103]

Altísimos documentos y ejercicios para la buena muerte [12, 257]

Amor sagrado [20]

Ano Tereziano [1]

Ano Virgineo [7]

Antorcha Espiritual [8]

Aprecio e estima de la Divina Gracia [276]

Arte de amar a Dios y al prójimo [85]

Arte de orar [250]

Arte de perfeição cristã [69]

Arte para servir a Dios [14]

Arte espiritual [403]

Árvore da vida, Santíssima Cruz [21]

Autos sacramentales [127]

Avisos Espirituais de Santa Teresa de Jesus [2]

Avisos importantes para a confissão ser bem-feita [136]

Avisos importantes para a salvação [355]

Avisos para la muerte [22]

**Banquete espiritual a favor das almas do purgatório** [52]

Beneficios del Santo Ángel de Nuestra Guarda [357]

Bíblia Sacra [37]

Breve aparelho e modo fácil para ajudar a bem morrer [90]

Breve modo para disponer las horas del dia y de la noche [15]

**Cabo da enganosa esperança** [81]

Cadena mística carmelitana [57]

Caminhante cristão [84]

Caminho espiritual [402]

Canonização de S. André Corsino: festas que nela se fizeram no convento do Carmo de Lisboa [126]

Cartas directivas [65]

Carta e colóquio interior de Cristo [109]

Carta Pastoral y conocimiento de la Divina Gracia [320]

Carta pastoral de Fr. Alonso de Jesus Maria aos religiosos... [82]

Carta pastoral de Fr. Alonso de Jesus Maria às religiosas... [83]

Carta pastoral de Fr. Alonso de la Madre de Dios [59]

Carta pastoral de Fr. António da Asumção [58]

Carta pastoral de Fr. Estevão de São José [92]  
Carta pastoral de Fr. Fernando de São João Baptista [56]  
Carta pastoral de Fr. João da Conceição [63]  
Carta pastoal de Fr. João do Espito Santo [71]  
Carta pastoral de Fr. Mateus de S.ta Maria [80]  
Carta pastoral por Fr. Paulo da Conceição [66, 107]  
Carta pastoral de Fr. Sebastião da Conceição [68]  
Cartilha para louvar Cristo [108]  
Catecismo e declaração da doutrina cristã [244]  
Catecismo romano [275]  
Católico no templo [76]  
Catón cristiano [364]  
Circulo de todos os meses: particular devoção a Nossa Senhora [112]  
Clamor do arrependimento [99]  
Clamores feitos ao céu [104]  
Colecção de devoções de São Domingos [358]  
Colecção espiritual de varias obras da mística doutora Santa Teresa de Jesus [411]  
Combate espiritual [75]  
Comentarios para despertamiento del ánimo a Dios [405]  
Compêndio del deseoso [55]  
Compendio doutrinal aumentado [323]  
Compendio das crónicas de Nossa Senhora do Carmo [120]  
Compêndio de exercícios espirituais [256]  
Compêndio de espiritual doutrina [39]  
Compêndio de Meditações [258]  
Concordancia mística [335]  
Confessionário geral [326]  
Confesiones de San Agustin [13]  
Conquistas na Índia em apostólicas missões [123]  
Conselheiro fiel [64]  
Consolação de atribulados [271]  
Consolación de pobres, remedio de ricos [27]  
Cosuelo de los afligidos [247]  
Consulta sobre o hábito das religiosas da orden de Santa Clara [182]  
Contemptus mundi [95]  
Convento del alma [316]  
Convento espiritual [88]  
Coração de Jesus comunicado aos corações dos fiéis [47]  
Coroa angélica [78]  
Coroa Mariana, como se reza e contempla [111]  
Coroa triplicada [74]  
Corte celeste [97]  
Corte santa [105]  
Cristiana reformación [93]

Crónica da religião de São Domingos particular deste reino [118]  
 Crónica dos carmelitas descalços de Portugal [113, 114, 115]  
 Crónica dos religiosos menores [119]  
 Crónica geral dos carmelitas descalços [116, 117]  
 Cruz seráfica [35]  
 Cuida-o bem com a filosofia do verdadeiro cristão e um exercício quotidiano [110]  
**David penitente** [129]  
 David perseguido [130]  
 Declaração copiosa da doutrina cristã [45, 351]  
 Declaração do símbolo [44]  
 Delicias da alma afectuosa [135]  
 De los nombres de Cristo [239]  
 Descuidado combatido [133]  
 Descrição laudatória dos quadros que contêm os misterios do Santíssimo Rosário [237]  
 Desejos piedosos de uma alma saudosa de seu divino esposo [412]  
 Desenganos Místicos [4]  
 Despertador cristiano [132]  
 Despertador do amor divino [170]  
 Devoção ao Santíssimo nome de Maria [89]  
 Devoção aos Santíssimos nomes de Jesus, Maria e José [226]  
 Devoção a São Judas Tadeu e a S. Dimas [139]  
 Devoção a Santa Maria Madalena [140]  
 Devoção das suas sextas-feiras (São Francisco Xavier) [177]  
 Devoção e culto do sacrossanto Coração de Jesus [201]  
 Devoção que a Virgem Maria Senhora Nossa ensinou ao seu devoto S. Tomas de Cantuaria [138]  
 Devoción al Sagrado Corazón de Jesus [70]  
 Devotas considerações sobre os principais motivos da pena e dor de Maria Santíssima [73]  
 Devoto peregrino [61]  
 Diálogos da conquista espiritual [238]  
 Diferença entre o temporal e o eterno [274]  
 Direção para os nove dias de exercícios espirituais [48]  
 Diretório para os sábados da Madre de Dios [324]  
 Directório de religiosas [146, 164]  
 Discurso de los cinco lugares donde han ido y van las ánimas despues que parten de esta vida [382]  
 Discurso sobre a trezena de São Francisco de Padua [204]  
 Divina Filomena a Cristo crucificado [172]  
 Doutrina espiritual [390]  
 Doutrina cristã [134]  
 Doutrinas celestiais dadas pela Virgem Nossa Senhora [167]  
**El comulgatorio** [198]  
 El deseoso y por outro nombre Espejo de religiosas [137]  
 El hijo de David más perseguido [131]  
 Ejercicios espirituales [200, 248]  
 Elogio da Baronesa D. Ana Xavier de Assis e Mascarenha [26]

Elogio às chagas de São Francisco [169]  
Elogio do P. Francisco Manuel [344]  
El pan necessário de cada dia [175]  
El pastor de la Noche Buena [318]  
El varón de deseos [310]  
Epítome mariano [67]  
Epistolário Espiritual [10]  
Epístolas de São Jerónimo [222]  
Escada mística de Jacob [149]  
Escala espiritual [224]  
Escola angélica [147]  
Escola de Belém [209]  
Escola de oração [148]  
Escuela espiritual [404]  
Escravidão e filial íntegra a Maria Santíssima [145]  
Escravo da Nossa Senhora [374]  
Espejo que no engaña [376]  
Espejo de los trabajos de Jesus crucificado [221]  
Espelho em que deve verse e comporse a alma [87]  
Espelho de oração [40]  
Estímulos de la Orden del Carmen [488]  
Estações da Nossa Madre Maria de la Antigua [142]  
Estações da Via Sacra [19]  
Estímulo de amor [31]  
Estímulo do amor divino [50]  
Estímulos do amor de Dios [396]  
Estímulos do amor divino [150]  
Estrada seguida pelo caminho da cruz [372]  
Excelências da misericórdia e frutos de esmola [141]  
Excelências de São José [218]  
Exercício afectuoso em obsequio de Cristo [102]  
Exercícios de dez dias de recolhimento interior às chagas de Cristo [328]  
Exercícios de grande merecimento e pacto que com Deus se há-de fazer [151]  
Exercícios devotos para a noite de quinta-feira em memória da instituição do Santíssimo Sacramento [203]  
Exercícios espirituais [366]  
Exercícios espirituais e meditações [34]  
Exercícios espirituais de S.to Ignácio [42]  
Exercício particular para os filhos e devotos da Senhora do Carmo [152]  
Exercício santo para todos os dias da semana [154]  
Exercício utilíssimo para todo o cristão [153]  
**Feira Mística** [3]  
Festivo dia que a toda a Igreja deu Santo Agostinho [183]  
Fiel amigo [269]



Fiesta que el convento del Carmen de Valencia hizo a Santa Teres de Jesus [273]  
Finezas de Jesus Sacramentado [223]  
Flores del carmelo [179]  
Flos Sanctorum [180]  
Fragoa do Amor Divino [206]  
Fugida do mundo para Deus pela escada da penitência [393]  
Fundação do mosteiro do Salvador da cidade de Lisboa [54]  
**Gemidos da Mãe de Deus aflita** [202]  
Gratidão desempenhada [185]  
Grinalda mística [62]  
Gritos das almas do purgatorio [199]  
Guia espiritual [312]  
Guia de pecadores [190]  
**Hermosura de Dios** [285]  
Himno de la gloria de Dios [94]  
Himno que em obsequio de Maria Santíssima rezava São Casimiro [216]  
História da fundação do mosteiro do Crucifixo [53]  
História dos milagres da sagrada imagem de Nossa Senhora do Monte Agudo [122]  
História profética [214]  
Homelias sobre alguns misterios da vida de Cristo e lugares do Evangelho [212]  
Huerto del Celestial Esposo [215]  
**Incendios de amor sagrado** [106]  
Indulgências concedidas às contas das sete dores de Nossa Senhora [234]  
Indulgências concedidas aos cofrades de Nossa Senhora do Carmo [235]  
Indulgências concedidas aos cofrades do rosário [232]  
Inferno aberto [378]  
Isargoge moral [192]  
Insinuación de la divina piedad [187]  
Introdução à vida devota [156]  
Introducción a la vida devota [160]  
Introdução para penitentes [229]  
Instrução para se oferecer, viver e morrer escravo de Maria Santíssima [228]  
Itinerário historial [236]  
**Jardim espiritual** [315]  
Joia digníssima de corações limpos [171]  
Jornadas para el cielo [249]  
Josefina panegírica [219]  
Jubileu: como se há de visitar a Igreja em que se ganha [231]  
Jubileu do ano santo: como se há de ganhar [230]  
**Lágrimas e faíscas do amor divino** [86]  
Lámpada acendida [188]  
Libro de la conversión de la Magdalena [255]  
Livro das Fundações [386]  
Lição espiritual do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo [339]

Loteria feliz [246]  
Lucha y combate espiritual del alma com sus afectos desordenados [245]  
Luta espiritual y amorosa entre Dios y la Alma [240]  
Luz e calor [33]  
Luz e método fácil para os que quiserem ter o importante exercício da oração [261]  
Luz para visitar as estações da Via Sacra [16, 241]  
Luz de verdades católicas [311]  
**Manual da alma e arte de bem morrer** [332]  
Manual de exercícios espirituais [407]  
Manual de oração [72]  
Maravillas auténticas que Dios obra com los pañuelos de Santa Teresa [268]  
Margaritas preciosas de la Iglesia [381]  
Meditaciones de los mistérios de nuestra santa Fé [313]  
Meditações [144, 347]  
Meditações das cinco chagas do Senhor Jesus dos Perdões [305]  
Meditações, corações de Santa Brizida [162]  
Meditações dos principais mistérios de Nossa Senhora [49]  
Meditações para as domingos do ano [98]  
Meditações de Santa Brizida [43]  
Médula mística [251]  
Método práctico de oração mental [143]  
Mestre da vida [157]  
Mestre da virtude [158]  
Miserere vertido em português [264]  
Misterios de nuestra santa Fé [334]  
Mística ciudad de Dios [252]  
Mística teologia [197]  
Modo de rezar o rosário [41]  
Modo de rezar o terço de Nossa Senhora [354]  
Modo eficacíssimo de orar para conseguir a poderosa protecção das onze mil virgens [159]  
Monte calvário [194]  
Monte de piedade [262]  
Motivos espirituais [263]  
Motivos para acompanhar o Santíssimo Sacramento [353]  
Motivos para exercitar com frequência as visitas do Santíssimo Sacramento [265]  
**Novena das Almas** [281]  
Novena Coroa Angélica de São Miguel [278]  
Novena da Conceição e do Carmo [292]  
Novena de Cristo no doloroso passo do *Ecce Homo* [292]  
Novena do Grande Baptista [280]  
Novena da Inmaculada Conceição [283]  
Novena da Madre de Deus com o título da Senhora das Necessidades [297]  
Novena da transição do coração de Santa Teresa [298]  
Novena de Nossa Senhora da Graça [279]

Novena de Nossa Senhora de Nazareth [284]  
 Novena de Nossa Senhora em obsequio das suas imagens que no mundo estão sem serem veneradas [299]  
 Novena de São Filipe Neri [290]  
 Novena de São João da Cruz [277]  
 Novena de São José [301]  
 Novena de São Marcos [300]  
 Novena de Santa Mónica [289]  
 Novena de Santa Teresa de Jesus [293]  
 Novena de Santa Rita [291]  
 Novena dos Desposórios de Nossa Senhora [296]  
 Novena do Santíssimo Coração de Jesus [294]  
 Novena do Santíssimo Sacramento [286]  
 Novena do Santo Anjo Custódio do Reino [295]  
 Novenas para os principais mistérios de Maria Santíssima [288]  
**O mundano constrangido** [260]  
 Obras completas (Fr. Luis de Granada) [186]  
 Obras do Mestre João de Ávila [9]  
 Obras espirituais (António das Chagas) [60]  
 Obras espirituales (Serafino de Fermo) [166]  
 Obras poéticas [348]  
 Obras y relaciones [345]  
 Obsequio de um pecador amante ao coração de Maria Santíssima [308]  
 Obsequio saudoso a Maria Santíssima no dia do seu trânsito [225]  
 Obsequios de Maria Santíssima [100]  
 Obsequios a Maria Santíssima [79]  
 Obsequios a São José [77, 101]  
 Ofício particular de São Miguel [303]  
 Oração do Papa Alexandre 7º [307]  
 Oração panegírica a São João Baptista [173]  
 Oración panegírica a la concepción pura de María Santísima [18]  
 Orações devotas que rezava o Santíssimo P. Benedito [306]  
 Oratorio de religiosos [195]  
**Pão partido em pequeninos** [341]  
 Passio duorum [330]  
 Pecador convencido [254]  
 Peligros e reparos de la perfección y paz religiosa [309]  
 Pelegrinación de la Filotea al Santo Templo y Monte de la Cruz [319]  
 Pensamentos cristãos para todos os dias do mês [342]  
 Pensamientos cristianos [333]  
 Piisima erga Dei genetricem devotio [36]  
 Práctica de ayudar a bien morir [321]  
 Práctica e breve declaración del caminho espiritual [327]  
 Práctica de la vida dulce y racional del cristiano [96]

Práticas espirituais [314]  
Práticas, orações e preces que se fazem todos os domingos de tarde na Igreja de S. Roque [329, 340]  
Preparação para a sua festa (São Filipe Neri) [176]  
Preparação para o nascimento do menino Jesus [395]  
Preparação útil para celebrar a festa de Santa Catarina mártir [410]  
Proalterium B.M. Virgem [38]  
**Ramillete de flores espirituales** [359]  
Ramillete de divinas flores [373]  
Recreación del alma [30]  
Regras mui importantes para o exercício da fé [406]  
Reflexões sobre a vaidade dos homens [28]  
Relação métrica das festas de canonização de São João da Cruz [383]  
Relação e notícia dos Reinos, cidades da cristandade que o tem tomado por patrono (São Francisco de Borja) [184]  
Recopilação das mesmas indulgências [233]<sup>452</sup>  
Regras gerais da melhor ortografia [346]  
Relação das coisas que fizeram os PP. da Companhia na Índia Oriental [208]  
Relación de las fiestas que en la ciudad de Barcelona se hicieron en la canonización de Raimundo de Penafort [363]  
Relação histórica de la real fundación de las descalzas de Madrid [121]  
Relação da notável procissão com que foi levado à cidade do Porto o senhor de Boição [399]  
Relação panegírica das exéquias que a Irmandade de Nossa Senhora mãe dos Homens fez ao seu instituidor o P. Fr. João de Nossa Senhora [270]  
Relação da perseguição que teve a cristandade do Japão desde maio de 1612 até novembro de 1614 [267]  
Religiosa em solidão [336]  
Religiosa instruída [5]  
Relógio da paixão [349]  
Relógio santo [360]  
Remédio de pecadores [356]  
Representación de la verdad vestida [362]  
Rescate piedoso y libertad religiosa de las almas del purgatorio [322]  
Restauração ou renovação do Homem [487]  
Resumo de sus obras (María de Jesús de Ágreda) [253]  
Romance al Niño Jesus [304]  
Rosário de Nossa Senhora como se reza em Roma [361]  
Rosario do Santíssimo Sacramento [163, 193]  
**Santa Teresa de Jesus: as suas obras** [385]  
Santa Teresa de Jesus: informação que o Ilustríssimo e Reverendíssimo Patriarca de Jerusalem vicelegado de Sua Santidade tomou nesta cidade de Lisboa sobre a vida e obras da Santa [389]  
São Bento: visita que este patriarca costuma fazer aos seus devotos [51]

---

<sup>452</sup> Refere-se à obra *Indulgências concedidas aos cofrades do Rosário* [232].

São Gonçalo: a sua devoção [207]  
 Segunda parte de los Misterios de la Sacrosanta Pasión [213]  
 Semana Santa ou Soledades do Buçaco [370]  
 Semana de amor ao portento de milagres de S.to António [379]  
 Sentimentos mátricos pela morte da Sereníssima Infanta D. Francisca [29]  
 Sermones de las domingas del año y ferias de la cuaresma [400]  
 Sermones de las fiestas de Cristo y de María Santísima [210]  
 Sermão da canonização de São João da Cruz [350]  
 Sermão da profissão e veu da Madre Maria Gracia do Santíssimo Sacramento [371]  
 Sermão de São Manuel [168]  
 Sermões (Fr. António de Santo Eliseu) [6]  
 Sermões (Francisco Xavier) [153]  
 Sermões (Manuel Bernardes) [32]  
 Sermões traduzidos em português [259]  
 Setas do amor de Deus [242]  
 Seus dictames e documentos espirituais e morais (São Filipe Neri) [178]  
 Soledades do Buçaco [384]  
 Soledades de la vida y soledades del mundo [243]  
 Soliloquios amorosos de una alma a Dios [317]  
 Solilóquios divinos [408]  
 Solitário contemplativo [368, 369]  
 Sua devoção (S.ta Maria Madalena) [266]  
 Suas obras (João da Cruz) [217, 220]  
 Subida del alma a Dios [367]  
 Suma y compendio de los grados de oración [388, 391]  
 Summa espiritual [174]  
 Suspiros do pecador na agonia da morte [380]  
**Templo de Neptuno** [272]  
 Tesoro espiritual de la religión del Carmen [191]  
 Tesouro quase desconhecido. Suma das principais indulgências concedidas aos Cofrades do rosario [398]  
 Testamento da alma [92]  
 Trabajos de Jesus [387, 392]  
 Tratado contra Lutero [365]  
 Tratado da oração [205]  
 Tratado da oração do Padre Nosso e da Avemaria [196]  
 Tratado de la antiguedad de la Orden de Nuestra Señora del Carmen [124]  
 Tratado de oração e meditação [338]  
 Tratado de la oración vocal [189]  
 Tratado de perfeição religiosa [325]  
 Tratado de las malas lenguages del mundo, carne y diablo [11]  
 Tratado de quão proveitosos são na Índia o PP carmelitas descalços ao serviço de Deus e de el-Rei [125]  
 Tratado do desejo que uma alma teve de ir viver ao deserto para servir a Deus [161]

Tratado do Santíssimo Sacramento [165]  
Tratado do Rosário [17]  
Tratado do Santíssimo Sacramento do Altar [46]  
Trezena de S.to António [394, 397]  
Tributo de vários obséquios a São José [337]  
Triunfo del Bautismo [331]  
**Universal redención, Pasión y Muerte de Jesus Cristo [211]**  
**Velhice instruída e destruída [128]**  
Via Sacra [413]  
Vida da Beata Verónica [445]  
Vida do Beato Henrique Suzo [460, 482]  
Vida da Imperatriz Leonor [447]  
Vida da Madre Mariana da Purificação [479]  
Vida da Madre Mariana do Rosário [467]  
Vida de Fr. António da Conceição [484]  
Vida de Fr. António de São Pedro [426]  
Vida de Fr. Bartolomeu dos Mártires [461]  
Vida de Fr. Simão Roxas [478]  
Vida de Santa Catarina de Sena [468]  
Vida de Santa Guiteria [469]  
Vida de São Caetano [480]  
Vida de Fr. Diego de Jesus [440]  
Vida de São Filipe Neri [456]  
Vida de São João Baptista [457]  
Vida de São João da Cruz [438, 481]  
Vida de São João Evangelista [462]  
Vida de Fr. João de São São [464]  
Vida de São Francisco de Assis [463]  
Vida de San Luís Gonzaga [459]  
Vida de San Marcos [428]  
Vida de São Pedro de Alcântara [441]  
Vida del espíritu para tener oración [352]  
Vida e excelências de Santa Ana [470]  
Vida e martírio do venerável P. João de Brito [416]  
Vida e morte do servo de Deus Fr. Simão Roxas [430]  
Vida, muerte y milagros de San Juan de Dios [427]  
Vida y obras maravillosas de la venerable Águeda de la Cruz [431]  
Vida del P. Fr. Domingos de Santa Maria [424]  
Vida do Cardeal Vicente Maria Vosini [485]  
Vida do Padre António José Português e Tristão de Atemir Italiano, sua prisão e martírio [486]  
Vida do Padre Fr. Estevão da Purificação [451]  
Vida do Padre Nicolás Factor [471]  
Vida do Padre João de Almeida [420]  
Vida de Nossa Senhora [473]

Vida de Santa Ana [476]  
Vida de Santa Genoveva [472]  
Vida de Santa Gertrudes Magna [422]  
Vida de Santa Maria Madalena de Pazis [442]  
Vida de Santa Rita [466]  
Vida de Santa Rita de Cassia [475]  
Vida de Santa Rosa de Santa Maria [448]  
Vida de Santa Rosa de Viterbo [455]  
Vidas dos Santos da Ordem do Carmo [181]  
Vida de Santa Teresa de Jesus [434]  
Vida de São Tomas de Vilanova [433]  
Vida de São Vicente de Paula [419]  
Vida do servo de Deus Gregório [477]  
Vida y trabajos de Fr. Jerónimo Gracian de la Madre de Dios [423]  
Vida y virtudes de la prodigiosa D. Antonia Jacinta de Navarra y de la Cueva [421]  
Vida e virtudes de São João da Cruz [417]  
Vida, virtudes y milagros de la venerable Madre Ana de San Agustín [425]  
Vida, virtudes y milagros de la venerable Ana de San Bartolomé [429]  
Vida del venerable Juan de Palafox y Mendoza [415]  
Vida del venerable Francisco de la Cruz [458]  
Vida del venerable Fray Francisco del Niño Jesús [439]  
Vida del venerable Francisco de Yepes [443]  
Vida do venerável Padre Fr. Lourenço de Brindisi [465]  
Vida del venerável Padre Vicencio Carasa [432]  
Vida da venerável Madre Juliana de Santa Maria [437]  
Vida da venerável Madre Maria de Jesus [436]  
Vida da venerável Madre Mariana de Jesus [444]  
Vida da venerável Madre Rosa Maria Sério [446]  
Vida da venerável Madre Teresa Juliana de São Boaventura [435]  
Vida da venerável Soror Joana Luísa do Carmelo [483]  
Vida de la Reina de Escócia Maria Estuarda [449]  
Vida de la venerable Doña Luisa de Carvajal y Mendoza [450]  
Vida de la venerable madre Feliciana de San José [454]  
Vida de la venerable madre Francisca del Sacramento [453]  
Vida de la venerable madre Mariana Francisca de los Ángeles [414]  
Vida de la venerable D. Marina de Escobar Montaña [418]  
Vida dos cinco Mártires de Marrocos [474]  
Vida do venerável Fr. António das Chagas [452]  
Villancicos y Romances [343]  
Vindícias da virtude [409]  
Vita Christi [401]





## **ANEXO 4**

**Alguns livros conservados na Biblioteca Nacional de Portugal que  
pertenceram ao Convento de S.to Alberto**



**Alguns livros com marcas de posse que pertenceram ao convento de S.to Alberto, conservados na Biblioteca Nacional de Portugal**

**R. 13168 P.** – Alonso de Madrid – *Arte para servir a Dios.*

**R. 14671 P. / R. 15273 P. / R. 23066 P. / R. 23134 P. / R. 23289 P. / R. 23290 P.**<sup>453</sup> – Fradique Espinola (OCist.) - *Directorio de religiosas para seo aproveitamento espiritual: conforme a doutrina de Dam Francisco de Sales...*

**R. 8883 P. / R. 14381 P. / R. 24171 P.** – Juan Eusebio Nierenberg – *De la hermosura de Dios y su amabilidad por las infinitas perfecciones del ser divino.*

**R. 24131 P.** - Luís da Apresentação – *Excellencias da misericordia, e fructos da esmola (parte I).*

**H.G. 1735 V. / R. 17017 P. / R. 25141 P.** – Luís da Apresentação – *Vida de la bienaventurada Madre Soror Maria Magdalena de Pazzi.*

**TR. 847 P. (vol 5) / TR. 848 P. (vol. 7)** – María de Jesú des Ágreda – *Mystica Ciudad de Dios...*

**H.G. 5356 V. / R. 14043 P. / F. 6676** – Pedro da Cruz Juzarte – *Trasladação do venerável Padre F. Estevão da Purificação, português, natural de Villa Moura...*

**RES. 1014 P. / RES. 2793 P.** – Santa Teresa de Jesus – *Tratado llamado Camino de perfeccion que escrivio para sus monjas la madre Teresa de Jesus...*

**Livros com marcas de posse incorporados na livraria de S.to Alberto em data posterior à da elaboração do Catálogo, conservados na Biblioteca Nacional de Portugal**

**S.A. 8947 P. / S.A. 8948 P. / RES. 1238 P. / RES. 1021 P. / F. 2973 / F. 4469** - Ambrosio Nunes – *Tractado repartido en cinco partes principales, que declaran el mal que significa este nombre Peste com todas sus causas ...*

**RES. 6733 P.** – Francisco Pérez de Nájera – *Desempeños del alma. Por via de Conferencias, y Memoriales divinos.*

**H.G.3505 P. / H.G.3506 P. / R. 23757 P. / F. 5718** – Giovanni Battista Rinuccini - *Historia do capuchinho escocez: escrita em toscano.*

---

<sup>453</sup> A referência às diversas cotas corresponde aos diversos exemplares / edições existentes na Biblioteca Nacional de Portugal, assim como ao núcleo onde se encontram catalogados.

**R.20966 P.** – Inácio de Jesus Maria (OCD) – *Doutrina Christam, ordenada à maneira de Dialogo para ensinar os meninos...*

**RES. 1001//2 P.** - Luis de León – *La perfecta casada.*

**R. 13826// 1P.** – Mateus Pinheiro – *Convento espiritual / composto por huma Freyra Leyga, em Granada...*

**R. 1018 P.** – Miguel Deslandes (impressor) – *Devoçam ao glorioso S. Gonçalo, da Ordem de São Domingos: modo de celebrar os seus quatorze dias.*

**RES. 3278 V.** – Plínio, o Velho – *Historia Naturale.*

**R. 13826// 2 P.** - Santa Brígida da Suécia – *Meditações de S. Brigida.*

**R. 6483 P. / R. 14994 P.** - Santa Catarina de Génova – *Prodigios raros de altíssima perfeccion en la vida maravillosa de la esclarecida matrona la Beata Catalina Adorno.*

**R. 14470 P / Res.6328 P.** – Thomas de Kempis – *Contemptus Mundi.* Edição de 1649.

**Res. 609 P.** – Gabriel de Matos – *Relação de perseguição que teve a cristandade do Japão desde maio de 1612 até novembro de 1614.*

## **ANEXO 5**

### **Relação de algumas das religiosas que habitaram em S.to Alberto**



## RELAÇÃO DE ALGUMAS DAS RELIGIOSAS QUE HABITARAM EM S.TO ALBERTO<sup>454</sup>

### 1. **Maria de São José** (Salazar) (1548 – 1603)

Discípula dileta e amiga íntima de Santa Teresa de Jesus, fundadora e primeira priora de S.to Alberto. Ver capítulo IV, ponto 2.

### 2. **Mariana dos Santos** (Venegas)

Discípula direta de Santa Teresa, fundadora do convento de Sevilha. Foi várias vezes sacristã e duas vezes priora, a primeira em 1590. Tinha grande habilidade para a costura. Durante os últimos oito anos da sua vida apenas saiu da cela, a não ser para ouvir missa, transportada num carrinho. Com frequência pedia que lhe lessem algum livro devoto, agradecendo com estas palavras: «Dios te lo pague, hermana, que me has consolado». Faleceu em idade avançada, em 1633<sup>455</sup>.

### 3. **Branca de Jesus** (Freile)

Discípula direta de Santa Teresa, fundadora. Era portuguesa mas estava professa no Carmelo de Sevilha. Foi eleita Priora em 6 de novembro de 1593 e ocupou o cargo novamente em 1597.

### 4. **Inês de Santo Eliseu** (Morales)

Discípula direta de Santa Teresa, fundadora. Professou no convento de Sevilha. Durante 23 anos exerceu sucessivamente como porteira, sacristã e mestre de noviças. Nunca se deitava; costurava em pé e dormia encostada à parede ou de joelhos. Faleceu em 15 de janeiro de 1608, antes de ter sido eleita priora<sup>456</sup>.

### 5. **Alberta da Madre de Deus** (Irmã Clarência)

Nascida Inês Franca, Filha de Gaspar Matias e Elvira Franca. «Dicem que era irmã ou sobrinha do grande servo de Deus, Diogo Fernandez, Capellão delRei». Entrou em S.to Alberto com 13 anos de idade e professou dois anos depois em 19 de março de 1588, sendo a primeira portuguesa a vestir o hábito em S.to Alberto. Segundo Jorge Cardoso, esta religiosa exercitava-se «nas virtudes com

---

<sup>454</sup> Todas as que foi possível apurar até à data nas diversas fontes documentais e bibliográficas consultadas, enumeradas, sempre que possível, em ordem cronológica.

<sup>455</sup> CARDOSO, 2002: II, 137-138; 142.

<sup>456</sup> CARDOSO, 2002: I, 150; 155-156.

varonil resolução». Faleceu prematuramente, com 19 anos de idade, em 7 de junho, sexta-feira, de 1591, sendo também a primeira religiosa que faleceu neste convento. Era prima de Jerónima de Jesus (20)<sup>457</sup> e Brites do Espírito Santo (21). Quatro anos depois foi aberta a sua sepultura e o cadáver foi encontrado incólume. Em lugar de sangue emanava leite<sup>458</sup>.

#### **6. Joana de São José**

Era natural de Lagos, filha de Cristovão Diaz de Arez e D. Joana de Miranda, ambos nobres. Tomou o hábito em novembro de 1590 de mãos do dominico Fr. João de las Cuevas, confessor do Cardeal Alberto. Faleceu em 2 de junho de 1593, com apenas 23 anos de idade, o que indica que terá nascido em 1570<sup>459</sup>. Era sobrinha de Blanca de Jesus pela línea paterna<sup>460</sup>.

#### **7. Antónia da Cruz**

Professou em 9 de novembro de 1587. Foi eleita prioresa em 25 de outubro de 1615.

#### **8. Maria de Jesus**

Esta religiosa foi uma das primeiras portuguesas a professar em S.to Alberto. Foi subprioresa em 1612. Era sobrinha do Conde de Sabugal, um dos grandes benfeitores do convento.

#### **9. Ludovica de Jesus**

Era professa em S.to Alberto em 1608. Foi autora de *Instrução de Noviças* e *Vida de Inês de Santo Eliseu* [4].

#### **10. Ana de Jesus**

Não se deve confundir esta religiosa com a fundadora das casas francesas e belgas, que no primeiros anos de existência de S.to Alberto se encontrava no convento de Granada, desde onde partira para Flandes.

#### **11. Francisca das Chagas**

Foi criada no Paço da Infanta D. Maria. Depois foi camareira –Mor de D. Constanza com cuja família empreendeu uma dramática viagem de barco, naufragando este. No entanto, Francisca sobreviveu, voltando junto do pai que, entre tanto, tinha casado em segundas núpcias. Após o falecimento da madrasta, o pai de Francisca cassou novamente com uma mulher muito devota e exemplar que sentia um sincero afeto pela jovem, ao ponto de deixar-lhe em herança todas as suas jóias.

---

<sup>457</sup> O número entre parênteses indica a localização da religiosa nesta relação.

<sup>458</sup> CARDOSO, 2002: III, 576; 582.

<sup>459</sup> CARDOSO, 2002: III, 500-501; 506.

<sup>460</sup> ATIGARRAGA, 1978: 495.



Francisca rejeitou estas riquezas e entrou em S.to Alberto, onde tomou o véu em 11 de setembro de 1586. Faleceu em 18 de abril de 1647, com 90 anos de idade, 40 dos quais afetada pela cegueira<sup>461</sup>.

## **12. Inês da Madre de Deus**

Professou em 13 de setembro de 1587. Foi eleita priora em 31 de março de 1610, destituída em 1612 - pelo excesso de zelo no cumprimento da Regra - e eleita novamente priora em 7 de dezembro de 1618. Ocupou este cargo até 1620. Esta religiosa é referida por Maria de São José na sua *Declaração Canônica*, p. 469 da edição Silveriana.

## **13. Luísa de Santa Clara**

Fazia parte do grupo de quatro religiosas escolhidas para fundar o convento de Cascais, segundo nos informa Maria de São José Salazar na *Hermanidad espiritual entre las Carmelitas de Barcelona, Lisboa, Medina y Pamplona*, datada em 23 de outubro de 1598<sup>462</sup>. As outras eleitas foram Isabel de San Francisco (15), Petronila de San José (23) e Francisca de la Madre de Dios (14).

## **14. Francisca da Madre de Deus**

Estas duas religiosas [13 e 14] foram discípulas de Santa Teresa. Procedentes de Sanlúcar de Barrameda, permaneceram cinco anos em S.to Alberto. Ambas faziam parte do grupo de fundadoras do convento de Cascais.

## **15. Isabel de S. Francisco**

Era de ascendência nobre. Recebeu o hábito em Toledo, das mãos da própria Santa Teresa, que depois a enviou para S.to Alberto com o segundo grupo de fundadoras. Foi discípula de Santa Teresa e companheira desta em diversas fundações. Também esteve no convento de Sevilha. Fazia parte do grupo de fundadoras do convento de Cascais. Foi priora em 1607 e em 1615 e mestre de noviças de Maria de S. José “a Loba” (19). Faleceu em 1622<sup>463</sup>.

---

<sup>461</sup> CARDOSO, 2002: II, 627-628; 632.

<sup>462</sup> ASTIGARRAGA, 1978: 503 – 505.

<sup>463</sup> CARDOSO, 2002: I, 495; 500. II, 26; 409.

## **16. Anónima**

Sabemos que se encontrava em S.to Alberto em 1630. Foi autora da *Relação Compendiada da Vida e Virtudes da Venerável Archangela de S. Miguel*. Era natural de Villacastin<sup>464</sup>.

## **17. Arcângela de S. Miguel**

Esta religiosa espanhola fazia parte do segundo grupo de religiosas que chegaram a S.to Alberto, procedentes de Sevilha, nos últimos meses de 1585. Era natural de Umbrete (Sanlucar de Barrameda). Segundo Jorge Cardoso, tomou o hábito de coriS.ta Maria de São José (Salazar) pretendia «que ficasse leiga de véu branco ao que ela respondeu: façasse o que vossa caridade quiser, que esse é o meu gosto»<sup>465</sup>. Faleceu em 25 de janeiro de 1630. Posteriormente foi biografada por uma anónima companheira [16].

## **18. Margarida das Chagas**

Amiga de Maria de S. José (Salazar). Era filha do Conde de Vila Franca, Rui Gonçalves da Câmara. Ingressou na Ordem aos treze anos de idade. Faleceu em 1605, com apenas 25 anos de idade. Segundo Jorge Cardoso, antes de morrer disse ao Provincial: «Padre-nosso, ne obliuscaris in fine»<sup>466</sup>.

## **19. Maria de S. José, “a Loba”**

Maria Lopes Lobo nasceu em Setúbal. Era filha de Luís Lopes Lobo, nobre que serviu na Índia e perdeu a vida em Alcácer-Quivir, e da segunda esposa deste, D. Inês de Sousa, filha de António Carvalho Castello. Foi uma das religiosas que cuidou de Maria de São José “a Silva”, quando esta ficou tísica, acabando por contrair também a doença e sucumbindo a ela em 1626. Segundo Jorge Cardoso, o Provincial pediu a esta religiosa que não morresse antes dele chegar ao convento para a visita que estava programada. “A loba” «pediu à sua irmã que escrevesse ao Provincial, lhe desse licença para morrer, pela anciã com que estava de ir gozar da vista de Deus, e glória dos Santos. Caso maravilhoso! Ao mesmo tempo, que o Provincial acabou de escrever, dando-lhe faculdade para morrer, pediu os Sacramentos, que recebidos com amorosos e humildes affectos espirou a Serva de Deus, antes que chegasse o mensageiro com a resposta»<sup>467</sup>. Ver capítulo IV, ponto 3 e anexo 6.

---

<sup>464</sup> CORAÇÃO DE JESUS, 1962: Apêndice.

<sup>465</sup> CARDOSO, 2002: I, 249-250;254.

<sup>466</sup> CARDOSO, 2002: II, 54; 59.

<sup>467</sup> CARDOSO, 2002: VI, 453-455; 467-468.

## **20. Jerónima de Jesus**

Foi priora em 1612 e 1621.

## **21. Brites do Espírito Santo**

Natural do Algarve. Era prima de Jerónima de Jesus. Estas duas religiosas (20, 21), primas da “Irmã Clarência” (5), eram sobrinhas do P. Diogo Fernandes, sepultado em S.to Alberto. Faleceu em 1636<sup>468</sup>.

## **22. Isabel de S. Jerónimo**

Foi uma das fundadoras que chegou a S.to Alberto com o segundo grupo de religiosas. Era natural de Toledo mas professou em Medina del Campo. Acompanhou a Santa Teresa nas fundações de Pastrana, Malagón, Beas e Sevilha. Foi priora em S.to Alberto repetidas vezes, e também subpriora em 1595, segundo consta na Declaração Canônica de Maria de São José<sup>469</sup>. Faleceu em 1618<sup>470</sup>.

## **23. Petronila de S. José**

Em 1621 era sacristã em S.to Alberto.

## **24. Luísa de Jesus Maria**

Fez parte do segundo grupo de fundadoras.

## **25. Madalena de Jesus**

## **26. Anastasia de S. Francisco**

## **27. Micaela Margarida de Santa Ana**

Filha do Imperador Mathias, sobrinha do Cardeal Vice – rei Alberto. Foi fundadora e primeira priora do convento de Santa Teresa e S. José, no Carnide (Lisboa), segundo carmelo feminino em Portugal, fundado em 1642, 57 anos após a fundação de S.to Alberto.

## **28. Beatriz do Santíssimo Sacramento**

## **29. Catelina de los Reyes**

---

<sup>468</sup> CARDOSO, 2002: III, 152; 161.

<sup>469</sup> Página 467 da edição Silveriana.

<sup>470</sup> CARDOSO, 2002: II, 21-22; 26.

### **30. Marina de los Santos**

Foi priora em 1590

### **31. Alberta da Madre de Deus**

### **32. Uma irmã leiga**

Esteve primeiramente no convento da Anunciada<sup>471</sup>.

### **33. Maria da Trindade**

Era filha de pais nobres. Faleceu em 1636, tísica, com apenas 23 anos de idade, depois de ter contraído a doença por transmissão de Maria de S. José “A Silva” (37), a quem cuidou. Era muito dada aos livros devotos, especialmente os de Santa Teresa «segundo relações que nos vieram às mãos, escritas por religiosas suas contemporâneas, de mandado dos prelados»<sup>472</sup>.

### **34. Ana da Conceição**

Transitou para o convento de Carnide.

### **35. Margarida da Conceição**

### **36. Catharina de Christo**

### **37. Maria do Calvário**

Era filha de Simão de Souza Ribeiro de Vasconcellos, Alcaide-mor. Professou em S.to Alberto quando ficou viúva.

### **38. Soror Teresa de Jesus María (María Pineda Zurita)**

Nasceu em Toledo em 1 de outubro de 1592 e faleceu no convento de Cuerva, em data incerta de 1642. Segundo alguns indícios encontrados nas *Chronicas* de Fr. João do Sacramento<sup>473</sup>, foi priora em S.to Alberto em 1633 sem chegar a concluir o mandato. É autora de uma extraordinária coleção de escritos de carácter místico e autobiográfico, publicados em 1921 por Manuel Serrano y Sanz. Ver capítulo IV, ponto 4.

### **39. Maria da Apresentação**

Trata-se de D. Maria de Noronha, da Casa de Arcos.

---

<sup>471</sup> Os nomes destas religiosas (28, 29, 20, 31 e 32) constam na *Hermandad espiritual entre las Carmelitas de Barcelona, Lisboa, Medina y Pamplona*, escrita por Maria de São José e datada em 23 de outubro de 1598 ASTIGARRAGA, 1978: 503 – 505.

<sup>472</sup> CARDOSO, 2002: II, 340-341; 347. Estas palavras vêm confirmar a existência de diversas escritoras em S.to Alberto.

<sup>473</sup> SACRAMENTO, 1721: Tomo V, p. 422, parágrafo 587.

**40. Maria Josefa**

Foi priora em 1696.

**41. Inês de S.to Alberto**

**42. Maria de São José “A Silva”**

**43. Brites do Sacramento**

**44. Isabel de S.ta Teresa**

**45. Margarida do Carmo**

Estava em S.to Alberto em 1827.

**46. Maria Gracia do Sacramento**

Esta religiosa professou em S.to Alberto na década de 1730. Era filha dos Viscondes de Asseca. O sermão que foi proferido durante a cerimónia de tomada do veu encontra-se na Biblioteca da Universidade de Coimbra, Miscelâneas: 177, nº 3111 e leva por título: *Serman na Solemnidade com que tomou o veu de professa a Madre Maria Gracia do Sacramento no Convento das Carmelitas Descalças de S.to Alberto de Lisboa, filha dos Viscondes de Asseca, assistindo àquele acto a Rainha Nossa Senhora, e a Sereníssima Princesa do Brasil...*, por Fr. Salvador Correia, monge de S. Jerónimo. Lisboa Occidental, na Officina de Miguel Rodriguez.

**47. Antónia Teresa de Jesus Maria**

**48. Ignácia Teresa de Santa Ana**

Estas duas religiosas professaram em S.to Alberto em 17 de outubro de 1745, segundo consta numa obra publicada em 1746, revista pelo Dr. Filipe de Oliveira (Clero Secular). Lisboa, Nova Officina Silviana. A obra faz parte do espólio da Biblioteca da Universidade de Coimbra, Miscelâneas: 176, nº 3088.

**49. Ana [sic] Mariana**

Estava em S.to Alberto em 1827.

**50. Antónia Maria de São José**

**51. Micaela Arcanjo**

**52. Maria Teresa dos Anjos**

Deu entrada em S.to Alberto em 7 de julho de 1874.

**53. Maria Madalena da Nossa Senhora do Carmo**

Última religiosa a habitar em S.to Alberto. Faleceu em 8 de abril de 1890, pelas 6:00h.

**ANEXO 6**  
**Relação da obra poética de Maria Salazar (cronologia)**





1. *Pide a sus ojos Lágrimas* (1562) Toledo
2. *Ansias de Amor* (1567) Toledo
3. *El Pensamiento en Dios* (1570 - 1571) Malagón
4. *Felicidad en El Carmelo* (1570 – 1571) Malagón
5. *Olvido del Mundo* (1570 – 1571) Malagón
6. *Ya toda del Amado* (1571) Malagón
7. *Heridas de Amor Místico* (1570 /1574) Malagón
8. *Ansias de Padecer* (1578 – 1579) Sevilla
9. *Amor a la Cruz* (1578 – 1579) Sevilla
10. *San Alberto y San José* (1585) Lisboa
11. *En la toma de Hábito* (1585) Lisboa
12. *Al Santísimo Sacramento* (1585) Lisboa
13. *Fuego de Amor Eucarístico* (1585) Lisboa
- 14. Redondillas (1586) Lisboa<sup>474</sup>**
15. *En la toma de Hábito* (1587) Lisboa
16. *Ansias de Padecer* (1588) Lisboa
17. *Retrato de la verdadera Carmelita* (1589) Lisboa
18. *Esto es ser Carmelita Reformada* (1589) Lisboa
19. *A dos Religiosas Dominicadas* (1589) Lisboa
- 20. Elegia (1591 – 1592) Lisboa**
21. *Paráfrasis Mística sobre el «Pater Noster»* (1592 – 1593) Lisboa
- 22. Soneto (1592 – 1593) Lisboa**
23. *En la Resurrección de Cristo* (1593) Lisboa

---

<sup>474</sup> Os poemas destacados em Bolde não foram publicados por Belchior de Santa Ana nas suas *Crónicas da Ordem*.



**ANEXO 7**

**ALGUNS EXCERTOS DOS ESCRITOS DE MARIA DE SÃO JOSÉ (“A LOBA”)**



**Excertos da sua autobiografia, escrita por mandado do seu confessor e publicada parcialmente por Belchior de Santa Ana no volume III das suas *Chronicas...* da Ordem<sup>475</sup>.**

### **Excerto 1**

Dia do nosso Padre São Gerardo Martyr a 24 de setembro, estado em o Coro na Missa, depois da primeira Hostia, e Calix, me mostrou Nosso Senhor hũa mão, como a que se pinta do nosso Padre Santo Elias sobre as armas da Ordem, tinha apertado um Calix dourado por de fora, mas cheio de peçonha por dentro, que assi lhe chamou pella má vista, que tinha, e grande dificuldade no beberle. Deume o Senhor a entender, que o havia eu de beber. Entendi logo que devia ser, e me offereci ao Senhor de todo meu coração para o cumprimento da sua Santa vontade. E ainda que a carne temia muito, trazia sempre diante dos olhos esse receio, a vontade estava pronta a bebelo todo. [...]. Seis meses depois se começou a beber o Calix de bem de affliçoens, e trabalhos, pelo ordenar assi o Senhor, e vai por cinco anos, que se não deixa de beber com a ajuda divina, que em todas as occasiões, que tê sido muitas, me tem favorecido Deus como Pay piedoso, porque vê em minha fraqueza, e pouca virtude, que não pudera eu sair bem de acções tão contínuas, senam fora a sua continua assistencia, que sentia em minha alma. Seja o Senhor bendito, que por sua infinita misericordia vejo claro, que me tem guardado de offensa sua; porque sempre procurei andar em verdade diante de Deus e de seus Prelados. [...].

SANTA ANA, 1657, vol. I, tomo III, pp. 680 – 681, parágrafo 828.

### **Excerto 2**

No que toca á penitência tive sempre grandes desejos della; posto que nunca chegarão minhas obras aos meus desejos. [...]. Andando o tempo, foi Priora hũa religiosa, que tinha mais conhecimento de minha pouca virtude. E em entrando no officio, determinou, que nem as cousas de obrigação, que nossas leys mandaõ, como trazer estamenha, e jejuar, havia de fazer em quanto ella fosse Prelada. E isto com boa tenção. Veio ao Prelado noticia do que passava: mandolhe que de nenhũa maneira tal cousa fizesse; e assi não passou adiante seu intento. Porém em cousas de superrogação me não deu licença algũa em muito tempo. Dos Prelados a tinha eu algũas vezes: e ella procurou tambem impedir-me isto; e lhes pediu, que mandassem aos Confessores, que me não

---

<sup>475</sup> Mantemos a ortografia tal e como aparece na fonte.

concedessem licença algũa para penitências, nem admitissem, que eu lhes communicasse cousa algũa de minha alma; porque sabia, que eu os enganava, e que tinha demónio: porque inventava invenções na Religião, que se nossa Madre S. Theresa fosse viva me não havia de consentir fazelas.

Se o Senhor me não tivera da sua mão, tudo pudera ser assi; mas pella sua misericordia de nada me acusava a consciencia, antes tudo o que nesta matéria fazia, era nada em comparação dos desejos, que Deus me dava: e a contradição não me desmaiava, antes me alentava muito. Determinei, quando me vi tão apertada, de offerecer a Deus a vontade, e não fazer penitencias, algũas, sem licença, por serem contra as Constituições. Mas não escapei de dizerem, que as fazia; de que a mim me dava bem pouco, posto que Deus sabia toda a verdade. Licença para a fazer, jamais a deixei de pedir, ainda que sabia ma não aviaõ de dar. Porque já que não fazia penitência offerencia a Deus este género della; que não era para mim pequeno. E algũas respostas recebia tam agras, que se houvera de tratar destas matérias, fizera um grande volume. [...].

SANTA ANA, 1657, vol. I, tomo III, p. 681, parágrafo 829.

### **Excerto 3**

Estando hũa noite de Advento em Matinas, estava com inveja das Irmãs, que podiam fazer penitencia, e eu não, como em outro tempo fazia, que na Quaresma e no Advento sempre trazia cilício e cadeas e fazia outras mortificaçõesinhas, que deviam de ser todas de mui pouco valor, como o são todas minhas obras: vim-me para a cela e estando em oração a hũa depois da meia noite pouco mais, ou menos, me consolou o Senhor muito. Nella entendi estas palavras: *Filha, não te aflijas, que nunca a verdade padeceu tanto, como no tempo da minha Paixaõ, porém não pereceu.* Com qualquer palavra destas, que o Senhor me dizia, cobrava eu novo ânimo, e amor seu com desejos de que todos o amassem, e conhecessem a sua bondade, e minha baixeza, e quão longe estava de receber tantas misericordias de hum tão grande Deus, sem haver em mim nenhum merecimento, antes mil impedimentos com meus pecados.

No tempo que acima digo, que me não deixavaõ fazer penitências, tendo eu tão grandes ânsias de fazelas, sentia muitas vezes a aspereza do cilício, e da cadea, como se realmête os trouxera: e passava pella dor da disciplina, ainda que a não tomava. Como também me sucedia no

Refeitório, que naquela falta do sentido do gosto, sentia tanto no interior, que me ficava em oração, e era necessária muita força para deter as lágrimas. [...].

SANTA ANA, 1657, vol. I, tomo III, pp. 682 – 683, parágrafo 830.

#### **Excerto 4**

Mandou-me o Prelado acodir a certo officio, para o qual eu não tinha partes, nem virtude, como lhe significavão pessoas, que mais de perto me tratavão: saviaõ que tratava verdade; porém sentiaõ se muito, de tratar eu tudo. E diziaõ, que o officio me não convinha, havendo outras que muito melhor que eu o podiaõ fazer. Bem via eu que tinhão razão, porém não podia deixar de o fazer. Sobre isto me apertavão muito, que o deixasse; e hũa tarde foi de sorte, que me vi quase alienada da paciencia; segundo minha pouca virtude, dei minhas razoens, e nada bastava. Neste tempo tangeram á oração da tarde. Com esta ocasião me levantei para ir ao Coro, mas de sorte, que me achei nelle, sem saber o como, nem onde estava; só vi junto a mim a Christo N. Senhor em pé a modo de Nazareno, mostrando-me particular favor. Disseme que tivesse paciencia, que alli estava elle para me ajudar, e favorecer em maiores apertos: e esteve comigo mais devagar do que outras vezes. Consoloume e me deixou com tanto ânimo para padecer por elle, que tudo me parecia pouco. Seja elle para sempre bendito. [...].

SANTA ANA, 1657, vol. I, tomo III, p. 683, parágrafo 831.

#### **Excerto 5**

Estando em vesporas da Ascensãõ do Senhor, ao tempo, que viramos o rosto para o Altar, para repetirmos a Antífona da Magnificat, me mostrou o Senhor hũa coroa de formosíssimo ouro, e pedras preciosas; era de deleitosa vista, mas não estava de todo acabada, que bem via eu, que lhe faltavão alguns remates. Em isto entendi mais do que saberia dizer. Deume o Senhor por sua misericórdia hum conhecimento grande da minha indignidade, vendo, que por minhas culpas merecia o inferno. E isto me trazia com cuidado. No lullo seguinte estando em oração na cella, e sendo pela meia noite, véspora de Nossa Senhora do Carmo, ao tempo que no convento dos nossos Padres tangiaõ a Matinas, e estando eu recolhida cõ a cõsideração do dia que era, me tornou o Senhor a mostrar a mesma coroa, muito mais aperfeiçoada, e com grandíssimo resplendor, muito avantajada da primeira.

Tinhãose passado muitos trabalhos: porém, como diz o Apostolo, não são dignas as perseguiçoens deste mundo da gloria, que no tem Deus aparelhada. E minhas faltas de sofrimento, e de paciência tem sido muitas, e forão muitas mais, se o Senhor me não trouxera sempre da sua mão, e me não ensinara, o como me havia de as ver: seja ele bendito para sempre jamais. As vezes, que o Senhor me mostrou esta coroa, vendome eu indigna dela, lha renunciava em suas mãos, pedindo-lhe em lugar della a sua de espinhos, e viver e morrer na sua Cruz, que em verdade isto tenho pello maior premio, que pode ser. [...].

SANTA ANA, 1657, vol. I, tomo III, pp. 683 – 684, parágrafo 831.

## **Excerto 6**

Neste tempo me consolava muito Nosso Senhor. Estando hum dia no Coro, me mostrou a minha alma na forma em que se pinta hũa alma: estava de joelhos diante delle com as mãos alevantadas, e ligadas dos pulsos até a ponta dos dedos com hũa cadea: os olhos cheios de lagrimas e fixos em [ilegível] depois tinha asas, e grandes a meu parecer, desde o nascimento ate as pontas dellas atadas com outra cadea: nos pés tinha gralhões, e só o coração tinha livre metido em hũa chama de fogo, e no meio della hũa cruz, tinha asas, e estas estavam livres, voando a Dios. Na boca tinha um cadeado. Neste tempo, que o Senhor me teve diante de si da maneira que digo, me fez muita merce, dizendo-me palavras mui amorosas e consolando-me, e deixandome com muito ardor de padecer por elle tudo o que nesta matéria, e em todas as mais se offerecer, com seu favor, e ajuda.

Dois meses depois do dito pouco mais, ou menos, estando no Coro num dia de festa na oração, me levou o Senhor o espírito diante de si: e estava Cristo Nosso Senhor sentado, como em tribunal de justiça, e diante de si fez, que todas as cadeas e ligaduras, que acima referi, caissem a seus pés, e eu ficasse livre dellas; e ali derramei grande quantidade de sangue com grande consolação, e glória de minha alma. Aqui me consolou o Senhor muito, dizendome, que visse, como me tinha aceita a minha vontade, e desejos de fazer penitência por seu amor, e juntamente a mortificação, e obediencia; e que agora me queria satisfazer em derramar por elle tanto sangue. Animome muito a padecer, e seguir suas pisadas com grandes esperanças de que nunca me faltaria: tenho bem viS.to Depois que tornei em mim, que foi, quando tangiam a vesporas; eu me achei tão fraca, que não podia quase irme ao nosso lugar, e muitos dias depois andava como se me houvera levantado de algũa enfermidade de muitas sangrias. E para mi era de grande regalo



interior sentir esta fraqueza, e falta de sangue. De sorte que algũas Irmãs me perguntavam se estava doente, porque andava muito demudada, [...].

Outra vez estando no Coro, se me mostrou Christo Senhor nosso muito fermoso, vestido no modo de Nazareno, e com o cabelo da mesma maneira; a túnica, que trazia, chegava aos pès, e deixava descobertas as chagas deles, de que sahia grandissimo resplendor; a alvura, e beleza deles não tinha comparação com nenhũa cousa desta vida; e as mãos da mesma maneira. Na cabeça trazia hũa coroa de espinhos, de que saia um excessivo resplendor. Trazia na mão direita hũa Cruz grande, que lhe servia de bordaõ; e vi entre a notável luz, que despedia de si, que era de madeira. Alegrose minha alma de ver hũa tão grande Majestade. Elle se chegou a mim, e apontando com o dedo da mão esquerda para a Cruz, me perguntou, se me parecia bem aquella Cruz? Eu lhe respondi, que depois delle nenhũa cousa melhor me parecia, nem amava mais em esta vida, que a sua Cruz, e que lhe pedia, que nella vivesse e morresse. Com isto me deixou muito consolda, e cõ grãdes desejos de padecer por elle. [...].

SANTA ANA, 1657, vol. I, tomo III, pp. 684 – 685, parágrafo 832.

### **Excerto 7**

A oração ordinária destes tempos, e a que agora tenho é hũa chama de amor, que arde em o coração, com grandes desejos de ver a Deus; e todo o outro exercicio me é sempre penoso. Tenho também ansiosos desejos de padecer pello Senhor enquanto estiver nesta vida, que sò para isto he ella boa. E algũas vezes me aperta tanto este desejo, que hei chegado por muitas vezes a ter inveja de Nosso Senhor Iesu Cristo; porque, sendo homem, e juntamente Deus, pode fazer, pellos que amou, tudo o que quiz, e todos os extremos de amor, que fez. Eu peccadora, não posso fazer por elle cousas tam pequenas, como são todas as que por seu amor se podem fazer, em comparação do que eu lhe devo. [...].

SANTA ANA, 1657, vol. I, tomo III, p. 691, parágrafo 839.

### **Excerto 8**

Quando Deus levou a meu irmão, andava eu com muita pena, de alguns escrupulos, que tinha de o não avisar no dia dantes, que não sahisse fora aquella noite, porque sê causa algũa o desejei muito. Não devia de ser vontade de Deos, se nisto consistia por ventura sua salvação.

Aquela noite toda o estive encomendando a Deos, e rezandolhe as Ladainhas; pedindo aos Santos o livrassem dos perigos do corpo, e da alma, e particularmente, que esta não tivesse detrimento. Assim passei a noite com bem grande pena. Pela manhã soube que estava mal ferido de hũa espingarda. Procurei logo que se confessasse. E já ele o tinha feito, e fez outras muitas vezes. Não me lembrava da sua vida, sò pedia a Deos sua salvação. A noite antes do dia em que Deos o levou, lhe rezei o ofício da agonia, e com me averem dito estava melhorado, vinda a manhã disse à Porteira, que o tinha já por morto, quizmo ela negar, porém não pode.

Chamei logo a Thereza minha Irmã, e fomonos diante do Santissimo Sacramento, perdoar a quem o matou. Fiz grandes orações por elle, que estava com cuidado, e vespora do N. Padre S. Ioseph, lho encomendei mui de veras; e como era perto da Semana Santa, pedilhe, que alcançasse do Senhor, que das muitas almas, que naqueles dias sahião do Purgatório, fosse a sua hũa delas. Mas como Deos dá sempre mais, do que se pede, principalmente com tão poderosa intercessãõ, como a deste Santo, foi servido, que naquella noite ao amanhecer para o seu dia o visse em sahir do Purgatório, aonde esteve tres somanas, com grande glória, e Anjos, que acompanhavam sua alma, que hia tão fermosa como o Sol, senão que lançava de si maiores resplandores. Hia ele cantando, e juntamente toda a companhia: *Jubilate Deo omnis terra*. E forão prosseguindo: *Introite in conspectu ejus in exultatione*. Com isto fiquei consolada, como imaginar se pode, e tão sem pena, que se de industria a quisera ter não pudera. O que para mim foi cousa de grande admiração. [...].

SANTA ANA, 1657, vol. I, tomo III, p. 696, parágrafo 846.

### **Excerto 9**

Algumas servas de Deus, que melhor me conheciaõ, tomavão mal, fazer eu algũas penitencias, e outros atos de mortificação, a que Deos sempre me estava despertando; porque lhes parecia que o fazia, por me terem por melhor que as demais Freiras, e porque os nossos Padres o soubessem, e me fizessem Prelada; e asi se praticava de sorte, que a mim mesma mo dizião, e pessoas que mo podião dizer. E eu dava graças a Deos, que sabia a causa, e minha intenção, e com estes ditos me animava mais: porque sempre tive por merce de Deos o ser mal julgada. E asi não me dava nada de que me vissem fazer algũs actos de mortificação, e penitência; porque estava pella misericórdia de Deos por aquella parte livre de vãgloria, e o interesse de ser mal julgada, me animava muito. [...].

SANTA ANA, 1657, vol. I, tomo III, p. 700, parágrafo 850.

### **Excerto 10**

Como pela graça de Deus, eu amava mais o padecer, que a vida, com menor dificuldade deixara esta qualquer, que a ella estivera afeiçoado, que eu deixei a penitencia por mandado da Prelada. Estando hum dia no Coro dando graças a Deos, me levantou o Senhor em espiritu a hum lugar bem apartado, e de grande gloria, de sorte que não avia alli, senão gozar, e amar com grande silencio, e sossego. Aqui vi hũa pomba, que ia levantar-se para voar com as azas abertas, e em meio dellas lhe punhão hũa grande pedra branca, como de moinho, que lhe detinha o voo. Isto tratei depois com um confessor letrado, e espiritual e disse-me, que lhe parecia, que aquella pedra que detinha o voo era a obediência, que de preferir-me tinha em grande aperto. [...].

SANTA ANA, 1657, vol. I, tomo III, pp. 709 – 710, parágrafo 862.

### **Excerto 11**

Neste tempo era eu Provisora, e estando tão recolhida me faziam acudir ás cousas necessárias, e eu hia de sorte, que não conhecia a casa, nem atinava por onde havia de hir, nem aonde estava a despensa. E encomendandome a Deos, fui atinando, e por alguns dias andava como fora de mim, e espantada de haver, quem gostasse de viver nesta vida. Estando hũa noite recolhida na Cella, em amorosos colóquios com hum Minino Iesu, que tinha, deu a meia noite, tempo, que a obediência me avia findado para me recolher; disse ao Minino, que me desse licença para me deitar; porque não tinha ordem para estar mais com elle, e com assaz dor de meu coração me fui à cama. Estando já nella se me foi o Minino Iesu pôr nos braços, e me lovava muito a obediência, no que senti grandíssimo regalo. [...].

SANTA ANA, 1657, vol. I, tomo III, p. 710, parágrafo 862.

### **Excerto 12**

Estando hũa vez em Oração, senti junto a mim a Virgem Santissima Senhora Nossa, com o Minino em os braços. Vinha cuberta de hũa nuvem branquissima, e de grande beleza. Pareceume que desde o alto da Cabeça, se começou a hir infundindo em minha alma, hũa tão grande gloria comunicada daquela mesma nuvem que cobria a virgem, que verdadeiramente me parecia, que

estava fora do corpo, e gozando já de Deos para sempre. Entendi da Virgem Senhora Nossa, que daquela grande gloria gozavam no Ceo as almas, que nesta vida amavão a virtude da pureza, e castidade, e guardavam na alma, e no corpo. E ainda, que eu sempre amei muito a esta virtude, e foi hũa das cousas, que me trouxeram á Religião, desde esse dia a diante a amei, e estimei muito mais sem poder fazer outra cousa, e quizera, que todos tiveram della a mesma estima. [..].

SANTA ANA, 1657, vol. I, tomo III, p. 711, parágrafo 863.